

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

**TELEJORNALISMO E RECONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS: A CULTURA REGIONAL NA TV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Adami.

BIANCA GONÇALVES DE FREITAS

São Paulo

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Freitas, Bianca Gonçalves de
Telejornalismo e reconstrução de sentidos: a cultura regional
na TV / Bianca Gonçalves de Freitas – São Paulo 2006.
175 f. ; il

Dissertação (Mestrado) – Apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista,
SÃO PAULO 2006.

Área de Concentração – Comunicação e Cultura Midiática
“Orientação: Prof. Antonio Adami”

1. Televisão regional. 2. TV Vanguarda. 3. Vale do Paraíba.

Ao vô Miro e à vó Maria,
que me legaram esta cultura e me ensinaram,
com seu jeito simples, a amá-la e respeitá-la.

Aos meus pais, Alaide e Antonio,
pelo amor, apoio e presença constante,
em todos os momentos da minha vida.

Ao meu filho, Bruno,
que com sua alegria, encanto e luz,
trouxe para minha vida
um novo sentido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante
em todas as minhas buscas e projetos.

À minha querida irmã, Alessandra,
com quem eu pude e posso contar sempre.

À FATEA (Faculdades Integradas Teresa D'Ávila)
pelo grande apoio e estímulo.

À amiga Carla Montuori,
parceira em todas as
etapas deste processo.

Aos professores-amigos,
que me ajudaram direta e indiretamente:
Prof. Dr. Alfredo D'Almeida, Prof. Dra. Cristina Schmidt,
Prof. Dra. Malena Contrera, Prof. Dr. Robson Bastos,
Prof. Dra. Sonia Siqueira, além de tantos outros.

A tantos amigos queridos que me apoiaram
de todas as maneiras nesta caminhada.
Guardo no coração cada gesto e palavra amiga.

Ao Prof. Dr. Antonio Adami,
pela oportunidade e aprendizado proporcionados.

RESUMO

Os telejornais regionais encontram nas manifestações da cultura local fontes interessantes e ricas de pautas para suas reportagens. Essas reportagens representam também um espaço de visibilidade e divulgação dessas manifestações, que revelam a forma de viver, de se relacionar, de expressar a religiosidade de uma comunidade. Entretanto, ao inseri-las no formato do telejornal, promove-se um processo de recorte, remontagem e reconstrução. A problemática surge quando esse novo conteúdo é transmitido como verdade, modificando o sentido original da cultura que pretende mostrar, e transformando-a em notícia, em produto televisivo.

Nossa proposta é realizar estudo de caso explanatório, visando analisar a reconstrução do sentido da cultura valeparaibana no contexto do telejornal regional. Pretendemos identificar como os aspectos dessa cultura são abordados e reconstruídos dentro do universo mediatizado pela televisão por meio do jornalismo. O objeto pesquisado foi a cobertura da Folia de Reis pelos telejornais da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo no Vale do Paraíba, no Ciclo de Natal de 2004 e 2005.

Acreditamos que ao adaptar a festa aos modos de produção e à linguagem do telejornal acaba-se por reconstruí-la. Entendemos que, ao ser mediada pela TV, a festa tem seu sentido modificado. A proposta deste trabalho é analisar esse processo de reconstrução promovido pelo telejornal, a partir de três categorias: **criação de uma nova temporalidade, descontextualização e processo de seleção de imagens e edição**. Para isso, foi utilizada a ferramenta da análise de conteúdo das matérias veiculadas sobre o tema no período de estudo proposto.

A intenção é descobrir qual o papel da televisão no processo de reconstrução da cultura da região, a fim de entender que sentidos ela atribui à cultura local.

Assim, no Capítulo 1, "Cultura, mídia e telejornal", apresentaremos os referenciais teóricos da pesquisa, partindo da compreensão da revalorização do local em paralelo ao processo de globalização, despertando o interesse da mídia para a cultura regional. Discutimos também as inter-relações entre mídia e televisão,

apresentamos os estudos que abordam o papel do telejornal na construção de sentido, bem como apresentamos um estudo sobre as três categorias de análise definidas: a nova temporalidade, a modificação do contexto e a seleção de imagens e edição.

O Capítulo 2, “TV regional e cultura regional: um estudo” tem como foco a compreensão do objeto. Nossa proposta é apresentar a história da televisão no Brasil pelo viés de seu desenvolvimento nacional, sob a marca da integração e forte padronização até sua atual fase de regionalização. Apresentamos também um estudo sobre a cultura valeparaibana e a Folia de Reis, e seu significado para a comunidade.

No Capítulo 3, “A cultura regional transformada em notícia”, realizamos a análise de conteúdo das matérias sobre Folia de Reis veiculadas na TV Vanguarda no Ciclo de Natal de 2004 e 2005.

Palavras-chave: Televisão Regional; TV Vanguarda; Vale do Paraíba; Folia de Reis

ABSTRACT

The regional TV news find in the expression of local culture interesting and rich sources of guidelines for their reports. These reports also represent the possibility of space for these demonstrations to be in the spotlight and be disseminated, thus revealing the community's way of living, of getting along with each other and of expressing its religious profile. However, upon including them in the TV news format, a clipping, a remaking and reorganization process will be promoted. The problem arises when this new content is broadcast as true, changing the original sense of the culture that it intends to show in "Vale do Paraíba", turning it into news, in TV product.

Our purpose is to carry out a study of explanatory case, seeking to analyze the reconstruction of the sense of "valeparaibana culture" in the context of the regional TV news. We intend to identify how the aspects of this culture are covered and rebuilt into the media universe by the TV by means of journalism. The researched object was the coverage of "Folia de Reis" by the TV news of "Vanguarda TV", a branch of Globo TV in "Vale do Paraíba", at Christmas time in 2004 and 2005.

We believe that by adapting the party to the ways of production and the style of TV news we turn out to rebuild it. We believe that by being broadcast by TV, the party has its peculiar significance changed. The purpose of this study is to analyze this process of reconstruction performed by the TV news based on three categories: **the creation of a new temporality, the change of context, and image selection process and edition**. For this purpose, the method of analysis of contents of broadcast reports on the theme during the proposed period of study was used.

The intention is to find out the role of the television in the process of local culture reconstruction, in order to understand which senses it attributes to the local culture.

Thus, in Chapter 1, "Culture, Media and TV news", we will present the theoretical references of the research, based on the understanding of local appreciation along with the globalization process, arousing the media interest for the local culture. It was also discussed the interrelation between the media and the

television, and presented the studies which cover the role of the TV news in the construction of identity, as well as a defined study about the three categories analyzed: the new temporality, the change of the context and the selection of images and edition.

Chapter 2, “Regional TV and Regional Culture”: a study must have as its focus the understanding of the object. Our purpose is to present the evolution of the television in Brazil through its national development, under the seal of integration and strong standardization until its current phase of regionalization. We also presented a study about “the valeparaibana culture and Folia de Reis”, and its significance for the community.

In Chapter 3, “Turning the regional culture into news”, we analyzed the content of the reports about “Folia de Reis” then broadcast on “Vanguarda TV” at Christmas time in 2004 and 2005.

Keywords: Regional Television, Vanguarda TV, Vale do Paraíba, Folia de Reis.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 CULTURA, MÍDIA E TELEJORNAL	17
1.1 As fronteiras entre o global e o local	20
1.1.1 A mídia regional e local	27
1.2 A cultura na mídia televisiva	33
1.2.1 A mídia televisiva.....	38
1.3 O telejornalismo e a construção de sentido	45
1.3.1 Telejornal: fonte principal de informação.....	48
1.3.2 A questão da temporalidade	52
1.3.3 O contexto telejornalístico.....	58
1.3.4 O processo de seleção de imagens e edição.....	62
CAPÍTULO 2 TV REGIONAL E CULTURA REGIONAL	68
2.1 Televisão no Brasil: do nacional ao regional	69
2.1.1 O papel do telejornal na integração nacional	73
2.1.2 Padrão de qualidade e padronização	76
2.1.3 Regionalização da TV Globo	80
2.2 TV Vanguarda	85
2.2.1 A programação local na TV Vanguarda	88
2.3 Vale do Paraíba.....	93
2.3.1 Região de tradição	98
2.3.2 A Folia de Reis	103
2.3.3 O ritual e os símbolos da Folia de Reis	107
CAPÍTULO 3 A CULTURA REGIONAL TRANSFORMADA EM NOTÍCIA.....	116
3.1 Pré-análise e exploração do material	116
3.1.1 A escolha dos documentos	117
3.1.2 Formulação das hipóteses	118
3.1.3 Elaboração dos indicadores para análise.....	119
3.2 Interpretação dos dados	120
3.2.1 Criação de uma nova temporalidade	120
3.2.2 Descontextualização	125
3.2.3 O processo de seleção das imagens e edição.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
BIBLIOGRAFIA.....	178
Apêndice A: ESPELHO DO NOTICIÁRIO	188
Apêndice B ANÁLISE DE CONTEÚDO: TABELAS	193
Apêndice C DECUPAGEM DAS MATÉRIAS	206

Lista de Tabelas

Tabela 2.1 Programação da TV Vanguarda de segunda a sexta-feira.....	91
Tabela 2.2 Programação da TV Vanguarda de sábado	91
Tabela 2.3 Programação da TV Vanguarda de domingo	91
Tabela 2.4 Totalização dos tempos da programação local da TV Vanguarda	92
Tabela 3.1 Datas e duração das matérias elencadas	121
Tabela 3.2 Cortes por minuto.....	124
Tabela 3.3 Relação com as demais matérias do bloco.....	131
Tabela 3.4 Tempo total da fala de repórteres e apresentadores	161
Tabela 3.5 Tempos totais e parciais das cantorias	167
Tabela 3.6 Cortes e imagens	168

Lista de Quadros

Quadro 3.1 Telejornais dos Ciclos de Natal 2004/2005	117
Quadro 3.2 Equipes de reportagem.....	126
Quadro 3.3 Relação entre bloco do telejornal e matéria	127
Quadro 3.4 Temática das matérias.....	134
Quadro 3.5 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 1	134
Quadro 3.6 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 2	135
Quadro 3.7 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 6	135
Quadro 3.8 Trecho que indica a mudança de tema.....	137
Quadro 3.9 Trechos que indicam o foco da Matéria 4	138
Quadro 3.10 Trechos que indicam o foco da Matéria 5	138
Quadro 3.11 Trechos que indicam o foco da Matéria 3	139
Quadro 3.12 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M1	142
Quadro 3.13 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M2	142
Quadro 3.14 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M3	143
Quadro 3.15 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M4	144
Quadro 3.16 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M5	144
Quadro 3.17 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M6	144
Quadro 3.18 Explicações que se referem ao período da Folia de Reis	145
Quadro 3.19 Referências ao sentido da Folia: fé, alegria, trabalho.....	147
Quadro 3.20 Referências à Festa de Reis	149
Quadro 3.21 Explicações sem sentido, equivocadas ou sem suporte teórico.....	152
Quadro 3.22 Cidades em que se passam as matérias	159

Quadro 3.23 Falas dos entrevistados na M1	163
Quadro 3.24 Falas dos entrevistados na M2	163
Quadro 3.25 Falas dos entrevistados na M3	164
Quadro 3.26 Falas dos entrevistados na M4	165
Quadro 3.27 Falas dos entrevistados na M5	165
Quadro 3.28 Falas dos entrevistados na M6	166
Quadro 3.29 Situações de produção clara do telejornal	170

INTRODUÇÃO

O grande impacto da televisão na vida cotidiana das pessoas é inquestionável, e no Brasil, sua influência é ainda mais marcante. É por meio da TV, principalmente, que a população toma ciência do mundo que a cerca. A TV modifica hábitos, cria cultura e insere uma nova forma de organizar e de pensar a sociedade. A preocupação com a massificação e a padronização levou à crença de que as tradições acabariam, e de que as culturas regionais e locais não sobreviveriam. A cultura regional valeparaibana quase foi esquecida, como apontou Robert W. Shirley, em *O fim de uma tradição*.¹

E o que aconteceu com a cultura caipira, com sua grande elaboração de ritual e crença, bem como sua rica tapeçaria de tradição folclórica portuguesa, na cidade e nas zonas rurais que no passado fez Cunha parecer tanto uma reserva do Brasil do século XVII, no moderno São Paulo? Que é do moçambique, da congada, do mutirão e dos bailes de roça? É interessante notar que muitas destas práticas realmente aumentaram no ano depois que este estudo foi realizado. Em última análise, parece muito duvidoso que elas possam sobreviver ao impacto combinado da mudança econômica e da sociedade de massa. [...] Além disso, o rádio e a televisão tiveram um impacto profundo nos velhos padrões, algo que, se espera, continuará no futuro. Com o desenvolvimento da educação e da comunicação, muitas pessoas da Cunha de hoje, especialmente da cidade, não sentem nada senão desprezo pelo modo de vida antigo do qual elas estão tentando arduamente escapar. Fragmentos das velhas tradições permanecem em Cunha; as danças de moçambique já foram apresentadas em uma estação de televisão de São Paulo, mas a cultura caipira está morrendo... (SHIRLEY, 1997, p. 287)

¹ Nesse livro, Shirley atesta o fim das tradições após estudo em Cunha, cidade rural do Vale do Paraíba. O pesquisador ficou 18 meses em Cunha, entre 1965 e 1966 (12 anos depois ele voltou à cidade e acrescentou um capítulo à sua obra). Shirley refere-se a toda a mudança na estrutura econômica, com o fim da agricultura camponesa de subsistência, e o crescimento da economia comercial, as mudanças das famílias para a cidade e o abandono do campo. Enfim, a mudança da velha sociedade agrária de fazendeiros e camponeses para uma sociedade urbana e industrial.

Mas não é o que tem acontecido. As tradições têm sobrevivido e as manifestações culturais típicas da região não estão morrendo devido ao impacto do rádio ou da televisão, como previu Shirley. Pelo contrário, tem sido por meio de reportagens de TV que conteúdos quase esquecidos são lembrados, reconstruídos, reapresentados à sociedade. Como resultado de um movimento de “resistência cultural”, cada vez mais essas manifestações culturais ressurgem e reaparecem na cena cotidiana. E elas aparecem principalmente por meio da televisão, uma mídia sempre em busca do novo, do exótico, do peculiar, conforme afirma Muniz Sodré. “Os valores culturais alternativos só podem ser percebidos pela tevê na forma de clichês exótico-pitorescos” (2001a, p. 131).

Mas quando a cultura vai para a TV, o que ela mostra não é mais a cultura, mas a edição disso; não teríamos então a construção de um novo evento, de uma nova festa, de uma nova manifestação? A proposta deste trabalho é estudar o que acontece com a cultura regional valeparaibana quando ela é mediada pela televisão, em especial, quando transmitida no telejornal. Pretende-se analisar como a TV trata a cultura regional, como aborda esse tema, como mostra esses elementos da tradição regional para o público. Para este estudo, serão observados como os telejornais da TV Vanguarda,² afiliada da Rede Globo no Vale do Paraíba, retratam a Folia de Reis, evento do Ciclo do Natal na região.

Acreditamos que ao adaptar a festa aos modos de produção e à linguagem do telejornal essa festa é reconstruída. O telejornal foi escolhido por, supostamente, ser uma representação do real e, por isso, ter papel fundamental na construção de significados e valores de uma sociedade. Trata-se de uma mediação com narrativa própria, um produto televisivo a serviço do mercado que, modificado, recria e reorganiza a festa. A velocidade do processo de produção jornalística e o *timing* de fechamento dos telejornais incorporam-se à narrativa do evento, criando um produto midiático diferente do original, da festa em si, mas que, por outro lado, tem papel essencial na divulgação do evento e de sua valorização na comunidade.

Mediada pela TV, no nosso entender, a festa tem seu sentido afetado. A narrativa telejornalística modifica a narrativa da festa, dando ao evento um outro

² A TV Vanguarda, com sede em São José dos Campos, interior de São Paulo, cobre 46 cidades do Vale do Paraíba, Litoral Norte, Serra da Mantiqueira e Região Bragantina.

sentido. A proposta deste trabalho é analisar esse processo de reconstrução promovido pelo telejornal, a partir de três aspectos ou categorias: criação de uma nova temporalidade, a descontextualização e o processo de edição e seleção de imagens e cenas.³

A **temporalidade** da festa é modificada, pois seu fio narrativo e a construção de significados seguem uma temporalidade diferente da narrativa telejornalística. O tempo curto e fragmentado do telejornal não deixa que a narrativa da cultura se teça e sua real significação seja divulgada. A temporalidade é central na festa e esse tempo da festa, que tem um processo de duração de meses, é resumido em dois ou três minutos. Enfim, o telejornal não narra a história e ainda a encaixa numa temporalidade que não é real.

A alteração do sentido original e a atribuição de novos significados também se dá pela **descontextualização**. Neste caso, o evento cultural, a festa, representa um acontecimento social, espaço onde acontecem relações entre a comunidade, as microrrelações sociais entre o grupo que organiza a festa, as famílias que recebem os foliões e as que participam apenas nesse momento. É uma narrativa com memória e significação social, que é inserida dentro do telejornal, entre uma notícia e outra. A cobertura jornalística, além de abranger um contexto mínimo da festa, tira o tema de sua totalidade, inserindo-o ao lado de diversas notícias, como mais um evento pitoresco que aconteceu em um dia, transformando-o em produto de consumo cultural.

Na técnica de **edição e seleção de cenas**, o processo de reconstrução se completa. A escolha se dá pelas imagens espetaculares que mostrem brilho, novidade, exotismo, enfim, o “folclórico” com suas cores, danças e música. Não mostra os bastidores, a preparação, as relações, as orações, as visitas. Não mostra o sentido profundo de religiosidade e tradição, de união da comunidade em torno da fé. A edição ressalta e destaca preferencialmente os elementos espetaculares do evento.

Ao fazer isso, o telejornal reconstrói, edita e modifica o sentido original da festa, para transformá-la em notícia. Tudo o que acontece na sociedade entra no

³ Estabelecemos essas categorias com base em leituras realizadas nas obras dos autores Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré. Nenhum deles propõe uma análise específica a partir desses três aspectos.

formato telejornalístico: do acidente de trânsito ao evento cultural. É o processo de **transformação da vida em notícia, em produto televisivo**. O critério não é ser fiel à representação da festa, mas colocá-la dentro do modelo de veiculação do telejornal.

A TV no Brasil nasceu com a missão da integração nacional. “Unificar e não unir”, como diria Milton Santos (1996, p. 35). Unificar no sentido de tornar único, visando a construção de um mundo só, eliminando diferenças, ao contrário de unir, que seria a soma, a integração das diversidades. Mais recentemente, a televisão vem desenvolvendo estratégias no sentido da regionalização das emissoras e de seu conteúdo. Ao se voltar para esses novos conteúdos localizados, está presente no discurso da TV regional a preocupação em valorizar a cultura regional. O que se pretende analisar é se esse compromisso se estende para a prática do telejornal.

O objeto pesquisado será a cobertura da Folia de Reis pelos telejornais da TV Vanguarda. Essa festa foi escolhida por retratar um evento tradicional da cultura regional, que reúne um conjunto de manifestações (dança, música, culinária, símbolos, religiosidade etc.) representativas dessa cultura. A TV Vanguarda foi escolhida porque, além de ser líder de audiência na região, é uma afiliada da Rede Globo, emissora que tem nacionalmente um papel importante na definição de padrões e formatos de telejornal, que acabam sendo copiados pelos outros veículos televisivos. Em seu discurso, a TV Vanguarda destaca sua preocupação com a cultura. Trata-se de uma emissora que se propõe a valorizar e divulgar a cultura regional, mas que está dentro do formato globalizante da TV Globo. A proposta é analisar se, na prática, os elementos que compõem o formato televisivo, como a fragmentação, o *timing*, a edição, a busca do sempre novo, do peculiar, o processo de seleção e edição de imagens etc., aliados a variáveis mercadológicas, estão alinhados com essa proposta.

Assim, torna-se importante estudar o processo de revalorização do regional e do local como temática e mercado no âmbito da comunicação, até então voltada para questões globais, além de refletir sobre o papel da televisão na reconstrução da cultura regional, buscando compreender as inter-relações entre a televisão e essa cultura.

Além dos aspectos ligados à cultura e ao telejornal, vamos discutir o desenvolvimento da televisão no país como um elemento de integração nacional, enfocando sua atual busca de regionalização e, especificamente, buscando as mais recentes modificações ocorridas na TV Vanguarda.

O Vale do Paraíba é uma região rica, que passou por um período de forte economia agrária enquanto durou a riqueza gerada pelas fazendas de café, e hoje se destaca na indústria de alta tecnologia. A regionalização da TV no Vale é uma tendência que pode ser observada claramente pelo aumento do número de emissoras regionais. Em 1988, a TV Vanguarda, afiliada da TV Globo, foi a primeira emissora a instalar-se na região. De lá para cá, outras sete emissoras nasceram ou se instalaram no Vale. Paralelamente, a TV Vanguarda ampliou sua área de atuação e implantou duas sucursais (em Taubaté e Bragança Paulista). Todo esse desenvolvimento midiático traduz um movimento de valorização do regional e do local. Nesse contexto, torna-se necessário estudar qual o papel dessa regionalização da TV sobre a cultura regional, já que se trata de um veículo de massa, de teor globalizante, inserido num contexto local. E, como diz Beltrão, a região é o melhor lugar para se estudar a comunicação:

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais, e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo. (BELTRÃO, 1976, p. 37)

O Vale do Paraíba é também uma região rica em tradições da cultura popular e rural, com festas de santos e padroeiros, artesanato (madeira, barro, palha, bambu), danças e folguedos (moçambique, congada),⁴ culinária típica e outras manifestações. Uma delas é a Folia de Reis, que é uma homenagem aos Três Reis Magos, anunciadores do nascimento de Jesus. A festa consiste na representação da

⁴ *Moçambique*: dança guerreira de origem africana, sem enredo, ritmada por instrumentos de percussão. *Congada*: dança de origem africana, em que os participantes encenam a coroação de um rei e uma rainha do Congo.

peregrinação dos Reis Magos, ou Santos Reis, até o encontro com o Menino Deus. Essa peregrinação é realizada por meio de jornadas de grupos de cantadores e violeiros que visitam casas de fiéis, com a bandeira de reis, abençoando a família e seu presépio. Durante as visitas, os cantadores recebem donativos e prendas que serão destinados a uma festa de caráter aberto, para a qual toda a população está convidada e que simboliza a Festa da Chegada dos Reis ao seu destino, ou Festa de Reis. As jornadas, tradicionalmente, iniciam-se na noite de Natal, e vão até o dia de Reis, 6 de janeiro, data do encontro dos reis com Jesus. Hoje, em função da mudança do tempo urbano, essas peregrinações têm começado mais cedo e, às vezes, estendem-se até depois do dia 6. Trata-se de uma narrativa da cultura, uma narrativa mítica, que atribui sentido para uma comunidade.

A proposta é realizar um estudo de caso explanatório, visando obter a relação da mídia com a cultura regional valeparaibana. Paralelamente, um levantamento vai descrever e situar a Folia de Reis no contexto histórico e cultural tanto da TV no Brasil quanto da TV Vanguarda, abrangendo também a origem e importância da cultura regional valeparaibana e da Folia de Reis. Além disso, o trabalho analisará o conteúdo do produto noticioso, a partir de três aspectos: a criação de uma nova temporalidade, a modificação do contexto e o processo de seleção e edição de imagens. Para isso, serão analisadas todas as reportagens veiculadas pela TV Vanguarda referentes aos natais de 2004 e 2005, e que estão compreendidas nos períodos de 30 de dezembro de 2004 a 6 de janeiro de 2005 e 13 de janeiro de 2006 a 16 de janeiro de 2006, respectivamente.

A hipótese é de que o telejornal, com suas características de produção – desenvolvimento da reportagem, edição, inserção da notícia na grade e divulgação – recria, retrabalha e reconstrói a festa, transformando-a em notícia e em produto da indústria cultural, uma versão da festa. Isso vai trazer para a festa um novo sentido, diferente do original que a caracteriza.

CAPÍTULO 1

CULTURA, MÍDIA E TELEJORNAL

Vivemos a sociedade da informação, diariamente somos expostos e modificados pela intensa presença dos meios de comunicação em todos os aspectos da nossa existência. Mesmo nas regiões mais distantes, a televisão chega trazendo elementos novos, introduzindo novos estilos de vida ao estilo de vida das populações rurais e urbanas. De acordo com Dênis de Moraes, esse quadro anuncia uma cultura, que apesar de ter, inicialmente, raízes nas tradições nacionais, regionais e locais, passa a ser traçada e reconhecível em estilos de vida universais, dispersa geograficamente.

A Terra contrai-se, expondo a face tecnológica da chamada transnacionalização da cultura, desenraizada, multipolarizada, expansível em interações e intersecções, globalmente segmentada. [...] A comunicação tecnológica — ultrapassando fronteiras locais, regionais, nacionais e continentais, classes, grupos sociais, raças e religiões — converte-se em agente privilegiado de fixação de identidades culturais que subvertem os horizontes conhecidos. (MORAES, 1997, p. 21-22)

Por outro lado, elementos regionais e locais, até pouco tempo considerados ameaçados pelo processo de padronização cultural associado à mundialização da cultura, também estão passando por um processo de valorização. Trata-se de uma "via de mão dupla", em que, paralelamente ao alto grau de desenvolvimento tecnológico e ao processo de globalização da economia e da comunicação, ocorre um movimento de revalorização do regional e do local. Com isso, as culturas regionais passaram a ser foco da mídia. E a televisão, antes concentrada em um projeto de integração nacional, passa a buscar a regionalização. Essa é uma tendência no Vale do Paraíba que pode ser observada claramente pelo aumento do número de emissoras regionais. Em 1988, a TV Vanguarda, afiliada da TV Globo, foi a primeira emissora a instalar-se na região. De lá para cá, outras sete emissoras nasceram ou se instalaram no Vale: TV Band Vale, TV Canção Nova, TV SBT São

José dos Campos, TV Setorial⁵, TV Cruzeiro e TV Metropolitana e a mais recente, criada em 2005, TV Aparecida. Paralelamente, a TV Vanguarda ampliou sua área de atuação e implantou duas sucursais (em Taubaté e Bragança Paulista). Todo esse desenvolvimento midiático traduz um movimento de valorização do regional e do local. O decorrente crescimento de uma comunicação regional, com temáticas locais, suscita questões e propõe discussões sobre as conseqüências e os efeitos desse novo modelo.

A televisão é hoje o principal meio de acesso da população às informações. Para Pierre Bourdieu, há uma proporção de pessoas que não lêem nenhum jornal e que têm esse veículo como fonte única de informação. “A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (1997, p. 23). Não é possível desprezar o papel de desconstrução da TV, como indica Ciro Marcondes Filho, ao apontar que ela fragmenta, personaliza e sensacionaliza as notícias. Mas ele também afirma que a TV é um fenômeno inevitável. “O que garante que as coisas de fato existem é o fato de serem veiculadas pelos meios de comunicação” (MARCONDES Filho, 1994, p. 64). Essa idéia é reforçada por Muniz Sodré, que propõe a hipótese de que “os fatos sociais – objeto da sociologia desde seu começo no século passado – já não têm uma ontologia própria, externa aos meios de comunicação de massa” (SODRÉ, 2001b, p. 133). Assim, apesar de toda a crítica à TV, esta é parte integrante da sociedade, e é importante estudar como ela se relaciona com a cultura regional.

Ao ser mediatizada, mostrada no telejornal, a cultura regional é valorizada e revitalizada, porém, simultaneamente a esse fenômeno de valorização, essa cultura, ao ser transformada em notícia, é modificada e algo diferente do original é apresentado para o público. Nesse contexto, o telejornal, espaço da informação na televisão, está sob a égide legitimadora da objetividade e da veracidade. Desde o surgimento da televisão, o telejornal ocupa um espaço da verdade do fato, da objetividade e da realidade. A objetividade, entretanto, é uma propriedade que faz parte apenas da ideologia do telejornal e não de sua práxis. Esta, ao contrário, é caracterizada pela aceleração do tempo, descontextualização e fragmentação. E hoje, o telejornal se constitui como um dos principais meios de construção da

⁵ Na finalização deste trabalho, a TV Setorial estava em processo de venda para um grupo religioso adventista.

imagem da realidade social, ao recortar essa realidade, atualizá-la e apresentá-la ao público com *status* de verdade, com implicações diretas sobre a percepção do público acerca dessa realidade. “A notícia tornou-se mais verdadeira que a própria verdade, a imagem mais real que a realidade, como nas lendas, só que o 'maravilhoso' se secularizou, isto é, deixou de ser sagrado para pertencer à vida terrena” (MARTÍN-BARBERO, 1978 apud MARCONDES Filho 1988, p. 37).

Quando um telejornal se propõe a mostrar uma manifestação cultural, ele transforma a narrativa da cultura na narrativa midiática, criando uma nova manifestação, diferente da original. Muniz Sodré chamou o jornalismo de “simulacro” (1984) e “tele-realidade” (2001a), enquanto Ciro Marcondes Filho, de “segunda natureza” do fato (1988). Estes e outros teóricos reconhecem a condição de que a objetividade e imparcialidade jornalísticas fazem parte do discurso da área e não de sua práxis. “A notícia é uma forma narrativa, um jeito de contar uma história, que se converte em uma tecnologia produtora de real. É história que cria história. O real assim produzido aspira a uma visibilidade plena, em consonância com as teletecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre crer e ver” (SODRÉ, 2001b, p. 133).

E é essa televisão, com essas características, que vai ser o principal veículo de divulgação da cultura regional, gerando os impactos na modificação de seu sentido, que serão estudados neste trabalho. No telejornal, a manifestação popular, a festa típica, o artesanato, a culinária, os costumes, enfim, a tradição regional viram notícia.

Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os cidadãos comuns viveram até recentemente. Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na “aldeia global”. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento. (MARQUES DE MELO, 2002, p. 67)

1.1 As fronteiras entre o global e o local

A televisão é uma mídia de alcance, conteúdos e natureza globalizantes e globalizadores, que se constitui no espaço privilegiado da *globalização*, *mundialização* e *planetarização*, termos que tentam nomear a dinâmica do mundo atual e que remetem a aspectos econômicos, políticos, tecnológicos, sociais, culturais e comunicacionais. Para entender o que é o local e que papel ele assume no contexto contemporâneo, é preciso entender antes como as atenções se deslocaram para o global, ou seja, é preciso olhar o local como espaço que ressurge dentro de um cenário globalizado. A proposta desta parte do capítulo é tentar criar um panorama que ajude a perceber e visualizar as mudanças da atualidade e as atuais dinâmicas que interagem e interferem na cultura regional e local. Este estudo inicial vai buscar a compreensão do papel que vem reassumindo o local no contexto contemporâneo, tendo para isso, como ponto de partida, um olhar sobre a globalização, processo que significou, inicialmente, o afastamento do local e o rompimento das fronteiras. É preciso entender a dinâmica da globalização para compreender como o local se insere nesse novo cenário global atual.

Carlos Alberto de Medina já apontava, na década de 1970, a fragilidade tanto da cultura popular quanto da comunicação regional, diante do processo de modernização e urbanização e abandono da base rural ou agrícola. “São como ilhas culturais que permaneceram na paisagem cultural brasileira, não por um processo de valorização próprio, mas por uma situação de ter sido deixada à margem das transformações ocorridas” (1976, p. 32). Assim como ele, percebemos que grande parte dos meios de comunicação de massa locais não costuma ser fruto de algo local, mas sim “o resultado da ação de agentes exógenos que para lá afluíram”. “Muitos dos rádios e jornais do interior são obras de representantes de entidades externas a esses locais e que se utilizam desses meios para transmitir sua mensagem” (MEDINA, 1976, p. 34). Este é o caso da TV Vanguarda que, além de ser uma emissora de um grupo nacional, a TV Globo, está presa a rígidos formatos e padronizações, aspectos que serão tratados no Capítulo 2.

Segundo o sociólogo Renato Ortiz, o termo *globalização* se aplica à produção, distribuição e consumo de bens e serviços, organizados a partir de uma estratégia

mundial, e voltada para um mercado mundial. Ele distingue o uso do termo globalização para se referir a processos econômicos e tecnológicos, e reserva a idéia de mundialização ao domínio específico da cultura, definindo mundialização como: “um conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de grupos sociais vistos até então como senhores de seus próprios destinos” (1996, p. 21).

Um dos principais estudiosos brasileiros do fenômeno da globalização, Octavio Ianni, em *A sociedade global*, entende esse processo como a “ocidentalização do mundo”. “Aos poucos, em todos os lugares, regiões, países, continentes, a despeito das diferenças socioculturais que lhes são próprias, os indivíduos e as coletividades são movidos pela mercadoria, mercado, dinheiro, capital, produtividade, lucratividade” (1992, p. 72). Para o sociólogo, a expansão do capitalismo pelo mundo e o alargamento das fronteiras são os geradores dessa atual e original configuração, que reflete uma realidade social, econômica, política e cultural de âmbito transnacional, que pode ser chamada de “global, globalizante, globalizada ou globalismo”. Esse contexto tem na base o capitalismo, que se constitui tanto como um modo de produção como um processo civilizatório.

Além de desenvolver e mundializar as suas forças produtivas e as suas relações de produção, **desenvolve e mundializa instituições, padrões e valores socioculturais, formas de agir, sentir, pensar e imaginar**. Nas diferentes tribos, clãs, nações e nacionalidades, ao lado das suas diversidades culturais, religiosas, lingüísticas, étnicas ou outras, formam-se ou desenvolvem-se instituições, padrões e valores em conformidade com as exigências da racionalidade, produtividade, competitividade e lucratividade, indispensáveis à produção de mercadorias, sem as quais não se realiza a mais-valia. (IANNI, 1996, p. 241, grifo nosso)

A velocidade de circulação de informações e de mercadorias é outro elemento que caracteriza o contexto contemporâneo. Para Néstor García Canclini, a globalização supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros. “No qual é mais importante a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas a partir das quais se está agindo” (1997, p. 17).

Anthony Giddens destaca que, nesse cenário, os sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistem, mas estão desencaixados, já que não expressam apenas práticas e envolvimento com base local, mas se encontram também “salpicados de influências muito distantes”. Em seu estudo, o autor afirma que a globalização afeta diretamente as relações de confiança. “Em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana” (GIDDENS, 1991, p. 83). Isso afetaria o equilíbrio entre o ambiente de confiança e o ambiente de risco, já que, nas sociedades que antecedem essa atual dinâmica, as relações de confiança eram baseadas em elementos locais, que são: relações de parentesco, com um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espaço; a comunidade local como um lugar, fornecendo um meio familiar; as crenças e práticas rituais religiosas, que fornecem uma interpretação da vida humana e da natureza; e a tradição como um meio de conectar presente e futuro (GIDDENS, 1991, p. 104).

Mercados mundiais, alargamento de fronteiras, redução das distâncias e velocidade são os principais e os mais visíveis aspectos da globalização. Nesse panorama, a tecnologia e a comunicação têm papel relevante, já que as mídias estão no centro desse processo e tornaram-se não só uma expressão desse espírito globalizador, como também se configuram como instrumentos dessas mesmas tendências, dando suporte, fortalecendo e dinamizando essa ampla rede de relações mundiais. Como ressalta Ortiz, o aparato tecnológico não é a causa da mudança social, mas fonte potencializadora.

Em função desse complexo e imbricado panorama, uma das preocupações dos estudiosos é com relação aos efeitos da globalização sobre as culturas, a partir de questões tais como a padronização, homogeneização, massificação e imposição de modos de viver dos centros distribuidores de produtos e informação. Este é um fenômeno que preocupou e ainda preocupa os estudiosos da comunicação e da cultura. Ianni ressalta que a cultura do capitalismo seculariza tudo o que encontra pela frente, transformando muita coisa em mercadoria, inclusive signos, símbolos, emblemas, fetiches. “Tudo se seculariza, instrumentaliza, desencanta” (1992, p. 71).

Assim como Renato Ortiz destacou em *A moderna tradição brasileira*, ele relaciona o fenômeno com a produção de uma cultura internacional-popular. “Verifica-se a mobilização de todos os recursos disponíveis dos meios de comunicação, da mídia em geral, impressa e eletrônica, de modo a 'reeducar' povos, nações e continentes” (IANNI, 1992, p. 73). A globalização da mídia impressa e eletrônica, assim como o marketing, o consumismo e a cultura de massa, penetram e recobrem as realidades nacionais, “povoando o imaginário de muitos e modificando as relações que os indivíduos, grupos, classes, coletividades e povos guardam com eles mesmos e com os outros, com o seu passado e o seu futuro” (IANNI, 1999, p. 39).

O que se percebe é que o fenômeno da globalização e o desenvolvimento da mídia estão gerando modificações nas culturas, não no sentido de produzir o fim delas, mas promovendo novas formas de interação e de estar no mundo. Para Ortiz, uma cultura mundializada não significa o aniquilamento das outras manifestações culturais, mas que sim uma cultura que coabita e se alimenta delas. A amplitude de uma cultura mundializada envolve outras manifestações, mas o que é mais importante é que ela não deixa de ter sua especificidade, mas funda uma nova maneira de ‘estar no mundo’, estabelecendo novos valores e legitimações (1996, p. 33). “O modo de produção industrial, aplicado ao domínio da cultura, tem a capacidade de impulsioná-la no circuito mundial. O que se encontrava restrito aos mercados nacionais, agora se expande” (ORTIZ, 1996, p. 56). O cinema e a indústria fonográfica são alguns exemplos do intercâmbio de imagens e conteúdos culturais, que vão construir um circuito de trocas culturais com dimensões mundiais, que irá se expandir e se fortalecer com o advento do rádio e da televisão.

Partindo desse enfoque, paralelamente, vem se percebendo um movimento na mesma direção, mas em sentido oposto ao global, que é a revalorização do local, como aponta Fábio Duarte, em seu livro *Global e local no mundo contemporâneo*. “Houve um ressurgimento de fatores locais que, através dos meios de comunicação de alcance global, chegaram ao conhecimento das pessoas dos mais diferentes pontos do planeta” (1998, p. 28). No contexto contemporâneo, ao mesmo tempo que se percebe a movimentação constante entre processos globais se infiltrando em estruturas locais, também se verifica a emergência de questões locais que se manifestam e se reconfiguram em escala global. “Dinamizam-se, organizam-se e

aos poucos tornam-se independentes de fatores da cultura globalizada para buscarem sua afirmação local” (DUARTE, 1998, p. 14). Ao mesmo tempo que os grupos buscam autonomia, também procuram a inserção na dinâmica econômica globalizada.

Ianni também percebe o fenômeno e vai dizer que “na cultura da sociedade global, as religiões e seitas, as línguas e dialetos, os nacionalismos e as nacionalidades, as ideologias e as utopias, ressurgem como se fossem erupções vulcânicas. Mas ressurgem diferentes, com outros significados, em outros horizontes” (1992, p. 75). Em sua análise, a dinâmica da globalização gera e desenvolve as condições da fragmentação e da diversificação, já que tudo que é local, nacional e regional recebe o impacto da transnacionalização. Esse novo contexto pode “recobrir, impregnar, mutilar ou recriar as mais diversas formas de nacionalismos, assim como de localismos, provincianismos, regionalismos. Nem sempre anula o que já existe, mas em geral modifica o lugar e o significado do que preexiste” (IANNI, 1996, p. 242, 243). Isso significa que os localismos, nacionalismos e regionalismos não só se modificam como se também se reafirmam. “Naturalmente, em outros termos, com outros elementos, compreendendo outros significados. Daí as emergências e as ressurgências, assim como a recriação de tradições, a reinvenção de identidades, o rebuscar de alternativas” (IANNI, 1996, p. 247).

Em sua visão mais crítica, o autor deixa bem claro que essas modificações e reorganização, assim como as ressurgências, acontecem em um cenário que está organizado principalmente pelas corporações transnacionais e pelas organizações multinacionais, “sintetizando as estruturas de dominação e apropriação que caracterizam o globalismo” (IANNI, 1996, p. 248). Ele desfaz qualquer ilusão de que esses cenários mais localizados possam prevalecer. “A verdade é que o que prevalece, em termos históricos e teóricos, é o globalismo. [...] e muito do que ocorre em âmbito local, regional e nacional tende a estar mais ou menos decisivamente determinado pelas configurações e pelos movimentos do globalismo” (1996, p. 249).

Ianni destaca que em meio a todo esse fluxo comunicacional, na multiplicação e intensificação de intercâmbios sociais, culturais, econômicos e políticos, há sempre manifestações de autodefesa, refúgio, isolamento ou fuga e cita Eric Hobsbawm, em entrevista a Otávio Frias, na *Folha de S. Paulo*. “É verdade que, ao mesmo tempo

em que o mundo se globaliza enquanto a escala da economia e da administração dos negócios fica mais vasta e mundial, existe uma tendência psicológica das pessoas de olhar para algumas coisas com as quais elas possam se identificar, uma espécie de refúgio da globalização” (HOBSBAWM, 1995 apud IANNI, 1996, p. 221).

No âmbito da sociedade global, as sociedades tribais, regionais, nacionais, compreendendo suas culturas, línguas e dialetos, religiões e seitas, tradições e utopias não se dissolvem, mas recriam-se. A despeito dos processos avassaladores, que parecem destruir tudo, as formas sociais passadas permanecem e afirmam-se por dentro da sociedade global. Em alguma escala, todas se transformam, revelando originalidade, dinamismo, congruência interna, capacidade de intercâmbio. Assim, a formação da sociedade global pode ser vista como o horizonte no qual se revela a multiplicidade das formas de ser, viver, sentir, agir, pensar, sonhar, imaginar. (IANNI, 1992, p. 77)

Essa revitalização do local é apontada por Canclini, de forma menos pessimista, que entende que paralelamente à desterritorialização das artes, há fortes movimentos de reterritorialização, representados não somente por movimentos sociais que afirmam o local como também por “processos de comunicação de massa: rádios e televisões regionais, criação de micromercados de música e bens folclóricos, a ‘desmassificação’ e a mestiçagem dos consumos engendrando diferenças e formas locais de enraizamento” (CANCLINI, 1997, p.146).

Para Hall, a globalização, na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de ‘nichos’ de mercado, explora, na verdade, a diferenciação local. Ele observa que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’. Há, juntamente com o impacto do global, um novo interesse pelo local. “Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’. Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior na lógica da globalização” (HALL, 2003, p. 78). Para Moraes, isso iria ao encontro das estratégias das organizações midiáticas. “Revigorados por fusões, consórcios e alianças

transnacionais, os conglomerados midiáticos não cessam de reformular suas ações. A partir de estratégias mundiais, procuram compatibilizar produtos de aceitação indiferenciada com outros que visam à segmentação, à diversidade mercadológica e a peculiaridades locais” (MORAES, 1997, p. 33).

Jameson vai mostrar que na arte, na arquitetura e na literatura, essa tendência, que ele chama de neo-regionalismo, é uma forma especificamente pós-moderna de reterritorialização, uma forma de fuga das realidades do capitalismo tardio, que atuaria como uma ideologia compensatória, “em uma situação na qual regiões, da mesma forma que os grupos étnicos, foram fundamentalmente varridas, reduzidas, padronizadas, mercantilizadas, atomizadas ou racionalizadas” (1994, p. 190). A ideologia do regionalismo é vista como a sentimentalização da natureza, da vida social e do sistema socioeconômico local inseridos no mega-Estado atual. Ele também classifica essa tendência como sendo também uma estratégia mercadológica.

Enquanto o fordismo e o imperialismo clássico, em outras palavras, projetavam seus produtos de forma centralizada e os impunham por 'decreto' a um público emergente (você pode escolher a cor do Modelo T: preto!), o pós-fordismo coloca em ação a nova tecnologia computadorizada para projetar produtos específicos para mercados individuais. Isso tem sido chamado de marketing pós-moderno, podendo ser percebido como 'respeitando' os valores e culturas da população local ao adaptar suas várias mercadorias para atender as linguagens e práticas vernáculas. Infelizmente, isto insere as empresas no próprio coração da cultura local e regional, quando então se torna ainda difícil decidir se ela é autêntica (e, inclusive, se esse termo ainda significa algo). (JAMESON, 1994, p. 232)

Seja como um processo de resistência, busca de novos mercados ou valorização do diferente, o fato é que o local passa a assumir novo sentido, como o espaço em que residem as tradições, os valores, as raízes de grupos e da sociedade. Martín-Barbero reforça essa visão, destacando que o sentido do local não é unívoco, pois além da fragmentação gerada pela deslocalização que o global acarreta, há outro sentido, que é a revalorização do local “como âmbito onde se resiste (e se complementa) a globalização, sua auto-revalorização como direito à

autogestão e à memória própria, ambos ligados à capacidade de construir relatos e imagens de identidade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 59). O local começa a ter um novo sentido que não é incompatível com o uso das tecnologias de comunicação.

E não resta dúvida de que não é possível habitar no mundo sem algum tipo de *ancoragem territorial*, de inserção no local, já que é no *lugar*, no território, que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e a temporalidade – a história – da criação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois, mesmo sendo atravessadas pelas redes do global, o *lugar* segue feito dos tecidos das proximidades e das solidariedades. (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 58 e 59)

Como afirma Marques de Melo, a velocidade com que o processo de mundialização se dá não deixa alternativa às culturas nacionais senão integrar-se no cenário da aldeia global. “Trata-se de um processo que tem como agente o cidadão global, atuando como consumidor no mercado cultural e balizando-se pelas mensagens que a mídia (massiva ou segmentada) dissemina cotidianamente. O folclore atua como elemento de mediação/decodificação/adaptação no âmbito comunitário” (1998, p. 56).

E é nesse espaço local, mediatizado pela televisão e globalizado pelo mercado, que se insere o objeto deste estudo: a TV e a cultura da região do Vale do Paraíba e a busca dos novos sentidos trazidos por suas inter-relações.

1.1.1 A mídia regional e local

Milton Santos explica que o regional não é apenas um ajuntamento de municípios, por mais que sejam ligados funcionalmente. “Trata-se de uma rede de solidariedade e conflitos, surgidos em função do mesmo movimento da história naquilo em que é abrangente, isto é, concernente ao conjunto” (SANTOS, 1993, p. 119). Isso se aplica perfeitamente ao Vale do Paraíba, unido não só pela questão territorial mas também por aspectos históricos e culturais que serão abordados no

Capítulo 2. E retomando as idéias de Beltrão, citadas na Introdução, o melhor laboratório para um estudo comunicacional é a região, por representar um palco onde se definem os diferentes e imbricados sistemas de comunicação, com todas as suas inter-relações, informações, sentimentos e linguagens expressas por meio de diferentes canais, que englobam a rede de conhecimentos e experiências necessárias ao bem-estar coletivo (BELTRÃO, 1976, p. 37)

Conforme Cicília Peruzzo, a mídia local se constitui como um espaço de comunicação baseada em informação de proximidade.

Entendemos por informação de proximidade aquela que expressa as especificidades de uma dada localidade, que retrate, portanto, os acontecimentos orgânicos a uma determinada região e seja capaz de ouvir e externar os diferentes pontos de vista, principalmente a partir dos cidadãos, das organizações e dos diferentes segmentos sociais. Enfim, a mídia de proximidade se caracteriza por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas no exercício do poder. (PERUZZO, 2005, p. 81)

E hoje, existe uma demanda para esse tipo de mídia. É o que confirma o pesquisador da comunicação da região do Vale do Paraíba, Francisco Assis Fernandes. “Hoje a tendência à regionalização da mídia se configura como uma aspiração do povo. O conteúdo da programação quanto mais regional será, mais representativo do anseio da comunidade, gerando novos conhecimentos e resgatando hábitos e costumes” (FERNANDES, 1998, p. 20). Ele entende que as expressões culturais de um povo podem até se fortalecer mediante o poder dos meios de comunicação. Peruzzo defende que essas demandas surgem porque as pessoas se interessam pelo que está mais próximo ou pelo que afeta diretamente sua vida e não somente pelos grandes temas da política, da economia, entre outros. “Elas curtem as benesses da globalização, mas não vivem só no global, que em última instância é uma abstração. Elas buscam suas raízes e demonstram interesse em valorizar as 'coisas' da comunidade, o patrimônio histórico, cultural local e querem saber dos acontecimentos que ocorrem ao seu redor” (2003, p. 55). Por outro lado, a pesquisadora também afirma que, da mesma forma que há interesse

das pessoas em ver os temas de suas localidades retratados na mídia, também há interesse por parte da mídia em ocupar o espaço regional, visando atingir seus objetivos mercadológicos (2005, p. 83).

De acordo com Rogério Bazi, a regionalização da programação da televisão é o novo caminho e o fator principal para a sobrevivência das emissoras de TV aberta no país. Essa foi uma afirmação de empresários em dois seminários promovidos por empresas e entidades do setor em 1997 e 1998 (BAZI, 2001, p. 11). É a mesma percepção de Eula Dantas Cabral e Adilson Vaz Cabral Filho, para quem os grandes empresários da mídia descobriram que o grande filão é o grupo regional. Eles afirmam que o grande trunfo das emissoras regionais, de acordo com as pesquisas do jornal *Meio & Mensagem*, foi o investimento comercial dos anunciantes nas regiões. “Os mercados regionais passaram a ter peso importante na estratégia das empresas. Grupos regionais estão investindo em sinais via satélite para melhorar a qualidade da transmissão. A regionalização também desenvolve oportunidades de negócio muito interessantes” (*Meio & Mensagem*, n. 830, 1998, p. 52 apud CABRAL e CABRAL Filho, 2006, p. 60-61).

Percebe-se, portanto, que tão importante quanto a descoberta de novos públicos e novas temáticas, a prospecção de novos mercados é determinante no contexto da regionalização da produção midiática no Brasil. A pertinência na fidelidade apresentada ao caráter local da programação apresenta-se nos aspectos temáticos, nos assuntos abordados e, de certa forma, num discreto incentivo à participação dos profissionais de comunicação no âmbito local. (CABRAL e CABRAL Filho, 2006, p. 62)

Peruzzo afirma que a mídia local tende a reproduzir a lógica dos grandes meios de comunicação, principalmente no que se refere ao sistema de gestão e aos interesses em jogo. Mas se diferencia no conteúdo, ao dar mais atenção às especificidades de cada região. “O interesse da grande mídia pelo local, num primeiro momento, apresenta-se mais por seu lado mercadológico do que pela produção de conteúdo regionalizado. A televisão, por exemplo, explora a diferenciação local como nicho de mercado, interessada que está em captar os recursos provenientes da publicidade do interior do país” (PERUZZO, 2005, p. 71).

A pesquisadora define as características que marcam a mídia local: 1) estabelece como foco os assuntos locais ou regionais, que geralmente não têm espaço na grande mídia; 2) é uma unidade de negócio comercial, com interesses mercadológicos, venda de anúncios e busca de rentabilidade; 3) pode estar sujeita a corresponder a interesses políticos e econômicos de lideranças regionais; 4) “explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e conseqüentemente obter retorno financeiro”; 5) busca contribuir com a ampliação da cidadania, utilizando estratégias que se conciliem com seus interesses comerciais; 6) a participação dos cidadãos está sujeita ao controle dos dirigentes e técnicos; 7) especialistas e técnicos contratados é que decidem sobre a produção das formas e dos conteúdos da comunicação; 8) a gestão destas empresas é do tipo “burocrático tradicional”; 9) os conteúdos são geralmente os abordados pela mídia nacional, mas com enfoque local ou regional; 10) pode pertencer e atuar num determinado território, como pode ser exterior a ele e apenas lhe oferecer espaços para o tratamento das questões locais (PERUZZO, 2003. p. 60-61).

A autora explica que a mídia local, mesmo ao ancorar-se na informação gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região, não é estanque, já que variam os tipos de vínculos dos meios de comunicação com suas regiões. O comprometimento com o local dependeria da política editorial de cada veículo. Nesse sentido, ele pode ter realmente um vínculo local ou pode se utilizar do local, “mas sem desvincular-se de sua vocação 'nacional'”. Com isso, é chamada de hesitante ou semilocal (PERUZZO, 2005, p. 75).

Foi o que observou Wilson de Oliveira Souza, em seu estudo sobre o reflexo da globalização nas ações locais, analisando os jornais do ABC Paulista, na região metropolitana de São Paulo.

A mídia local parece sem rumo. Se seu papel seria o de refletir os anseios e preocupações de seus consumidores (leitores/habitantes), os conteúdos veiculados levam a crer que ainda não se aperceberam disso e que o anteparo e distanciamento, necessários para uma visão acurada, é justamente a valorização e o reconhecimento local.

Ao reproduzirem os modos de ver, sentir e perceber o mundo de maneira uniforme, esses veículos, instigados pela indústria cultural e com a anuência do poder econômico, nada mais fazem do que alimentar o insaciável módulo econômico imposto pela relação geopolítica mundial. (SOUZA, 1999, p. 90)

Como o foco deste trabalho recai sobre a televisão, é para ela que vamos direcionar nosso olhar com o objetivo de entender seu papel e atuação enquanto veículo de comunicação regional e local.⁶

O sucesso da televisão brasileira é resultado, em grande parte, da consolidação do sistema de rede, da década de 1970 até meados de 1980. Para Guilherme Jorge de Rezende, se isso, por um lado, trouxe alguns benefícios, principalmente no que se refere à melhoria da qualidade técnica dos programas, por outro, o fortalecimento das redes (e ele destaca a Globo, em especial, devido a seu controle quase absoluto do mercado nacional) provocou um grande prejuízo às emissoras regionais. “Por questões financeiras e mercadológicas, os concessionários de canais de TV se viram forçados a abandonar suas produções locais e transformaram suas emissoras, praticamente sem exceção, em meras estações retransmissoras da programação realizada invariavelmente no Rio de Janeiro e em São Paulo” (REZENDE, 2000, p. 118).

Peruzzo lembra que é no local que se dá a origem dos meios de comunicação de massa, já que, ao nascer, tanto o rádio e o jornal, como a televisão, têm um raio de alcance local ou regional. Rádios e jornais geralmente permanecem locais, mas a televisão, com o surgimento do videoteipe, em 1960, e de outras tecnologias de comunicação em rede, desenvolve-se no país com um caráter nacional, a partir de programações produzidas nos grandes centros urbanos (2005, p. 69).

Rogério Bazi conceitua televisão regional como “aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tenha sua programação voltada para ela mesma” (2001, p. 16). Ele cita Debona e Fontella, para quem a TV regional pode servir para desenvolver as características culturais de cada comunidade,

⁶ A regionalização da programação das emissoras de rádio e TV já está prevista na Constituição Federal de 1988, no artigo 221, sem um percentual definido. Em 1991, surgiu um projeto de lei, da deputada federal Jandira Feghali, para regulamentar o artigo que tramita até hoje no Congresso. O projeto considera necessária uma lei que estabeleça que cerca de 30% da programação semanal das emissoras seja reservado para programas culturais, artísticos e jornalísticos, ligados à promoção e divulgação da cultura regional.

“combatendo uma homogeneização que poderia ser causada pelas grandes redes de comunicação” (DEBONA e FONTELLA, 1996 apud BAZI, 2001, p. 18). De acordo com Teresa Teixeira, “uma emissora local possibilita ao grupo e região em que atua que se intercomuniquem e se auto-identifiquem. Fornece informações coerentes e adequadas às suas necessidades e interesses da comunidade. Estimula a formação de consciências críticas e revaloriza a cultura local” (TEIXEIRA, 1999 apud CABRAL e CABRAL Filho, 2006, p. 49).

Para Martín-Barbero e Germán Rey, a própria televisão se converte em uma reivindicação fundamental das comunidades regionais e locais “em sua luta pelo direito à *construção de sua própria imagem*, que se confunde com o direito à sua memória” (2001, p. 35, grifo do autor). Para os estudiosos, mesmo com a deformação que a televisão muitas vezes realiza, em função dos interesses econômicos e políticos que envolvem essa mídia, “ainda assim, a televisão constitui um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas, tanto as dos povos como as de grupos” (2001, p. 114).

Com relação à televisão regional e local, Peruzzo aponta três principais aspectos que prejudicam a expressividade local através da mídia televisiva tradicional. Um deles é o limite de tempo imposto pelas redes, que reserva poucas horas no total da programação para a produção local, que costuma ser, em grande parte, destinada aos noticiários. Outro aspecto refere-se aos horários abertos para inserção da programação local que, geralmente, “[...] excetuando os programas jornalísticos, são os de menor audiência – tarde da noite ou de madrugada” (2005, p. 72). Importante ressaltar que esses dois aspectos deixam evidente a importância do telejornal como o principal espaço de representação do local, conforme trataremos nesta pesquisa de forma mais aprofundada nos capítulos seguintes. O terceiro ponto destacado pela autora é a “exigência de enquadramento nos padrões nacionais das redes, que direcionam as temáticas e o modo de expressão, acabando por inibir o afloramento dos sotaques regionais e maior inserção de mão-de-obra local” (PERUZZO, op. cit.). Outro aspecto que podemos somar a esses três e que comprometem a representatividade da televisão local, principalmente em uma região extensa como o Vale do Paraíba, é a “falta de ampla cobertura e de apuração de

acontecimentos, tanto no nível local como no regional. Ela se deve a uma estrutura de produção pequena, com poucos profissionais”.⁷

Robson Bastos da Silva chama a atenção para o fato de que atualmente, no Brasil, existem dezenas de TVs que se preocupam apenas em veicular publicidade regional e quase nenhuma informação que interesse à população local. “O jornalismo pode ser um caminho para modificar esta situação. Não acredito que seja o único, mas é uma forma das pessoas se sentirem mais próximas de seus direitos e terem resposta aos seus anseios” (SILVA, 1997, p. 35).

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, cuja família é a atual proprietária da TV Vanguarda, e que é um dos idealizadores do padrão de qualidade da TV Globo, defende a importância da regionalização. “Eu passei 30 anos considerando o macro, o nacional, a mapa geral. E hoje vejo a importância do local” (KULPAS, 2003).

1.2 A cultura na mídia televisiva

Comunicação significará então colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 69)

Torna-se difícil separar a relação da cultura com a comunicação. Lúcia Santaella não só usa a palavra “inseparável” como, no caso das mídias, afirma que isso se torna ainda mais indissociável, uma vez que mídias⁸ são, antes de tudo, veículos de comunicação, “do que decorre que esta cultura só pode ser estudada levando-se em conta as inextricáveis relações entre cultura e comunicação” (SANTAELLA, 1992, p. 13). A cultura a que Santaella se refere, em seu livro, *Cultura das mídias*, é a cultura no sentido mais amplo e antropológico, que remete à idéia de

⁷ No Capítulo 2, estudaremos com maior profundidade a questão do modelo de desenvolvimento da televisão, a regionalização da TV Globo e sua presença no Vale do Paraíba.

⁸ A palavra mídia constitui uma grafia aportuguesada da palavra latina *media*. *Media*, em latim, é plural de *medium*, que significa “meio” ou “instrumento mediador, elemento intermediário” (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 490). O termo aparece pela primeira vez em 1923, na língua inglesa, sendo rapidamente adotado como referência para todos os suportes tecnológicos de transmissão da informação, mais notadamente o cinema, o rádio, o meio impresso e a televisão.

uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade, mantém sua coesão e dá sentido de identidade para o grupo:

A cultura é a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano particular, mantém a sua coesão (seus valores, sua identidade e sua interação com o mundo). Esses sistemas de significação [...] englobam não apenas todas as artes (literatura, cinema, pintura, música etc.), as várias atividades sociais e padrões de comportamento, mas também os métodos estabelecidos pelos quais a comunidade preserva sua memória e seu sentido de identidade (mitos, história, sistemas de leis, crença religiosa etc.). Cada trabalho articular de atividade cultura é visto como um texto gerado por um ou mais sistemas. (SHUKMAN, 1986, apud SANTAELLA, 1992, p. 12)

Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um grupo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade, como é o caso do Vale do Paraíba. Essa visão diferencia-se da concepção mais restrita de cultura, entendida como uma esfera, um domínio da vida social, associada ao conhecimento artístico-filosófico-científico. Para o estudo da comunicação, é esse sentido de cultura que Edgar Morin propõe, o qual ele chama de sentido etnológico ou sociológico. “A cultura é o que se interpõe entre a natureza e o indivíduo, o que alimenta em sonhos e em mitos, em normas e em regras, a vida pessoal dos membros de uma sociedade. Assim, toda sociedade, até mesmo todo grupo humano, tem sua cultura própria” (MORIN, 1972, p. 19).

Segundo Bosi, a cultura brasileira deve levar em conta o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens. No caso da cultura popular, não há separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica.

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão de tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o

modo de olhar, o modo de sentar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, os modos de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, e agredir e de consolar... (BOSI, 1992, p. 324)

Dentro da cultura valeparaibana, a Folia de Reis, por reunir religiosidade e um profundo sentido de acolhimento, sacramentado pelos laços de convivência da comunidade, enquadra-se na categoria de cultura popular, segundo o referencial de Alfredo Bosi. O autor distingue cultura popular de outras três divisões: a cultura erudita, centralizada no sistema educacional; a cultura criadora, ligada à produção artística na literatura, no teatro e no cinema; e a cultura de massas, ligada ao sistema de produção e mercado de bens de consumo, chamada pelos frankfurtianos, de indústria cultural ou cultura de consumo. “A cultura popular, basicamente iletrada, corresponde às produções materiais e simbólicas do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre e suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna” (BOSI, 1992, p. 309).

A grande preocupação que surge na relação entre cultura popular e mídia é sobre quais são os impactos que a midiatização pode trazer ou as mudanças que pode provocar, no sentido e na configuração dessa cultura. Edgar Morin reforça essa idéia, afirmando que os meios de comunicação de massa são veículos, acumuladores e aceleradores culturais (1972, p. 20). Por isso, pensar a relação da comunicação com as culturas é fundamental, e esta vem sendo a principal preocupação dos estudiosos das duas áreas, já que, ao ser midiatizada, a cultura popular regional se insere em outro universo cultural, e passa a ser apresentada/representada segundo outros processos culturais (a cultura das mídias), segundo novos formatos e gerando novos significados.

Para Alfredo Bosi, o poder econômico dos meios de comunicação, em particular a TV, está conseguindo abolir as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para o turismo. “A cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferentes da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo” (1992, p. 328). Nesse sentido, a TV realizaria uma forma de duplo vampirismo, primeiro, ao consumir o tempo dos sujeitos dessa cultura e, segundo, ao exibir “para o consumo do telespectador o que restou deste tempo, no

artesanato, nas festas, nos ritos” (1992, p. 329). Para ele, essa é a manifestação do capital à procura de matéria-prima e de mão-de-obra para manipular, elaborar e vender. Bosi destaca que são delicadas as relações entre cultura de massa e cultura popular, que do ponto de vista capitalista, se desenvolvem quase sempre no sentido de a primeira desagregar a segunda.

Anamaria Fadul chama a atenção para o fato de que, em função dos grandes capitais envolvidos, a televisão só pode surgir em regiões desenvolvidas e que a cultura veiculada por ela está impregnada de valores essencialmente urbanos e característicos de uma sociedade industrializada. “Todos os meios de comunicação social, apesar de suas diferenças, estão ligados à problemática urbana das metrópoles. Com exceção do rádio, que pode ter uma base regional, a televisão e o cinema vão veicular sempre mensagem de conteúdo estranho ao contexto cultural das regiões menos desenvolvidas” (1976, p. 52). Esses conteúdos, em contato com a cultura regional, mais fluida e menos estruturada, caracterizada pela oralidade, vão introduzir elementos completamente diferentes que a médio e longo prazo poderão alterar completamente esta cultura (FADUL, 1976, p. 53).

Martín-Barbero também reforça a importância desse estudo e considera um desafio entender os modos de sobrevivência das culturas tradicionais, no atual contexto de mundialização da cultura e das redes midiáticas. “Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras –, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à intensificação de sua comunicação e interação com as outras culturas de cada país e do mundo” (2003, p. 64). Mas seu olhar não se detém na proposta de tentar 'preservar' a cultura, congelando-a. Para ele, o popular não fala unicamente a partir das culturas indígena ou camponesa, mas também a partir da massa espessa das mestiçagens e das deformações do urbano e do massivo. “Não podemos então pensar hoje o popular atuante à margem do processo histórico de constituição do massivo: o acesso das massas à visibilidade e presença social, e da massificação em que historicamente esse processo se materializa” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 17).

Martín-Barbero defende a própria natureza comunicativa da cultura, entendendo que a comunicação desempenha uma função constitutiva na estrutura

do processo cultural e que os êxitos e fracassos dos povos na luta para se defenderem e se renovarem culturalmente estão ligados às dinâmicas e aos bloqueios na comunicação. “As culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e este comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos” (2003, p. 68). Para isso, ele indica que o comunicador assume o papel de mediador, percebendo a comunicação como a colocação em comum de sentidos da vida e da sociedade. Ativação nos grupos de sua capacidade de narrar/construir suas identidades, tornando possível a “valorização de diferentes falas”, das diversas competências comunicativas. Neste mundo de violência, intolerância e de falta de solidariedade, a comunicação se coloca como o espaço fundamental do reconhecimento dos outros (TAYLOR apud MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 70).

Como elemento da cultura popular regional, a Folia de Reis desempenha papel importante no seio das comunidades em que se insere, constituindo-se como uma manifestação ativa de fé e religiosidade, produtora de sentido e organizadora da vida social desses grupos. Por isso, torna-se tão importante estudar o que acontece quando é representada pela mídia.

Ao lado do caráter religioso e festivo, elas [as festas valeparaibanas] constituem a expressão viva da capacidade da comunidade em idealizar e realizar seus projetos e perseguir utopias. Apresentam aquilo que o povo pretendeu e conseguiu realizar. Servem como instrumento de interação social, de compreensão de si mesmo, da manifestação da diversidade, de afirmação da identidade, englobando e permitindo a todos que se reconheçam com parte de um único povo, de um só passado, de uma história comum. (TOLEDO, 2002)

Marcondes Filho destaca que os meios de comunicação de massa ajudam a quebrar a identidade cultural à medida que recolhem os produtos de seus lugares de origem e os multiplicam em grande quantidade, vendendo-os ou transmitindo-os a milhares de pessoas em territórios e regiões diferentes. “*Esta é exatamente a atuação própria das nossas grandes redes de televisão, das centenas de emissoras de rádio do país, dos nossos maiores jornais e revistas: descobrir fatos, notícias, elementos culturais nos lugares mais longínquos, e fazer deles um produto para*

seus veículos” (MARCONDES Filho, 1988, p.31, grifo do autor). A comunicação de massa atua justamente no sentido de transformar esses fatos sociais brutos, considerados como matéria-prima dessa indústria, em produtos culturais acabados. “Os fatos sociais são ajeitados, adaptados, interpretados, traduzidos, ‘penteados’ para o grande público” (1988, p. 31).

1.2.1 A mídia televisiva

Entre os meios de comunicação, a televisão gera o maior impacto sobre a cultura, constituindo-se hoje como a mídia que tem a maior capacidade de recriar significados. Também será a televisão o principal veículo de divulgação da cultura regional, modificando sua significação, conforme estudaremos neste trabalho. “A TV se caracteriza como uma mídia das mídias, isto é, tem um caráter antropofágico. Ela absorve e devora todas as outras mídias e formas de cultura desde as mais artesanais, folclóricas e prosaicas, até as mais eruditas: do cinema, jornal, documentário, até o circo, teatro etc.” (SANTAELLA, 1992, p. 24). O processo de transporte da informação determina de modo decisivo a forma com que ela vai se propagar, já que a mensagem será moldada de acordo com seu meio de transmissão. E, nesse sentido, a televisão foi o veículo por excelência de absorção de todas as outras linguagens, impondo a elas qualidades de organização, ritmo e aparência que lhe são próprios. “A TV pode contribuir para modificar em muitos aspectos os pensamentos e atitudes das pessoas em termos de suas experiências cognitivas, suas crenças e opiniões, assim como seus comportamentos” (EGBON, 1982 apud SANTAELLA, 1992, p. 23).

Comprovadamente, a mídia televisiva é o meio de comunicação que tem maior repercussão e alcance entre a população. De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a TV alcança 99% do território nacional e o aparelho de televisão é o segundo bem durável encontrado com mais frequência nas casas dos brasileiros, sendo que o primeiro é o fogão. Desde 2001, o percentual de casas que dispõem de TV só vem aumentando: 89,1%, em 2001; 90% em 2002; 90,1% em 2003; e 90,4% em 2004 (IBGE, 2004). O rádio vem em terceiro

lugar e a presença de geladeira nos domicílios fica em quarto lugar nas estatísticas, nesses quatro anos. A televisão hoje é parte do cotidiano de quase todos as pessoas em todo o mundo, como destaca a própria Unesco:

Television has become one of the most influential forms of media in our present time. It is the arena where images, forms, styles and ideas surrounding the human existence are mobilized. Television makes its mark as the most popular medium for communication and information because of the considerable convenience it offers to its audience worldwide, of all ages, nationalities and social status. Television does not require literacy and presents information in audiovisual form requiring no extra skills for comprehension (UNESCO, 2003).⁹

Esse também é o meio preferencial para o destino da maior parte das verbas publicitárias. O jornal *Meio & Mensagem* estabelece que a pulverização da mídia com a chegada da TV paga e da Internet não foi suficiente para abalar a supremacia da TV aberta quando se trata de faturamento publicitário. No último relatório do Projeto Inter-Meios, de outubro de 2004, o meio detinha quase 61% dos investimentos em mídia do país, que representam R\$ 8,2 bilhões, contra 17,7% do segmento jornal, 8,3% de revistas e 4,5% de rádio. A TV paga correspondia a 1,6% e Internet a 2,2% (MELO, 2005, p. 14).

Em função dessa grande penetração e capacidade de captação de recursos, a televisão acaba retendo um grande poder cultural, econômico e político, destacando-se entre os outros meios de comunicação de massa. Isso lhe confere uma participação decisiva na formação das identidades e no crescimento econômico dos países.

Como parte da sociedade da informática, os veículos de comunicação de massa, dentre os quais a televisão se destaca, caracterizam-se como os elementos de maior significado cultural e político desta era, notadamente pela capacidade que possuem de influenciar na formação da consciência, tanto particular quanto

⁹ Tradução: "A televisão tornou-se uma das mais influentes formas de mídia na atualidade. É a arena onde imagens, formas, estilos e idéias que abrangem a existência humana são mobilizadas. A televisão deixa sua marca como o meio de comunicação e informação mais popular, devido a considerável conveniência que oferece a sua audiência em todo o mundo,

pública. Isto porque é através dos veículos de comunicação que se processa a circulação das informações, que se dá a formação da opinião pública, que se propaga a cultura ideológica e se forma a identidade cultural das nações. (MATTOS, 1997, p. 4)

Outro aspecto que afeta a cultura regional é o fato de que a cultura urbano-industrial (“tecnologizada”), que tem como principal símbolo a televisão, nega a diferenciação entre as culturas, como destaca Muniz Sodré, já que não proporciona um espaço de troca, de reciprocidade. Pensar a diferenciação já seria em si uma utopia nessa cultura industrial, devido ao processo sincrético e homogeneizante promovido pelos *mass media*.

Ao informar, isto é, ao fixar os significados e as representações sociais estabelecidas por seu código, o *medium* cala a ambivalência, esvaziando o sentido da troca. Interessa-lhe fazer passar apenas os significados afins com o predomínio das leis do mercado [...] A produção sistemática do sentido, que hoje define o universo do consumo, deixa cada vez menos espaço à existência de esferas culturais autônomas, ou seja, a formações simbólicas diferenciadas. (SODRÉ, 2001a, p. 124)

Nesse sentido, os meios de informação costumam dispensar um tratamento sensacionalista e folclorizante aos cultos de origem popular, e não conseguem transmitir realmente a cultura abordada, “nem transmitir ao público parcela nenhuma do verdadeiro saber desta cultura” (SODRÉ, 2001a, p. 126). Para o pesquisador, a situação da comunicação e da cultura popular no Brasil implica quatro fatos: 1) A ação do sistema televisivo é decididamente predatória com relação às formas populares de cultura; 2) O monopólio da fala pelo sistema televisivo exerce a função de neutralização das possibilidades de expressão popular; 3) Os valores culturais alternativos só podem ser percebidos pela tevê na forma de clichês exótico-pitorescos; 4) As variações culturais são encaradas como formas marginais de existência. Ou como cita Paulo Francis: “na televisão, se representam estereótipos que o público possa logo identificar sem o menor esforço mental” (FRANCIS, 1987 apud SQUIRRA, 2004, p. 36).

Isso tem efeitos importantes, pois como afirma Ellis Cashmore, assistir à TV aumenta a amplitude de nossa experiência e nos expõe a imagens que nos ajudam a formar impressões sobre o mundo. No caso da cultura regional, vai formar o conceito das pessoas que não têm acesso direto a ela.

A TV é agora mais significativa do que livros, revistas e, até mesmo, do que jornais na transmissão da cultura de consumo. Mas é mais do que uma transmissão: afeta a nossa experiência do mundo ao proporcionar mapas culturais, guias de referência que nos ajudam a enquadrar as nossas interpretações e nossas respostas. (CASHMORE, 1998, p. 14-15)

Ciro Marcondes Filho destaca o forte papel da televisão na formação de concepções de mundo, já que a TV é o território do fascínio da imagem, promovendo complexas relações com o imaginário, que é organizado na forma de símbolos. O autor destaca que, no caso das imagens paradas, o ser humano desenvolveria uma relação intensiva, ou seja, há tempo para observar todos os detalhes, explorar todas as minúcias, fazendo da imagem “um meio, uma ponte que faz passar a uma outra realidade”. No caso da televisão, ao contrário, ele desenvolveria uma relação extensiva, que indica a situação em que quem assiste não tem tempo de parar para perceber detalhes ou observar uma determinada cena, pois todas se movem num ritmo muito rápido. “Enquanto na fotografia o *sujeito escolhe* os detalhes que mais o interessam, na televisão *eles são escolhidos* para as pessoas, e isso acarreta grandes perdas: o direito de escolha e da livre concentração, além de serem *impostas* as cenas que interessam principalmente ao realizador do programa e ao patrocinador” (MARCONDES Filho, 1988, p. 13, grifo do autor). O efeito disso é que, se na fotografia a imagem é uma ponte para o imaginário, na televisão ela apresenta a realidade já pronta.

Muniz Sodré também fala sobre o fascínio da imagem, transportando o mito de Narciso para a atualidade, ao comparar o espelho com a tela do aparelho de televisão. Sodré chama de ‘simulacro’ ao reflexo do ser humano nesse espelho, que é a reprodução técnica de sua vida, de seu cotidiano, do mundo. Assim como no mito, a imagem é tão atraente, que substitui a realidade por completo.

Como a imagem de Narciso no espelho, o simulacro é inicialmente um 'duplo' ou uma duplicação do real. A imagem no espelho pode ser o reflexo de um certo grau de identificação do real, pode encobrir ou deformar essa realidade, mas também pode abolir qualquer idéia de identidade, na medida em que não se refira mais a nenhuma realidade externa, mas a si mesmo, a seu próprio jogo simulador. (SODRÉ, 1984, p. 29)

Assim, a televisão assume papel importante na construção de significados. Pierre Bourdieu entende que, mesmo tendo o potencial de ser um extraordinário instrumento de democracia direta, esse meio acaba exercendo uma forte violência simbólica (1997, p. 22). Isso porque a imagem tem o poder de criar "efeitos de real", fazendo existir idéias, representações, e grupos, enfim, uma construção social da realidade que pode levar à mobilização ou desmobilização. "A televisão, que se pretende um instrumento de registro, torna-se instrumento de criação de realidade" (1997, p. 29). Essa característica, mais o fato de ter uma penetração muito grande sobre a população, leva Bourdieu a chamar a atenção para o fenômeno que ele denominou de pensar a partir de "idéias feitas":

[...] são idéias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns; mas são também idéias que, quando aceitamos, já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca. [...] Quando emitimos uma "idéia feita" é como se isso estivesse dado; o problema está resolvido. A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente. (BOURDIEU, 1997, p. 40)

Marcondes Filho considera a televisão e o telejornalismo como "formas totalizadoras de comunicação", que se relacionam com o receptor de maneira diferente das 'formas parciais de comunicação'. Esta segunda categoria, que compreende a literatura, o teatro, a pintura abstrata, a fotografia artística, o disco, o rádio, permite que o imaginário do receptor interaja criativamente com a obra, já que "não possuem limites fixados, horizontes delimitados, não fecham a mensagem", aceitando a participação do receptor e tornando-o ativo no processo de troca da comunicação. Na forma total, caso da TV, são oferecidos "cenários completos, prontos, terminados", reduzindo e até retraindo a possibilidade imaginária.

“Diferentes das parciais, que são capazes de prolongar o imaginário do receptor, as formas plenas de comunicação não se detêm no conhecido, ou seja, introduzem novos modelos, novos conceitos, novas imagens. O efeito é subverter ou consolidar o imaginário do receptor” (MARCONDES Filho, 1988, p. 27). Esse aspecto também está associado ao processo de aceleração da mensagem na televisão, que apresenta seus conteúdos pré-digeridos e que não proporciona tempo para a reflexão, constituindo-se como o espaço da troca de lugares-comuns.¹⁰

O autor chama a atenção para o fato de que os veículos de comunicação, como a televisão, trabalham e buscam cada vez mais a captação do imaginário como espaço de exploração comercial e ideológica. A matéria-prima cultura é transformada em produto industrializado quando um programa regional é transmitido em cadeia nacional de televisão. Ele exemplifica que uma cerimônia cultural de índios da Amazônia, uma festa gaúcha, costumes de caiçaras capixabas, para serem ‘consumidos’ pelo telespectador junto com sua cerveja, seu salgadinho, seu cigarro, precisarão ser *neutralizados e generalizados* (grifo do autor). A emissora de TV, que ele chama de “fábrica de produtos de comunicação”, vai simplificar a manifestação cultural, tornando-a compreensível para todos, retirando do produto suas aberrações, seus elementos chocantes, suas peculiaridades, seus termos regionais – entendidos só em seu local de origem, deixando-o facilmente assimilável. O que se vai apresentar então não é mais a manifestação cultural original, mas um outro produto, que não é de ninguém, uma coisa oca, pobre sem vida. “*Este é o trabalho da comunicação industrializada: reduzir fatos culturais a mercadorias vazias, facilmente consumíveis*” (MARCONDES Filho, 1988, p. 31, grifo do autor). Por outro lado, ele observa que não há como fugir a essa cultura industrializada.

Caiçaras, indígenas, populações afastadas e guetos culturais já estão, de uma forma ou de outra, dentro da sociedade da televisão, do rádio, da comunicação impressa em massa. Este fato já alterou tanto suas vidas que não mais existem situações ‘virgens’, imunes à penetração da comunicação. Isso também se reflete na criação cultural destas comunidades, pois passam a produzir artefatos para o

¹⁰ A questão da aceleração das imagens assim como o processo de seleção de imagens e edição, que têm efeitos importantes na alteração dos significados, serão estudados no capítulo seguinte.

consumo em massa e para a indústria do turismo, e não porque sua cultura o tivesse exigido. (MARCONDES Filho, 1988, p. 32)

Martín-Barbero e Rey propõem que a crítica da televisão deve visar sua compreensão devido ao lugar estratégico que esse meio ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana das majorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades.

Pois, encante-nos ou nos dê asco, a televisão constitui hoje, *simultaneamente*, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações histórias mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular, entendido não como as tradições específicas de um povo. (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 26)

Os dois pesquisadores enfatizam que, apesar de muitas vezes a representação dos países na televisão ser deformada pela trama dos interesses econômicos e políticos que sustentam e moldam essa mídia, ainda assim, a televisão atua de forma decisiva no reconhecimento sociocultural, no “desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas”, tanto as dos povos como as de grupos (2001, p. 114). As televisões regionais atuam, então, como um espaço importante de identificação para a população das regiões abrangidas por elas. “A própria televisão se converte em uma reivindicação fundamental das comunidades regionais e locais, em sua luta pelo direito à construção de sua própria imagem, que se confunde com o direito à sua memória” (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 35).

Conforme afirma Silva, em estudo comparativo de duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista, “o público sente necessidade de obter notícias rápidas e precisas sobre sua região, não apenas através dos jornais impressos locais” (SILVA, 1997, p. 32). Entretanto, o que aponta Juliana Guzzoni é que é dado pouco espaço para as questões culturais. A autora fez um estudo que buscou observar a forma como o telejornal enuncia os problemas da comunidade e como ela é retratada no telejornal, mediante um estudo de caso a partir da análise das reportagens do telejornal ParanaTV, primeira edição regional, produzido pela TV Cultura de Maringá, emissora que faz parte da Rede Paranaense de Comunicação,

uma afiliada da Rede Globo. “O que se percebe claramente é uma preocupação em se tratar de assuntos relacionados a problemas das diversas comunidades que compõem o público telespectador. No entanto, pouco espaço se dá para o que é mais complexo que é a cultura” (GUZZONI, 2001, p.88).

Mas a relação entre cultura e mídia se dá em dois sentidos. Além desse primeiro olhar, voltado para a questão da dominação, predominância e influência do global sobre o local, do massivo sobre o popular, do universal sobre o regional, em que a preocupação se dá em relação à influência das mídias como emissoras de novos conteúdos, sobre as culturas, percebidas como receptoras, há um outro aspecto a ser observado nessa relação. O outro sentido, e onde se localiza o foco deste estudo, está no redirecionamento Local-Global, ou seja, quando a cultura, sempre por meio das mídias, é claro, torna-se “emissora”, fonte de imagens e conteúdos nesse universo midiático, ao ser veiculada na televisão. Esse assunto será abordado no próximo item deste capítulo, ao estudarmos o que acontece quando a cultura regional é mediada pelo telejornal. Ao levá-los para a TV, ao promover sua veiculação, formatação e divulgação, outro fenômeno de mudança acontece, desta vez promovido não pelos elementos de fora, estrangeiros àquela cultura, mas pelos elementos de dentro, que compõem o próprio processo de mediação. Três destes aspectos serão estudados a seguir.

1.3 O telejornalismo e a construção de sentido

Rádio e televisão reciclam as tradições populares, inserindo-as, ressemantizadas, no texto das histórias a ser contadas (MARTÍN-BARBERO).

O jornalismo se desenvolveu, nos últimos 50 anos, sob a égide da objetividade e da imparcialidade. As notícias são veiculadas como se fossem um índice do real:

Lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção. E é a existência de um ‘acordo de cavalheiros’ entre jornalistas e leitores pelo respeito dessa fronteira que torna possível a leitura das notícias enquanto índice do real e, igualmente, condena qualquer transgressão como ‘crime’. (TRAQUINA, 1993, p. 168)

Objetividade e imparcialidade são as bases do discurso jornalístico, anunciadas como algo intrínseco à produção jornalística. A área, que se intitula como intermediária neutra entre os fatos e o público, utiliza esses argumentos como modo de reforçar a credibilidade do grupo, que é a fonte de sua legitimidade como espaço de representação da sociedade. Na prática, além do discurso, reconhece-se a notícia como uma construção, uma narrativa. Na visão de Gaye Tuchman, dizer que a notícia é uma ‘estória’ não é uma forma de rebaixá-la, ou de acusá-la de ser fictícia. Mas um alerta para o fato de “a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna” (TUCHMAN, 1993 apud TRAQUINA, 2001, p. 29-30).

Muniz Sodré chamou o jornalismo de “simulacro” e “tele-realidade”, e cita Boorstin,¹¹ que o chama de “pseudo-acontecimento”. Para Sodré, o “pseudo-acontecimento” gera outros em progressão geométrica e numa tal grandeza de simulação que já não se pode traçar fronteiras claras entre real e imaginário, nem mesmo chamar de pseudo um acontecimento. Ele próprio propõe uma definição do que é real:

É preciso ter em mente que jamais lidamos com um “real em si”, independente da elaboração realizada pelos sistemas de representação socialmente gerados. O que chamamos de “real” (o vivido, o real-histórico, estrutura globalmente determinada pela História) é a resultante de um modelo de representação que o opõe ao imaginário (para onde ocorrem as diferenças projetadas do real). O real conhecido (a realidade) é algo socialmente produzido. E, assim, as realidades da sociedade industrial moderna — trabalho, transporte, habitação, lazer, educação, etc. — orientam-se no sentido

¹¹ Daniel Boorstin, *The Image*, apud Sodré, 1984, p. 37.

das representações produzidas pelo modelo dominante. (SODRÉ, 1987, p. 9)

Para o pesquisador, a verdade foi trocada pela “credibilidade” do enunciado. “De fato, um outro ‘real’ é gerado pela progressão dos simulacros. Na televisão, são frágeis as fronteiras entre realidade e ficção e as imagens tendem a ser mais verossímeis do que verdadeiras” (SODRÉ, 2001b, p. 147). Nesse sentido, a notícia é uma forma narrativa, um jeito de contar uma história, que se converte em uma tecnologia produtora de real. “É história que cria história. O real, assim produzido, aspira a uma visibilidade plena, em consonância com as teletecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre crer e ver” (SODRÉ, 2001b, p. 133).

Acreditamos que, como Bourdieu, os jornalistas têm “óculos particulares” por meio dos quais vêem certas coisas e não outras, sendo que vêem de uma certa maneira as coisas que vêem. “Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 12). É também o que afirma Nelson Traquina, para quem a percepção de notícias como 'estórias', ou seja, uma narrativa, destaca a importância de compreender a dimensão cultural das notícias, que são produzidas por pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos. “As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração” (SCHUDSON, 1995 apud TRAQUINA, 2001, p. 157).

Entretanto, isso nem sempre é claro para o público, que não costuma fazer a diferenciação entre a realidade e o que é apresentado no telejornal. Segundo Luis Felipe Miguel, o telespectador tende a perceber e aceitar o jornalismo como um sistema perito, ou seja, mantém na relação com as notícias uma atitude de confiança, similar a outros sistemas peritos. Essa relação pode ser dividida em três momentos: “1) confiança quanto à veracidade das informações recebidas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de 'fatos' disponíveis” (MIGUEL apud TEMER, 2003, p. 39).

Isso significa que o receptor não percebe o jornal como um produto, que deve ser consumido e 'comprado' pelo público, para atrair o anunciante, e a notícia como um produto de consumo como qualquer outro. Esta visão crítica está presente na definição que Ciro Marcondes Filho propõe sobre a notícia:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. Ela pertence, portanto, ao jogo de forças da sociedade e só é compreensível por meio de sua lógica. (MARCONDES Filho, 1986, p. 13)

O autor ainda chama a notícia de “segunda natureza” do fato, já que o jornalismo cria um outro mundo, uma outra história, diferente da original. “O telejornalismo cria, portanto, uma outra natureza, uma segunda natureza, que se impõe a milhões de lares no país, como se fosse essa a verdade e não aquela do mundo real” (MARCONDES Filho, 1988, p. 56).

1.3.1 Telejornal: fonte principal de informação

Por outro lado, é por meio do jornalismo atual que as pessoas têm contato com o mundo e recebem as informações e vivenciam seu lazer. Essa é a principal forma de contato com os acontecimentos, numa sociedade tão complexa.

O jornalismo conquistou o *status* de principal e mais representativa narrativa da contemporaneidade. É fundamentalmente por meio dele que tomamos contato com as histórias e personagens do mundo atual. As narrativas jornalísticas são importantes porque são elas que nos colocam em contato com nossas próprias experiências, medos, virtudes e fraquezas, provocando efeitos catárticos e de identificação e despertando sentimentos muitas vezes escondidos. (MOTTA, 2004, p. 105)

Em sua análise sobre os efeitos do telejornalismo no país, Guilherme Jorge de Rezende destaca que, no caso brasileiro, a TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação. “Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população” (2000, p. 23). Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário vigente da década de 1960 até meados da de 1980, a imposição de uma homogeneidade e até mesmo a alta qualidade de nossa teledramaturgia (REZENDE, 2000, p. 23). Mais do que prestígio, a TV parece ser a única forma possível de obter informações para boa parte da população, já que um estudo realizado pelo Ibope revelou que apenas 25% da população adulta domina habilidades de escrita e leitura¹² (IBOPE, 2004).

Por isso a televisão é o veículo mais popular como forma de entretenimento, atualização e obtenção de informações e o telejornal desempenha papel fundamental na produção e divulgação de informações atualmente no país. “Fatias extremamente consideráveis da população tomam conhecimento das notícias da sua cidade, da sua região, do seu país, bem como do resto do mundo, assistindo diariamente a um dos programas de jornalismo veiculados pelas emissoras de televisão existentes” (SQUIRRA, 2004, p. 11).

Marcondes Filho chama a atenção para o fato de que os noticiários ocupam o segundo lugar no gosto do público, depois do drama, e que talvez seja por isso que são produzidos como espetáculos.

Quando os meios de comunicação relatam, por exemplo, um movimento social reivindicatório, o fazem como um espetáculo, um *show* de atrações de circo, e o vendem ao grande público como um acontecimento social. Políticos, especialistas, homens do povo e artistas aparecem no vídeo como malabaristas, palhaços, domadores e mágicos. Por seu caráter *festivo*, esses fatos, sem quaisquer vínculos com a realidade imediata do telespectador, são

¹² Pesquisa desenvolvida pelo Grupo Ibope, a ONG Ação Educativa e o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), apresentada e discutida no Congresso Brasileiro de Pesquisas de Mercado, Opinião e Mídia, realizado em São Paulo, em março de 2004.

politicamente esvaziados. [...] O cenário, o apresentador, as cores e todas as 'informações paralelas' neutralizam as notícias. (MARCONDES Filho, 1988, p. 52)

E é para dentro desse complexo universo que é levada a cultura regional, com suas peculiaridades, seus sentidos, sua importância como articuladora dos elos entre os membros da comunidade. As mídias, em especial a televisão, demonstram interesse pelos elementos tradicionais, espontâneos, populares e folclóricos. A pesquisadora Cristina Schmidt afirma que as referências folclóricas das diversas localidades nacionais ou internacionais se acentuaram como pauta para a formatação e criação de produtos midiáticos como novelas, matérias jornalísticas, debates, desafios, roteiros turísticos, modas.

A inserção midiática, entretanto, propõe uma cultura sempre diferente, mas nem sempre nova e original, pois incorpora imagens do mundo globalizado sem perder as singularidades nacionais, regionais ou locais. Nesse contexto, não há a perda total das raízes ou da identificação, ocorre a universalização de alguns elementos e a substituição de outros, para o que Octavio Ianni (1993) chama de 'novo folclore cosmopolita'. (SCHMIDT, 2003)

E a maior rede de televisão do país, a Rede Globo, tem um amplo alcance em todo o território nacional, com 121 emissoras, entre geradoras e afiliadas, abrangendo todos os 5.560 municípios brasileiros.¹³ Chega também a cerca de 130 países em todos os continentes. A TV Globo alcança 74% de *share* no horário nobre, 56% no matutino, 59% no vespertino e 69% de *share* de audiência no horário noturno. A Rede define seu jornalismo como o retrato fiel dos fatos, dentro do discurso legitimador do segmento:

Agilidade, planejamento e ética na busca da verdade. Com isenção e imparcialidade, o jornalismo da Globo faz um retrato fiel dos acontecimentos mais importantes do Brasil e do mundo. Os telejornais da Globo são a janela da família brasileira para o mundo: 80% da população se informa pela TV; por isso, a Globo leva ao

¹³ Número de municípios de 2001 (IBGE, 2004).

telespectador cinco horas diárias de telejornalismo ao vivo, em nove telejornais, cinco deles de rede. (REDE GLOBO, 2006)

Como se pode perceber, em sua proposta de valorização da cultura regional e representação da comunidade, a TV Vanguarda está inserida dentro de um complexo midiático de amplitude mundial.

Hoje, a Rede Globo, líder de audiência e com cobertura em todo o país, investe milhões de dólares na implantação de emissoras afiliadas por todo o território nacional, com espaço para veiculação de conteúdos locais. Sua afiliada, a TV Vanguarda se destaca como uma das emissoras de maior potencial entre as afiliadas da Rede Globo e representa, em seu mercado, cerca de 67% do investimento publicitário em TV, com participação de audiência superior a 50% em qualquer faixa horária. (RETT, 2002, p. 2)

Ou seja, trata-se de uma emissora regional, inserida num contexto maior, de uma emissora com rígidos padrões técnicos e de “qualidade”, e que se propõe a assumir um forte compromisso com a comunidade.

Como afiliada da Rede Globo, a Vanguarda leva aos seus espectadores o melhor da TV Brasileira. Mas tem programação própria, **bem regional**. Coloca no ar, diariamente, 4 telejornais com **noticiário local**. Produz vários programas semanais exclusivos, voltados para nossa gente. E ainda os especiais, resgatando personagens e histórias da terra ou aprofundando temas da maior importância para a comunidade. (TV VANGUARDA, 2006, grifo nosso)

Como afirma Grossi, no atual contexto de complexidade das sociedades, foi aumentando a existência de fatias e de pacotes de realidade que os indivíduos não vivem diretamente nem definem interativamente em termos de vida cotidiana. “Mas que vivem exclusivamente em função ou através dos meios de comunicação de massa” (GROSSI, 1983, apud WOLF, 2002, p. 146). Por isso, podemos dizer que é por meio da TV principalmente, que o valeparaibano vai construir suas visões de mundo sobre a Folia de Reis.

1.3.2 A questão da temporalidade

Como resultado e ao mesmo tempo alavanca da atual sociedade de consumo da informação, o telejornal tem no tempo seu principal aliado e seu maior algoz. O trabalho sempre em busca do tempo imediato confere ao telejornal sua característica de “testemunha” dos fatos, mas também é o elemento que lhe impõe rígidos formatos. O que acontece com a festa tradicional, com a manifestação popular originada em outro tempo, com uma outra temporalidade, quando é transformada em notícia? Qual é a compreensão que se pode ter da Folia de Reis, de seu sentido, de seu valor, quando um evento que dura, no mínimo, 13 dias (diferença de tempo entre o início das peregrinações e a festa da chegada) é resumida em uma matéria de 2 ou 4 minutos?

Milton Santos afirma que cada sociedade cria o seu tempo “através de suas técnicas, através do seu tempo, através das relações sociais que elabora” (1997, p. 15), sendo assim possuímos várias temporalidades num mesmo momento histórico. E isso é fácil de perceber no Vale do Paraíba, região que reúne tecnologia e desenvolvimento industrial e cidades pequenas, antigas e com grandes resíduos de tradição. Cidades onde convivem os jatos e as charretes, produzidos na região; os ônibus e as bicicletas, como meios de transporte; a boate e a praça, como locais de encontro; o asfalto, o paralelepípedo e as estradas de terra, com suas trilhas e caminhos de acesso; transeuntes sem pressa, cadeiras ainda colocadas na calçada, homens a trocar idéias na praça e nas portas de estabelecimentos comerciais. É possível perceber o tempo lento nessas cidades. E um tempo ainda mais lento, ainda mais arcaico, ainda que hoje já adaptado ao universo urbano, é o que caracteriza a Folia de Reis.

A invenção do relógio é apontada por Giddens como um referencial importante para a transição das sociedades tradicionais para as modernas. Refere-se a um tempo rigidamente marcado pelo relógio, que caracteriza um tempo linear, social e artificial, que permite uma medida de tempo universal. As manifestações da cultura regional, como a Folia de Reis obedecem a um outro tempo, o tempo sazonal, cíclico. É uma festa do período do Natal. Ela começa no dia do nascimento de Jesus e termina no dia do encontro dos Reis Magos com o Menino Deus. Os

cantadores e foliões saem com a bandeira, seus instrumentos e palhaços em peregrinação pelas casas, abençoando os presépios e arrecadando doações para a Festa da Chegada, uma festa de caráter aberto, em que toda a comunidade é convidada. Hoje, devido ao tempo urbano, os cantadores saem principalmente à noite e nos finais de semana. Por isso, começam as visitas mais cedo, por volta de novembro.

Nelson Brissac Peixoto pergunta se as imagens da TV teriam a possibilidade de evidenciar o passado, se poderiam durar mais e não passar tão rapidamente por nossos olhos. Para ele, o aceleração das imagens seria tanto causa como efeito do aceleração da vida contemporânea, tendo na origem desse fenômeno, a crescente informatização de um mundo, em que não há mais a possibilidade de contemplação. Observar um quadro, uma paisagem exige tempo e distância. Mas na TV a imagem passa em frações de segundos.

Assistimos à TV com uma atenção dispersa, sem concentração, apenas deixando que aquele fluxo ininterrupto nos atravessasse. A televisão é este contínuo de imagens, em que o telejornal se confunde com o anúncio de pasta de dentes, que é semelhante à novela, que se mistura com a transmissão de futebol. Os programas mal se distinguem uns dos outros. O espetáculo consiste na própria seqüência, cada vez mais vertiginosa de imagens. (PEIXOTO, 1991, p. 77)

No caso do jornalismo, a questão da temporalidade, como afirma Sodré, faz parte da natureza da notícia, que se apropria industrialmente do tempo. “Para que o fato se transforme em notícia, é preciso que tenha sido *recentemente* apurado, *imediatamente* publicado e *distribuído* à sociedade global” (2001b, p. 136, grifo do autor). A notícia é trabalhada com uma percepção centrada da atualidade e com foco na circulação rápida da informação. Uma extensa pesquisa produzida por Sylvia Moretsohn mostrou o papel do jornalismo na fetichização da velocidade. Para ela, a competição pela notícia em primeira mão, fundada nos princípios capitalistas baseados na definição de Marx e relacionados à economia de tempo, deram origem a tal fetiche. Segundo a autora, o principal 'valor notícia' é chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, “num *continuum* vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes empresas de comunicação. [...] No aspecto mais

visível, relacionado à idéia de que os fatos falam por si, tais como aparecem no jornal, ocultando o processo de produção de sentido” (MORETSON, 2002, p. 15).

O tempo está associado ao processo de produção industrial. Mesmo tendo como objeto de estudo o telejornal regional, as notícias são produzidas segundo padrões mundiais, que em vez de dar abertura para destacar as diferenças culturais, formata-as rigidamente partindo dos mesmos modelos. “As matérias, de modo geral, seguem o padrão televisivo brasileiro, que cria um *timing* extremamente rápido e superficial para os temas abordados, não permitindo uma avaliação mais elaborada” (SILVA, 1997, p. 34). Traquina afirma que as notícias são realizadas “com a utilização de padrões industrializados, ou seja, formas específicas que são aplicadas aos acontecimentos” (2001, p. 30). Ele cita, por exemplo, o uso da pirâmide invertida, o fator tempo (entendido como o tempo frenético e repetitivo entre a definição do tema e o fechamento) e a definição do que é notícia.

Para Rezende, a necessidade de padronizar as notícias em formatos rígidos, atende somente aos interesses comerciais dos conglomerados comunicacionais, uma vez que facilita o consumo e o processo de produção da informação. Para o autor, “o importante é prover o consumidor de notícias-produtos”, compatíveis ao ritmo acelerado, típico das grandes metrópoles, que reserva ao indivíduo pouco tempo para se informar (REZENDE, 2000, p. 66). Sodré também destaca a questão do formato, não como resultado de manipulação, mas como resultado de um conjunto de regras de produção, um código fundamental para que a notícia, um produto do mercado de informação, “seja globalmente legitimado como forma de conhecimento do tempo presente, do cotidiano” (2001b, p. 136).

Uma das características principais dos produtos de televisão é que eles seduzem, fascinam e absorvem não só pelos conteúdos – histórias, notícias, emoções, magia – mas também pela sua estrutura. “São produtos monopolistas, pois estabelecem no mundo inteiro as mesmas coordenadas, feitas segundo uma matriz, uma espécie de fôrma para fabricação de programas” (MARCONDES Filho, 1988, p. 41). Mesmo sendo regionalizada, as TVs trazem esses padrões, que são globais e universais. Arlindo Machado comenta que talvez não exista na televisão um gênero tão rigidamente codificado como o telejornal. Ele exemplifica com o caso do trabalho de dois videoartistas, que criaram o vídeo Cross-Cultural Television

(1987), montado com imagens de telejornais de todo o mundo. O que eles mostram é que “o telejornal se constrói da mesma maneira, se endereça de forma semelhante ao telespectador, fala sempre no mesmo tom de voz e utiliza o mesmo repertório de imagens sob qualquer regime político, sob qualquer modelo de tutela institucional (privado ou público), sob qualquer patamar de progresso cultural ou econômico” (MACHADO, 2000, p. 104).

Outro aspecto relativo ao tempo no telejornal está vinculado à questão da publicidade.

A onipotência do tempo decorre da necessidade de adequar a produção televisiva ao imperativo dos “reclames” (lembrando Faustão) publicitários, cuja unidade é o segundo. Entende-se, então, por que a linguagem da TV busca sempre se acomodar ao *timing* agilíssimo de seus comerciais e *jingles*. Surge daí um dos pressupostos soberanos da produção em TV, proclamado pelos publicitários “[...] tudo o que vale a pena ser dito deve ser dito em 30 segundos”. As evidências da prática desse princípio estão em todos os programas televisivos: as cenas de novelas, as notícias dos telejornais do horário nobre duram em média o tempo gasto por um comercial. (REZENDE, 2000, p. 34)

Se na era da Internet o que vale é informação mais rápida, até a informação virou descartável. A produção em massa de notícias, muitas delas sensacionalistas, com vocação para o entretenimento, e sem profundidade, gera apenas a ilusão de ser parte, de estar em tempo, a ilusão de um conhecimento aparente. É o que reafirma Arbex Jr, para quem o fim da fronteira entre informação e entretenimento obrigou o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias. “Ninguém que tenha acabado de passar pelo impacto visual proporcionado pelas mensagens da Coca-Cola ou Marlboro suportaria uma seqüência longa (mais do que trinta segundos) ou densa sobre algum evento” (ARBEX Jr., 2001, p. 51).

O que se percebe é que, no telejornal, o tempo se sobrepôs à notícia:

O ritmo veloz de produção gera ainda outras conseqüências importantes: obriga o repórter a divulgar informações sobre as quais não tem certeza; reduz, quando não anula, a possibilidade de

reflexão no processo de produção da notícia, o que não apenas aumenta a probabilidade de erro como, principalmente e mais grave, limita a possibilidade de matérias com ângulos diferenciados de abordagem, capazes de provocar questionamentos no leitor; e, talvez mais importante, praticamente impossibilita a ampliação do repertório de fontes, que poderiam proporcionar essa diversidade. (MORETSON, 2002, p. 50)

Norval Baitello Jr. propõe um outro olhar, ao enfatizar que o que caracteriza um texto da cultura é sua temporalidade, que é uma construção sígnica, que se expressa por meio de encadeamentos e ordenações sígnicas, não necessariamente lineares.

A temporalidade, enquanto princípio ordenador, pode ser escolhida, estabelecida, e esta temporalidade constitui o princípio ordenador de um objeto ímpar, único, cujo significado se desfaz se se desfizer seu tecido. Assim, o texto não é um conjunto, uma somatória de elementos discretos, mas sim o resultado de uma interação de elementos e sua projeção temporal. Um signo único não será portanto um texto se não for visto em um percurso, em uma relação temporal ou espacial, dialogando consigo próprio ou com outros signos [...]. Assim, o texto da cultura – mitos, pinturas, romances, danças, rituais, etc. – se constrói no diálogo, na operação interativa entre seus componentes subtextuais, no diálogo entre signos e dos signos com o seu percurso histórico. (BAITELLO, 1997, p. 42)

Assim, ao trabalhar a cultura, deve-se respeitar esses princípios ordenadores, essa temporalidade e esse diálogo entre os signos, para manter seu sentido. Mas não é o que ocorre quando se trata de mídias. O próprio Baitello afirma que a atividade dos meios de comunicação de massa tem um papel fundamental na marcação do tempo e na determinação do ritmo da sociedade contemporânea, regulamentando relações, convencionando significados e valores e, portanto, estabelecendo ordem, tecendo relações (1997, p. 97). “Estes suportes [sistemas de notícias, desde a sua geração até a sua chegada ao receptor, jornais, emissoras de rádio e televisão, redes etc.] atuam invariavelmente como demarcadores do tempo

de vida dos indivíduos, sincronizando suas atividades dentro de um todo maior” (BAITELLO, 1997, p. 100).

Com isso, as mídias imporiam um ritmo e um roteiro que não são naturais aos fatos:

A expressão do tempo, tal como aparece nos meios de comunicação e no jornalismo, é uma representação específica, que paga aos acontecimentos apenas o tributo da verossimilhança. Sua função primordial não é a de informar sobre os temas que noticia, mas de sincronizar a sociedade e, para tanto, deve impor aos consumidores da mídia a visão do tempo específica desta cultura. (SERVA, 2001, p. 127)

No caso do Vale do Paraíba e da Folia de Reis, tanto o ritmo dos receptores, como dos agentes dos acontecimentos é outro, em relação ao tempo dos emissores de informação. Por isso, os fatos em si aparecem, como diz Serva, “desajustados no papel que lhes é destinado pela mídia 'do outro'” (2001, p. 128).

É Baitello quem nos explica que cada cultura pode definir o seu próprio padrão de tempo. “Há culturas voltadas para textos futuros. Há também aquelas que se centram no presente e seus textos. Também existem culturas que se fundam na memória e nos textos passados” (1997, p. 101). Ele explica que as culturas voltadas para o texto 'futuro' são do tipo messiânico e todo seu passado e presente são redimensionados para o que vai acontecer nesse futuro. As culturas com foco no presente são aquelas que descartam o passado, marcadas por uma sucessão de códigos em grande velocidade, em que as informações históricas se perdem. “As técnicas ditam as normas, a tecnologia se confunde com o saber” (1997, p. 101). As culturas voltadas para o passado são as de caráter heróico-míticas. “Fundadas num tempo memorável dos deuses e heróis, aos quais devemos nossa existência e nosso saber” (BAITELLO, 1997, p. 101).

Serva faz uma comparação da cultura brasileira – que como um todo, pode se inserir num destes primeiros dois casos: voltada para o futuro ou para o presente – com a iugoslava, que tem foco no passado. De maneira similar, podemos fazer a mesma comparação da cultura brasileira e do ritmo da mídia nacional, messiânica ou com ênfase no texto presente, que, sem dúvida, tem um ritmo diferente da

manifestação popular regional, mais especificamente a Folia de Reis, que é um texto do passado, com um relato heróico-mítico. Assim, para Serva, os meios de comunicação aplicam a essas culturas que têm um outro ritmo, uma noção evolutiva de tempo, com a idéia de fatos em constante evolução, que está alinhada com sua proposta de ser consumida. “Uma impressão de tempo 'circular', de fatos que se repetem com regularidade, não imporá a necessidade de consumo continuado – interrompendo o sistema econômico que constitui a mídia contemporânea. Para sobreviver como tal, os meios precisam fazer o tempo andar, mesmo que ele se recuse” (SERVA, 2001, p. 129)

1.3.3 O contexto telejornalístico

A relação da manifestação cultural regional com sua própria notícia no telejornal encerra dois sintomas referentes ao contexto. O primeiro é decorrência do próprio formato do telejornal, que dentro de sua aparente organização interna, insere a notícia da festa entre crimes, escândalos políticos, intervalos publicitários. Mergulhada nessa profusão de imagens e informações, o contexto da festa se perde. Outro sintoma é decorrente do formato da notícia e da forma como se estrutura, desde a captação de imagens e informações até a edição do que aparentemente interessa ao público, selecionado pelos olhos de editores e jornalistas, que escolhem o que deve ser contado e como deve ser contado.

No primeiro caso, em que a descontextualização é provocada pela inserção da notícia da festa entre tantas outras, Marcondes Filho avalia que a televisão torna muito mais clara e transparente a característica anárquica do jornal. “A essência da imprensa é misturar as coisas, desorganizar a estruturação racional da realidade e jogar o leitor num amontoado de fatos desconexos sem nenhuma lógica interna”. Ao lado das manchetes que falam dos saques a estabelecimentos comerciais, do aumento dos roubos e assaltos, das greves, da indisciplina cível e do terrorismo convivem pacificamente manchetes sobre vedetes, novos casamentos de artistas de TV, sugestões para ganhar na loteria e a vitória arrebatadora do time de futebol (1988, p. 53-54).

Ele ressalta que a anarquia do telejornal surge logo na apresentação de suas pequenas manchetes – *chamadas* – que se anunciam durante o noticiário (no caso do impresso, sua anarquia se mostraria logo na primeira página).

É uma miscelânea de diversos assuntos, apresentados um após outro, sem que o telespectador tenha tempo de pensar e refletir sobre cada um deles. Mal são transmitidos, já vem outra notícia, completamente diferente, que distrai outra vez o receptor, e assim até o final. Ninguém se informa seriamente de nada; só se tem a *impressão* de ficar informado. (MARCONDES Filho, 1988, p. 54)

Para Requena (1995, p. 22), a fragmentação a que se submete o discurso televisivo é bastante funcional aos interesses publicitários. Tudo é dirigido para que o telespectador absorva facilmente os *spots* que são construídos com formatos rápidos, ágeis e fugazes. Essa lógica, além de comprometer a continuidade narrativa da programação, acaba por modificar toda a produção televisiva.

Outro sintoma do telejornal com relação à alteração do contexto da festa é referente ao evidente mecanismo de fragmentação, que Marcondes Filho define como “um mecanismo de produção da notícia segundo o qual o fato é retirado do meio ou do contexto em que se originou e tratado como notícia isolada [...]. Essa forma de noticiar reduz o fato a apenas um fragmento de um evento maior” (1988, p. 54). O jornalismo fragmentado e transmitindo o fato assim, como um 'pedaço', faz uma exposição *falsa* da realidade, porque sonega informações importantes para sua compreensão.

Leão Serva afirma que, ao apresentar os fatos de forma isolada e descontextualizada, os meios informativos não só negam uma apreensão mais completa da notícia, como também produzem uma percepção alterada dos acontecimentos ao longo do tempo. Na busca pela novidade e pela idéia de apresentar notícias sempre “quentes”, “o jornalismo sistemática e necessariamente, produz relatos sobre os fatos que os retiram de sua organicidade, de seu lugar na sucessão dos acontecimentos. E por decorrência, o noticiário essencialmente nega ao leitor ferramentas importantes para uma eventual compreensão deles” (SERVA, 2001, p. 125).

Arbex reforça essa posição, ao contar os resultados da VII Conferência Nacional sobre Direitos Humanos, realizada em 2002, em que atuou como relator, do grupo “A violência e sua superação no âmbito da mídia”. O encontro contou com a participação de diversas minorias (homossexuais, índios, negros) além de grupos que se sentem tratados com discriminação e preconceito pela mídia. Arbex Jr. afirma que os relatos desses grupos proporcionam um mapa desse mundo fabricado pela mídia como uma caricatura. “É um mundo asfixiante, em que os fatos são tirados de seu contexto concreto e transmitidos como se fossem eventos fragmentados, sem qualquer vínculo com a história, com a sociedade, com a economia” (2003, p. 386). Ele afirma que a indústria cultural sufoca a produção cultural local, impõe gostos, sanciona e dá visibilidade a jornalistas e intelectuais que sustentam suas idéias e valores. Durante os debates, vários participantes lembram o impactante papel do âncora da televisão ou do especialista da imprensa escrita, no sentido de conferir credibilidade às notícias e de “organizar a imensa profusão de dados, dispensando o leitor/telespectador do trabalho de pensar e refletir criticamente sobre os dados” (ARBEX Jr., 2003, p. 389).

Isso fica bastante evidente no caso da notícia sobre uma festa popular, como destaca Luiz Roberto Alves:

Uma festa não é uma festa; é um ritual de busca de identidade. Quem acompanha a preparação de uma festa popular, da manhã à noite, dia após dia, semana após semana descobre a busca de uma identidade em cada gesto, em cada som, quer na preparação das comidas, das máscaras, das roupas, dos adornos. Mas nada disso será descoberto no ato fragmentário de algumas cenas. Só o projeto todo é identificador. Desta maneira, transpor cenas de festas populares para a TV ou para a passarela e os palcos implica em descartar qualquer chance de *conhecimento* (grifo do autor) do folclore e da cultura popular subjacente àquelas práticas. (ALVES, 1986, p. 130)

Outro aspecto que Marcondes Filho ressalta é a política das emissoras de TV que modelam a realidade segundo seus interesses, recolhendo os fatos da realidade e criando uma nova realidade com as notícias produzidas. “O telejornal só extrai da matéria a parte que lhe interessa” (1988, p. 56). Nesse aspecto, o editor acaba

assumindo uma posição de grande poder, pois não só decide o que vai e o que não vai ao ar, mas com que enfoque o assunto será abordado. “Ele traduz e transforma a realidade social segundo os interesses da empresa e, normalmente, segundo suas posições políticas e ideológicas” (MARCONDES Filho, op. cit.)

O noticiário gera um novo contexto para o fato ao enquadrá-lo no formato determinado pelo telejornal.

A fragmentação dos conteúdos e da imagem da realidade social situa-se, exatamente, entre esses dois movimentos: por um lado, a extração dos acontecimentos do seu contexto; por outro, a reinserção dos acontecimentos noticiáveis no contexto constituído pela ‘confeção’ pelo formato do produto informativo. (WOLF, 1994, p. 219)

Arbex Jr. afirma que a mídia cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos telespectadores como se esta fosse a própria narrativa do mundo. “Os fatos, transformados em notícia, são descritos como eventos autônomos, completos em si mesmos. Os telespectadores, embalados pelo 'estado hipnótico' diante da tela da televisão, acreditam que aquilo que vêem é o mundo em estado natural, é o próprio mundo” (2001, p. 103). E esse processo, como defende o autor, vai sedimentando um imaginário, construído pela mídia, composto por uma série de símbolos e signos, de referências culturais, sociais, políticas e artísticas que “prefiguram a constituição de uma espécie de memória coletiva 'globalizada' em um mundo cada vez mais desterritorializado” (ARBEX Jr, 2001, p. 102).

Outro aspecto envolvido no processo de descontextualização é a simplificação das notícias. Para Felipe Pena, os telejornais buscam no coloquial recurso para uma comunicação mais eficaz. “Na TV, a notícia é elaborada para ser assistida na totalidade, como um grande 'lidão'. Mas o lide é subvertido, pois não há preocupação como fato mais importante, mas sim com o mais sedutor ou dramático, que pode prender a atenção da audiência...” (2005, p. 85-86). Ao contrário do que se pretende, a simplificação acaba impedindo a contextualização e o entendimento e reforça a superficialidade, a banalização e a espetacularização.

Dessa forma, o jornalismo cria uma outra história, diferente da original porque sofreu uma série de mutilações. É aqui, principalmente, que se encaixa o conceito

de segunda natureza do fato, segundo Marcondes Filho. “A imagem que toda a população acaba construindo de seu país, de sua cultura, de seu povo é fortemente influenciada e, em alguns casos extremos, completamente forjada por essas informações inexatas, tendenciosas e deturpadas” (1988, p. 56). Por isso, percebe-se que a função do telejornal não é a de noticiar nem divulgar os fatos que interessem à sociedade, mas a de moldá-los, esticá-los ou comprimi-los, reproduzindo assim, a vida política e social conforme os critérios ideológicos e particulares de jornalistas, proprietários e patrocinadores.

A divulgação de eventos populares também está subordinada a estes critérios. Ou seja, a cultura regional é apresentada segundo óticas diferentes do processo de informar ou de trazer seu sentido ao conhecimento do público, base do discurso jornalístico, mas atendendo a outros interesses, tendo no mínimo, o caráter da espetacularização.

Os órgãos de Governo e particulares da comunicação de massa e do turismo estão se apropriando de rituais comunitários, alguns dos quais de natureza religiosa e outros espetáculos dirigidos aos públicos tradicionais, para convertê-los em espetáculos de massa, aproveitando-se da condição de pobreza e mesmo de miserabilidade dos integrantes dos grupos tradicionais. Aparentemente, tais apresentações podem ser consideradas propícias à divulgação e à preservação da cultura popular. No fundo, entretanto, estão estabelecendo a dependência das apresentações ao modelo encomendado pelos órgãos promotores, que privilegiam os aspectos visuais do espetáculo, em detrimento da diversidade musical, coreográfica e cenográfica da tradição. Além do mais, quando se trata de rituais e não de espetáculos, há uma evidente mudança de função, da mítico-religiosa para uma função exclusivamente de espetacularização. (BENJAMIN, 2002)

1.3.4 O processo de seleção de imagens e edição

Uma festa no mínimo pitoresca. É assim que deve ser percebida a Folia de Reis para os que não conhecem a manifestação. Rica em cores, adereços,

máscaras, é um prato cheio para as câmeras de televisão. Na busca pelo impacto, pelas imagens vibrantes e fortes, o telejornal acaba deixando de lado o sentido da festa. É o que afirma Marcondes Filho ao destacar o efeito sofrido pelo telejornal com o desenvolvimento da televisão:

Com as mudanças tecnológicas da televisão, **o telejornalismo sofreu sensíveis alterações, sempre na direção de um impacto maior, de efeitos visuais e sonoros mais claros e da combinação de uma série de signos, de tal maneira a causar uma grande fascinação diante do público.** Assim, o telejornal trilhou, a partir do desenvolvimento da televisão na direção de sua linguagem, caminhos que o separaram totalmente do jornal escrito. (MARCONDES Filho, 1994, p. 48, grifo nosso)

A busca do impacto torna-se o elemento central da narrativa telejornalística e a seleção de imagens sensacionais está na base desse formato. Marcondes Filho diz que não se pode analisar a TV apenas a partir do texto, do conteúdo falado, do enredo. A fascinação é gerada pela *forma espetacular* com que as coisas são transmitidas, e a TV espetaculariza todos os acontecimentos, já que esta é sua forma de transmitir o mundo. "*As cenas de impacto não podem parar. A televisão não pode dar-se ao luxo de ser monótona. O tédio na televisão é algo que deve ser excluído, exatamente porque o outro lado da emissão, o do receptor, tem essa suscetibilidade perigosa*" (1994, p. 25, grifo do autor). O espetáculo encerra a lógica de todas as produções de TV – dos noticiários aos programas de calouros, das transmissões esportivas aos debates políticos. "O espetáculo não se define senão pela sua eficácia visual" (MARTÍN-BARBERO apud MARCONDES Filho, p. 41).

Para Nelson Brissac Peixoto, buscar a natureza da imagem televisiva é enfocar a questão da opacidade do mundo contemporâneo, que é resultado de sua permanente exposição, de coisas sempre expostas num "horizonte cada vez mais saturado", em que a televisão transforma "cada coisa em presença do todo". Para ele, a obsessão em retratar promove o seu contrário. "Não esclarece nada, não apreende nada, apenas redobra a obscuridade de um mundo já tomado por imagens. As coisas se banalizam, as imagens tornaram-se clichês e, carentes de sentido, se equivalem, perdem toda magia" (PEIXOTO, 1991, p. 73). E esse hiper-realismo implica, na realidade, em uma perda de real. "Na sua pulsão de apreender

imediatamente tudo o que está acontecendo, a TV acaba substituindo a realidade” (1991, p. 74). Esse esvaziamento também já foi destacado por Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio*.

A transformação do mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de espelhos, imagens que são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis. (CALVINO apud BOJUNGA, 1991, p. 214)

Isso leva ao fato de que “não são somente as complexidades de linguagens e escrituras da imagem, as imagísticas e os imaginários, mas também seu desgaste, o esvaziamento de sentido sofrido pela imagem submetida à lógica da mercadoria” (MARTÍN-BARBERO e REY 2001, p. 16). Além desse esvaziamento, esse regime de visualidade produziria também, o ocultamento do real produzido pelo discurso audiovisual da informação, em que os elementos simbólicos, elo entre o passado e o presente, são substituídos pela fragmentação exigida pelo espetáculo, “que transforma o desejo de saber em mera pulsão de ver” (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 17).

No telejornalismo, as técnicas de edição são utilizadas para compor esteticamente a notícia. Trata-se de uma segunda realidade baseada na composição e manipulação estética e ideológica da imagem, que, como diz Morin, “se desenvolvem mais sobre o tecido do imaginário que sobre o tecido da vida prática” (1981, p. 45). Assim como na televisão, o telejornalismo constrói uma narrativa editada e fragmentada com as melhores imagens dos momentos mais marcantes do cotidiano (ou os que se quer marcar), com direito a BG, locução em *off*, *fade in*, *fade out*, fusão, superposição, corte seco, caracteres, vinhetas, *slow-motion*, congelamento de imagem (só para citar o trivial das possibilidades técnicas das mesas de edição), coisas que não fazem parte da experiência vivida, mas que passam a fazer parte da realidade daquilo que de fato aconteceu ('eu vi na tevê'), pois o (tele)jornalismo trabalha com o princípio da verdade dos fatos; ele precisa ser, em tese, fidedigno à realidade que representa (FEITOZA, 1996, p. 13-14).

Além da composição estética, Leão Serva chama a atenção para o processo de organização de idéias, que propõe a edição. Ele afirma que a imprensa procura

organizar a realidade, ordená-la, dispondo “as notícias que emergem do acaso em um plano organizado, hierarquizado, categorizado” (2001, p. 54). Essa edição, para Serva, nada mais é que a organização das informações conforme as regras do meio e do veículo e conforme a lógica do grupo responsável pela edição, de acordo com compreensão que esse grupo tem dos fatos. Ele cita Schramm e Porter:

A mídia de massa seleciona e processa informação para torná-la disponível o mais depressa possível. Essa seleção lhe dá o controle do fluxo de informação que circula pela sociedade. Os pontos de controle estão em todos os níveis, indo do repórter que seleciona os fatos ao editor que decide o que eliminar, ao *cameraman* que escolhe para onde apontar a câmara, ao editor de vídeo que deixa uma parte deste material no chão da sala de corte. [...] Em nenhuma outra parte esse processo de seleção é tão dramático como na atividade jornalística. (SCHRAMM e PORTER, 1991 apud SERVA, 2001, p. 58)

Nesse sentido, os fatos são levados ao telespectador, que fica sabendo o que ocorre no mundo, mas não detém a essência do que foi narrado, pelo contrário. “A dificuldade de entendimento que muitos leitores revelam mostra que o jornalismo não organiza o fato e o caos. Embora procure ser um espelho organizado e classificado do mundo, a imprensa, por seu sistema essencial de produção, mantém e, mais ainda, gera confusões na cabeça de leitores” (SERVA, 2001, p. 60).

Serva afirma que “a edição da notícia se pauta por critérios jornalísticos, que não são os da história, da natureza, da razão intelectual ou de qualquer outra forma de pensar o mundo” (2001, p. 61). Assim, o formato jornalístico, noticioso se esgota em si mesmo, já que para “compreender o mundo pelo modelo da imprensa não significa compreendê-lo de fato, mas apenas isso, 'compreender o mundo pelo modelo da imprensa', um fim em si” (SERVA, 2001, p. 61). Com isso, apesar de estarem expostos a uma grande quantidade diária de notícias, nem por isso os leitores compreendem realmente a natureza dos fatos que consomem. Para Serva, isso acontece principalmente porque a história, e no nosso caso podemos aplicar o conceito à questão da tradição, não é parte dos componentes essenciais do jornalismo, “por omissão, sonegação, submissão ou redução” (2001, p. 63).

As imagens e sua seqüência são escolhidas segundo critérios que atendem às necessidades e interesses do veículo e dos grupos que representa, recriando um novo sentido. “É o fato de que as imagens tecnicamente elaboradas se apresentarem como um mundo realizado, fechado sobre si mesmo, que está na origem de um dos mecanismos da sedução que as imagens exercem sobre nós, envolvendo-nos totalmente como num mundo acabado e fechado sobre si próprio” (RODRIGUES, 1994, p. 123).

Os procedimentos técnicos envolvem o público, seduzindo-o por meio do real construído pela seleção de imagens e sua reordenação no telejornal.

O que importa, nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão. Como no videoclipe, uma sucessão de imagens é “costurada” de maneira aparentemente aleatória, mas que em seu conjunto reforçam uma certa mensagem. [...] No caso do telenoticiário, as imagens reiteram uma certa percepção de mundo (mulheres com véu no Islã, negros famintos na África, “bandidos” negros, etc.). O que se fixa, na memória do telespectador, são *flashes*. (ARBEX Jr., 2001, p. 53)

Essa busca do sensacional também é ressaltada por Bourdieu, que afirma que o espetacular da televisão coloca em cena, em imagens, um acontecimento e, assim, exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico. Isso acaba também por reforçar, o preconceito, já que em relação aos subúrbios, o que sempre interessará são as rebeliões (BOURDIEU, 1997, p. 25), ou podemos complementar que na representação da festa popular, o que interessam são as imagens burlescas, pitorescas.

Peixoto comenta que o efeito *zapping*, que consiste na prática de mudar de canal a todo o momento, reflete a impaciência do espectador. “Uma ânsia de evasão, uma busca frenética da surpresa, que implicam verdadeira obsessão pelo corte, pela trituração de tudo o que é homogêneo. As imagens aparecem para ele como fragmentos ou trailers de histórias que nunca acontecerão por inteiro” (1991, p. 77). Para ele, esse fenômeno, que ele chama de dissolução, acaba contaminando a própria produção dos programas, que deixam de ser narrativas conclusivas e passam a confundir gêneros e formatos. “Nada se complementa mais” (PEIXOTO,

op. cit.). Isso resultaria uma certa homogeneidade estrutural básica das imagens e sons televisivos.

Para Peixoto, essa “falta de inteireza do fluxo imagético televisivo” coloca em pauta uma questão ética e não apenas estética nas nossas relações com a mídia, em que se faz necessário resgatar a integridade das imagens. “Integridade das imagens entendida não só como unicidade, mas também como a capacidade de serem verdadeiras. Imagens que nos digam a verdade. Imagens que [...] nos restituam, depois de todos estes processos midiáticos desagregadores, um pouco de real e de mundo” (PEIXOTO, 1991, p. 77-78). Ou seja, imagens que ajudariam a entender o sentido da Folia de Reis.

CAPÍTULO 2

TV REGIONAL E CULTURA REGIONAL

Dois aspectos marcaram o desenvolvimento da TV no Brasil: seu crescimento sob a proposta de integração nacional e sob forte influência de rígidos padrões de qualidade. E ambos caminham em sentido oposto à regionalização, à medida que valorizaram e imprimiram uma padronização aos formatos e conteúdos televisivos, negando diferenças regionais e promovendo a criação de uma identidade nacional única.

A regionalização da TV é um fenômeno recente e, por isso, faz-se necessário entender como vem acontecendo esse novo processo, já que se trata de um veículo de massa, de teor globalizante, inserido no contexto local. Assim, antes de analisar como a televisão regional retrata a cultura em que está inserida, faremos um breve relato da história desse veículo no Brasil sob a ótica da integração nacional, até chegar ao momento mais recente, em que essa mídia se insere na região, em busca de novos mercados e novas alternativas.

Nesse sentido, vamos também contar a história da TV Vanguarda, a mais antiga emissora no Vale do Paraíba, líder de audiência na região, que é afiliada da Rede Globo, emissora que foi o principal sujeito no processo de integração nacional e padronização. A TV Vanguarda acaba de passar por mudanças, e hoje é de propriedade da família de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.¹⁴

Para entender o papel da TV nesse novo cenário e como veiculadora da cultura regional, vamos traçar um panorama do Vale do Paraíba, seu contexto histórico, sua formação cultural, a importância e o sentido de suas tradições, com destaque para a Folia de Reis.

¹⁴ Essa relação será tratada com mais profundidade no item que aborda a TV Vanguarda.

2.1 Televisão no Brasil: do nacional ao regional

A televisão chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950, com a inauguração da TV Tupi Canal 3, em São Paulo, trazida pelo empresário de comunicação, Assis Chateaubriant,¹⁵ proprietário dos Diários Associados. A TV Tupi foi a primeira emissora da América Latina e a quarta do mundo. Ainda na década de 1950, mais três emissoras instalaram-se em São Paulo: TV Paulista (1952, posteriormente comprada pela Rede Globo), TV Record (1953) e TV Excelsior (1959). No início dos anos 1960, já existiam 15 emissoras de televisão operando nas mais importantes cidades do país (MATTOS, 1990, p.12).

Como destaca Sérgio Mattos, a implantação da TV no Brasil acontece junto com um importante período de mudanças na estrutura econômica, social e política do país. Uma fase de desenvolvimento industrial que deu início a um forte processo de urbanização, com a migração de milhares de pessoas das áreas rurais para as áreas urbanas.¹⁶ Nessa época, era o rádio a principal fonte de informações da população.

A TV iniciou sua programação dentro de um modelo de televisão local, em função das limitações técnicas da época. “Até 1959 todos os programas veiculados eram produzidos, exclusivamente, nas regiões onde estavam instaladas as emissoras” (MATTOS, 1990, p. 12). Mas seu crescimento se dá sob o espírito da integração nacional, que predominava, desde os anos 1950, estimulado pela construção de Brasília e, posteriormente, pelos governos militares. É, então, a partir da década de 1960 que se inicia a fase de desenvolvimento da TV no Brasil, com o início da implantação da tecnologia de satélites, que vai intensificar o intercâmbio de informações entre regiões distantes.

¹⁵ Assis Chateaubriant era proprietário de um grande percentual do mercado dos meios de comunicação no país. Chegou a possuir 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão.

¹⁶ Em 1950, 20% da população era urbana, enquanto 80% vivia na área rural. Em 1975, 60% da população vivia nas cidades, enquanto 40% permanecia nas áreas rurais. Em 2000, cerca de 80% da população brasileira vive nas áreas urbanas (MATTOS, 2002, p. 26). Em 2004, 84,6% da população vive na área urbana e 15,4% na rural (IBGE, 2004).

Com o golpe militar de 31 de março de 1964, estabeleceu-se no país o regime militar (1964-1985), cuja ideologia enfatizava o nacionalismo e a necessidade de um governo forte central. Nessa fase, o Estado desempenhou um papel decisivo no desenvolvimento e regulamentação dos meios de comunicação de massa, criando a estrutura necessária para o desenvolvimento das telecomunicações, tanto do ponto de vista legal como técnico e operacional.¹⁷ “O regime militar contribuiu para o desenvolvimento técnico da televisão, a qual também foi usada para promover as idéias do regime autoritário” (MATTOS, 2002, p. 35).

Encarada como uma questão estratégica para a manutenção do poder e da unidade do país, a comunicação foi uma das bases da política, que buscou, por meio, principalmente da TV, a construção de um espírito nacional baseado na preservação das crenças, cultura e valores brasileiros.

Assim, pode ser dito que no Brasil, a curto e longo termo, as ações do regime militar para acelerar a ordem, progresso, segurança e promover a modernização (ações as quais incluem uma forte participação do Estado na economia, amizade e facilidades para investidores multinacionais, desenvolvimento das condições necessárias para a integração nacional através do sistema de telecomunicações) contribuíram direta e indiretamente, para o desenvolvimento da televisão brasileira. (MATTOS, 2002, p. 36)

O crescimento da TV Globo se dá principalmente nessa época. A Rede Globo de Televisão entrou no ar em 26 de abril de 1965, 15 anos após o surgimento da televisão no país e um ano após o golpe militar. Surgem também nesse período a TV Cultura (1964), a TV Bandeirantes (1967) e a TV Gazeta (1970). Os pesquisadores Silvia Borelli e Gabriel Priolli¹⁸ enfatizam que a implementação e a rápida expansão da Rede Globo, no Brasil, foram viabilizadas pela transferência de capital e *know-how* do grupo Americano Time-Life. “Até abril de 1966, mais de US\$ 5 milhões haviam sido recebidos para a montagem da infra-estrutura da TV Globo”

¹⁷ Na década de 1960, o governo militar criou o Ministério das Comunicações, a Embratel (1965) e o Conselho Nacional de Comunicação, além de inúmeras leis e decretos ligados à implantação da TV. Do ponto de vista operacional, em 1965, o Brasil associa-se ao Sistema Internacional de Satélite (Intelsat) e chega ao país o equipamento de videoteipe. Em 1968, é inaugurado o sistema de microondas que permite a interligação de todo o território nacional.

¹⁸ Coordenadores da pesquisa, realizada entre maio e julho de 1999, com foco em avaliar o comportamento dos índices da audiência da Rede Globo, do final dos anos 1960 aos 1990.

(2000, p. 54). Além do capital norte-americano, outro fator que determinou o desenvolvimento da televisão brasileira, em especial a Rede Globo, foi o apoio, de uma maneira geral, ao novo regime:

A TV Globo converteu-se na versão televisiva do capitalismo dirigido pelo Estado. A TV Globo manteve-se fiel a suas origens no curso de quase toda a ditadura. Proporcionava uma boa informação sobre as atuações do regime militar, como o desastroso programa de colonização da Amazônia com a Transamazônica e a vitória brasileira no campeonato mundial de futebol, em 1970, no México. A transmissão pela TV Globo de outros acontecimentos e vitórias que motivavam o orgulho nacional foi um elemento importante no controle e manipulação ideológicos da sociedade brasileira. (GUIMARÃES e AMARAL, 1989, apud PEREIRA Jr. e MULLER, 1997, p. 25)

Com a subida dos militares ao poder, houve todo um rearranjo de forças na sociedade e também um novo alinhamento econômico que interferiu diretamente no desenvolvimento da TV. Grupos fortes, até então, saem de cena: a TV Excelsior, do grupo Simonsen, sai do ar em 1969; e a TV Tupi, dos Diários e Emissoras Associadas, é extinta em 1980. “A TV Globo, por outro lado, beneficiou-se com a nova conjuntura, pois seu descompromisso com o regime anterior, sua parceria com o grupo *Time-Life* e seu novo modelo empresarial alinharam-se com perfeição às perspectivas ideológicas, de abertura e modernização da economia promovida pelo Estado” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 87).

Outro fator que favoreceu o desenvolvimento da TV, e em especial a Globo, já em franca expansão, foi o grande aumento das vendas de aparelhos receptores de televisão no país. Em 1968, houve um aumento de 48% em relação a 1967, totalizando cerca de 700 mil unidades vendidas. Em 1971, foram vendidos quase um milhão de aparelhos. Em 1972, a tecnologia da cor chegou à TV.

O crescimento da televisão brasileira nesta fase [década de 1970] pode ser medido através do número de residências equipadas com receptores de televisão. O censo nacional de 1980 constatou que 55% de um total de 26,4 milhões de residências já estavam equipadas com aparelhos de TV. O crescimento do número de residências com aparelhos de TV entre 1960 e 1980 foi de 1.272%.

Em 1989, segundo dados da ABINEE,¹⁹ existiam cerca de 20 milhões de televisores no País. Estes dados tornam-se ainda mais expressivos quando se sabe que 68,3% da população brasileira da época vivia em áreas urbanas, e que 73,1% de todas as residências urbanas estavam equipadas com televisores. (MATTOS, 1990, p. 17)

Em 1980, o sinal da Globo já chega a 75% dos aparelhos de televisão do país. Nessa época, surgem o SBT, em São Paulo, e a TV Manchete, no Rio de Janeiro. Em meados da década de 1980, existem quatro redes comerciais operando em escala nacional (Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT), duas regionais (Record, em São Paulo, e Brasil Sul, no Rio Grande do Sul) e uma rede estatal (Educativa).

Assim, representada por quatro ou cinco grandes redes, a televisão brasileira conseguiu não só impor-se como uma forma hegemônica de entretenimento e cultura, como “também realizar o sonho de integração nacional alimentado pelas elites políticas” (MACHADO, 1993, p. 254). Ligadas a conglomerados econômicos que incluem outras mídias e indústrias culturais, estas poucas redes monopolizam os sinais e não deixam espaço para qualquer alternativa diferenciada. Para Machado, como as emissoras públicas não têm como concorrer com as comerciais e não desenvolvemos outras modalidades de televisão, “a possibilidade de expressão das singularidades sociais ou culturais através desse meio são mínimas” (1993, p. 255).

Hoje, a Rede Globo conta com 121 emissoras em todos os estados do país.²⁰ Dessas, 115 são emissoras afiliadas que fazem o sinal da Globo chegar a 166 milhões de telespectadores potenciais de todo o território brasileiro. Conta com cerca de 8 mil funcionários e 88% da programação do horário nobre é de produção própria. São 600 equipes de reportagem totalizando 4650 profissionais²¹. “A *Gazeta Mercantil Latino-Americana*, de 3 a 9 de agosto de 1998, registrou a receita da Globo em 5,6 bilhões de dólares. Lucro: 316 milhões de dólares e o patrimônio de 1,4 bilhão de dólares” (CABRAL e CABRAL Filho, 2006, p. 59).

¹⁹ Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica.

²⁰ O SBT conta com 107 emissoras, a Rede Record tem 96 e a Band tem 79 emissoras (informações obtidas nos *sites* institucionais das redes, em 12 de janeiro de 2006).

²¹ FOLDER institucional: 40 anos de jornalismo Rede Globo.

E, como afirma a própria Globo, em seu *site*, sua grande força está no telejornal. “Os telejornais da Globo são a janela da família brasileira para o mundo: 80% da população se informa pela TV. Por isso, a Globo leva ao telespectador cinco horas diárias de telejornalismo ao vivo, em nove telejornais, cinco deles de rede” (REDE GLOBO, 2006).

2.1.1 O papel do telejornal na integração nacional

Desde sua implantação no país, a televisão deu grande importância ao telejornal que, por ser o espaço da informação e credibilidade, teve papel essencial no processo de integração nacional. O primeiro telejornal brasileiro foi ao ar no dia seguinte à inauguração da televisão no país, com o nome de *Imagens do Dia*. Entretanto, o primeiro telejornal de grande sucesso foi o *Repórter Esso*, da TV Tupi, criado em junho de 1953, e que já era um sucesso no rádio.

O telejornalismo também nasceu junto com a Globo e seu primeiro noticiário foi ao ar no dia da inauguração, o *Tele Globo*, com meia hora de duração. “O jornalismo, naquele momento, no entanto, tinha ainda um alcance regional, incipiente. A idéia de uma rede nacional ainda era um sonho” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 17).

Em 1º de setembro de 1969, surge o *Jornal Nacional*, primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil e que foi o grande marco do processo de integração nacional. Ele nasce em plena ditadura,²² fruto de um projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni. Em sua primeira exibição, ele já se apresentou “como um integrador do *Brasil novo, com imagem e som de todo o país*. Fechando a edição, reafirmava-se como um *serviço de notícias do primeiro jornal realmente nacional da TV brasileira*” (JORNAL NACIONAL: 15 anos de história, 1984 apud Borelli e Priolli, 2000, p. 51, grifo do autor).

²² Sua estréia aconteceu três dias antes do seqüestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, efetuado por militantes do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8) e da Aliança Libertadora Nacional (ALN).

Lançado para competir com o *Repórter Esso*, da TV Tupi, em pouco tempo se tornaria líder de audiência. Na época de sua estréia, “a Rede Globo já detinha a liderança absoluta de audiência: apresentava nove entre os dez programas mais assistidos no Rio e três entre os dez de São Paulo. Em 1971, a Rede Globo passou a exibir os dez programas mais assistidos nas duas capitais” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 23).²³ Em pouco tempo ele se tornaria “o maior destaque da programação jornalística da televisão brasileira” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 28). Hoje, o *Jornal Nacional* é espaço de programação de maior prestígio no mercado publicitário, veiculando os comerciais mais caros da televisão brasileira.

O jornal se beneficiou da tecnologia de transmissão à distância e do projeto de integração nacional dos militares, criando um noticiário que buscava unir as regiões do Brasil por meio da transmissão em rede, como afirma o ex-diretor da Globo, Boni. “Os militares queriam mostrar que o Brasil era um país de primeiro mundo e montaram a Embratel. Nós imaginamos que a primeira utilização óbvia dos enlaces de microondas seria o jornalismo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 28).

Uma reportagem da revista *Imprensa*, tida como um folclore político da época, ilustra essa situação: “O general-presidente, Emílio Médici certa vez afirmou que gostava de chegar em casa e assistir ao *Jornal Nacional*, onde via o Brasil transbordando progresso, numa situação privilegiada em relação aos outros países, em que se viam guerras e confusões.” (IMPRESA, maio de 1994 apud BORELLI e PRIOLLI, p. 54)

Desde o primeiro momento, a questão técnica era a principal preocupação de seus criadores. “Nós queríamos saber se tudo ia funcionar do ponto de vista técnico, estritamente técnico [...] Nossa preocupação em matéria de telejornalismo [...] não ia além da forma, do formato, da parte visual porque sofríamos restrições ao exercício da plena liberdade de informação” (JORNAL NACIONAL: 15 anos de história, 1984 apud BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 52).

O JN se cristalizou como o modelo do telejornalismo brasileiro. Foi o primeiro telejornal transmitido em rede nacional, incentivado pelos

²³ Nessa época, já havia sido realizada a primeira transmissão ao vivo via satélite, que aconteceu no dia 3 de março de 1969, com o lançamento da Apolo 9. No dia 20 de julho de 1969, pouco mais de um mês antes da estréia do *Jornal Nacional*, a TV Globo, em edições extraordinárias, mostrou a nave americana Apolo 11 pousando na lua. “Mais de 600 milhões de pessoas, no mundo inteiro, assistiam, ao espetáculo pela TV”. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 22)

militares no poder, que colocaram um pioneiro sistema de transmissão de satélite e microondas da Embratel à disposição das emissoras de TV, Globo à frente. O objetivo do governo era integrar a imensidão do território brasileiro através da televisão. O forte do JN, desde os seus primórdios, foi o padrão de qualidade das imagens e as reportagens produzidas em todos os cantos do país. O fraco era o tom notadamente "chapa-branca" do noticiário político, ainda que os caciques da Globo atribuam este defeito à censura exercida na época em toda a imprensa (IMPrensa, jun. de 1991, apud BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 52).

Ao longo de sua história, o telejornal teria conseguido, com base na questão tecnológica, compensar a questão da limitação do conteúdo entre a audiência. O padrão estético e os recursos gerados com a exibição em rede foram a base de seu sucesso por 20 anos e garantiram “a construção do padrão de confiabilidade e isenção do telejornal, que se valeu, a despeito de sua propalada *adequação ideológica*, do *poder das imagens*, do que seria uma inerente veracidade das cenas veiculadas” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 53, grifo do autor).

A questão tecnológica perpassa fortemente esse momento e a história da TV Globo e de seu jornalismo, tendo um papel de padronização e neutralização das diferenças regionais do país, a partir de dois aspectos. O primeiro foi a aliança com o projeto dos militares e sob a ideologia do progresso e da integração nacional. A segunda, do ponto de vista da definição de rígidos padrões estéticos, formatação de modelos de produção e veiculação. Ambos vão construir uma visão unificada e padronizada do país, neutralizando suas diferenças. O jornalismo, por ser o espaço do real, vai ser o principal instrumento nesse sentido. Assim, paralelamente à divulgação de matérias de todo o Brasil, parte da estratégia de consolidar a integração nacional por meio das imagens, a TV Globo investe na formação de um “padrão global” que envolve fortemente o telejornalismo.

2.1.2 Padrão de qualidade e padronização

Mais do que um projeto de integração nacional e redução das diversidades regionais, a TV Globo implantou um padrão de fazer jornalismo, definiu uma maneira que serviu de base e modelo sobre como mostrar o Brasil. Na década de 1970, vai se consolidando o Padrão Globo de Qualidade, que provocou uma “estandardização” do jornalismo de televisão que se difundiu por todas as emissoras, herdado do telejornalismo americano.

Borelli e Priolli destacam que a configuração desse padrão teria iniciado logo no processo de gestação da emissora, em 1962, com a associação com o grupo Time-Life, ou seja, três anos antes de a Rede Globo entrar no ar. Nesse tempo de maturação, estaria em planejamento uma “nova mentalidade de fazer televisão”, um outro modelo de indústria televisiva. Eles inaugurariam na TV um novo modelo focado na parte comercial e produtiva, tratando o produto televisivo como qualquer outro produto de qualquer outra empresa, definindo formatos rígidos para estruturar e facilitar o processo de produção em escala. “O principal saldo trazido por esta associação foi de ordem técnica e administrativa [...] Do ponto de vista administrativo, o grupo [Time-Life] trazia a contribuição de um profissionalismo empresarial [...] com profissionais que mantinham relações estreitas com o mercado” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 79-80).

Esse modelo está diretamente relacionado com a televisão norte-americana e, além de receber um gerenciamento direto, profissionais da emissora foram para os Estados Unidos receber treinamento. É o que afirma Otto Lara Resende: “O modelo da Globo é o modelo de uma cadeia americana, até na publicidade. Tudo, até o linguajar, é americano, a determinação de que um documentário tem 40 minutos, porque a atenção do espectador comum dura 12 minutos por segmento, tudo isso vem estudado e cronometrado dos EUA” (COSTA et al., 1986, apud BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 82). Foi o Boni, por exemplo, que criou o conceito de verticalização e horizontalização, que nada mais é que uma padronização da grade da emissora.

O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo o país, diluindo, assim, os custos de produção dos programas [...]. Se o empresário [Roberto Marinho] reconhecia que a rede era o caminho para se ampliar o mercado de consumo, o empreendedor [Boni] sabia que a identidade nacional em formação não podia abrir mão de um meio de integração tão poderoso. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 28)

A esse início focado na padronização dos processos e baseado em modelos norte-americanos, segue-se a fase, a partir da década de 1970, de formatação dos produtos, definindo padrões para a fala e para a coleta e edição de imagens, chegando até ao vestuário. A partir de 1974, a Rede Globo passou a contar com o apoio de uma fonoaudióloga “para **uniformizar a fala de repórteres e locutores espalhados pelo país**, amenizando os sotaques regionais” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 123, grifo nosso). Segundo o livro, para definir o padrão da fala do brasileiro, a emissora baseou-se na decisão de um congresso de filologia realizado em Salvador, em 1956, que teria definido que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro. Essa determinação deveria ser seguida tanto para os locutores no estúdio como para as equipes de reportagem.

Esse padrão foi se expandindo para outras áreas, abrangendo a estética do telejornal, que passou a adotar um padrão visual para apresentação e reportagens. “Também efetivar-se-ia uma **padronização na produção dos textos** com a consolidação de um estilo de redação das notícias” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 57, grifo nosso). Em 1975, já havia um caderno que reunia as *Normas de redação para o Jornal Nacional*. Em 1980, a Globo promoveu os *Cadernos de telejornalismo*, encontros e seminários sobre o tema e, em 1985, o *Manual de telejornalismo*, baseado no livro *Television news*, e que está em vigor até hoje, difundido por todas as emissoras e afiliadas da rede. Squirra destaca que esse manual influenciou todos os demais telejornais brasileiros. “O *Manual de telejornalismo* da Rede Globo revela, de forma inequívoca, que o telejornalismo brasileiro se pauta pela experiência norte-americana na arte de fazer telejornais” (SQUIRRA, 1993, p. 25).

Como afirmam Borelli e Priolli, o ano de 1980 é um marco, pois é quando se efetiva o chamado padrão Globo de produção. De novo, fica evidente a preocupação

da emissora com os formatos e a qualidade técnica, em detrimento dos conteúdos, como se poder perceber na fala de Arthur da Távola:

[...] padrão de produção [...] nada tem a ver com qualidade de programa [...] Padrão de produção é a criação de rotinas internas e de equipes técnicas capazes de realizar, a nível industrial, isto é, com regularidade e freqüência, programas que atendam [...] um patamar comum a toda a programação, que mistura vetores diferentes no atendimento a necessidades subjetivas do mercado. É um produto novo, típico da era eletrônica [...]. O telespectador já sabe o tipo de serviço que receberá. Pode discordar aqui ou ali, gostar ou não desse ou daquele programa. Sabe, porém, o que o canal lhe deverá oferecer em termos de um determinado comportamento previsível. O padrão acostuma o telespectador à carga diária de emoção, informação, prazer, devaneio e serviços gerais. (JORNAL NACIONAL: 15 anos de história, 1984 apud BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 61)

Os elementos desse manual também foram utilizados na implantação da TV Vanguarda. A pesquisadora Cristina Valéria Flausino, em sua dissertação de mestrado sobre a emissora, também descobriu uma fita para treinamento dos editores “com imagens dos telejornais americanos para cobrir o *off*, a fita relaciona Os Dez Mandamentos do Telejornalismo Norte-americano” (FLAUSINO, 2001, p. 38).²⁴

Além de abranger orientações quanto à fala, ao texto, às imagens e aos formatos das matérias, o padrão Globo de qualidade abrangia também o figurino. Os jornalistas recebiam orientações da editora de moda e contavam com ajuda de custo para despesas com vestimentas.

Durante décadas, a TV Globo protagonizou, em território nacional, uma vasta e abrangente educação de nossos sentidos,

²⁴ Seguem os dez tópicos da fita: 1) A grande notícia está onde estão as câmeras; 2) Notícia importante é a que entra nos 22min30s (isto é, se uma notícia é importante entra em qualquer momento e no lugar de outra); 3) Se o político não consegue dar o recado dele em 15s, corta o político; 4) Se o presidente fala, é notícia; 5) Se o concorrente tem, é preciso usar; 6) Entre a bela e fera, use a bela; 7) Se o *New York Times* e o *Washington Post* publicaram, é preciso mostrar; 8) Se é importante, mas a imagem é pobre, conte e não mostre. Se é trivial, mas a imagem é boa, mostre; 9) Se não aconteceu hoje, não é notícia; 10) Deixe o telespectador feliz (FLAUSINO, 2001, Anexo 2). Optamos aqui por elencar apenas os tópicos, sem as explicações de cada um, como constava na fita.

desempenhando papel marcante no palco em que se encena a articulação entre imagens e imaginário [...] partilhamos com a face da tela modos de ver, saber e falar que, pouco a pouco, se tornaram globalmente universais. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 13).

Desde o início dos anos 1970, a Globo ditou um modelo de televisão e as outras emissoras tentaram, sem sucesso, imitá-la. “TV Globo tornou-se um sinônimo, no Brasil, de televisão, de qualidade, de audiência” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 95). Guilherme Jorge de Rezende afirma que esse era o resultado da política de integração nacional pela televisão programada pelo governo militar, em associação com a burguesia nacional e o capital estrangeiro. “Conseguia-se a unidade nacional pelas telenovelas e noticiários, ao mesmo tempo em que a uniformidade cultural pouco a pouco afetava as manifestações regionais” (REZENDE, 2000, p. 119).

Sérgio Mattos entende que, a partir do momento em que se viabiliza um modelo de televisão centralizador, não há mais espaço para as pluralidades possíveis na identidade de cada um:

Pelo menos, os indivíduos não se verão mais naquilo que diferem uns dos outros, mas tão-somente, como cultura de massa, naquilo que são iguais, ou foram feitos iguais. E o regional, visto então como característico de uma certa área territorial, ou de um espaço cultural limitado, só ganhará reconhecimento, isto é, existência, se puder ser convertido em informação de massa. (MATTOS, 1992, apud RETT, 2002, p. 62)

Com relação às novas tendências, Borelli e Priolli apontam que não parece mais haver uma confiabilidade imediata na suposta isenção oferecida pelo recurso tecnológico. “Em resumo, é colocada em xeque a fórmula global austeridade/tecnologia, bem como a própria temporalidade do informativo. Hoje, a austeridade e competência técnica não são vistas necessariamente como sinônimos de isenção e/ou como fontes possíveis de credibilidade” (2000, p. 65). Segundo os pesquisadores, apesar da monopolização da Globo, é possível perceber uma série de tensões, notadamente entre o local/regional e o nacional.

Parte da audiência esboça ainda tendências de migração para programas de, por assim dizer, longa duração, indicando um certo desinteresse pela pura e simples informação ágil e sintetizada. Interferindo nesse quadro, vale notar que, opondo-se ao padrão global *clean*, de se fazer jornalismo, emerge uma verdadeira estética da *poluição*, do excesso, que, ao que parece, se une à proposta de uma imagem do Brasil *como ele é*. O retorno e a boa recepção do apelo popular no campo telejornalístico faz-nos suspeitar da perda do poder de atração do discurso uniformizado, ganhando força o desejo de visibilidade da própria diversidade do país. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 65)

2.1.3 Regionalização da TV Globo

Para a questão da regionalização, a Globo se volta timidamente na década de 1980, introduzindo nas novelas as temáticas regionais. No campo do jornalismo, em seu início, o *Jornal Nacional* possuía duas estações, São Paulo e Belo Horizonte. Logo, outras estações de TV também foram criadas. Em 1971, foi inaugurada a TV Globo Brasília, abrangendo a Capital Federal e Goiás; em 1972, em Olinda, foi inaugurada a TV Globo Recife; atingindo vários estados do Nordeste.

Em janeiro de 1983, o jornalismo da Rede Globo foi dividido em dois setores: o comunitário (que englobava os telejornais produzidos localmente: *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*) e o de rede (*Jornal Nacional*). “Paralelamente, a CGJ [Central Globo de Jornalismo] procurou investir no aperfeiçoamento dos profissionais das afiliadas,²⁵ levando jornalistas das diversas praças para treinar na sede da emissora, no Rio de Janeiro. [...] O objetivo era levar a todas as afiliadas o **padrão de qualidade** da Globo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 122, grifo nosso). Esse padrão era necessário para que as matérias pudessem ser inseridas no *Jornal Nacional*. Nesse sentido, esse início do processo de regionalização se dá com o

²⁵ Emissoras afiliadas são empresas associadas a uma emissora com penetração nacional de sinal, que retransmitem a programação da rede, embora também produzam programas, telejornais e comerciais locais. É um conceito diferente do de emissora filial, que são emissoras próprias. (BAZI, 2001, p. 24). Squirra explica que as afiliadas se vinculam à rede por contratos de compra e venda de serviços de comunicação com a emissora-líder (SQUIRRA, 2004, p. 44). De acordo com a legislação atual, uma rede nacional pode ter 10 estações de TV de sua propriedade, sendo que as demais devem ser afiliadas. “O objetivo é evitar a formação de monopólios e valorizar as culturas regionais por meio da regionalização da programação” (BAZI, 2001, p. 26).

objetivo de atender a demandas da programação nacional e totalmente submetidas aos padrões impostos pela rede.

Se nas outras emissoras a estratégia da localidade é inserida com rapidez e tranqüilidade – porque nelas não havia um padrão rígido de programação e uma penetração ampla, em escala nacional –, na Globo a coisa é bem diferente. O padrão construído pela emissora – que incluía uma **homogeneidade** na programação e uma produção voltada para uma grande massa e para o nacional –, cria obstáculos para esta nova configuração que exige, entre outras coisas, respostas às demandas regionais. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 88, grifo nosso)

Isso fez com que predominasse a ótica paulista e carioca na programação. Rezende aponta que, apesar dos noticiários locais, mantidos de forma precária mais para obedecer a orientações legais, o jornalismo regional foi perdendo sua importância e influência. “Essa realidade tornou-se ainda mais explícita ao se considerar a participação das notícias regionais nos telejornais de cobertura nacional. O regional só tem lugar com informações pitorescas ou catastróficas, ou eventualmente nas edições de sábado, 'quando nada acontece'” (REZENDE, 2000, p. 119). É o que confirma o ex-editor-chefe do *Jornal Nacional*, Eduardo Simbalista,²⁶ ao falar sobre a recomendação de que o *Jornal Nacional* e o *Jornal Hoje* precisavam ser abastecidos com a contribuição jornalística dessas afiliadas. “Recebemos uma orientação para incluir nas edições de sábado matéria que fossem procedentes de outras regiões do país” (FLAUSINO, 2001, p. 31). Na época, o *JN* estava sob o comando de Armando Nogueira. “Segundo Simbalista, era um Brasil 'atraente e desconhecido' que despertava ansiedade em se mostrar, mas o problema é que o material produzido pelas emissoras regionais apresentava baixa qualidade técnica e editorial” (FLAUSINO, 2001, p. 31).

A questão da qualidade técnica também é um impedimento apontado por um dos sócios da EPTV, Roberto Irineu Marinho. Ele afirma que é uma política da Globo e suas afiliadas ter uma grande programação regional. “A limitação é a capacidade econômica da afiliadas e de seus mercados. Mas, sempre que possível, poderemos

²⁶ Ele também foi diretor regional da TV Vanguarda.

“aumentar o volume de horas da programação local” (TELA VIVA apud BAZI, 2001, p. 46).

Esta é uma das razões pelas quais Squirra afirma que as redes regionais são centrais de televisão geograficamente organizadas, sempre dependentes da programação de uma rede nacional. “De um jeito ou de outro, a maioria das empresas de televisão, regionais, afiliadas, repetidoras ou redes nacionais reproduzem uma estrutura básica de organização” (2004, p. 44). “As afiliadas têm a prioridade de programação da rede, mas pouca liberdade de alterá-la. Qualquer mudança está sujeita à aprovação. Já a rede pode alterar a qualquer momento” (FLAUSINO, 2001, p. 28).

Bazi afirma que foi na década de 1980 que o projeto de regionalização começou a ser implantado na TV Globo, com a criação, em 1982, de um setor específico para atender às suas afiliadas, o CGAE (Central Globo de Afiliadas e Expansão). “Responsável por viabilizar as emissoras locais em todas as necessidades, como: programação, engenharia e jornalismo” (BAZI, 2001, p. 23). Paralelamente, na mesma época, a central de afiliadas, desenvolveu o Prodetafi (Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo nas Afiliadas), sob o comando do jornalista Raul Bastos, visando o apoio às emissoras regionais. Formado por profissionais da CGJ, que iam pessoalmente implementar mudanças nos telejornais das praças. “Procurava-se desta forma, **minimizar distorções entre diferentes regiões do Brasil** e criar um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 123, grifo nosso). O Prodetafi atuou em 36 emissoras afiliadas da Rede Globo e implantou 16 novas emissoras, entre elas a TV Vanguarda, em 1988 (FLAUSINO, 2001, p. 33).

A proposta da regionalização esfria quando, em agosto de 1989, a Globo tira do ar o *SPTV 1ª Edição*, exibido pelas emissoras regionais, alegando contenção de despesas. Em outubro do mesmo ano, três meses depois, saem da Globo Armando Nogueira e Alice Maria, que defendiam a regionalização. Durante quase cinco anos (agosto de 1989 a abril de 1994) só seriam exibidos os jornais das praças segunda edição, no horário vespertino, com cerca de 12 a 16 minutos de produção, e o *Globo Esporte*, com 4 ou 5 minutos. Em 1995, a rede retoma a proposta dos telejornais regionais no horário do almoço (*SPTV 1ª edição*). “O regional passa a produzir dois

blocos diários do telejornal, logo após a exibição de um bloco nacional” (FLAUSINO, 2001, p. 57).

Em 1995, a Rede Globo investiu R\$ 3 milhões em equipamentos para a modernização de suas afiliadas. Um dos retornos, segundo Bazi, já se mostrou no ano seguinte, quando, segundo a *Veja*, 59% do faturamento publicitário da emissora saiu de cidades do interior.²⁷ “Assim, podemos considerar, mediante os investimentos [...] que a Rede Globo sabe que investir nas emissoras regionais é um bom negócio” (BAZI, 2001, p. 26).

De acordo com Nelson Sirotsky, a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), em 1997, era considerada a maior rede regional do Brasil com faturamento de US\$ 130 milhões. A emissora, na época, utilizava todos os espaços locais disponibilizados pela Rede Globo, ou seja, entre 15% e 16% da programação. Ele destaca que uma das características mais marcantes do grupo RBS é a atuação comunitária, através da geração de programas locais por cada uma das emissoras da Rede permitindo que a comunidade fosse ouvida. Em relação ao mercado, Sirotsky afirma que a regionalização foi um dos pilares do sucesso da RBS e a alavanca que proporcionou o desenvolvimento do mercado publicitário no interior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (SIROTSKY apud CABRAL e CABRAL Filho, p. 60).

Em 1998, a Rede Globo iniciou o “Projeto Regional do Futuro”, visando conceder mais autonomia às cinco emissoras regionais do grupo Marinho, sendo quatro paulistas e uma mineira. “As alterações são parte da estratégia da Globo, que pretende cada vez mais, promover a regionalização de suas emissoras” (OLIVEIRA, 1998 apud BAZI, 2001, p. 29). Segundo Cabral e Cabral Filho, a Rede Globo percebeu que o público estava mais preocupado com os acontecimentos locais do que com os mundiais e, em 1998, a emissora investiu nas afiliadas no interior de São Paulo e Minas Gerais, aumentando o espaço para a programação local. “Houve investimentos na infra-estrutura dos departamentos de jornalismo e comercial para que as emissoras ficassem mais locais” (2006, p. 60). Em 1999, a TV Globo muda o formato do *SPTV*, que passar a ter duração de uma hora (antes eram 15 minutos),

²⁷ O contrato de afiliação prevê que uma emissora regional deve receber, sem custos, toda a programação nacional da Globo, mas em troca, deve dividir o lucro da venda dos anúncios regionais e estaduais (BAZI, 2001, p. 26).

chamando o novo formato de *jornalismo comunitário*, que foi estendido em uma versão local para as outras praças.

No final da década de 1990, a fórmula da integração nacional parece desgastada e as questões locais procuram espaços de manifestação. Emissoras com uma face paulista têm sua audiência aumentada no estado de São Paulo, como SBT, Bandeirantes e Record. “Em estados onde tradicionalmente a questão regional é bastante acentuada, a produção local, em vários momentos, manifestou-se e criou mecanismos para se inserir na programação das redes” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 106). Na Bahia, nos anos 80, a TV Itapuã, retransmissora do SBT, passou a oferecer uma programação regional voltada para os novos sucessos musicais que surgiam em Salvador. E no Rio Grande do Sul, a Globo aliou-se ao grupo RBS, mantendo uma programação com produção local, principalmente noticiários e programas informativos nos horários periféricos (2000, p. 107). É o que confirma Peruzzo. “É, contudo, no final dos anos 1990 que parece haver uma redescoberta do local pela grande mídia, embora haja experiências anteriores em televisão regional, como a da Rede Brasil Sul (RBS), que em 1963 já instalou as primeiras emissoras no interior do Rio Grande do Sul” (2005, p. 71).

Com vocação para o nacional e para as massas, as iniciativas da TV Globo para atingir públicos regionais e segmentados são ainda tímidas e, por vezes, vieram atrasadas. Apesar de alguns esforços em contrário, como os jornais locais, parece persistir em sua programação aquele tom de impessoalidade, de uniformidade, de quem queria falar para todos e qualquer um, aquela notícia não opinativa do universo político dos anos 70. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 94)

Atraídas pelo potencial econômico do interior do estado de São Paulo, 32 emissoras de TV estão instaladas em diferentes regiões, e 12 delas, 30%, são filiais ou afiliadas da Rede Globo (a Bandeirantes tem cinco, o SBT e a Record, sete e a Rede TV!, uma). A TV Gazeta de São Paulo tem retransmissoras em 31 municípios (FESTA..., 2004, p. 64). No interior de São Paulo, a EPTV, afiliada da Rede Globo, com quatro emissoras (Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos (SP) e Varginha (MG)) é considerada a maior empresa regional de televisão, detendo 70% da audiência. No Rio Grande do Sul, o grupo RBS também domina o mercado. O diretor

de comercialização geral da Rede Globo, Willy Haas, afirma que os mercados regionais detêm 25% do faturamento total da Globo. Ele destaca que, em 2004, “os programas jornalísticos regionais registraram um aumento [de audiência] de 25% em sua segunda edição” (PERRONE, 2004, p. 36).

Cláudia Quaresma, diretora da Central Globo de Afiliadas e Licenciamento, afirma que, nas 115 emissoras afiliadas, são produzidos atualmente cerca de 90 programas locais, divididos em 12 gêneros diferentes. No total, essa programação perfaz aproximadamente 70 mil horas anuais, a grande maioria (quase 55 mil horas) dedicadas ao jornalismo. Ela explica que uma atração só passa a integrar a grade de uma emissora da Globo após ser avaliada por várias áreas da rede em conteúdo, cenário, produção técnica, abertura e apresentadores, dentre outras características. “Depois de ir ao ar, a rede continua acompanhando os programas, além de investir em cursos, encontros e palestras para replicar o modelo e o padrão de qualidade nas pontas” (SANTOMAURO, 2005. p. 7).

2.2 TV Vanguarda

Em 1988, a TV Vanguarda, afiliada da TV Globo, foi a primeira emissora a instalar-se na região do Vale do Paraíba. A TV nasceu como TV Globo Vale do Paraíba, em São José dos Campos. Foi implantada no prazo recorde de cem dias, no dia 1º de outubro de 1988, data final dada pelo governo para a implantação, sob o risco de perda da concessão. Foi instalada em um *shopping*, paralelo à Via Dutra, em São José dos Campos, rodovia que liga São Paulo ao Rio e rota principal de acesso a todas as cidades do Vale e região. Abrangia 34 cidades e um público estimado de 301 mil televisores. O primeiro editor regional, da então TV Globo Vale do Paraíba, foi o jornalista Fernando Karnas, com 17 anos de experiência na RBS. Na época, a emissora produzia 30 minutos diários de programação.

Em 1998, aos 10 anos da TV, por meio do “Projeto Regional do Futuro”, implantado nas emissoras da família Marinho, a emissora passa por inúmeras mudanças administrativas, comerciais, técnicas e operacionais. Além disso, trocou-se o nome: de TV Globo São José dos Campos para TV Vanguarda Paulista. Insere-

se uma nova área de cobertura, a região de Bragança Paulista, elevando a cobertura para 46 cidades (FLAUSINO, 2001, p. 58).

Em 2003, a família de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, adquiriu o controle acionário da emissora. Tudo começou em 1997, quando Boni, que havia sido durante mais de 30 anos um dos principais dirigentes da emissora²⁸ foi demitido do cargo de vice-presidente de Operações e passou a cuidar de um projeto próprio. Ele já era dono de uma concessão de TV em Taubaté, cidade do Vale do Paraíba, a 26 km de São José dos Campos, que não estava inaugurada. “Mas ficaríamos isolados lá. Não conseguiríamos montar uma rede com a extensão que imaginávamos”, afirma Boni em entrevista ao jornal *Meio & Mensagem – Regional, Interior de São Paulo* (SÔNEGO, 2005, p. 10). Ao sair da Globo, negociou a compra da emissora de São José dos Campos, a então TV Vanguarda Paulista. “Pensamos em São José e Taubaté a fim de dividir os custos com anunciantes e fazer uma cobertura dirigida de jornalismo com mais eficiência” (SÔNEGO, op. cit.).

Com a inauguração da emissora de Taubaté, em agosto de 2003, a TV Vanguarda passou a ser denominada Rede Vanguarda. “As emissoras são 90% da família e 10% da Globo. Pertencem aos meus filhos, Boninho, Diogo, Regina e Bruno, e ao meu primo Buzzoni [Roberto, diretor de programação da Rede Globo]. Os cinco têm participações iguais. Eu trabalho de graça, não sou sócio, nem direto nem indireto”, afirma Boni (SÔNEGO, 2005, p.10).

Segundo Boni, a estrutura de comando é profissional e não familiar. Os sócios não interferem e a gestão é participativa, realizada pelos profissionais. Os sócios são representados na diretoria da rede pelo publicitário Carlos Alberto Vizeu. “Apenas acompanhamos o desempenho da emissora. Como não consigo ficar fora do mundo da televisão, atuo como palpiteiro, entro mais nas áreas de criação, marketing, programas, no direcionamento estratégico da emissora”, conta Boni (SÔNEGO, 2005, p.10 e 11). Ele não tem cargo algum na emissora, nem como presidente de conselho de administração. A gestão participativa é coordenada por Elani da Costa Pinto.

²⁸ José Bonifácio de Oliveira Sobrinho fez história na televisão brasileira. Ao lado de Walter Clark, Boni estruturou a Rede Globo e é responsável pela programação conhecida pela marca "padrão Globo de qualidade". Ingressou no canal carioca em 1967. Em 1977, assumiu a superintendência geral da rede, substituindo Walter Clark. Em 1996, deixou o cargo e tornou-se consultor da emissora.

Boni afirma que para a compra das duas TVs (São José e Taubaté), o montante investido foi de R\$ 40 milhões. Somente a negociação, sem a montagem. E ainda investiram em transmissores novos em todas as cidades. A idéia era chegar até o final de 2005 com 50 quilowatts de potência, que geraria uma maior área de cobertura e maior qualidade. “Fora a Globo do Rio de Janeiro, ninguém tem esta potência no interior do estado de São Paulo. Nos queremos realmente fazer uma emissora de peso” (SÔNEGO, 2005, p.11).

Boni anuncia que pretende comprar mais uma geradora: São Sebastião, para atender ao litoral, ou Bragança, para a região Bragantina. Para 2006, há planos de construir a nova sede em um terreno de 30 mil metros quadrados na Via Dutra. “Acreditamos que a primeira coisa a fazer é estruturar a distribuição. A segunda tarefa é trabalhar o conteúdo, e a terceira, a expansão. Essa é a proposta”, revela Boni (SÔNEGO, op. cit.).

Sobre o tempo da programação destinado aos produtos regionais, Boni explica que o percentual de 30% do espaço da programação foi negociado com a Globo. “Os editais de concessão das novas emissoras já exigem que elas tenham aproximadamente 30% de programação local. Taubaté já estava enquadrada nesse modelo. Como tínhamos essa obrigação, negociamos com a Globo a possibilidade de fazer o mesmo em São José e evitamos ter uma programação diferente em cada cidade”, afirma Boni. (SÔNEGO, op. cit.).

Em 2004, a Rede Vanguarda ganhou o prêmio Veículos de Comunicação 2004, conferido pela revista *Propaganda*, escolhida pela Academia Brasileira de Marketing.

Em entrevista à publicação *Meio & Mensagem – Regional*, Boni afirma que escolheu o Vale do Paraíba porque não descarta a possibilidade de São Paulo e Rio de Janeiro se unirem ao longo do Vale. Também acredita que São Sebastião venha a ser um pólo muito importante de exportação, já que vislumbra a necessidade de novos portos para o Brasil. “Creio que o governo vai aplicar muito dinheiro neste pólo muito importante de exportações, entre São Paulo e Campos do Jordão, o que deve provocar uma certa alteração no comportamento do litoral. [...] Pensando que a tendência é essa, resolvemos apostar no histórico Vale do Paraíba, no litoral norte,

na região Bragantina e na Serra da Mantiqueira”, destaca Boni (SÔNEGO, 2005, p 10).

A Rede Vanguarda conta com duas emissoras, São José dos Campos e Taubaté, uma filial em Bragança Paulista e uma sucursal em Guaratinguetá. Cobre toda a macro-região do Vale do Paraíba, que inclui a Serra da Mantiqueira, região Bragantina e o Litoral Norte Paulista. São 46 cidades de cobertura, 44 canais de transmissão e oito equipes de reportagem. “Um dos mais ricos e desenvolvidos mercados regionais do Brasil, com mais de 2 milhões de telespectadores” (YVES, 2005, p. 84).

A reportagem afirma que, antes de entrar no ar, a Vanguarda recebeu investimentos de US\$ 15 milhões para adquirir o que há de mais moderno em aparelhos de geração e transmissão. De acordo com o Ibope, os 35 programas mais assistidos no Vale do Paraíba são transmitidos pela Vanguarda, cuja média de audiência é de 62% (YVES, 2005, p. 86). Isso gera um alto faturamento. “Calcula-se que uma emissora do porte da TV Vanguarda Paulista fature cerca de R\$ 1 milhão mensais, sendo que 70% do faturamento é com a venda de espaços locais e 30% pela veiculação de anúncios de rede” (FLAUSINO, 2001, p. 28).

Boni destaca a importância da valorização do regional.

A única postura inteligente na era da globalização é a criação de programação local. Vanguarda significa 'estar à frente', e esse é o nosso objetivo [...] O (conteúdo) local é o grande achado televisivo do momento. A TV tem que esquecer o modelo que nós mesmos criamos na Globo. Temos que descobrir um modelo novo. O público local responde de imediato a uma programação local. (PRADA e PEREIRA, 2003)

2.2.1 A programação local na TV Vanguarda

A TV Vanguarda coloca no ar uma média de 2h40min de programação local ao longo da semana. De segunda a sexta, são 2h30min de programas produzidos

localmente, aos sábados são 2h55min e aos domingos, 3h20min. Nesses horários, são veiculados quatro telejornais e quatro programas locais.

Há, na programação geral da TV Vanguarda, horários reservados à transmissão diária de três telejornais regionais: *Vanguarda TV Bom Dia*, das 6h30 às 6h45, de segunda à sexta; *Vanguarda TV 1ª edição*, das 12h15 às 12h45, de segunda à sábado; e *Vanguarda TV 2ª edição*, das 18h50 às 19h10, de segunda a sábado. Os noticiários antecedem as edições nacionais dos telejornais da TV Globo: *Bom dia Brasil*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*, respectivamente. O *Vanguarda TV 3ª edição* é um noticiário rápido, muitas vezes com reapresentação das manchetes do dia, apresentado de segunda a sábado, após as 3h da madrugada, com 15 minutos de duração.

Todas as reportagens veiculadas sobre a Folia de Reis, nos dois anos analisados, foram transmitidas nas duas edições do *Vanguarda TV*. O departamento de jornalismo conta com oito equipes móveis de reportagem, com dois carros equipados para cobertura ao vivo. No total, a rede emprega cerca de 60 jornalistas, sob a coordenação da editora-chefe, Terezinha Almeida. A emissora possui dois estúdios dos telejornais em São José dos Campos e em Taubaté. O *site* da TV Vanguarda fala de seu compromisso com a prestação de serviço e com a cultura regional.

O telespectador encontra aqui o melhor do noticiário e da cultura regional [...]. O jornalismo da Vanguarda leva diariamente informação e prestação de serviço aos moradores das 46 cidades que recebem nossa programação. O trabalho de apuração, captação e edição das notícias é feito por um time de profissionais comprometidos com a verdade dos fatos e com a realidade das nossas comunidades. O desafio da equipe da Vanguarda TV é fazer um jornal que se aproxime da comunidade e das necessidades do telespectador. (TV VANGUARDA, 2006)

Além dos telejornais, a grade de programação local é preenchida atualmente, por quatro programas locais: *Vanguarda Mix*, *Vanguarda Motor*, *Vanguarda Comunidade* e *Papo Vanguarda*. Desses, nenhum tem foco específico em questões regionais ou locais, abordando temáticas gerais, que podem eventualmente

abranger aspectos da região. O *Vanguarda Mix* é voltado para os jovens, fala sobre música, comportamento, esportes, saúde, tendências etc. O *Vanguarda Motor* é uma revista eletrônica especializada em carros, motos e veículos náuticos. O *Papo Vanguarda* é um programa de entrevistas, apresentado no final da noite de domingo, às 23h35. O *Vanguarda Comunidade* segue o perfil do jornalismo comunitário da TV Globo, voltado para a prestação de serviços: os últimos programas abordaram temas relativos à saúde, educação etc.

As Tabelas 2.1, 2.2 e 2.3, a seguir, trazem a grade da emissora, com os programas locais:

Tabela 2.1 Programação da TV Vanguarda de segunda a sexta-feira

Segunda a sexta-feira		
Horário	Programa	Tempo
06:30	Vanguarda TV Bom Dia	15min
12:15	Vanguarda TV 1ª Edição	30min
18:50	Vanguarda TV 2ª Edição	20min
03:55	Vanguarda TV 3ª Edição	15min
04:10	Vanguarda Mix (reprise)	30min
04:40	Vanguarda TV 3ª Edição (reprise)	15min
04:55	Vanguarda Motor (reprise)	25min

Tabela 2.2 Programação da TV Vanguarda de sábado

Sábado		
Horário	Programa	Tempo
11:30	Vanguarda Motor	20min
11:50	Vanguarda Mix	25min
12:25	Vanguarda TV 1ª Edição	20min
18:50	Vanguarda TV 2ª Edição	30min
03:40	Vanguarda TV 3ª Edição	15min
04:05	Vanguarda Comunidade (reprise)	25min
04:30	Vanguarda TV 3ª Edição (reprise)	15min
04:55	Vanguarda Motor (reprise)	25min

Tabela 2.3 Programação da TV Vanguarda de domingo

Domingo		
Horário	Programa	Tempo
07:00	Vanguarda Comunidade	30min
23:45	Papo Vanguarda	40min
02:05	Vanguarda TV Edição de Domingo	25min
02:35	Vanguarda Mix (reprise)	25min
03:00	Vanguarda Motor (reprise)	20min
03:20	Papo Vanguarda (reprise)	35min
03:55	Vanguarda Comunidade (reprise)	25min

Tabela 2.4 Totalização dos tempos da programação local da TV Vanguarda

Tempos	Segunda a sexta-feira	Sábado	Domingo
Tempo total da programação regional	2h30min	2h55	3h20
Tempo da programação local descontando reprises	1h20min	1h50	1h35
Tempo total do jornalismo	1h35min	1h20	25 min
Tempo total da programação da emissora	24h	22h15	23h

Pela análise da grade, é possível obter os seguintes dados²⁹:

- De segunda a sexta, o tempo total da programação regional é de 2h30min, em 24 horas totais de programação, ou seja, o percentual de programação local é de 10,45%. Se desconsiderarmos as reprises, esse valor cai para: 5,5%.
- Aos sábados, a TV Vanguarda veicula 2h55min de programação local. Isso significa que 13,11% da programação é local aos sábados. Se desconsiderarmos as reprises, esse valor cai para: 4,86%.
- Aos domingos, quando a emissora veicula 23 horas de programação, o percentual de programação local é de 14,5%. Se desconsiderarmos as reprises, esse valor cai para: 6,88%.
- Do tempo total da programação regional da emissora, 51% é dedicado ao jornalismo. Esses, aliás, são os únicos programas locais que estão em horários de boa audiência, já que os outros quatro programas da rede ficam em horários pouco atrativos. O *TV Vanguarda 2ª edição* é líder de audiência em todo o Vale.

No Capítulo 3, analisaremos o conteúdo das reportagens veiculadas sobre a Folia de Reis, mas antes, convidamos o leitor para conhecer um pouco da história do Vale do Paraíba e de sua cultura, com destaque para a Folia de Reis, para que se possa entender o papel dessa manifestação nas comunidades em que se insere.

²⁹ Os cálculos foram feitos considerando o tempo efetivo de programação em cada dia e transformando as horas em minutos, para considerar a proporcionalidade.

2.3 Vale do Paraíba

Uma região de contrastes. É assim o Vale do Paraíba. Paralelamente ao alto grau de desenvolvimento tecnológico e industrial e grandes centros urbanos, convivem pequenas cidades, de economia agrária e pecuária leiteira. E, em toda a região, ainda é possível encontrar tradições da cultura popular. São as festas dedicadas aos santos, as danças como moçambique e congada, os pratos típicos, o artesanato em madeira, barbante ou barro, aliado a um modo de vida mais lento. Ao buscar entender a relação entre cultura regional e mídia, é preciso também compreender o local, pois é no local que a cultura valeparaibana emerge e é sobre o local que o olhar da mídia se volta, em busca de notícias e novidades.

No Vale do Paraíba, apesar do forte processo de industrialização e de urbanização, de sediar grandes empresas de pesquisa e tecnologia avançada, da posição geográfica estratégica entre os dois maiores centros do país (Rio de Janeiro e São Paulo) conservam-se ainda, com bastante intensidade, os valores do campo. A região foi, a partir da ocupação portuguesa no século XVI até o final do século XIX, um mundo rural, conservador, localizado e patriarcal. A urbanização, processada no século XX, recebeu a influência do mundo rural. “As cidades, no seu início, eram meros prolongamentos do campo. Ainda hoje, encontram-se nas cidades valeparaibanas, bairros que guardam a fisionomia, os costumes e hábitos rurais, devido à predominância de pessoas vindas das ‘roças’. Neles persiste uma estreita vinculação entre o rural e o urbano” (TOLEDO, 1988, p.7). Observam-se, nas diversas cidades, alguns traços rurais, como animais pelas ruas, grandes quintais, chácaras. Esse aspecto rural convive regionalmente com o aspecto cosmopolita de núcleos industrializados, como São José dos Campos, por exemplo.

As festas religiosas, o rico e variado artesanato e a culinária regional são expressões vivas das tradições valeparaibanas. Elas remontam ao período de ocupação do espaço regional pelos seus primeiros habitantes, os diferentes povos indígenas, seguido do processo de colonização portuguesa, até a implantação do capitalismo agrário, no último quartel do século XVIII. Nesse tempo, introduziu-se a lavoura canavieira, substituída no século XIX pela cultura do café. Com essas atividades econômicas, introduz-se, em grande número, outro elemento humano que

irá compor a sociedade regional, os negros, utilizados como mão-de-obra escrava na grande lavoura (TOLEDO, 1988, p. 35).

O Vale do Paraíba situa-se na região Sudeste do Brasil, com a paisagem marcada pelo rio Paraíba do Sul, ladeado pelas serras do Mar e da Mantiqueira. Abrange três estados brasileiros, dividindo-se em Vale do Paraíba Paulista, Fluminense e Mineiro. Neste estudo, nosso foco de atenção centra-se na parte paulista do Vale, daqui em diante chamado apenas de Vale do Paraíba, que abrange 35 municípios, distribuídos entre a montanha e ao longo da bacia do Vale, também atravessada pela Via Dutra. Transpondo-se a serra do Mar, chega-se ao Litoral Norte, rico em praias e lazer.

Desde os tempos coloniais, o Vale configurou-se como rota fundamental na abertura de caminhos para circulação de mercadorias: primeiro no lombo das mulas, depois nos trilhos das ferrovias e, finalmente, no asfalto da Via Dutra. A maioria das cidades nasceram em função da travessia do rio Paraíba, feita pelos bandeirantes e viajantes que iam às Minas Gerais à procura de ouro. A data que marca o início de sua povoação é o ano de 1628, quando foi feita a concessão de terras a Jacques Félix e seus filhos, no sertão do rio Paraíba. Ainda no mesmo século, nascem as vilas de Guaratinguetá e de Jacareí, os povoados de Pindamonhangaba e de Tremembé e os aldeamentos de indígenas de Nossa Senhora da Escada e de Nossa Senhora do Desterro, hoje São José dos Campos. Em 1741, foi aberto um caminho por terra, a partir da freguesia da Piedade, de Guaratinguetá, para o Rio de Janeiro, para transporte de gado e mercadorias em lombo de mulas. Nessa época, o Vale era povoado por bandeirantes e índios, realizando além de transporte do ouro em tropas de muares, comércio de beira de estrada. No século XVIII, núcleos primitivos se desenvolveram e três vilas nasceram, além de sete povoados (PASIN, 1988, p. 9-10).

No século XIX, o cultivo do café foi, em grande parte, o fator de crescimento e transformação dos núcleos urbanos do Vale do Paraíba, a primeira região em que a produção se expandiu. Na última década do Império (1879-1889), o café representava 60% do total de exportações do Brasil. “O café transformou o vale paulista na principal região econômica da província de São Paulo e numa das mais importantes regiões políticas e econômicas do Brasil-Império” (PASIN, 1988, p. 16).

Em 1810, deu-se início à construção da estrada entre Rio de Janeiro e São Paulo, que recebeu o nome de Rodovia Washington Luiz, hoje conhecida como Estrada Velha. Em 1877, é inaugurada a Estrada de Ferro Dom Pedro II, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro. A produção do café, que ganhou importância enorme por volta de 1830, dependia do trabalho escravo o que acarretou, na época, uma grande afluência de negros para a região. Segundo o historiador da região, José Luis Pasin, em 1888, ano da abolição da escravatura, 76% da mão-de-obra escrava existente no Império estava nas fazendas de café do Vale do Paraíba fluminense e paulista (1988, p. 17).

O historiador destaca que o café gerou um conjunto de monumentos arquitetônicos dos mais expressivos na região valeparaibana: sede de fazendas, igrejas, capelas, sobrados, solares, estações ferroviárias, pontes, cemitérios. O Governo Federal, através do SPHAN, tombou os seguintes monumentos no Vale do Paraíba: fazenda Resgate (Bananal), fazenda do Pau D'Alho (São José do Barreiro), casa do conselheiro Rodrigues Alves (Guaratinguetá), chácara do Visconde (Taubaté), capela de Nossa Senhora do Pilar (Taubaté), a casa de Oswaldo Cruz (São Luís do Paraitinga). Entre os monumentos tombados pelo CONDEPHAAT estão os sobrados da praça Pedro Ramos Nogueira, em Bananal; o hotel Sant'Ana, em Areias, antiga residência do capitão-mor Domingos da Silva Moreira, que hospedou o príncipe regente Dom Pedro, quando da viagem histórica da Independência; o solar do conde Moreira Lima, em Lorena; o solar do major Novaes, em Cruzeiro; a casa dos Camargos, em Guaratinguetá, marca da arquitetura urbana do Vale do século passado; a basílica Velha de Aparecida; o solar dos Barões de Lessa, em Pindamonhangaba, reproduzindo a fachada do Palácio do Catete; o solar do comendador João da Costa Gomes Leitão, em Jacareí, sede do Museu de Antropologia do vale do Paraíba (PASIN, 2002).

No início do século XX, o café começa a migrar para a região de Campinas, em busca de terras mais produtivas e o Vale entra em decadência econômica. Uma das alternativas buscadas, que manteve o estilo de vida agrário, foi a economia de gado de leite, que também entra em decadência no final do século XX. Paralelamente, começa o desenvolvimento urbano e industrial da região.

Com a decadência do café, o Vale do Paraíba buscou novas atividades econômicas. Nas áreas rurais, a substituição dos cafezais pelas pastagens e, nas cidades, o início de um lento processo de industrialização. As primeiras indústrias surgiram na região nas últimas décadas do século passado, exatamente quando se colocava o desafio de buscar novas opções, refletindo a realidade sócio-econômica da época: abolição da escravatura, disponibilidade de capital, melhoria do nível de consumo da população. (PASIN, 1988, p. 47)

Em 1951, é inaugurada a rodovia Presidente Dutra, a primeira com pista em asfalto, reduzindo o tempo de viagem entre as capitais do Rio e São Paulo de 12 horas, em 1948, para 6 horas, em 1951, mesmo ainda com grande parte operando em mão dupla. A rodovia proporcionou para o Vale um novo perfil econômico e fez da região uma das mais industrializadas e urbanizadas do país, atraindo mão-de-obra de outras áreas, principalmente mineiros e nordestinos. No Vale estão instaladas mais de 7 mil indústrias, algumas de avançada tecnologia, como a Embraer, e importantes centros de pesquisa, tais como: CTA (Centro Técnico Aeroespacial), INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), CEPTEC (Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos).

Dados da revista *Propaganda* informam que o Vale do Paraíba, somado ao Litoral Norte e à Região Bragantina (área de alcance e cobertura da TV Vanguarda), reúne mais de 2,2 milhões de telespectadores, mais de 650 mil domicílios com TV e consumo urbano estimado em US\$ 4,8 bilhões. A região é responsável por 8,2% das exportações do país e 24,5% do estado de São Paulo, com mais de US\$ 22 bilhões de investimentos anunciados nos últimos oito anos. Setor industrial com cerca de 7 mil empresas e centros de pesquisas reconhecidos internacionalmente.³⁰ A própria TV Vanguarda admite: “A Rede TV Vanguarda atende uma das regiões mais prósperas do nosso país – e com perspectivas realmente invejáveis” (TV VANGUARDA, 2006).

O setor turístico também apresenta grande desenvolvimento e é um dos que oferece maior potencial de crescimento, dado o perfil da região, que já possui 16

³⁰ Dados da revista *Propaganda*, jan. 2005, com base em *Atlas de Consumo – CGM Mercado*, dados do MDIC /Secex 2003 e Fundação Seade.

estâncias, das 65 do estado de São Paulo. Mais de 12,5 milhões de turistas movimentam a economia da região. Uma das cidades mais visitadas é Aparecida, onde está instalado o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, que é considerada o segundo maior centro de peregrinação católica do mundo, depois do Vaticano. Recebe em média cerca de 10 milhões de romeiros por ano.

Na serra da Mantiqueira, Campos do Jordão é outra cidade que tem economia basicamente turística. O mesmo acontece no Litoral Norte, com cidades como Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião. O Vale também tem cidades históricas que preservam parte de seus patrimônios, tais como São José do Barreiro, Bananal, São Luiz do Paraitinga e Paraibuna. Rota de tropeiros, que por meio do lombo dos burros, levavam o ouro das Minas Gerais para o porto de Paraty, e traziam mantimentos, a região preserva essa cultura na culinária e em diversas tradições, celebradas nas diversas festas de tropeiro realizadas no Vale.

São José dos Campos, onde a emissora TV Vanguarda está instalada, é chamada de “a capital do Vale”. A cidade representa o 13º maior PIB (Produto Interno Bruto) do país e o 7º, quando avaliado somente o indicador industrial.³¹ As cidades valeparaibanas de São José dos Campos, Jacareí (72ª posição no PIB) e Taubaté (56ª posição) integram a lista das cem maiores economias do país no PIB geral. Quando avaliado o índice industrial, Pindamonhangaba também aparece na lista, em 86º lugar. Em 2003, esse grupo de municípios se tornou responsável por quase a metade (49,7%) de toda a riqueza produzida no Brasil (R\$ 1,5 trilhão). São José detém 0,9% do PIB brasileiro, 2,8% do paulista e possui atividade industrial concentrada em setores de alta intensidade tecnológica, como aeronáutico, automobilístico e químico.

³¹ Dados da pesquisa divulgada em 18 de novembro de 2005, realizada pelo IBGE em conjunto com a Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) (PEDROSO, 2005, p. 15).

2.3.1 Região de tradição

O Vale do Paraíba é uma região desenvolvida sob a marca de forte religiosidade. E as festas da região, em sua grande maioria, como veremos, celebram e expressam essa religiosidade e a fé da população valeparaibana. É o que explicam Thereza e Tom Maia, dois pesquisadores da cultura valeparaibana.

Com suas cidades nascidas sob o signo de padroeiras e padroeiros, o Vale do Paraíba logo se tornou um Vale festeiro. Ladainhas, novenas e procissões movimentam e povoam, há quase 400 anos, capelas, igrejas, ruas e praças, reunindo o povo em torno de festas em louvor e antigas devoções ou em torno de novas atrações. (MAIA, 1989, p. 19)

Além dos ciclos litúrgicos, as festas eram também ajustadas ao ciclo da vida natural, como destaca o historiador Francisco Soderro Toledo, também pesquisador da cultura e história da região. “As manifestações são ligadas ao litúrgico, como as festas dos padroeiros, das cidades, semana santa e natalinas. Ao ciclo da vida natural, marcadas pela influência da economia cafeeira, como as festas religiosas desenvolvidas entre abril e agosto, que correspondem ao período da colheita, preparo e venda dos grãos” (1988, p. 23). Realizam-se nesse período as festas de São Benedito, as festas juninas, do Divino Espírito Santo e as mais tradicionais, durante o mês de agosto, como do Bom Jesus, em Tremembé, e de Nossa Senhora da Piedade, em Lorena. E essa religiosidade, de origem no campo, foi naturalmente para a cidade. De acordo com Toledo, durante o século XIX, o catolicismo popular deslocou-se, gradativamente, da zona rural para os centros urbanos, sem apresentar grandes alterações nas suas características básicas (1988, p. 25).

A religião é um excelente instrumento para entender esse povo, que tem na fé uma das mais fortes marcas de sua identidade e alteridade. É o que reforça Carlos Rodrigues Brandão, a afirmar que a melhor maneira de se compreender a cultura popular é estudar sua religiosidade.

Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por

autonomia, em seus enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos. (BRANDÃO, 1980, p.15)

Thereza e Tom Maia explicam que cada cidade tem suas festas favoritas, mas algumas delas se destacam por sua tradição, seu significado e sua importância no contexto turístico e cultural, merecendo destaque especial. Eles organizaram as festas e celebrações regionais em nove grandes grupos: 1) **Festas Carnavalescas**, com destaque para São Luiz do Paraitinga, cuja festa de rua só toca marchinhas, antigas e novas, escolhidas em festivais. E as festas com os bonecos artesanais, presentes no carnaval de Monteiro Lobato, com o nome de “Pereirões”; em São José dos Campos, com o nome de “Grupo Piraquara” e em São Luiz do Paraitinga, representando figuras do folclore da região; 2) **Semana Santa**: as cidades valeparaibanas, em sua maioria, mantêm as Semanas Santas, com suas solenidades, procissões, matracas, imagens antigas e comidas típicas como a bacalhoadada, a paçoca de amendoim e o pinhão. A maioria das cidades também mantêm a tradição da queima do Judas. 3) **Festas de São Benedito**: padroeiro dos escravos, as festas em seu louvor são realizadas em toda a região, mantendo tradições, usos e costumes, com destaque para Guaratinguetá, realizada desde 1757; Aparecida – presença de grande número de grupos folclóricos do sul de Minas e região. 4) **Festas do Divino Espírito Santo**: realizadas desde o Brasil colônia, nas antigas vilas da região. Cidades como São Luiz do Paraitinga e Cunha preservam integralmente a tradição. 5) **Festas Juninas e Julinas**: são realizadas em escolas, bairros rurais e ruas, nos diversos municípios em toda a região. São homenagem aos santos: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho), São Pedro (29 de junho). 6) **Festas de Tropeiros**: com culinária típica e desfile de tropas autênticas, tiveram início na década de 1980, como a de Silveiras, no último domingo de agosto, e em Paraibuna, Piquete, Jambeiro, entre outras. 7) **Festas de Fazendeiros**: com o ciclo agropecuário na região, exposições de gado, produtos da fazenda, leilões de cavalos, hipismo rural, rodeio, *shows* com artistas famosos, restaurantes e distrações para crianças, passaram a atrair o grande público. Destaque para a Fapija – Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí (julho). 8) **Festas de Padroeiros**: nascidas sob o signo de padroeiros, as cidades do Vale não deixam de festejar anualmente os seus protetores, com novenas, missas, quermesses, procissões e

música. 9) **Festas de Natal:** Presépios, Pastorinhas³² e Folia de Reis marcam na região o ciclo de festas natalinas, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro (MAIA, 2000, p. 86-88).

Em cada uma dessas festas, desenvolve-se também uma ampla variedade de pratos e bebidas. São as comidas, bebidas e doces típicos, característicos de cada festa e evento religioso. O "afogado", ensopado de carne de vaca, servido com farinha de mandioca; a canjiquinha, quirera de milho cozida com costela de porco ou de frango; a paçoca de amendoim torrado, socado no pilão, com farinha de mandioca ou de milho e comida com banana ouro ou banana maçã. A doçaria é representada pelo "furrundum", doce de cidra ou de mamão ralado com rapadura ou açúcar mascavo; os doces de batata roxa, abóbora, mamão, laranja, figo, goiaba, banana. (PASIN, 2002).

As festas valeparaibanas são marcadas pelo seu caráter religioso e profano. Ao lado dos momentos litúrgicos e oficiais da igreja, a fé é demonstrada em manifestações populares, como danças, ritos, cantos, queima de fogos, cavalarias, comidas e diversão. Esses momentos são ricos de uma religiosidade própria, celebrando sua ligação com os santos de forma lúdica e alegre.

Na festa, o ser humano celebra sempre suas relações com a divindade. Nem a presença dos valores profanos tolda a limpidez dos valores sacrais que presidem a festa. O que importa é o que há nela de *re-ligio*, de religiosidade, de religação em ter os seres, de comunha, em suma. E é justamente nesta parte profana da festa que aparece a fé do povo, a verdadeira alma popular, a maneira de sentir, agir, orar, pensar, ter lazer e demonstrar sua arte e criatividade. (MOURÃO, 1987 apud MAIA, 1989, p. 19)

É o que afirma Beltrão, ao destacar que, além da parte litúrgica, "sob o controle da autoridade eclesiástica", uma parte importante da festa se desenvolve fora do templo.

De iniciativa de grupos autônomos (ou quase) de devotos, incluindo procissões e cortejos, representações de autos folclóricos, música,

³² As Pastorinhas são danças e cantos do ciclo do Natal em homenagem ao Deus Menino. Entoadas geralmente de frente aos presépios, as louvações são acompanhadas de música instrumental, e revivem a visita dos pastores à manjedoura de Belém.

danças, fogos de artifício, quermesses, jogos e brincadeiras, comidas típicas – tudo de acordo com rituais tradicionais, fundados em prescrições e superstições, totalmente fora do controle, do consentimento e, às vezes mesmo, um desafio à liturgia e à autoridade da Igreja. (BELTRÃO, 1980 apud MARQUES DE MELO, 2001, p. 112)

São momentos de grande demonstração de fé, em que o poder oficial é substituído por um poder de fantasia mágica, do grupo responsável por ela, formado por lideranças locais. As festas representam para o povo a esperança, a participação e a garantia da proteção especial de Deus, dos santos e da Virgem Maria. É o que reforça o historiador:

Ao lado do caráter religioso e festivo, elas constituem a expressão viva da capacidade da comunidade em idealizar e realizar seus projetos e perseguir utopias. Servem como instrumento de interação social, de compreensão de si mesmo, da manifestação da diversidade, de afirmação da identidade, englobando e permitindo a todos que se reconheçam com parte de um único povo, de um só passado, de uma história comum. (TOLEDO, 2002)

Outra pesquisadora da região do Vale do Paraíba, a antropóloga Elisa Torquato Salles, explica que a efervescência das comemorações, como força do coletivo e a necessidade de se reconhecer enquanto parte de uma nação, fez do Vale uma região de muitas festas, e ao mesmo tempo, por elas, se reconhece como uma região peculiar.

Puro exercício de sociabilidade, legítima forma de concretizar e traduzir a idéia que fazemos de nós mesmos, em encenações públicas que tão bem este Vale faz há quase quatro séculos! Celebramos os santos e os padroeiros, os reis congos, as folias dos reis, o carnaval, o divino, os peões etc... No mesmo espaço, as festas nos ensinam a compartilhar todos com todos, "alinhavando" assim de alto a baixo uma complexa ordenação social que vivemos [...]. Por elas revitalizamos nossas tradições, exercitamos nossa memória coletiva, pois nos ajudam a revitalizar nossos símbolos,

incorporar o conceito de cultura e ainda a melhor dimensionar nossa própria identidade, como um dos indicadores de uma sociedade regional valeparaibana. (SALLES, 2003)

E a Folia de Reis é uma dessas festas que reúnem todo esse caráter de comunhão, participação e celebração. Muniz Sodré e Raquel Paiva destacam o caráter simbólico da festa, “antropologicamente entendida como transformação cerimonial de antigos ritos agrários, destinados a celebrar instantes significativos da vida cotidiana, como a época da colheita, a chegada da primavera, o solstício de verão etc” (2002, p. 107). Ele lembra que a origem latina da palavra *festa* (*festum*, *dies festus*, *dies festivalis*, *feriae*) tem conotações religiosas, uma vez que provinha das designações de datas consagradas à celebração dos deuses, como ressalta:

Desde as épocas mais remotas da humanidade, *a festa aparece como teatro simbólico das vicissitudes identitárias do grupo*, portanto, como lugar de ritualização dos conflitos em torno do controle social. Nela, podem acontecer o caos das identidades socialmente estabelecidas (paródias, ritos de inversão dos papéis sociais), o descontrole das pulsões normalmente organizadas (orgasmos, estases), a subversão dos conceitos e das categorias (trocadilhos, apelidos, jogos de linguagem), levando o povo a ver no espelho do imaginário a sua própria cara, com todas as distorções que a alegre radicalidade dessa experiência possa comportar. Na festa, o riso é ambivalente e coletivo (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 107, grifo do autor).

Para ele, o *valor simbólico da festa* decorre dessa dinâmica que demarca e ajuda a construir a memória da cidade, que possibilita a reconstrução de identidades ameaçadas e que realimenta as energias coletivas voltadas para a preservação da singularidade grupal. A festa constitui o valor originário de uma forma social que “é fundadora de uma potência de *produção de socialidade*, em que não deixa de se fazer sempre presente na movimentação participativa, ainda que de modo latente, uma certa violência” (SODRÉ e PAIVA, 2002, p. 108, grifo do autor).

A festa também é um retrato dos aspectos produtivos e sociais, relacionando-se com os meios de trabalho, exploração e distribuição. Também expressa uma forma de coesão do grupo, de reforçar laços de solidariedade. “A festa cria uma

complexa teia de relações e interesses, cujo cerne está localizado no interior da sociedade civil, desencadeando processos de celebração que a nutre e fortalece” (MARQUES DE MELO, 2001, p. 110). Este sentido tem forte presença na Folia de Reis, pelas trocas, visitas, orações oferecidas e recebidas ao longo da peregrinação.

Da Matta afirma que as festas geralmente comemoram ou celebram alguma coisa que realmente parece ter acontecido. “A vida de um santo é uma história exemplar a ser imitada pelos homens, e a procissão que ao santo se dedica diz um pouco dessa caminhada terrena para o Céu, reproduzindo-a numa espécie de teatro cristão que é o ritual religioso” (DA MATTA, 1984, apud MARQUES DE MELO, 2001, p. 111). E é isso que a Folia de Reis vai fazer: reviver, recontar, rememorar o nascimento de Cristo e o trajeto dos Reis Magos ao seu encontro. E, nesse trajeto, reelaborando e reforçando os laços entre a comunidade.

2.3.2 A Folia de Reis

Vinte de cinco de dezembro
meia-noite deu sinal
nasceu o Menino Deus
na noite de Natal
(verso de Folia de Reis de Cunha)

Folia de Reis, Bandeira de Reis, Terno de Reis, Companhia de Reis. Estes são alguns dos nomes usados para designar a festa que faz a representação da peregrinação dos reis magos, orientados pela estrela-guia, ao encontro com Jesus recém-nascido. Durante a peregrinação, que se inicia nas vésperas de Natal, os cantadores recolhem doações até o dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis, data em que é celebrada a festa final, que representa o encontro dos Reis Magos com o Menino Deus. A festa é realizada com as doações.

O pesquisador Alceu Maynard Araújo classifica a Folia de Reis como uma celebração do solstício de verão, que tem como principal festa o Natal. Ele explica que as festas do nascimento de Jesus são comemoradas desde o início da religião cristã e que foram reguladas no ano 138 pelo papa São Telésforo, sem uma data

fixa: às vezes aconteciam em janeiro, outras em abril. Foi o papa Júlio I que, em 376, fixou a data de 25 de dezembro para o nascimento de Jesus. Em seu estudo, Araújo destaca a comemoração da Folia de Reis de Cunha, cidade do Vale do Paraíba, que mantinha as características tradicionais e a religiosidade. Referindo-se a elas, ele escreve:

Os ternos de reis, os tiradores-de-reis, com seu cantochão-acaipirado, percorrem, à noite, quais os reis magos, cantando e pedindo óbulos para a sua *feira de reis*... A folia se reveste de um caráter sagrado, são os representantes dos reis magos, visitando os devotos, havendo um ritual especial de visitas e reverência nas casas onde há presépios. Na cantoria, os versos giram em torno destes temas: anunciação, nascimento, estrela-guia, Reis Magos, adoração, ofertório, agradecimento e despedida. (ARAÚJO, 1964, p. 129)

Para Luís da Câmara Cascudo, a *folia*, originária de Portugal, é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana. No Brasil, é caracterizada por um grupo precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo³³ ou para a festa dos Santos Reis Magos (CASCUDO, 1954, p. 635-636). Em Portugal, a Folia de Reis tinha como finalidade o divertimento do povo. “Durante suas andanças, esses grupos batiam às portas das casas onde eram abertas as salgadeiras ou depósitos de mantimentos, pois nessa época na Europa é frio” (MAIA³⁴, 1989, p. 120).

Foi ao chegar ao Brasil que ela adquiriu esse sentimento mais religioso. Peregrina, das vésperas de Natal até o dia 6 de janeiro ou mesmo até 2 de fevereiro. Essas folias têm versos próprios para pedir, agradecer e retirar-se, dando as despedidas. As folias do divino andam sempre de dia e “as folias de reis andam, à noite, no mister idêntico de esmolar para a festa dos Reis Magos” (CASCUDO, 1954, p. 636).

Carlos Rodrigues Brandão ressalta que a Folia de Reis é uma lembrança.

³³ As Folias do Divino também são muito tradicionais no Vale do Paraíba. São formadas por homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo do Divino Espírito Santo. Há o rei, que leva a varinha de madeira, enfeitada com fitas de seda e flores artificiais. O alferes leva a bandeira com o desenho do espírito santo (a pomba), um pajem leva a coroa, os mordomos, as lanternas e os fidalgos, os instrumentos. Da ressurreição a Pentecostes, percorrem as ruas e pedem esmolas para realizar a festa do Divino Espírito Santo (CASCUDO, 1954, p. 635).

³⁴ Os pesquisadores Theresa e Tom Maia acompanharam muitos desses grupos no Vale do Paraíba, entre os anos de 1970 e 1988.

Ela lembra com palavras e cantos, mas também com gestos de partilha e de bênção, aquilo que 'há muito tempo aconteceu', quando os Santos Reis do Oriente partiram em busca de um menino anunciado em silêncio por uma estrela, anunciado entre cantos de louvor pelos anjos de Deus. Ela lembra 'aquilo' e por isso mesmo é uma de nossas mais completas e mais bonitas festas de lembrança cristã. (BRANDÃO, prefácio da edição de PESSOA, 1993, p. 5-6)

E como destaca Ecléa Bosi, recordar é fazer algo. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1987, apud PESSOA, 1993, p. 13). Essa é uma boa definição da Folia de Reis, que rememora a história com trabalho, com ação, com gestos.

Na *Antologia do Folclore Brasileiro*, o texto do pesquisador Melo Morais Filho (1844-1919), companheiro de Silvio Romero, descreve as folias de reis e a festa da chegada ou Chegança, já destacando a importância que a festa tem para a população.

Há dias no ano em que o povo precisa fazer-se criança. Contrariar esta lei, é torná-los triste, desgraçado. Essa bem-aventurança popular, esse esquecimento momentâneo das lutas pela vida, só a religião largamente proporciona [...] Em qualquer dos estados, a crença tem para o povo estrelas que o iluminam, horizontes que se abrem em alas. (MORAIS apud CASCUDO, 1943, p. 186-187)

Brandão afirma que as folias são ao mesmo tempo uma procissão e uma romaria. Ele diferencia os dois termos dizendo que, na procissão, o que é festejado é o santo, ele e sua imagem saem do altar e vão até o povo, que o festeja; já na romaria, aconteceria o contrário: “são as pessoas devotas que saem de onde estão e viajam em busca do santo, do sagrado” (BRANDÃO, prefácio da edição de PESSOA, 1993, p. 5). Nesse sentido, as folias se parecem com uma romaria, pois são um cortejo de devotos, indo de casa em casa, de lugar em lugar, entre cantos e rezas, bênçãos e peditórios (BRANDÃO, *op. cit.*). A folia é também uma procissão, que chega de casa em casa com a bandeira, “a nossa guia”. Mesmo sem levar uma imagem, as pessoas levam símbolos de fé. “Ela leva gestos e eles valem mais que tudo: cantar na porta da rua, cantar na casa, diante de um altar; pedir esmolas;

distribuir as bênçãos; repartir a comida e o descanso nas casas de pouso; fazer o anúncio. Pregar o amor com ditos tão simples, com frases de cantos tão fraternos” (BRANDÃO, prefácio da edição de PESSOA, 1993, p. 6).

Brandão explica que, em muitos lugares, a Folia é uma prática que “redefine todo um vasto território de sua passagem, envolve um número imenso de pessoas durante o 'giro' e retraduz, com os símbolos do sagrado popular, aspectos tão importantes do modo de vida camponês, marcados essencialmente por trocas solidárias de bens, serviços e significados” (1982, p. 64). São práticas que reforçam laços de familiaridade, amizade, vizinhança, afiliação e cumplicidade (1982, p. 163).

Além desse “dar-receber-retribuir” destacados por Brandão, a Folia de Reis comunica outros significados sociais, que dizem respeito a toda a vida da comunidade, tais como forma de vestir, de proceder, quanto às obrigações para com o sagrado, de conduta moral etc. Para Roberto Benjamin, na Folia de Reis, a riqueza simbólica dos elementos que compõem a festa bem como do ritual, revelam sentimentos de sagrado do grupo, de suas relações de respeito e reverência, e se configuram como formas importantes de processos comunicacionais: “A música, a dança, a linguagem gestual, a microgestualidade, os códigos implícitos na cor e na forma dos objetos e do vestuário, a ocupação dos espaços cênicos e outros elementos que têm significados próprios dentro de cada grupo cultural” (BENJAMIN, 2002, p. 20).

Já na época de seu estudo, em meados do século XX, Araújo chama a atenção para o papel dos meios de comunicação e o impacto sobre as culturas. “Implemento das festas natalinas é o presépio, que dia a dia vai sendo olvidado em todo o Brasil. Graças ao cinema e outros fatores socioeconômicos, não se desprezando também o da imitação, as árvores de natal vêm substituindo paulatinamente o presepe” (ARAÚJO, 1964, p. 130). As lapinhas³⁵ e presépios representam a cena bucólica da manjedoura de Belém. Apesar do estudioso chamar o Natal de uma festa de consumo, ele afirma que, no sul e sudeste, assume caráter mais sacro, com a “obrigação religiosa da Folia de Reis”.

Brandão ressalta que, por muitos anos, a Igreja institucionalizada viu “com reservas ou franca hostilidade estes grupos concorrentes de trabalho religioso ritual”

(1982, p. 66). Ele explica que a separação entre o domínio eclesiástico erudito e o domínio popular é tão grande, neste caso, que todo o ciclo natalino que abrange a Folia de Reis dispensa, sem qualquer dificuldade, a presença de padres. E, na maior parte do país, as folias realizam sua peregrinação e festa, “longe dos olhos da Igreja” (BRANDÃO, *op. cit.*). Recentemente, alguns setores da Igreja, após o Concílio Vaticano II, têm buscado a reaproximação com os setores mais populares. Brandão se pergunta se essa seria uma “aliança verdadeira” ou uma “atitude manipuladora” (1982, p. 65-66). No caso deste estudo, essa observação é importante, principalmente porque é a Basílica Nacional de Aparecida que está abrigando os encontros anuais de grupos de Folia de Reis, promovidos pela cidade de Aparecida e que são temas de duas das seis reportagens que serão analisadas. De formação redentorista, os padres de Aparecida “pregam” a valorização popular e o respeito à sua religiosidade e devoções.

Para Pessoa, a Folia de Reis é uma representação do cotidiano de trabalho, sofrimentos, inventividade e alegrias da gente do campo, que envolve as pessoas da comunidade. “É um ritual organizado e vivido em um grande número de funções que incluem todas as pessoas circunscritas pelo giro” (1993, p. 116). São as pessoas que cantam, tocam, dão esmolas, organizam a festa, carregam a bandeira, brincam com os palhaços etc., pessoas mais ou menos devotas, assumindo diferentes papéis. “Por isso, a folia é um ritual muito complexo e variável” (PESSOA, *op. cit.*).

2.3.3 O ritual e os símbolos da Folia de Reis

“ô di casa meu sinhô,
acordai si estais durminu
arrecebei a vigita alegri
na chegada du sinhô Mininu”
(ARAÚJO, 1964, 145)

³⁵ Lapinha: casinha aberta, enfeitada, onde são colocadas as principais figuras do presépio.

A data e a forma da festa têm variado, mas seu sentido não. Segundo a tradição, a folia deveria sair a partir do dia 24 e 25 de dezembro e se estender até 6 de janeiro. Eventualmente, ia até 2 de fevereiro. Mas em função da mudança do tempo da vida atual e dos compromissos diferentes de sua origem agrária, as peregrinações começam antes, geralmente nos finais de semana, a partir de meados de novembro e se estendem até 6 de janeiro ou depois. Nunca ultrapassando 2 de fevereiro. Outra mudança foi o fato de que as folias só saíam à noite e hoje também saem de dia.

Com violões, cavaquinho, pandeiro, pistão entre outros instrumentos, os foliões cantam à porta das casas, despertando os moradores e recebendo esmolas, servindo-se de café ou de pequena refeição. O chefe do grupo é o alferes ou mestre da folia. No dia 6 de janeiro, realizam a Festa de Reis, para celebrar a chegada dos Reis Magos ao seu destino: o encontro com o menino Jesus. Os festeiros ajudam, contribuem, arrumam o local. Ser festeiro é uma honra e também pode ser resultado de uma promessa. Costumam ser pessoas devotas dos Santos Reis que fazem promessas ou são os próprios foliões e lideranças do grupo. “Da véspera de Natal (24 de dezembro) até Candelária (2 de fevereiro) a Folia de Reis, representando os próprios reis magos, sai angariando auxílios” (CASCUDO, 1954, p. 636).

Em função das visitas combinadas, do trajeto definido por onde a folia vai passar, dos rituais de recepção, bênção, troca e despedida, Brandão entende a Folia de Reis como uma reconstrução simbólica de um espaço camponês pra usos comunitários de um ritual religioso produzido entre um grupo móvel de foliões e grupos fixos de moradores. (BRANDÃO, 1981, p. 39). “A Folia de Reis é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeito de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981, p. 36).

Originalmente, a Folia de Reis só saía à noite para simular a peregrinação dos Reis Magos, que eram guiados pela estrela-guia. “Foram eles que cantaram as louvações no nascimento de Jesus, daí ter ficado essa obrigação de cantar a Folia de Reis por ocasião do Natal. Os foliões têm que imitar em tudo os Reis Magos” (ARAÚJO, 1964, p. 171). Os reis magos são três e Araújo destaca que muitos de seus entrevistados afirmam que os três magos simbolizam as três raças que deram

origem ao povo brasileiro: a branca (o português), a cabocla (o índio) e a negra (o africano):

[Os Reis Magos] Eram doutos e da classe sacerdotal, astrólogos. Nas esculturas populares são facilmente reconhecidos. Muitos caipiras dizem que os Reis Magos são: Rei Branco, Caboclo e Congo. Outros há que nos contam seus nomes e descrevem como reconhecê-los. Melchior ou Melquior é o Rei Branco. É ancião, usa barbas brancas e longas. A sua oferta foi ouro, que simboliza que Jesus é Rei. Gaspar é o Rei Caboclo, jovem, imberbe e corado. Sua oferta foi mirra, que significa que Jesus é Homem. Baltasar é o Rei Congo, barba espessa. Sua oferta foi incenso que significa Jesus é Deus. (ARAÚJO, 1964, p. 170)

O ritual de entrada, pedidos, retribuição pode variar de região para região, como entre os estados. Mas sua estrutura é basicamente a mesma em todos os lugares. Os foliões chegam à porta da casa cantando. Quando entram na casa, os foliões pedem licença para a cantoria começar em frente ao presépio, e a bandeira que abençoa e livra a todos de más influências é passada para as mãos dos anfitriões. “É de praxe abrir-lhes a porta e acolhê-los hospitaleiramente, dando-lhes não só o óbulo como lhes oferecendo café, bolos ou bebidas” (MAIA, 1989, p. 121).

Brandão propõe uma lista com uma seqüência de gestos. Sua pesquisa foi focalizada em folias de Goiás e de São Luiz do Paraitinga³⁶, Entre os gestos básicos, podem-se destacar: os foliões cantam diante da casa e de seu dono; o dono segura a bandeira; os foliões cantam dentro da casa pedindo as bênçãos aos moradores; os foliões pedem a ajuda ou esmola; os foliões agradecem as doações e se despedem (1981, p. 50).

Ao constituir o espaço simbólico da jornada dos Reis, a Folia transporta para dentro dele, com nome e proclamações de bênçãos: as pessoas, os animais, os objetos e as trocas do próprio mundo camponês. Assim, os mesmos homens do trabalho agrário cotidiano aparecem por sete dias revestidos de cumplicidade com os mitos populares de uma história sagrada que todos conhecem por ali. Na

³⁶ São Luiz do Paraitinga é uma cidade da Serra do Mar, dentro da área de cobertura da TV Vanguarda.

medida em que realizam a jornada e cantam de casa em casa, eles reconstituem tanto esta história, quanto os gestos e as palavras de suas pequenas estórias, tal como acreditam que tenham acontecido e tal como supõem que reproduzem, com uma fidelidade que se perde aos poucos, mas que ainda é legítima, sem dúvida alguma. (BRANDÃO, 1981, p. 40-41)

Uma das funções da Folia é angariar donativos para a festa da chegada dos Santos Reis ou Reisado, celebrada no dia 6 de janeiro. Quem pode colabora. Quem não pode, é convidado para a festa da mesma forma. “Donativos estes que podem ser feitos em dinheiro ou em espécie, isto é, em frangos, leitões, garrotes, ovos, bebidas etc.” (MAIA, 1989, p. 121). O valor material dos bens recebidos é pequeno quando comparado com seu alto poder simbólico:

Durante toda a jornada de Santos Reis os homens são obrigados a trocar, e o espaço camponês por onde passam, na verdade, é o de um grande ritual/mercado de circulação de bens de pequeno valor material e de bens de um acreditado grande valor simbólico-religioso [...] O que a Folia faz é proclamar e responder por um tempo ritual diferente de trânsito entre homens e dádivas. (BRANDÃO, 1981, p. 44)

A participação na folia está ligada a vários fatores: promessa, gosto, tradição de família ou até “herança” (a pedido de parente que era folião e morreu). Quem não participa e conhece o ritual, tem profundo respeito pelas folias e recebê-las em sua casa ou encontrá-las pelo caminho é um momento de alegria e fé. “Por várias vezes encontramos folias pelas estradas do Vale do Paraíba e pudemos observar o respeito que os passantes têm por elas. Alguns beijam as fitas ou a própria bandeira, dão esmolas e até rezam” (MAIA, 1989, p. 122).

Entre os principais elementos simbólicos da Folia de Reis estão sua música, nos versos cantados e sua estrutura interna, bem como a presença das bandeiras e dos palhaços, sendo estes dois últimos são elementos opcionais, mas encontrados na maioria das folias valeparaibanas.

2.3.3.1 A cantoria

Os principais elementos de uma folia são o mestre (líder da folia), o contra-mestre, o contrato (contralto), o tiple e o contra-tiple. Cada um tem uma função específica e quase todos tocam também um instrumento. O mestre organiza o grupo, aceita ou não os candidatos e passa os ensinamentos e tradições da folia. Faz a primeira voz no canto propondo e solando os versos. Também é chamado de embaixador e capitão e, geralmente, toca viola. Ele ainda conduz as orações e as intenções dos devotos. O contra-mestre comanda o coro, faz a segunda voz. O contrato faz o dueto com a segunda voz. “Contramestre e contralto são os que respondem, junto com o mestre, a repetição do segundo verso” (BRANDÃO, 1981, p. 30).

A voz mais característica da folia pode receber vários nomes: tiple, tala ou corte. Passando de graves a agudos. “Começa no bemol ou nota grave, o contra-corte no tom acima, meia voz acima ainda e finalmente a tala, que é a quarta voz” (MAIA, 1989, 124). Brandão explica que são prolongados gritos agudos, do tiple e do contra-tiple que caracterizam a folia. “Eles dão resposta aos versos e prolongam, segundo o tipo de cantoria, os longos gritos finos do final dos versos” (BRANDÃO, 1981, p. 30).

O número de instrumentos não é constante e podem variar no tipo: violas, violões, sanfonas, caixas, pandeiros, violino, bandolim, cavaquinho, clarineta, sax-baixo, reco-reco, triângulo, entre outros.

As músicas cantam a profecia, a anunciação, o nascimento e a louvação. Brandão explica que há vários tipos de cantorias: a) para a Folia pedir almoço ou pouso de janta e dormida; b) para se apresentar e dizer por que veio; c) para pedir oferta de esmolas; d) para agradecer por serviços de pouso e de ofertas de bens, distribuindo bênçãos em nome de Santos Reis; e) para atualizar o cumprimento de promessas; f) para se despedir de volta à caminhada entre casas; g) para fazer a adoração ao presépio (1981, p. 39).

Várias vezes terá sido possível notar que, por debaixo das palavras universais da linguagem cristã, a Folia canta uma espécie de crônica

da vida camponesa. Mais do que isso, a 'cantoria' conduz, passo a passo, as ações das pessoas, definindo quem são, o que estão fazendo e o que está acontecendo por causa do que se faz. (BRANDÃO, 1981, p. 40)

2.3.3.2 Palhaços

A presença dos palhaços, em alguns grupos de Folia de Reis não diminui o caráter sagrado do peditório. Nas folias, em número de dois ou três, a função do palhaço varia. Não só a função, bem como o simbolismo. Em algumas, como muitas do Espírito Santo, eles representam satanás, usam vermelho, chapéu cônico e o “inseparável relho”. Não entram nas casas e locais onde há imagens de santos, presépios ou cruzes. Em outros, comumente em Minas Gerais, representam Herodes e seus espias que seguiram os reis magos e acabaram convertendo-se ao cristianismo. Nem cantam nem tocam instrumentos, e têm uma dança especial. Executam saltos, acrobacias, piruetas e acompanham o ritmo acelerado da música. São a diversão das crianças mais velhas e o terror das menores.

Os palhaços são associados ao rei Herodes e aos seus soldados, perseguidores implacáveis dos Reis em busca do Menino Jesus. Por isso, em vários lugares, eles acompanham a Folia, fazendo a todo momento comportamentos opostos aos dos foliões: não entram na casa enquanto há cantoria, ficam de fora correndo atrás de crianças e de cachorros; debocham das pessoas, do dono da casa e mesmo dos foliões. (BRANDÃO, 1981, p. 46)

São também chamados de “guardas da companhia”, mcorongo, morongo, marongo, Sebastião, Bastião. Porém todos usam disfarce: a máscara. As máscaras dos palhaços são todas de feitura caseira, de papel e jornal ou de couro de animal. Os palhaços vestem macacões ou duas peças de algodão, sempre estampadas e de cores vibrantes. Nas mãos, levam um bastão ou relho ou mesmo um apito, para assinalar a chegada ou a partida dos foliões (MAIA, 1989, p. 123).

2.3.3.3. Bandeira e Caixinha

A bandeira tem papel de destaque na folia. É carregada pelo alferes ou bandeireiro, que em muitos casos é quem recebe o donativo. É executada geralmente em tecido brilhante, tipo cetim, sendo bastante enfeitada. Em todas, há pregada ou pintada a cena do presépio, além de flores em papel ou plástico.

É um símbolo de respeito. Permanece sempre com o mesmo grupo. [...] Em frente à bandeira, os foliões procuram se portar sempre com muita discricção [...] Se o grupo for pousar na casa e após a cantoria, houver baile, forró, arrasta-pé, a bandeira é guardada 'para não assistir à festa que não pode ser vista por ela'. (MAIA, 1989, p. 122)

No caso da Folia de Reis de Caixa ou de Caixinha, junto com a folia, sai um oratório chamado “caixinha”. Tem em seu interior o “o Menino Deus”, enfeitada com flores de papel e plástico, papel brilhante. Levada sempre com muito respeito. Tanto a bandeira como a caixinha seguem à frente do grupo e recebem o respeito de todos.

2.3.3.4 A Festa de Reis

Um ponto-chave em todas as definições de folia está na referência ao ponto final da peregrinação: a Festa de Reis. “Apesar da ênfase em diferentes elementos, um elemento as perpassa: a folia culmina nos festejos de Reis, feitos com os donativos recolhidos entre os moradores” (PESSOA, 1993, p. 109).

A peregrinação das folias se encerra com uma festa, cujo nome pode ser Chegança, Chegada ou Reisado, ou simplesmente Festa de Reis. É para a realização dessas festas que foram reunidas as doações ao longo da peregrinação. Geralmente, é realizada no dia 6 de janeiro, dia de Reis. Alguns fatores, entre eles o econômico, podem transferir a festa para outra data, que nunca ultrapassa o dia 2 de fevereiro.

A festa é realizada em local predeterminado. A comida é geralmente é preparada pela comunidade, que se organiza e reveza para realizar todo o trabalho.

No dia marcado para a festa, a chegada da Folia de Reis ao local obedece a um ritual bem definido. Antes de entrar no espaço preparado para a celebração, a folia deve passar por três arcos de bambu, enfeitados com bandeirinhas e flores. Segundo alguns foliões, cada arco representa um dos reis. Para outros, os arcos são as portas de Belém, que levam até o presépio. Só podem ser ultrapassadas pelos convidados depois que a folia tiver passado por eles. “Sob o primeiro arco foram cantados 8 versos. No segundo arco, 10 versos e no terceiro, 12 versos, todos eles alusivos à chegada dos Reis a Belém e à viagem de nossa senhora fugindo de Herodes” (MAIA, 1989, p. 127). É um momento de grande emoção para os cantadores, que parecem envolvidos em um transe. Muitos contam que nem se lembram depois do que cantaram. Dizem também que o segundo arco é o mais importante, mas não dizem por que, afirmando que protegem um segredo.

No interior do recinto, a folia ainda pode cantar para o presépio. Geralmente, são cantados 25 versos, que narram a história do nascimento de Jesus, desde a anunciação. Os festeiros passam a coroa para os novos e dá-se início à festa, com distribuição de bebidas e comidas.

Assim como o trânsito das companhias de Folia de Reis, a festa também acontece, quase sempre, independente do conhecimento ou aprovação do poder público. Raras são as prefeituras e secretarias de Cultura que sabem onde e quando elas serão realizadas. Beltrão propõe o entendimento das manifestações folclóricas como “a linguagem do povo, a expressão de seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais dominantes” (BELTRÃO, 2004, p. 71). A Folia de Reis encaixa-se perfeitamente nessa descrição, já que se constitui como uma festa em que o povo questiona e desafia o poder da Igreja e do Estado. A Festa é realizada, na maioria das vezes, contra a orientação das instituições.

A relação da Folia de Reis com as formas de Poder — notadamente a Igreja, que assume sempre o papel de coordenadora das manifestações de cunho religioso — ocorre de forma a reverter as estruturas e relações tradicionais. Na Folia de Reis, o próprio povo assume a iniciativa de organizá-la e promovê-la, deixando de ficar meramente na situação passiva de consumidor, como ocorre nas

festas religiosas oficiais. O grupo responsável por sua organização e execução prepara a festa sem o consentimento da Igreja, que a considera um evento profano. Os organizadores de Silveiras têm consciência da desaprovação dos padres católicos, mas argumentam que a festa é religiosa, mas só que do povo. Percebe-se na literatura e nas atitudes do grupo de Silveiras um caráter desafiador, de quem questiona a ação (ou não-ação) da Igreja sobre a comunidade. (FREITAS, 2004)

Interessante destacar, que mesmo sendo o momento culminante da Folia de Reis, e que lhe dá sentido, nenhuma das reportagens analisadas aborda a Festa da Chegada. Mas a cobertura da Folia de Reis nos telejornais da TV Vanguarda será analisada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A CULTURA REGIONAL TRANSFORMADA EM NOTÍCIA

Para o estudo das matérias sobre a Folia de Reis dos telejornais da TV Vanguarda, utilizaremos a análise de conteúdo, segundo a proposta de Laurence Bardin, que a define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem. (BARDIN, 1977, p. 42)

A autora explica que a leitura efetuada pelo analista tem por objetivo realçar um sentido que se encontra em segundo plano, que é o que vamos buscar analisando as matérias jornalísticas sobre a Folia de Reis veiculadas pela TV Vanguarda.

Albert Kientz afirma que a análise das mensagens difundidas pelas mídias permite apurar com exatidão as atitudes, as tendências e, em última análise, o espírito que caracteriza o jornal, a emissora de rádio ou a televisão (1973, p. 58). “A análise de conteúdo permite revelar (no sentido fotográfico), os modelos, as imagens, os estereótipos que circulam na cultura de massa” (1973, p. 69).

Bardin estabelece três fases bem definidas para análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento ou interpretação dos resultados.

3.1 Pré-análise e exploração do material

A fase de pré-análise refere-se à organização do material propriamente dito e tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as idéias principais. Geralmente, essa primeira fase possui três missões: “a escolha dos documentos a serem

submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (1977, p.95, grifo do autor).

3.1.1 A escolha dos documentos

Os documentos escolhidos para análise foram todas as matérias sobre a Folia de Reis veiculadas pela TV Vanguarda, referentes ao Ciclo de Natal de 2004 e de 2005. No total, a emissora levou ao ar seis matérias, sendo que três delas foram relacionadas ao primeiro período, veiculadas entre os dias 30 de dezembro de 2004 e 6 de janeiro de 2005; e as outras três referentes ao segundo período, divulgadas nos dias 13 e 16 de janeiro de 2006. Elas foram inseridas nos dois principais telejornais regionais da emissora: o *Vanguarda TV 1ª Edição* (das 12h15 às 12h45) e *Vanguarda TV 2ª Edição* (18h50 às 19h10), que vão ao ar de segunda a sábado. O Quadro 3.1 a seguir esquematiza essa programação.³⁷

	Data		Telejornal	Assunto	Tempo
Ciclo de Natal de 2004	1	30/12/2004	Vanguarda TV 1ª edição	Folia de reis de São José dos Campos	2min15s
	2	03/01/2005	Vanguarda TV 1ª edição	Folia de reis de Paraibuna	4min
	3	06/01/2005	Vanguarda TV 1ª edição	Dia dos Santos Reis	6min30s
Ciclo de Natal de 2005	4	13/01/2006	Vanguarda TV 1ª edição	Encontro de Folia de Reis em Aparecida	1min33s
	5	13/01/2006	Vanguarda TV 2ª edição	3º Encontro de Folia de Reis em Aparecida	1min44s
	6	16/01/2006	Vanguarda TV 1ª edição	Folia de Reis em Lagoinha	2min20s

Quadro 3.1 Telejornais dos Ciclos de Natal 2004/2005

³⁷ O espelho do noticiário, ou seja, a lista de todas as matérias em cada um destes dias com os tempos respectivos encontra-se no Apêndice A.

Bardin lista quatro regras básicas para a seleção dos documentos a serem analisados: a) Regra da Exaustividade; b) Regra da Representatividade; c) Regra da homogeneidade; d) Regra de Pertinência (1977, p. 97-99).

Pela Regra da Exaustividade deve-se garantir que todos os elementos do *corpus* definido tenham sido selecionados para o estudo. Podemos assegurar que esse critério foi atendido, ou seja, todas as reportagens sobre Folia de Reis no período definido foram analisadas. Para isso, foi contratado o serviço de uma empresa de *clipping* eletrônico, que registra todas as matérias de todas as edições dos telejornais da TV Vanguarda.

A Regra da Representatividade visa garantir que a amostra seja parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados para o todo. Podemos garantir que a amostra selecionada representa o todo da cobertura sobre Folia de Reis no período analisado.

A Regra da Homogeneidade garante que os documentos retidos precisam ser homogêneos, ou seja, obedecem a critérios precisos de escolha. Isso é garantido pela escolha de uma única emissora, e pela análise apenas de telejornais, produtos noticiosos que obedecem ao mesmo formato e processo de produção.

Pela Regra da Pertinência, conforme Bardin, garantimos que os documentos selecionados para o estudo são “adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objectivo que suscita a análise” (1977, p. 98).

3.1.2 Formulação das hipóteses

A segunda dimensão faz referência às hipóteses formuladas. Nesta análise, pretendemos mostrar como o telejornal reconstrói o sentido da festa, transformando-a em produto noticioso, a partir de três aspectos, conforme abordado no Capítulo 1.

O primeiro refere-se à criação de uma nova temporalidade, por entendermos que esse é um elemento central da festa que é modificado pelo telejornal. Em seguida, faremos a análise dos aspectos que promovem a descontextualização do tema, já que acreditamos que, no telejornal, elementos importantes da festa são

suprimidos ou tratados de forma fragmentada, assim como outros são inseridos, alterando o sentido original do evento. Neste ponto, trataremos também de como a escolha do telejornal, o bloco e a posição na matéria no bloco do telejornal, entre uma notícia e outra, concorrem para a compreensão da Folia de Reis como mais um evento pitoresco da região. Em terceiro, analisaremos como o processo seleção de imagens e edição acontece no telejornal, comprometendo a compreensão do sentido da Folia de Reis.

3.1.3 Elaboração dos indicadores para análise

Bardin explica que a escolha dos indicadores se dá em função das hipóteses (1977, p. 100). O material é recortado em unidades comparáveis de categorização e codificação. “Estas, de acordo com o material ou código, podem ser a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado” (BARDIN, 1977, p. 36). Para isto, é necessário definir as unidades de codificação ou de registro, ou seja, decompor o *corpus* da análise em itens e unidades menores que facilitem o estudo. Assim, cada item, ou seja, cada uma das seis matérias veiculadas sobre o tema Folia de Reis pela TV Vanguarda no período definido será codificada segundo os seguintes aspectos:

- a) Telejornal**
- b) Data**
- c) Repórter**
- d) Cinegrafista**
- e) Tempo da matéria**
- f) Tempo médio das matérias do telejornal**
- g) Bloco do telejornal**
- h) Outras matérias do bloco**
- i) Foco da matéria: tema**
- j) Trechos que evidenciam o foco da matéria**

- k) Explicações sobre o que é a folia**
- l) Cidade**
- m) Tempo da fala de repórter e apresentadores**
- n) Tempo da fala dos entrevistados**
- o) Som da cantoria**
- p) Cortes**
- q) Cenas com palhaços em destaque**
- r) Cenas com crianças em destaque**
- s) Cenas com destaque para a bandeira/estandarte**
- t) Cenas produzidas**

Para a segunda fase da análise de conteúdo proposta por Bardin, a exploração do material, todas as seis reportagens foram sistematicamente codificadas e estruturadas conforme os indicadores definidos. Com base nesses indicadores, foram montados seis quadros, com os dados observados para cada uma das matérias que abordaram o tema nos telejornais da emissora, conforme o Apêndice B.

3.2 Interpretação dos dados

Para facilitar a visualização das informações da terceira etapa, que consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação, esses indicadores serão separados em três grupos, de acordo com cada uma das três hipóteses da análise.

3.2.1 Criação de uma nova temporalidade

Para entender as mudanças que o telejornal processa em relação ao tempo da festa, serão analisados os itens:

b) Data

e) Tempo da matéria

f) Tempo médio das matérias no telejornal

p) Cortes

Assim, segue a tabela com os dados das seis matérias:

Tabela 3.1 Datas e duração das matérias elencadas

Itens	Matéria 1	Matéria 2	Matéria 3	Matéria 4	Matéria 5	Matéria 6
Data	30/12/2004	3/1/2005	6/1/2005	13/1/2006	13/1/2006	16/1/2006
Tempo da matéria	2min15s	4 min (55s sobre o moinho)	6min30s	1min33s	1min44s	2min20s
Tempo médio das matérias	1min32s	1min53s	2min04s	1min19s	1min08s	1min18s
Som das cantorias	14s	31s	48s	4s	6s	30s
Cortes	28 cortes	43 cortes	72 (cortes + ao vivo) ³⁸	18 cortes	27 cortes	32 cortes

3.2.1.1 As datas

As datas das matérias do Ciclo de Natal de 2004 estão dentro do tempo da festa (30/12/2004, 3/1/2005, 6/1/2005). O mesmo não acontece no Ciclo de Natal do ano seguinte, em que as datas estão todas fora da temporalidade original da narrativa da Folia de Reis: duas foram veiculadas no dia 13/1/2006 e uma terceira no dia 16/1/2006. Um dos fatores responsáveis por isso foi o foco das reportagens no Encontro de Folia de Reis de Aparecida, que privilegiou mais o aspecto noticioso e factual do evento. Além disso, as duas matérias veiculadas no mesmo dia mostram

³⁸ Para obter este número, como parte da matéria é mostrada ao vivo, não há cortes, mas sim um movimento contínuo da câmera que se desloca de um ponto para outro, de um personagem para outro. Assim, vamos considerar cada ponto em que a câmera se detém como uma imagem em si, como se fosse um corte. Para obter o total de 72, foram somados os 37 cortes da parte gravada com as 35 imagens coletadas ao vivo.

uma opção pela facilidade da produção, já que em uma visita foram feitas duas reportagens, sendo que essa foi a única vez que o tema foi para o *Vanguarda TV 2ª Edição*. A Matéria 6, veiculada no dia 16, aparece totalmente fora do tempo da Folia, comprometendo também a percepção do período em que a manifestação ocorre.

O tempo da Folia de Reis é um tempo de peregrinação, de dar bênçãos e receber doações para a festa final, a Festa da Chegada, que simboliza o momento do encontro dos Reis Magos com o Menino Jesus, a coroação de todo o tempo de caminhada. O tempo da Folia de Reis expressa a preparação para esse momento, expressa esse processo.

A temporalidade da manifestação é afetada porque a Folia de Reis é tratada como algo isolado, pontual, sem um tempo próprio, mas apenas o tempo do Ciclo do Natal, como uma seqüência que se repete, um evento em si mesmo. As matérias não inserem a Folia em seu tempo, um tempo que tem um começo, um desenvolvimento e um fim. O telejornal não mostra esse tempo maior, semelhante ao tempo de uma sementeira e sua colheita, em que os homens vão semeando bênçãos pelo caminho, colhendo pequenos frutos que no final levam à festa de agradecimento e alegria pela colheita, pelas dádivas recebidas, e para a qual todos são convidados. As matérias fazem referência ao seu início e seu fim, mas em nenhum momento fica claro que existe uma seqüência. As datas de início e fim citadas no interior das reportagens (vamos falar sobre isso nos itens a seguir – alteração do contexto) não indicam o processo. Até porque nenhuma das matérias tenta retratar a festa final. Apenas duas matérias falam sobre a festa, de forma rápida, como uma data do calendário em que os foliões simplesmente param de fazer a peregrinação.

Enfim, as reportagens abordam a Folia de Reis isolada no tempo, como um evento repetitivo da época do Natal, uma reprodução de gestos que termina em cada evento e se repete.

3.2.1.2 O tempo das matérias

Fazendo a relação das colunas "Tempo da Matéria" com "Tempo médio das matérias", percebemos que em todos os casos as reportagens sobre a Folia de Reis têm um tempo superior à média de tempo das outras matérias do noticiário. A editora-chefe, Terezinha Almeida, explica que isso acontece porque existe o entendimento de que esse tema precisa de mais tempo. “Esse tipo de tema tem um *timing* diferente e o telejornal precisa de mais tempo para mostrar o trabalho deles, mostrar sua arte. Não é tão simples, por isso precisa de mais tempo para mostrar” (ALMEIDA em entrevista a esta pesquisadora, em março de 2006). Ou seja, a TV Vanguarda reconhece a diferença desses eventos e percebe que é necessário um tempo maior para falar sobre eles.

Entretanto, mesmo acima do tempo médio das matérias do telejornal, apenas duas das seis matérias têm um tempo superior a 2min20s, que pode ser um tempo pequeno para contar o que é a festa, como ela se desenvolve, qual sua importância. Além disso, como veremos nos itens a seguir, não só o tempo, mas a forma como esse tempo é usado para fazer a narrativa da Folia de Reis vai comprometer e alterar seu sentido.

3.2.1.3 Cortes

Outro aspecto relacionado ao tempo é referente ao ritmo, que é determinado em parte pelo número de cortes. Apesar de esse ser um elemento da edição, a forma como é utilizado determina fortemente a temporalidade da narrativa. A Folia de Reis é uma festa que tem um ritmo próprio, mais lento, típico dessa cultura que tem origem camponesa e reflete uma outra temporalidade. O número de cortes, as falas curtas dos “personagens”, as seqüências intercaladas não expressam esse tempo, têm um dinamismo diferente do que buscam retratar. É a estética do videoclipe que contamina tudo e não deixa as coisas se mostrarem, dando uma temporalidade acelerada à festa.

Fazendo a relação entre o tempo da matéria e o número de cortes podemos obter o número de cortes por minuto.

Tabela 3.2 Cortes por minuto

	M1	M2	M3	M4	M5	M6
Número de cortes a cada 10s.³⁹	2	1,8	1,8	1,9	2,6	2,3

A Tabela 3.2 indica que todas as matérias têm uma média de dois cortes a cada 10 segundos, ou seja, um corte acontecendo a cada cinco segundos aproximadamente. Esse é um número grande de cortes, que dão uma velocidade maior à narrativa, mesmo quando o que está sendo narrado tenha uma velocidade mais lenta.

Além disso, os cortes são intercalados por cenas de outros momentos, fora da seqüência natural, ou seja, em um momento o repórter está dentro da casa, depois fora, depois aparece uma imagem de outra visita, já terminada... Em várias situações, cenas já usadas são reaproveitadas. Apesar de dar uma idéia de encadeamento, a seqüência está fragmentada, pois não há uma continuidade natural na narrativa. Na festa, a seqüência dos eventos tem um sentido importante, pois conta uma história.

O tempo também é um elemento importante no contexto da festa. Ele também contextualiza os fatos, mas foi estudado separadamente porque é um item de destaque no conceito e no sentido da festa. No item seguinte, falaremos sobre o processo de descontextualização que acontece de forma mais direta.

³⁹ Esse valor foi obtido por uma regra de três simples. No caso de M1, a matéria tem um tempo de 2min15s (135s). Assim, 135s correspondem a 28 cortes, para 10 segundos, calcula-se x cortes. E assim sucessivamente para os outros tempos.

3.2.2 Descontextualização

Para analisar como se dá o processo de descontextualização, serão estudados os itens:

- a) Telejornal**
- c) Repórter**
- d) Cinegrafista**
- g) Bloco do telejornal**
- h) Outras matérias do bloco**
- i) Foco da matéria: tema**
- j) Trechos que evidenciam o foco da matéria**
- k) Explicações sobre o que é a folia**

As tabelas a seguir mostram os dados destacados acima observados na fase de exploração do material para cada uma das seis matérias. Para facilitar a compreensão e visualização das informações, vamos organizar a análise em duas etapas, que serão subdivididas de acordo com os elementos estudados.

Na primeira etapa, vamos analisar os itens que interferem no contexto de forma mais macro, estudando as equipes que realizam a reportagem, o telejornal em que a matéria é veiculada, bem como em que bloco, qual a posição que o bloco ocupa e quais as matérias que a antecedem e sucedem no bloco, ou seja, os quatro primeiros itens da lista acima.

Na segunda etapa, trataremos do processo de descontextualização que é promovido pelo conteúdo da matéria em si. Para isso, analisaremos os itens Foco da matéria/ tema, Trechos que evidenciam o foco da matéria e Explicações sobre o que é a folia.

3.2.2.1 Equipe de reportagem

Seguem os dados que indicam a formação das equipes de reportagem. A partir deste ponto, vamos chamar as matérias de 1 a 6 de: M1, M2, M3, M4, M5 e M6.

	Telejornal	Repórter	Cinegrafista
M1	Vanguarda TV 1ª edição	Ricardo Guedes	Edson Giovanini
M2	Vanguarda TV 1ª edição	Fernanda Cesaroni	Ayrton Rodrigues
M3	Vanguarda TV 1ª edição	Amanda Costa	Ayrton Rodrigues
M4	Vanguarda TV 1ª edição	Bruno Pellegrine	Everton Rodrigues
M5	Vanguarda TV 2ª edição	Bruno Pellegrine	Everton Rodrigues
M6	Vanguarda TV 1ª edição	Carolina Matos	Hélio Rodrigues

Quadro 3.2 Equipes de reportagem

Os participantes das equipes de reportagem que fizeram a cobertura das seis matérias veiculadas nos dão importantes pistas sobre a descontextualização. Cada uma das matérias foi realizada por um repórter diferente. O único caso em que o repórter faz duas matérias é o da cobertura do evento em Aparecida (M4 e M5), as quais foram realizadas e veiculadas no mesmo dia, sendo uma no Vanguarda TV 1ª Edição e a outra no Vanguarda TV 2ª Edição (esta foi a única matéria sobre o tema a ser veiculada no jornal vespertino, mas trataremos disso em seguida). Também houve grande variação de cinegrafistas e em apenas dois casos o mesmo profissional da imagem atuou em duas matérias: um deles foi em M4 e M5, junto com o mesmo repórter (ambos cobriram o tema para os dois telejornais do dia); e em M2 e M3, em que o mesmo cinegrafista obteve imagens, atuando com diferentes repórteres, em dias diferentes.

Assim, em seis matérias sobre o mesmo tema, trabalharam cinco repórteres diferentes e quatro cinegrafistas diferentes. Essa variação de profissionais reforça a possibilidade de descontextualização, já que se trata de um conhecimento específico (uma festa de tradição popular), que exige certa profundidade. Além disso, o fato de não haver um repórter dedicado a temas da cultura concorre fortemente para a superficialidade que acaba afetando o contexto, porque é necessário uma base consistente de conhecimento para fazer um bom trabalho em jornalismo.

O conhecimento sobre um tema demanda aprendizado e experiência, elementos que vão se acumulando ao longo do tempo. O fato de a emissora destinar vários repórteres para a cobertura de um tema, torna esparsa a difusão de informação. É preciso conhecer o tema para falar com propriedade sobre ele. É muito difícil que cinco repórteres e quatro cinegrafistas possam compreender com profundidade o que é a Folia de Reis, o que ela representa, qual sua importância, especialmente, porque a pontualidade e a rapidez da informação são a tônica desse tipo de informativo veiculado diariamente pela TV.

3.2.1.3 Telejornal, Bloco e Posição no Bloco

A relação entre o bloco do telejornal em que a matéria se insere e sua posição dentro do bloco também dão indícios sobre o processo de alteração de contexto realizado pelo telejornal, como veremos a seguir, com base no Quadro 3.3, a seguir:

	M1	M2	M3	M4	M5	M6
Vanguarda TV	1ª Edição	1ª Edição	1ª Edição	1ª Edição	2ª Edição	1ª Edição
Bloco	Último bloco	Último bloco	Último bloco	Último bloco	2º Bloco (de um total de 3 blocos)	Último bloco
Posição no bloco	Última matéria	Última matéria	4ª Matéria entre seis	4ª Matéria entre nove	1ª Matéria	Última matéria

Quadro 3.3 Relação entre bloco do telejornal e matéria

Telejornal

A Tabela 3.3, a seguir, indica que cinco das seis matérias foram veiculadas no Vanguarda TV 1ª Edição e apenas uma no Vanguarda TV 2ª Edição (vespertino). Ou seja, a TV Vanguarda optou, em 83,3% das vezes, por apresentar a matérias na primeira edição de seus telejornais, veiculados na hora do almoço. A editora-chefe,

Terezinha Almeida, explica que o TV Vanguarda 1ª Edição é um telejornal que tem uma duração maior, portanto, mais espaço para abordar essas manifestações. “Por ter um tempo um pouco maior, esse telejornal tem matérias um pouco mais destrinchadas, mais trabalhadas, com um pouco mais de reflexão”, ressalta a editora.

O Vanguarda TV 1ª Edição tem duração de meia hora, em média, e se estrutura em três ou quatro blocos. Mas pode variar em tempo, atingindo 20 ou 40 minutos. “Isto depende da comercialização, depende do dia, depende do tamanho das matérias. Temos regras editoriais complexas para seguir”, explica a editora-chefe. O primeiro bloco é dedicado às notícias factuais, mais quentes do dia, mais fortes no aspecto noticioso. O espaço das matérias culturais é no terceiro bloco, também reservado para as matérias de esporte, comportamento, variedades.

O Vanguarda TV 2ª Edição veiculou apenas uma das seis reportagens sobre a Folia de Reis. Ele é um telejornal de duração menor, podendo ter de 10 a 20 minutos. Estrutura-se sempre em três blocos, com a mesma estrutura geral da 1ª edição do telejornal. “Esse é um jornal mais curto, mas que tem a obrigação de dar todas as notícias que aconteceram em todas as cidades. Reduzimos o tamanho das matérias para dar o maior número de informação possível. Isso exige um pouco mais de edição” (ALMEIDA, em entrevista a esta pesquisadora). Este é o telejornal com maior audiência da emissora.

Além da explicação de cinco das seis matérias entrarem no TV Vanguarda 1ª Edição pelo fato de ser um telejornal com um tempo maior, podemos também buscar uma outra justificativa, ao destacarmos que esse também é um telejornal mais leve, para a “hora do almoço”. Este é o horário em que a TV Globo exerce com mais plenitude o que chama de “jornalismo comunitário”, que estreou em 1998, no SPTV 1ª Edição, e que depois passou a ser adotado por todas as afiliadas da Rede Globo em todo o país. Conforme Guzzoni, as mudanças implantadas vão em busca de uma relação mais próxima entre o público e a TV, por meio “do resgate de uma identidade de grupo, a identidade do telejornal com o meio em que vive a comunidade” (GUZZONI, 2001, p. 21).

O conceito de telejornal comunitário, neste caso, não se refere a produções elaboradas para uma determinada comunidade. “Mas a uma nova proposta que

surge de um dos maiores veículos de comunicação de massa do país – a Rede Globo, num resgate do que poderíamos chamar de ‘autenticidade da cultura popular’” (GUZZONI, op. cit.)”. Este horário tem como foco debater e mostrar os problemas da coletividade. Isto é confirmado pelo conceito veiculado pela própria emissora, em seu *site*. “Telejornais Comunitários: Cidadania e serviço. Com 115 emissoras em todos os estados do país, a Globo se tornou o elo de cada cidadão brasileiro com a sua cidade” (REDE GLOBO, 2006). Ou seja, é nesse telejornal que a emissora busca reafirmar sua presença na região, buscando maior aproximação com a população e a veiculação da Folia de Reis preferencialmente neste noticiário atende a esta proposta.

Bloco

Observando a Tabela 3.3, a seguir, pode-se perceber que em 100% das matérias veiculadas pelo *TV Vanguarda 1ª Edição*, a Folia de Reis foi apresentada no último bloco, sendo que três desse total de cinco matérias (60%) foram as últimas matérias do bloco: M1, M2 e M6.

Esse é o bloco destinado a esportes, cultura, entretenimento, seguindo a orientação de fechar o telejornal de maneira leve e "alto astral". Foi justamente nesse espaço que foram inseridas todas as matérias sobre o tema. Existe uma regra clara para a última notícia: temas “positivos” ou “engraçados”, conforme a recomendação de número 10 listada na fita *Os Dez Mandamentos do Telejornalismo Norte-americano*:⁴⁰

Deixe o telespectador feliz: incêndios, furacões, vulcões, batalhas, explosões e flagrantes de violência ou de perseguição policial são as melhores imagens do telejornal. [...]. **Mas é preciso ter cuidado de não fechar o jornal com assuntos pesados. E os melhores fechamentos são com histórias engraçadas ou positivas.** (FLAUSINO, 2001, Anexo II, grifo nosso)

⁴⁰ Conforme relatado no Capítulo 2, Flausino, em sua pesquisa sobre a TV Vanguarda, descobriu uma fita para treinamento dos editores, com imagens dos telejornais americanos cobertas com um *off* que lista os dez “mandamentos”.

A editora-chefe explica que a proposta é tentar terminar jornal com uma matéria que provoque alguma reflexão ou algum impacto. “Para não terminar, como dizemos, muito ‘chocho’ ou muito pra baixo. Isto pode ser uma matéria de esportes, um acontecimento forte, um lançamento de foguete, uma matéria econômica, de saúde”.

O último bloco é um espaço interessante do telejornal, já que se imagina que as imagens veiculadas são as que tendem a perdurar na mente do telespectador ao final da edição, já que, no máximo, vai concorrer de forma mais imediata, pelos três minutos seguintes, apenas com os comerciais. A crítica recai aqui ao caráter “ideológico” que essa posição tem, que é a deixar o telespectador feliz, pois mostra um tema classificado como amenidade, algo peculiar, curioso...

Sobre o fato de metade das matérias sobre a Folia de Reis encerrarem os telejornais, Almeida explica: “Isto é o que a gente considera uma matéria contemplativa, mais prazerosa, que causa uma reflexão. Esperamos que o telespectador vá conversar sobre ela”. Entretanto essa lógica não é seguida nos outros dois dias do TV Vanguarda 1ª Edição, em que as matérias sobre Folia de Reis ficaram no interior dos últimos blocos e as que fecharam os telejornais foram: *Turistas na praia com chuva, em Caraguá* (final do bloco da M3) e *Festival Internacional de Cinema de Atibaia* (final do bloco da M4). A primeira com caráter curioso, engraçado, divertido e a segunda, com teor positivo, a divulgação de um evento cultural.

Ou seja, percebe-se que prevalece a regra do “fechamento engraçado ou positivo”. E ambos reduzem o sentido da folia, que não tem esse sentido de diversão, apesar dos palhaços e da música, e que vai além do aspecto “alto astral” ou positivo. Essa é uma festa que tem um sentido profundo de religiosidade, de laços comunitários, de sentido social para um grupo. A festa tem uma densidade que não é percebida pelos produtores do telejornal, que optam por essa posição para fechar o noticiário com algo “para cima”.

Posição no bloco

Tabela 3.3 Relação com as demais matérias do bloco

	Telejornal e Bloco	Outras matérias do bloco	Tempo
M1	Vanguarda TV 1ª edição	Festival de Marchinhas S. Luis Paraitinga	1min05s
		PAT de Lorena e SJC	47s
		Programação p/ o Reveillon Litoral	28s
	4º e último bloco	Como preparar um coquetel - São Sebastião	2min50s
		Folia de Reis S. José dos Campos	2min15s
M2	Vanguarda TV 1ª edição	Casal feito refém em assalto Caraguá	15s
		Campanha de arrecadação de alimentos para Tsunami (Lorena)	2min20s
		Praia de Maresias	1min30s
	4º e último bloco	Represa do Jaguari – Jacareí	1min30s
		André Azevedo de SJC no Rali Paris Dacar	45s
		Folia de Reis Paraibuna	4min
M3	Vanguarda TV 1ª edição	Acidente deixa jovem gravemente ferida S. Sebastião	30s
		Processo seletivo da Unitau – Taubaté	2min15s
		Escolha do Rei Momo e Rainha do Carnaval – Taubaté	25s
	4º e último bloco	Dia de Reis São José dos Campos	6min30s
		Previsão do Tempo	32s
		Turistas na praia c/ chuva – Caraguá	2min10s
M4	Vanguarda TV 1ª edição	Rali Dacar: Jean Azevedo sofre acidente	53s
		Copa São Paulo de Juniores – Taubaté	1min7s
		Programação Férias – Pinda	1min23s
	3º e último bloco	3º Encontro Folia de Reis Aparecida	1min33s
		Policial de SJC morto na capital em ataque a base é enterrado	2min18s
		Movimento nas praias – Ubatuba	45s
		Previsão do Tempo	45s
		Imagem de Campos do Jordão	14s
		Festival Internacional Cinema Atibaia	2min10s

Tabela 3.3 Relação com as demais matérias do bloco (continuação)

M5	Vanguarda TV	3º Encontro Folia de Reis Aparecida	1min44s
	2ª edição	Copa SP de Juniores – Taubaté	1min20s
	2º Bloco (em um total de 3 blocos)	Jean Azevedo sofre acidente e abandona Rali Dacar	50s
M6	Vanguarda TV	Matrícula para educação de adultos	24s
	1ª edição	Jean e André Azevedo voltam do Rali Dacar	1min02s
		Taubaté perde Copa São Paulo de Juniores	2min
	3º e último bloco	Encontro do Folia de Reis	2min

Como o último bloco é destinado às notícias mais leves, as cinco matérias sobre a Folia de Reis vão aparecer sempre depois de amenidades: Como preparar um coquetel – São Sebastião (antes de M1); André Azevedo de São José dos Campos no Rali Paris Dacar (antes de M2); Escolha do Rei Momo e Rainha do Carnaval em Taubaté (antes de M3); Programação de Férias em Pinda (antes de M4); Taubaté perde Copa São Paulo de Juniores (antes de M6). Um detalhe importante é que o tempo da matéria sobre como preparar um coquetel (antes de M1), que é de 2min50s, supera o tempo da matéria de Folia de Reis que fecha o telejornal com 2min15s.

Como a Folia de Reis acontece em uma época de férias, preparação para carnaval, verão, na maioria dos casos, o tema aparece ao lado dessas temáticas. Outro aspecto que chama a atenção é que as matérias sobre a Folia de Reis saíram em quatro dos seis casos, junto com notícias sobre o Rali Paris Dakar: M2, M4, M5 e M6. E em três dos seis casos, junto com a Copa São Paulo de Juniores, realizada em Taubaté: M4, M5 e M6. Como se percebe, em três vezes, os três temas saíram juntos no mesmo bloco do telejornal.

Assim, apesar do valor que representa para as comunidades e do sentido religioso e mítico que esses grupos lhe atribuem, fica mais uma vez reforçado o caráter de amenidade, distração, leveza que o telejornal atribui ao inseri-la em um contexto de férias, futebol, carnaval, praia.

A Folia de Reis só foi para o interior do bloco em três situações. Em duas delas ainda permanece no último bloco do *Vanguarda TV 1ª Edição*: na M3, que relata ao vivo o Dia de Reis em São José dos Campos (quarta matéria do último bloco); na M4, quando narra o 3º Encontro de grupos de Folia de Reis de Aparecida (quarta matéria do bloco). A terceira situação é na M5, única matéria sobre o tema veiculada no *Vanguarda TV 2ª Edição*, telejornal em que aparece como a primeira notícia do segundo bloco.

Em M4 e M5, o tema tratado é o mesmo e as matérias foram ao ar no mesmo dia, no telejornal do almoço e o vespertino. Foram matérias mais breves, com 1min33s e 1min44s de tempo, respectivamente. Elas têm conteúdo mais factual, já que falam sobre um evento realizado em Aparecida, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, que reuniu folias de vários estados. Aparecida, por si só, já costuma ser uma grande fonte de matérias, em função da visibilidade que esse centro de peregrinação tem em todo o país. Interessante notar que as matérias sobre Folia de Reis, relacionadas ao evento institucional promovido pela prefeitura de Aparecida e sediado pela Basílica, tiveram um tratamento diferenciado, ocupando espaço diferente dentro do telejornal. Nos dois casos, o foco central da matéria foi o evento, e não o que as folias fazem, são ou representam.

Em todos esses casos, ao analisar o telejornal, o bloco e a posição no bloco, o que se percebe é o impacto sobre o contexto à medida que uma festa que tem um sentido forte de religiosidade, de vínculo, de laço comunitário, de coleta e geração de bênçãos é tratada como uma amenidade, ao lado de temas como carnaval, verão, praia com chuva, etc.

Nesta segunda parte do estudo da descontextualização, analisaremos como esse efeito se dá a partir da análise dos dados obtidos relativos à temática das matérias e seus conteúdos. É neste estudo que podemos observar os elementos que provocam maior impacto sobre o contexto da Folia de Reis.

3.2.1.4 Temática das matérias

Como essas informações são mais descritivas e são trechos da decupagem das matérias, para facilitar a visualização, vamos mostrar as tabelas e quadros em

duas partes: a primeira relacionada ao tema das matérias e a segunda com as falas que evidenciam o tema de cada matéria:

Matérias	Foco da matéria: tema
M1	Revivendo a tradição: oposição entre velho e novo.
M2	Tradição que se perdeu na cidade e grupo que a recupera. Desvio para o tema moinho, que ocupa 23% do tempo.
M3	Dia dos Santos Reis. Foco em explicar o que é a folia.
M4	Missa dos foliões no 3º Encontro de Folia de Reis em Aparecida
M5	Fim da missa dos foliões no 3º Encontro de Folia de Reis em Aparecida e passeio pela cidade
M6	Visitas das folias que antes eram feitas apenas na zona rural, também chegam à área urbana - Reconstrução da Memória.

Quadro 3.4 Temática das matérias

Nota-se que o foco de metade das matérias está na questão do resgate da tradição (M1, M2 e M6), oposição entre o velho e o novo, o rural e o urbano. Nesse ponto, vale considerar algumas padronizações criadas. Será utilizado “[...]” para indicar trecho suprimido porque está classificado em outro item. Segue a explicação para o uso dos termos: *OFF* é a fala do repórter sobre imagens, sem que este apareça; “Repórter”: É a fala dele enquanto sua imagem é mostrada; “Apresentador”: indica a fala do apresentador no estúdio; “Entrevistado”: indica a fala de uma pessoa entrevistada.

Trechos que evidenciam o foco de M1
<p>“Em São José dos Campos, um deles reúne a experiência dos mais velhos com a alegria dos mais novos para levar adiante a tradição” (Apresentador)</p> <p>“Seu José Gonçalo passou a fazer parte de uma folia de reis ainda criança. Hoje, com 53 anos, ele se orgulha de manter a tradição” (<i>OFF</i>)</p> <p>“Alan é o mais novo do grupo. Tem apenas 13 anos e interpreta um dos reis. Uma mistura de emoção com tradição de família”. (<i>OFF</i>)</p> <p>“Meu vô me convidou participar dessa folia. Eu gostaria de participar, vou continuar mantendo essa tradição” (Entrevistado)</p>

Quadro 3.5 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 1

Trechos que evidenciam o foco de M2
<p>“A folia de reis é uma tradição em muitas cidades do interior do país. Mas em Paraibuna, esse costume se perdeu no tempo. Agora, 50 anos depois, um grupo de moradores resolveu recuperar a história” (Apresentador).</p> <p>“E é lá que os moradores se reúnem para reviver uma antiga tradição” (OFF)</p> <p>“Aqui em Paraibuna, ela [a Folia de Reis] está sendo resgatada depois de 50 anos e recebida com surpresa pelos moradores da cidade” (OFF)</p> <p>“Quem traz de volta o ritual à cidade é um jovem de apenas 29 anos” (OFF)</p> <p>“Tento mostrar para a turma que é um exemplo, né. Não esquecer mais do passado, né? Tentar resgatar e tocar pra frente, não deixar morrer, se deixar morrer... Ai o pessoal vai esquecendo das tradições antigas que tinha pras roça, né?” (Entrevistado)</p> <p>“A gente esperava que um dia voltava outra veis a folia de reis. Então hoje tá aqui. A gente recebeu aqui” (Entrevistado)</p> <p>“Iniciativas pequenas, que juntas não vão deixar a história de quem viveu aqui” (OFF)</p>

Quadro 3.6 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 2

Trechos que evidenciam o foco de M6
<p>“Em Lagoinha, a visita que antes era feita apenas na zona rural, também chega às casas, na área urbana” (Apresentador).</p> <p>“Seu Amarildo, pedreiro de profissão, há três anos se dedica a reconstruir a memória da folia de reis com os amigos” (OFF).</p> <p>“Da zona rural, o grupo segue para a cidade” (OFF).</p> <p>Enquanto a gente for vivo, nós vamos tocar e passar para os mais novos também (Entrevistado).</p>

Quadro 3.7 Trechos que evidenciam o foco da Matéria 6

Os trechos em negrito destacam que o foco das matérias recaem no aspecto do antigo contra o novo, na questão do resgate e da memória. As matérias que fogem do tema, destinam-se à cobertura do evento em Aparecida e serão analisadas em seguida.

Palavras e expressões que remetem à tradição e ao resgate, ou seja, passado e presente:

- *experiência dos mais velhos, alegria dos mais novos, levar adiante a tradição, 53 anos, manter a tradição, o mais novo do grupo tem 13 anos, tradição de família, meu vô me convidou, mantendo esta tradição* (M1);

- *é uma tradição, costume se perdeu no tempo, 50 anos depois, recuperar a história, reviver uma antiga tradição, sendo resgatada depois de 50 anos, traz de volta o ritual, jovem de apenas 29 anos, não esquecer mais do passado, um dia voltava, tentar resgatar, toca para frente, não deixar morrer, vai esquecendo, tradições antigas, não vão deixar a história (M2);*

- *visita que antes era feita na zona rural, também chega [...] à área urbana. reconstruir a memória, da zona rural [...] segue para a cidade, enquanto for vivo, passar para os mais novos (M6).*

Ao focar essa dualidade, a matéria não tem oportunidade de se concentrar no sentido da festa. A festa é apresentada não como algo com valor em si mesma, mas algo contextualizado a partir de uma oposição, de uma dualidade. As características da festa assumem aspecto secundário, e seu sentido é esvaziado pelo tratamento dicotômico, que não fala o que a festa é ou representa, mas fixa o discurso na ação de resgatar, de preservar o passado, de reconstruir a memória, sem explicar que passado é esse, que memória é essa. O discurso do velho e do novo também tende situar a festa no tempo passado, colocando a idéia de resgate de algo que ficou para trás, em outro tempo, que não é deste tempo.

Um fato importante relacionado à temática das matérias acontece na Matéria 2, que inicia falando sobre o trabalho de um grupo de recuperar a memória da folia, e acaba fugindo, em determinado ponto, para o tema moinho, utilizando 55s da matéria para o assunto. Depois do *off* da repórter, explicando o sentido do lanche (“Faz parte do costume também agradecer a visita dos foliões, oferecendo comida e bebida”), a matéria segue outro rumo:

Trecho que indica a mudança para o tema Moinho de Milho (tempo = 55s)
“Dona Maria prepara com carinho o tradicional bolo de fubá” (<i>OFF</i>)
“É uma honra muito grande recebê-los em casa, oferecendo o próprio bolo que eu faço que é uma tradição da minha vó, da minha mãe. É uma honra muito grande” (Entrevistado).
“E o ingrediente principal do bolo também foi produzido à moda antiga. O fubá veio da fazenda de Dona Amália, que resolveu reativar o moinho de pedra da época do pai. O milho é moído na engenhosa máquina que antigamente existia em todas as fazendas da região” (<i>OFF</i>).
“Papai fazia o fubá aqui. A gente fazia o bolo de fubá... aquele bolo de fubá gostoso, cremoso, que é diferente. Servia para as pessoas. E é muito bom lembrar, reerguer isso outra vez. Eu acho que vai ser bom não só para os idosos, mas para o jovem também. Uma coisa que ninguém... muito tempo que não vê, que não sabe o que é.. um moinho de pedra” (Entrevistado)
“Iniciativas pequenas, que juntas não vão deixar a historia de quem viveu aqui” (<i>OFF</i>).

Quadro 3.8 Trecho que indica a mudança de tema

Ou seja, quando a entrevistada fala que o bolo de fubá foi feito no moinho da fazenda, a matéria se desloca para explicar como funciona o moinho e a tradição de moer o milho nessa máquina, nas antigas fazendas da região. O desvio evidencia que a matéria está em busca do peculiar e, nessa busca, insere um elemento totalmente fora do contexto da Folia de Reis na matéria, para mostrar uma outra coisa que a emissora também achou original, mesmo que não tenha relação alguma com o tema.

A última frase, que também é a última frase da matéria “Iniciativas pequenas, que juntas não vão deixar a história de quem viveu aqui”, coloca a Folia de Reis e o moinho de milho dentro do mesmo contexto, como coisas antigas, histórias de quem viveu na região, ou seja, o foco no passado e no resgate, e não na Folia de Reis em si.

Outras duas matérias são focadas no Encontro de companhias de Folias de Reis em Aparecida (M4 e M5), portanto, bem factuais.

Trechos que evidenciam o foco de M4
<p>“73 grupos de Folias de Reis se reuniram hoje em uma das missas da manhã da Basílica de Aparecida. Eles participam de um encontro nacional e até domingo vão visitar diferentes bairros da cidade” (Apresentador).</p> <p>[...] veio receber bênçãos nesta manhã (OFF)</p> <p>“Estou cheio de alegria e satisfação de estar aqui participando junto com o pessoal aqui e cantando para Santos Reis e tivemos com Nossa Senhora Aparecida que é minha mãe, eu trago ela dentro do meu coração” (Entrevistado).</p> <p>“Foi a primeira vez de encontro. Mas eu tô tão emocionada, tão lindo” (Entrevistado).</p> <p>“Às 9h, foi celebrada uma missa [...]” (OFF)</p> <p>“No fim da celebração, os grupos saíram em procissão, passando pela imagem de Nossa Senhora e depois caminharam pela passarela até a Basílica. Agora à tarde seis companhias se apresentam no Jardim Paraíba” (Apresentador)</p>

Quadro 3.9 Trechos que indicam o foco da Matéria 4

Trechos que evidenciam o foco de M5
<p>“Os romeiros que forem a Aparecida neste fim de semana vão poder assistir a uma das mais tradicionais manifestações da fé popular. A cidade sedia, até domingo, o terceiro encontro nacional de Companhias de Folias de Reis. São 73 grupos vindos de 9 estados” (Apresentador)</p> <p>[...], hoje foram abençoados pela padroeira do Brasil” (OFF)</p> <p>“Uma missa de manhã homenageou os 1500 foliões de 9 estados brasileiros” (OFF)</p> <p>“No fim da celebração, os grupos saíram em procissão. E passo a passo foram tomando conta da passarela” (OFF)</p> <p>“Hoje, as companhias de folia de reis se encontraram para percorrer as ruas da capital brasileira da fé” (OFF)</p> <p>“Os grupos fazem apresentações amanhã à noite e no domingo, na praça Benedito Meirelles, que fica no centro de Aparecida” (Apresentador)</p>

Quadro 3.10 Trechos que indicam o foco da Matéria 5

Importante recordar que essas duas matérias referem-se ao Ciclo de Natal de 2005. Nota-se que foi nesse período que a TV Vanguarda optou por mostrar o evento em Aparecida, e veiculando duas matérias. Como esse é o terceiro ano do evento, é interessante observar que a emissora não o cobriu no ano anterior. Foi somente nesse terceiro ano que o evento, ainda novo, conseguiu uma adesão maior de participantes, ou seja, um dos motivos para a ausência do tema em outros anos é o fato de que só agora ele cresceu, a ponto de justificar o envio de uma equipe para

a região de cobertura que fica mais distante da emissora (a respeito da cidade em que se dá a cobertura, vamos falar no item sobre a seleção e edição de imagens). Nota-se que ela optou por cobrir o evento depois que ele cresceu. E, nesse caso, privilegiou sua cobertura, ou seja, a retratação de um evento institucional promovido pela prefeitura de Aparecida, sediado pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, em oposição à cobertura das manifestações típicas da população. Isso porque o tema representa duas das três reportagens veiculadas neste Ciclo de Natal.

Outro aspecto que chama a atenção, são as palavras, “assistir”, “se apresentam”, “fazem apresentações” (destacadas em negrito no texto), que promovem a mudança dos papéis e, portanto, do sentido da manifestação. A Folia de Reis passa a ter o caráter de apresentação e a comunidade, não mais participante, torna-se público, assistência.

A única matéria que se propõe a falar sobre o Dia dos Santos Reis (M3) acaba, logo após a introdução, deslocando seu foco na direção de explicar o que é a folia e quais seus elementos. Como o tema anunciado dessa matéria, o Dia de Reis, se desloca para a explicação do que é a folia, a maior parte dos dados decupados vão entrar no Item “k. *Explicações sobre o que é a folia*”.

Trechos que evidenciam o foco de M3⁴¹
<p>“Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios” (Apresentador).</p> <p>É que pela tradição, Ademir, hoje se encerra o Ciclo de Natal, com a visita dos três reis magos a Jesus Cristo. A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis” (Apresentador).</p>

Quadro 3.11 Trechos que indicam o foco da Matéria 3

Assim, notamos que nenhuma vez, a Festa de Reis, que é o ponto culminante da jornada, é mostrada ou relatada. Algumas matérias fazem uma rápida citação a essa festa (como M3, apenas em seu início, e outras que veremos adiante), mas não entram em detalhes. Isto tem um aspecto que afeta diretamente o sentido da Folia de Reis, já que mostra a peregrinação como algo isolado, e não a contextualiza

⁴¹ Essas duas falas vão ser usadas na análise seguinte, quando se estudam as palavras e expressões utilizadas para explicar a Folia de Reis.

como parte de um ritual que tem uma finalidade: distribuir bênçãos, arrecadar donativos e fazer uma festa aberta para toda a comunidade.

Nessa festa, que dentro da simbologia da Folia de Reis celebra o encontro dos Reis Magos com o Menino Jesus e a entrega dos presentes, a comunidade organiza o evento com donativos da comunidade e os reverte em uma festa para todos. Também é nessa ocasião que os cantadores atravessam os três arcos antes de chegar ao presépio, e que, uma vez no recinto da festa, cantam diante do presépio e nomeiam os novos festeiros que vão ajudar na preparação da festa do próximo ano.

3.2.1.5 A pauta

Nesse aspecto, cabe destacar que a seleção da pauta assume uma grande importância, já que é por meio dela que se vai decidir qual tema e qual cidade vão ser cobertos. O pauteiro da TV Vanguarda, Maurino Marques, explica que essas pautas entram para o telejornal em função da própria data. “Tendemos a agendar este tema [Folia de Reis] em função da época” (MARQUES, em entrevista a esta pesquisadora em março de 2006). Ele acrescenta que outro fator que determina sua inclusão no noticiário é o contato das pessoas com a redação da emissora. “Recebemos telefonemas das prefeituras e de alguns organizadores das folias. Algumas mandam *releases*⁴²” (MARQUES, na entrevista citada). O grupo Cia. Cultural Bola de Meia, que vai ser abordado no item seguinte, é uma das instituições que enviam *releases* para a emissora.

A pauta contém informações sobre o que é a Folia de Reis, como surgiu, o que significa. “Na pauta, levantamos todas as informações sobre a história, sobre o grupo, curiosidades, personagens. Levantamos tudo antes, falamos com as fontes. O repórter vai ‘briefado’ sobre o que vai encontrar, com o tema determinado: tradição, apresentação, festa etc” (MARQUES, na entrevista citada).

⁴² *Release* ou *press-release* é definido como: “Texto informativo produzido por empresas e órgãos do governo tendo em vista a divulgação pelas emissoras” (SQUIRRA, 2004, p. 169). Mais recentemente, é uma ferramenta de divulgação que vem sendo usada por várias instituições e até profissionais: artistas, jogadores, profissionais liberais entre outros.

Em entrevista a esta pesquisadora, a editora-chefe do telejornal explicou que o tratamento dado aos temas da cultura é o mesmo que os relacionados aos outros. “Não há um preparo diferenciado. As pesquisas que fazemos para preparar uma matéria de cultura e folclore e a forma de fazer é a mesma que é dada para temas como economia, política. O procedimento é o mesmo” (Entrevista concedida em abril de 2006). Ela destacou que a emissora procura preparar programas especiais sobre os temas regionais. “Já fizemos sobre Monteiro Lobato, Mazzaropi e estamos preparando para julho um sobre Cassiano Ricardo”. O que se percebe é a percepção do conceito de cultura do ponto de vista da cultura erudita, que concebe como cultura as artes, a literatura. Tanto Monteiro Lobato, como Mazzaropi e Cassiano Ricardo são nomes reconhecidos da literatura, cinema e poesia, respectivamente. Ou seja, o que existe é a percepção mais restrita de cultura.

“Essas manifestações geram reportagens diferenciadas e uma região tão rica de conteúdo consegue tratar de modo diferente cada peculiaridade, sendo que o pitoresco também interessa aos jornais da rede” (RETT, 2002, p. 64). A pesquisadora destaca a declaração da editora-chefe, Terezinha Almeida, sobre o perfil da cobertura:

São José dos Campos é sim o pólo tecnológico, saindo daqui já é tradição, já é cidade menor, já é um povo que até fala diferente. As reportagens de fora de São José dos Campos são de fundo cultural, tradicional, demonstrando a força das matérias religiosas, culturais e de tradições, como festas e congadas. A gente consegue emplacar muitas matérias na rede⁴³ com esses temas de religiosidade. (ALMEIDA em entrevista a RETT, 2002, p. 65)

3.2.1.6 Explicações sobre o que é a folia

⁴³ “Emplacar uma matéria na rede” significa conseguir levar para o telejornal de abrangência nacional, alguma reportagem feita localmente pela emissora.

Outro item analisado na decupagem das matérias foram as “Explicações sobre o que é a folia”. Buscamos verificar quais foram as informações e qualificativos utilizados para explicar o tema para o telespectador.

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M1
<p>“Depois do Natal, os grupos de Foliás de Reis ocupam as ruas de várias cidades da região” (Apresentador)</p> <p>“A Folia de Reis relembra o nascimento de Cristo. Os três reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus. Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam” (OFF).</p> <p>“Assim como a verdadeira história dos Três Reis Magos, este grupo também deve passar 12 dias caminhando” (OFF)</p> <p>“A Folia de Reis é um costume de origem portuguesa. Os grupos fazem este tipo de visita e cantoria nas casas até o próximo 6 de janeiro” (Apresentador)</p>

Quadro 3.12 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M1

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M2
<p>“A festa popular lembra a viagem que os três reis magos fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus”. (OFF)</p> <p>“A tradição portuguesa da Folia de Reis ainda existe em várias cidadezinhas brasileiras” (OFF)</p> <p>“Eles passam pelas casas onde há presépios” (OFF)</p> <p>“Antigamente, não podia chegar falando com ninguém. Tudo mudo. Então, para acordar a pessoa da casa, com o toque de caixa, com os instrumentos. O pessoal levantava tudo assustado, levantava às veis (<i>sic</i>) com o cabelo arrepiado, todo mundo já tava na cama, dormindo. Então isso aí era um gosto para os reis, pros folião” (Entrevistado).</p> <p>“Faz parte do costume também agradecer a visita dos foliões, oferecendo comida e bebida” (OFF)</p> <p>“As visitas dos integrantes da folia vão até o dia 6 de janeiro, Dia dos Reis, quando segundo a tradição católica deve-se desmontar os presépios e as árvores de natal” (Apresentador)</p>

Quadro 3.13 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M2

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M3

“Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios” (Apresentador).

É que pela tradição, Ademir, hoje se encerra o Ciclo de Natal, com a visita dos três reis magos a Jesus Cristo. A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis” (Apresentador).

“Muitos deles conservam este ritual há mais de um século” (OFF).

Hoje [6 de janeiro] eles prosseguem as visitas aos presépios montados nas casas com vêm fazendo desde o dia 1º de dezembro. Mas o 6 de janeiro é um dia muito especial para estes grupos. Alguns fazem grandes festas para comemorar (Repórter).

“Os fogos anunciam a chegada dos foliões. Com pandeiro, sanfona, tambor e viola caipira, eles seguem em passos cadenciados ao som de cantigas religiosas. À frente, o mestre puxa os versos. Por toda a parte, os palhaços distribuem alegria” (OFF).

“O grupo reproduz a peregrinação dos reis magos em busca do Menino Jesus” (OFF).

“É uma tradição que é... que são... que são... que acontece no Natal, né? Antes do Natal também, e que ... os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira” (Entrevistado).

“E faz parte da tradição retribuir” (OFF).

“É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal creio eu que vinha caminhando muitas léguas, né, e dali dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando” (Entrevistado falando sobre o lanche).

“Além dos instrumentos, desse lanche tradicional, da bandeira, também há uma outra figura muito importante na Folia de Reis, que é o palhaço ou marombo” (Repórter).

“O marombo tem uma função muito importante porque ele disfarçava os soldados do rei Herodes enquanto a família, José, Maria e o Menino Jesus iam em segurança até o Egito. Então ele é muito abençoado, por causa disso. Ele protegeu a família” (Entrevistado).

“É a dona da casa que segura a bandeira, que guarda a bandeira enquanto a cantoria segue dentro da casa” (Repórter).

“A bandeira, ela é uma parte devocional mesmo da folia. E algumas pessoas fazem promessas para a bandeira. E assim que recebe a graça, põe fita na bandeira pela graça recebida” (Entrevistado).

[Os instrumentos obrigatórios na folia] É a viola caipira, a sanfona, os instrumentos de percussão e o violão (Entrevistado).

“A percussão, que é aquele tambor que marca, a caixa, tudo isso vai marcando o ritmo, a cadência da folia, não é, Jaqueline? E isso é importante porque tem essa coisa do fardamento militar, da cadência militar” (Repórter).

A caixa, o tambor, ele dá essa alegria, né? E faz com que a folião não perca, porque é cansativo também para o folião, mas com isso ele se alegra. (Entrevistado). “Este ritmo tem uma origem portuguesa, que é a verdadeira origem da Folia de Reis, não é Celso. É parecido com o vira, não é isso?” (Repórter)

“Isso é parecido com o vira. Porque a herança da folia é herança portuguesa, inclusive é feito com uma viola, a viola é portuguesa. Aí tem esse ritmo do vira” (Entrevistado).

“Apesar de o ciclo natalino, terminar hoje, muitos grupos de Folia de Reis continuam se apresentando até o dia 9 de janeiro em toda a região. Na Espanha e Portugal, países de onde vem esta tradição, e hoje que é feita a troca de presentes” (Apresentador).

Quadro 3.14 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M3

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M4
<p>“Quem normalmente leva alegria para as casas das pessoas [...]” (OFF)</p> <p>“Eu gosto, né? Levar fé para casa das pessoas e ajudar também, né? Ajudo muito na folia. Quando eu crescer quero ser folião” (Entrevistado).</p>

Quadro 3.15 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M4

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M5
<p>“Eles que normalmente levam a bênção até as pessoas [...]” (OFF).</p> <p>“[...] para homenagear o trabalho dos foliões, que nunca perdem a crença e que mantêm viva esta cultura popular” (OFF).</p> <p>Na folia de Santos Reis, estes personagens são os reis da folia: bastião, marungos, palhaços dançando ao som do violão, sanfona e tambores (OFF).</p> <p>É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa, pedindo esmolas para os pobres. (OFF).</p> <p>Eu chego na casa, onde vai fazer a chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa. (Entrevistado).</p>

Quadro 3.16 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M5

Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M6
<p>“Levar devoção para dentro das casas é trabalho dos grupos de folias de reis” (Apresentador).</p> <p>“Para os moradores, receber estas companhias é uma forma de ter a proteção do Menino Jesus, durante o ano todo” (Apresentador).</p> <p>“[...] a canção, que fala sobre o nascimento de Jesus [...]” (OFF).</p> <p>“Trabalho que é motivo de orgulho” (OFF).</p> <p>Antigamente, eles cantavam à noite. Era 2, 3 horas da madrugada a gente tava dormindo quando de repente acordava com o som da viola e o barulho da caixa, o pessoal cantando na porta de casa (Entrevistado).</p> <p>O estandarte, que representa os três reis magos, ganha lugar de destaque (OFF).</p> <p>A Folia de Reis percorre as casas de Lagoinha desde a véspera de Natal durante 40 dias (OFF).</p>

Quadro 3.17 Explicações sobre o que é a Folia de Reis em M6

Vamos analisar as explicações sobre as folias estudando quatro aspectos separadamente. Nas matérias, percebemos que a maioria das explicações focam dois aspectos principais: *o período em que as Folias de Reis ocorrem e o sentido*

atribuído à manifestação. Além desses, vamos abordar as referências sobre a Festa de Reis e as explicações que contêm informações confusas ou erradas, já que ambas também ajudam a ver o caráter de descontextualização promovido pelas matérias. Portanto, vamos analisar separadamente cada um desses itens:

Período em que a Folia de Reis acontece

Matérias	Explicações que se referem ao período da Folia de Reis
M1	Depois do Natal , os grupos de Folias de Reis ocupam as ruas de várias cidades da região (Apresentador).
	Assim como a verdadeira história dos Três Reis Magos, este grupo também deve passar 12 dias caminhando (Repórter).
	É... A Folia de Reis é um costume de origem portuguesa. Os grupos fazem este tipo de visita e cantoria nas casas até o próximo 6 de janeiro (Apresentador).
M2	Desde o começo de dezembro , um grupo de foliões desfila pelas ruas de um bairro rural festejando o nascimento de Cristo... (OFF).
	As visitas dos integrantes da folia vão até o dia 6 de janeiro , Dia dos Reis, quando segundo a tradição católica deve-se desmontar os presépios e as árvores de natal (Apresentador).
M3	Hoje [6 de janeiro] é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios (Apresentador).
	É que pela tradição, Ademir, hoje [6 de janeiro] se encerra o Ciclo de Natal , com a visita dos três reis magos a Jesus Cristo (Apresentador).
	Abranches, hoje [6 de janeiro] eles prosseguem as visitas aos presépios montados nas casas como vêm fazendo desde o dia 1º de dezembro (Repórter).
	Mas o 6 de janeiro é um dia muito especial para estes grupos. Alguns fazem grandes festas para comemorar (Repórter)..
	É uma tradição que é... que são... que são... que acontece no Natal , né? Antes do Natal também , e que ... os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira (Fala do Entrev. 1)
	Apesar do ciclo natalino, terminar hoje [6 de janeiro] , muitos grupos de Folias de Reis continuam se apresentando até o dia 9 de janeiro em toda a região (Apresentador).
M4	Não tem

Quadro 3.18 Explicações que se referem ao período da Folia de Reis

Quadro 3.18 (continuação)

M5	Não tem
M6	A Folia de Reis percorre as casas de Lagoinha desde a véspera de Natal durante 40 dias (Repórter).
	Esses grupos se apresentam pelas ruas da cidade até 11 de fevereiro , quando vai ser celebrada a festa de encerramento da Folia de Reis, na praça da matriz de Lagoinha (Apresentador).

Quadro 3.18 Explicações que se referem ao período da Folia de Reis

Neste item, encontramos várias disparidades, já que em cada matéria, repórteres e apresentadores situam a Folia de Reis em um período diferente. Na realidade, como vimos no Capítulo 2, houve realmente uma adaptação ao tempo urbano, ao novo ritmo da economia, não mais agrária e regida pelo tempo da colheita. Assim, a festa que se iniciava entre os dias 24 e 25 de dezembro e ia até 6 de janeiro, ou no máximo 12 de fevereiro, conforme Alceu Maynard Araújo (1964, p. 129), agora começa antes e tende a terminar depois. Isto porque, no tempo agrário, os foliões dedicavam-se exclusivamente às visitas e hoje, conciliam a peregrinação com o cotidiano do trabalho, realizando as visitas nos finais de semana ou eventualmente, à noite. Assim, precisam de mais tempo para fazer todas as bênçãos.

Mas as matérias não fazem referência a isso. Pelo contrário, cada uma divulga datas diferentes, como se pode notar nos itens grifados em negrito no Quadro 3.15 acima. A seguir segue lista de citações sobre:

- O início da Folia de Reis: “depois do Natal” (M1), “começo de dezembro” (M2), “desde o dia 1º de dezembro” (M3), “desde a véspera de Natal” (M6).
- A duração da peregrinação: “12 dias caminhando” (M2), “durante 40 dias” (M6).
- O término da Folia de Reis: “até o próximo 6 de janeiro” (M1), “até o dia 6 de janeiro” (M2), “Hoje [6 de janeiro] é dia de encerramento” (M3), “hoje [6 de janeiro] se encerra o Ciclo de Natal”, (M3), “hoje [6 de janeiro] eles prosseguem as visitas” (M3), “6 de janeiro é um dia muito especial” (M3), “terminar hoje [6 de janeiro]” (M3), até o dia 9 de janeiro (M3); “até 11 de fevereiro” (M6).

Ou seja, as variações são muitas, sem grandes explicações sobre essas datas. No caso de M3, a matéria repete cinco vezes que a Folia de Reis acaba no dia 6 de janeiro e afirma, no final, sem nenhuma explicação, que ela pode ir até “9 de fevereiro”. Essas afirmações retratam uma falta de cuidado na apuração e na divulgação das informações para o telespectador, além de descontextualizar a Folia de Reis no tempo. As datas, a relação com o Natal e o nascimento de Jesus e o 6 de janeiro, data do encontro com os Reis Magos são elementos vitais da manifestação. À medida que as várias datas são colocadas sem uma explicação, esse elemento essencial no sentido, o período de realização da manifestação, é afetado e enfraquecido.

Na análise seguinte, vamos estudar as explicações que se referem aos sentidos atribuídos diretamente nas matérias em relação à Folia de Reis. No quadro, estão grifadas as citações, em sua maioria remetendo à fé, alegria e trabalho.

Sentidos atribuídos à Folia de Reis

Matérias	Referências ao sentido da Folia: fé, alegria, trabalho
M1	Seu José e mais 14 pessoas se reúnem todos os anos em devoção a Santos Reis (<i>OFF</i>).
	Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam (<i>OFF</i>)
	Eles devem passar pelos principais bairros de São José dos Campos, trazendo alegria e fé para as casas que eles visitarem (Repórter).
M2	festejando o nascimento de Cristo... (<i>OFF</i>).
M3	Eles seguem em passos cadenciados ao som de cantigas religiosas A frente, o mestre puxa os versos Por toda parte, os palhaços distribuem alegria (<i>OFF</i>).
	Os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira ” (Entrev. 1).
	Depois tem a oração. Hora de refletir, pedir as bênçãos dos santos para a casa visitada (<i>OFF</i>).

Quadro 3.19 Referências ao sentido da Folia: fé, alegria, trabalho

(continuação)

	A caixa, o tambor, ele dá essa alegria , né? E faz com que a folião não perca, porque é cansativo também para o folião, mas com isso ele se alegra (Entrev. 6).
M4	Quem normalmente leva alegria para as casas das pessoas veio receber bênçãos nesta manhã (OFF).
	Há 49 anos, Seu José canta com fé para abrir as portas das residências de Machado no interior de Minas Gerais... (OFF).
	Levar fé para casa das pessoas e ajudar também, né? Fala do (Entrev. 2).
	As 9h, foi celebrada uma missa para homenagear o trabalho dos foliões, que nunca perdem a crença e que mantêm viva esta cultura popular (OFF).
M5	Eles que normalmente levam a bênção até as pessoas (OFF).
	[...] palhaços dançando ao som do violão, sanfona e tambores... (OFF).
	É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa (Repórter).
	Um trabalho de devoção que está enraizado na família (OFF).
M6	Levar devoção para dentro das casas é trabalho dos grupos de folias de reis (Repórter).
	Trabalho que é motivo de orgulho (OFF).
	Os foliões são recebidos num ambiente de muita devoção (OFF).

Quadro 3.19 Referências ao sentido da Folia: fé, alegria, trabalho

Referências a “**alegria**” somam um total de 10, compostas por palavras como alegria e alegra (seis citações), outras três referências relacionadas (“foliões cantam e dançam”, “festejando”, “dançando ao som”, “cantando, dançando, fazendo brincadeira”). Referência à **devoção e fé**: 10, em palavras do tipo: fé, devoção, religiosas, bênção. Referências a **trabalho** são quatro, nas palavras “trabalho” e “cansativo”.

A Folia de Reis é uma manifestação que reúne fé e alegria, mas a alegria vem da fé, do ato de doar, de receber, de compartilhar. Ou seja, apesar do equilíbrio aparente entre as palavras que expressam fé e alegria, as imagens (analisadas no próximo item) vão quebrar o equilíbrio, à medida que focam os palhaços, a dança, as crianças etc. A referência à Folia de Reis como “trabalho” gera um “ruído”, e conflita com o sentido de devoção. A alegria da Folia de Reis não pode ser representada pela alegria dos palhaços, mas deve ser entendida como a alegria das pessoas que recebem, dos foliões que podem compartilhar bênçãos. É uma alegria solene,

religiosa, de quem abençoa e se sente abençoado. A alegria festiva dos palhaços é um aspecto repleto de paradoxos, uma vez que, em muitos casos, eles podem gerar até medo, pelas máscaras e pelos gestos desengonçados. Os palhaços em si expressam uma dualidade, já que na maioria das folias, eles representam o mal, os soldados de Herodes que tentam seguir os Reis Magos para matar o Menino Jesus. E é essa alegria que é destacada e enfatizada pelas reportagens, desviando o sentido da festa.

Referências à Festa de Reis ou Festa da Chegada

Maté-rias	Referências à Festa de Reis
M1	Não tem
M2	Não tem
M3	<p>É que pela tradição, Ademir, hoje [6 de janeiro] se encerra o ciclo de natal... com a visita dos três reis magos a Jesus Cristo. A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis. (Apresentador)</p> <p>Abranches, hoje [6 de janeiro] eles prosseguem as visitas aos presépios montados nas casas como vêm fazendo desde o dia 1º de dezembro. (Repórter)</p> <p>Mas o 6 de janeiro é um dia muito especial para estes grupos. Alguns fazem grandes festas para comemorar. Este grupo aqui de São José dos Campos levou a folia para a rua logo pela manhã. (OFF)</p> <p>Todos anos era feito isso. Meu pai era sanfoneiro, meus irmãos, tudo... e eles tocavam na chegada da folia, também né? (Entrev. 3)</p>
M4	Não tem
M5	<p>É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa, pedindo esmolos para os pobres. Hoje, as companhias de folia de reis se encontraram para percorrer as ruas da capital brasileira da fé. (OFF)</p> <p>Eu chego na casa, onde vai fazer a chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa. (Entrev 2).</p>
M6	Esses grupos se apresentam pelas ruas da cidade até 11 de fevereiro, quando vai ser celebrada a festa de encerramento da Folia de Reis , na praça da matriz de Lagoinha. (Apresentador)

Quadro 3.20 Referências à Festa de Reis

Como analisamos nas temáticas das matérias, nenhuma delas, em nenhum dos dois Ciclos de Natal, se propõe a mostrar a Festa de Reis, ou Festa da

Chegada, ou Chegança, ponto culminante da Folia de Reis. No Quadro 3.17 encontram-se referências a esse dia especial, mas nenhuma reportagem explicou ou abordou esse dia. Pelo contrário: nos dois casos em que a Festa de Reis é citada, o tratamento inadequado da matéria compromete profundamente o sentido da festa.

Em M3, a data é destacada várias vezes, como vimos, mas sempre de forma confusa. Na primeira frase, o apresentador fala que “A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis”. Ou seja, ele fala da festa, mas cita a folia, como se fossem uma coisa só, quando na realidade são bem diferentes: A Folia de Reis refere-se à peregrinação às casas, às bênçãos, aos presépios, enquanto a Festa de Reis é uma festa, como diz o nome, realizada em 6 de janeiro com os donativos feitos aos foliões pela comunidade durante a peregrinação. Nesse dia, podem ainda acontecer algumas visitas dos foliões a casas da comunidade, mas a festa é um evento diferenciado, com uma seqüência de ações, local e forma diferenciada.

Em seguida, a repórter reafirma que no 6 de janeiro as “folias prosseguem as visitas” como vinham fazendo, para logo em seguida se contradizer e afirmar que se trata de “um dia muito especial” em que “alguns grupos fazem grandes festas. Este grupo aqui de São José dos Campos levou a folia para a rua logo pela manhã”. Ou seja, ela cita a festa e logo em seguida, por estar ao vivo, chama uma reportagem gravada, com relatos de um dia normal de visitas da Folia. O telespectador fica na dúvida se está vendo a Festa de Reis ou a Folia.

Em M5, um outro aspecto mostra a informação de forma fragmentada. Essa é a única das seis matérias que faz referência ao fato de que, durante a peregrinação, os foliões coletam doações, com o *off*. “É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa, pedindo esmolas para os pobres”. Só que a matéria o faz de forma descontextualizada, e não explica para que se destina o dinheiro arrecadado. A palavra *esmola*, que muitas vezes é usada para expressar as doações da comunidade, colocada dessa forma, sem explicar como foi coletada e para que se destina, fica sem sentido e sem função, como uma esmola qualquer, diferente do ato de coletar para depois retribuir, conforme aponta Brandão, o que caracteriza o ponto crucial da festa. Antes de inserir a fala sobre a Festa da Chegada, o repórter ainda insere uma outra frase fora do contexto de que ele está

tratando (esmola e festa): “Hoje, as companhias de Folia de Reis se encontraram para percorrer as ruas da capital brasileira da fé”. Essa mudança de assunto, antes de tratar da explicação do folião sobre a Festa da Chegada, e a distribuição para os mais pobres, deixa a fala seguinte quase que incompreensível, pois está recortada do todo. “Eu chego na casa, onde vai fazer a Chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa (*sic*)” (Fala do Entrev 2).

Não é possível perceber que ele está falando da festa final da Folia de Reis. Colocada assim, fora do contexto e sem uma explicação, não é possível perceber o sentido da celebração, que fica associada a outras iniciativas beneficentes, sendo que esse não é seu significado.

Explicações sem sentido, equivocadas ou sem suporte teórico

Maté-rias	Referências equivocadas ou sem sentido
M1	A folia de reis relembra o nascimento de Cristo. Os três reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus. Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam (<i>OFF</i>)
M2	Desde o começo de dezembro, um grupo de foliões desfila pelas ruas de um bairro rural. (<i>OFF</i>) As visitas dos integrantes da folia vão até o dia 6 de janeiro, Dia dos Reis, quando segundo a tradição católica devem-se desmontar os presépios e as árvores de natal (Apresentador).
M3	<p>Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios (Apresentador).</p> <p>Os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira” (Entrevistado).</p> <p>Tudo está preparado para a visita: o presépio, a árvore de Natal (Repórter).</p> <p>É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal creio eu que vinha caminhando muitas léguas, né, e dali dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando (Entrev. 3).</p> <p>Isso. A bandeira, ela é uma parte devocional mesmo da folia. E algumas pessoas fazem promessas para a bandeira. E assim que recebe a graça, põe fita na bandeira pela graça recebida (Entrev. 1).</p> <p>E esses instrumentos são obrigatórios numa folia... (Repórter).</p> <p>Quais são os instrumentos obrigatórios numa folia? (Repórter).</p> <p>E a percussão, que é aquele tambor que marca, a caixa, tudo isso vai marcando o ritmo, a cadência da folia, não é Jaqueline? E isso é importante porque tem essa coisa do fardamento militar, da cadência militar (Repórter).</p> <p>E este ritmo tem uma origem portuguesa, que é a verdadeira origem da Folia de Reis, não é Celso. É parecido com o vira, não é isso? (Repórter).</p> <p>Isso é parecido com o vira. Porque a herança da folia é herança portuguesa, inclusive é feito com uma viola, a viola é portuguesa. Aí tem esse ritmo do vira (Entrev. 1).</p> <p>Na Espanha e Portugal, países de onde vem esta tradição, e hoje que é feita a troca de presentes (Apresentador).</p>
M4	Não tem
M5	Na folia de Santos Reis, estes personagens são os reis da folia: bastião, marungos, palhaços dançando ao som do violão, sanfona e tambores... (<i>OFF</i>).
M6	Não tem

Quadro 3.21 Explicações sem sentido, equivocadas ou sem suporte teórico

Nesta etapa, buscamos destacar as explicações:

Em M1, todas as explicações sobre o que é a Folia de Reis foram feitas pelos profissionais de jornalismo: Apresentador e Repórter.

Em M1, A primeira fala em *off*: “A Folia de Reis relembra o nascimento de Cristo. Os três reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus. Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam”, poderia ser o resumo de tudo, mas apresenta dois pontos que promovem a descontextualização.

Em M1, *off*. O primeiro refere-se ao fato de que não explica qual a relação da Folia de Reis com os Três Reis Magos, já que não há ligação entre a primeira frase “A Folia de Reis relembra o nascimento de Cristo” e a segunda “Os Três Reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus”. Mesmo recorrendo à decupagem, que poderia mostrar os reis na folia ou algo sim, não encontramos esta relação clara, ao contrário, a imagem associada é a dos palhaços (isso será tratado no próximo item, relacionado com a Seleção de Imagens e Edição). Ou seja, não fica clara a relação.

O segundo ponto é mais impactante, pois promove uma redução no sentido da Folia de Reis, quando a terceira frase cita ainda no *off*: “Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam”. Aí, o contexto refere-se à festa, música e dança, que são elementos da folia, mas que junto têm um sentido de devoção e fé. Um dado importante é que os foliões nunca dançam. Eles tocam e cantam versos que remetem o tempo todo à trajetória dos reis, ao encontro com Jesus, às dificuldades do caminho, entre outras referências. Quem dança são os palhaços.

Em M2, a expressão: “um grupo de foliões **desfila** pelas ruas...” de novo reduz o sentido e altera o significado da Folia de Reis, já que desfilar remete a caminhar perfilado etc., que não é o propósito da manifestação. Os foliões não desfilam. Eles vão de casa em casa e naquelas em que há um presépio e o desejo de receber a bênção, eles são convidados a entrar. A palavra desfile remete novamente ao sentido de um grupo que se apresenta e um outro que assiste, reduzindo o forte sentido de troca, de laços e de envolvimento que existe entre os foliões e a comunidade.

O caso de M3 chama a atenção, porque a matéria em si apresenta várias peculiaridades em relação às outras. Trata-se da matéria mais longa, com entrada ao vivo no telejornal, ao mesmo tempo, é uma matéria que se propõe, desde o início,

a explicar o que é a Folia de Reis e, entretanto, é a que mais gera confusões. Um fato que chama a atenção, e que compromete fortemente a questão do contexto, é que a reportagem mostra não um grupo de Folia de Reis, mas um grupo cultural de São José dos Campos, a Companhia Cultural Bola de Meia, uma ONG (Organização Não-Governamental), fundada em 1989.⁴⁴

O grupo realiza apresentações musicais e teatrais, exposições, oficinas, cursos, e tem um *sítio* e uma lojinha para venda de livros e CDs do grupo. Entre as inúmeras iniciativas, eles mantêm uma Folia de Reis, denominada Folia de Reis de São José da Cia. Cultural Bola de Meia, que se define como “Esta é uma Folia jovem, que tem por missão levar: alegria, interatividade e encantamento!”. Esse grupo é composto por cerca de 30 foliões “que cantam e tocam seus instrumentos (violões, violões, cavaquinho, caixas, tambores e chocalhos), 'marombos' (palhaços mascarados) que distribuem balas para as crianças e recebem donativos. Geralmente visitam casas no período de 6 de dezembro a 6 de janeiro (COMPANHIA Cultural Bola de Meia, 2006).

Em nenhum momento a equipe de reportagem faz referência a esse fato, ou seja, explica que se trata de um grupo que divulga essa cultura e não uma Folia de Reis propriamente dita. Em nenhum momento a repórter ou o apresentador explicam que se trata de um grupo cultural, que está fazendo uma representação da Folia de Reis. Ou seja, é um grupo que simula a folia, que faz uma atuação de como ela atua ou atuava, na visão dos artistas. As pessoas envolvidas são, no caso, artistas, fomentadores culturais e não foliões, pessoas da própria comunidade. O único ator que dá um depoimento sobre uma ligação direta com a folia é o tocador de acordeão, que relata que seu pai fazia aquilo. Não há nenhum folião acompanhando o trabalho. A matéria não menciona a diferença entre um grupo de foliões e um grupo de agentes culturais promovendo a Folia provavelmente porque talvez essa distinção tenha passado despercebida pela equipe de reportagem.

Na decupagem das matérias, apenas percebemos esse fato após termos visto a matéria pela terceira vez. Essa referência é importante porque foi nessa

⁴⁴ A Cia Cultural Bola de Meia também foi a fonte de uma matéria sobre Folia de Reis em 3 de janeiro de 2004 (data referente ao Ciclo do Natal de 2003 e por isso não analisado por este estudo), com o tempo de 2min53. Em junho de 2006, o grupo era destaque na propaganda institucional da TV Vanguarda, veiculada durante a programação, em que seus componentes aparecem representando o moçambique.

matéria que foi encontrado o maior número de explicações sem contexto. Mas esse assunto será aprofundado posteriormente, na análise da Seleção de Imagens e Edição.

No primeiro item destacado no Quadro 3.18, ressalta-se a referência do apresentador, repetida depois pela repórter, de uma relação entre o presépio e a árvore de natal: “Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar **árvores e presépios**” (Apresentador) e “Tudo está preparado para a visita: **o presépio, a árvore de Natal**” (Repórter). A mesma referência aparece em M2: “Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar **árvores e presépios** (Apresentador)”. Presépios e árvores de natal, apesar de serem parte do Ciclo de Natal são elementos completamente distintos. A Folia de Reis reserva uma relação estreita com o presépio, já que só entra e canta nas casas onde ele está montado. Mas a árvore de natal é um elemento fora desse contexto, que remete a outra cultura. No final de M3, outra fala do Apresentador caminha no mesmo sentido: “Na Espanha e Portugal, países de onde vêm esta tradição, é hoje que é feita a **troca de presentes**”. Uma declaração que fecha a matéria da folia, associando-a à troca de presentes. São informações fora de contexto e que promovem a descontextualização da manifestação, ao compará-la e associá-la com elementos estrangeiros e da cultura de massa. Importante notar que todas essas citações foram feitas pelos Apresentadores e Repórteres, já que para os integrantes da Folia de Reis, apesar de ter em casa uma árvore de natal, é distinta e clara a relação que mantêm entre ela e o presépio.

Outro elemento, destacado neste momento, mais pela insegurança do entrevistado do que por seu conteúdo, é a fala de um dos integrantes do grupo cultural, em uma resposta à repórter, sobre o sentido do tradicional lanche oferecido aos foliões na casa da família que recebeu as bênçãos. “É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal, **creio eu**, que vinha caminhando muitas léguas, né, e daí dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando”. O que chama a atenção é a pouca certeza do entrevistado. Também fica claro que ele está respondendo a uma questão afirmativa da repórter, do tipo “O lanche era porque eles caminhavam muito e precisam de alimentação”.

A pouca certeza sobre um fato, que faz parte da rotina dos foliões, revela desinformação. Junto com a fala insegura e truncada de outro entrevistado “É uma tradição que é... que são... que são... que **acontece no Natal, né? Antes do Natal também...**”, mostra dúvida e explica parte das outras referências equivocadas que listamos a seguir.

Esse entrevistado, aliás, é o líder do grupo e faz mais outros dois comentários que afetam o sentido da Folia de Reis. É ele quem afirma que “Os foliões vão visitar as casas **cantando, dançando, fazendo brincadeira**”. Ou seja, ele não faz referência alguma ao caráter devocional da visita da folia. Outra afirmação feita por ele: é de que “algumas pessoas fazem promessas para a bandeira”, que evidencia a pouca clareza entre os elementos da folia. Na realidade, apesar de não serem considerados santos oficiais, os devotos fazem promessas para os Santos Reis e agradecem, realmente, colocando adereços como fotos, fitas na bandeira. Mas não fazem promessas para uma bandeira, por mais simbolismo que ela tenha.

Em outro momento a repórter, desta vez, destaca a obrigatoriedade dos instrumentos, como se houvesse uma regra rígida. “E esses **instrumentos são obrigatórios** numa folia”. E ela pergunta de novo: “Quais são os instrumentos obrigatórios numa folia?”. A referência à obrigatoriedade insere uma rigidez ao tema que não é pertinente. Seguidas da citação relacionada ao fardamento militar e à cadência militar (analisadas em seguida) modificam o sentido da manifestação, que é um evento de caráter popular, realizado por pessoas simples e com o material de que dispõem. Note-se que a lista de “instrumentos obrigatórios” mencionados pelo componente do grupo “É a viola caipira, a sanfona, os instrumentos de percussão e o violão, né?” não bate com a lista de instrumentos que eles próprios listam no *site* do grupo, como sendo componentes de sua folia: “seus instrumentos (violas, violões, cavaquinho, caixas, tambores e chocalhos)”. Ou seja, a sanfona, instrumento que é tocado pelo entrevistado que faz a lista de instrumentos obrigatórios, não consta da lista do grupo. Assim, percebe-se, mais claramente, que a fala sobre a obrigatoriedade é uma fala vazia, sem sentido, que gera “ruído” e confusão na formação da compreensão sobre o que é a Folia de Reis.

Também não faz sentido algum a referência ao **fardamento militar** e à **cadência militar**, que são elementos completamente fora do contexto da Folia de

Reis. É comum, hoje, em muitas folias, o uso de uniformes, ou seja, os integrantes do grupo fazem uma roupa especial para a folia, que todos participantes usam, com exceção do palhaço. Mas não é uma farda, muito menos militar. A cadência militar a que a repórter se refere pode ter base na forma como o grupo cultural, foco dessa matéria, se desloca, pois realmente eles parecem marchar e andam “em passos cadenciados”, como a repórter afirma em outro momento. Mas essa é a forma específica desse grupo, que não é uma Folia de Reis original, mas que busca representar uma folia. De qualquer forma, a citação leva o sentido da folia para um outro universo, o militar, da guerra, da luta, que é, exatamente, o oposto ao sentido da folia. Em função da referência ao ritmo da Folia de Reis ser “semelhante ao vira” ou da folia ter “esse ritmo do vira”, esta pesquisadora fez diversas pesquisas e não encontrou nenhuma citação que validasse essa afirmação.

Parte das informações listadas aqui e que afetam o sentido da Folia de Reis, pela alteração ou inserção de elementos estranhos a seu contexto, foram mencionadas pelos entrevistados e não pela equipe de reportagem. Mas foram destacadas justamente porque são resultado da escolha de um grupo cultural e não de uma Folia de Reis para a matéria. Além disso, é importante ressaltar que essa é a única matéria em que os entrevistados são chamados a dar explicações sobre a Folia de Reis, já que nas outras, como veremos no Item FALAS, a edição da fala dos entrevistados da folias reserva para eles as declarações mais emocionais e pitorescas, e menos informativas.

Em M5, o repórter afirma em *off*: “Na folia de Santos Reis, **estes personagens são os reis da folia: bastião, marungos, palhaços** dançando ao som do violão, sanfona e tambores”. Ele fala que os palhaços são os “reis da folia”, uma associação que é inadequada, já que a Folia de Reis tem como personagens principais, os Reis Magos. Reis e palhaços são personagens distintos e com sentidos totalmente diferentes e conflitantes: os primeiros representam a fé e a adoração ao Menino Jesus e os segundos são a representação do mal, que pode atrapalhar o encontro dos reis com o recém-nascido. Na realidade, o que a matéria faz é destacar o palhaço, que é o personagem caricato, peculiar e engraçado da manifestação. Nessa mesma frase, quando o repórter elenca os diversos nomes do palhaço, não fica claro o que ele está fazendo e pode-se imaginar que ele se refere

a personagens diferentes. Ele não explica que “**bastião, marungos, palhaços**” são nomes que designam o mesmo personagem.

Este destaque para o palhaço vai ser tratado mais amplamente no item seguinte, quando abordamos como o processo de seleção de imagens e edição pode modificar o sentido da festa.

3.2.3 O processo de seleção das imagens e edição

O processo de seleção de imagens e edição das matérias é outro elemento que concorre para a desconstrução do sentido da festa. Neste item, serão analisados as seguintes categorias.

l) Cidade

m) Tempo da fala de repórter e apresentadores

n) Tempo da fala dos entrevistados

o) Som da cantoria

p) Cortes

q) Cenas com palhaços em destaque

r) Cenas com crianças em destaque

s) Cenas com destaque para a bandeira/estandarte

t) Cenas produzidas

3.2.3.1 Cidade

A cidade em que a matéria se passa entra neste item porque sua escolha está associada não somente ao tema que vai ser abordado, como também à facilidade de captação das imagens. O quadro a seguir mostra as cidades em que foi realizada a cobertura:

Matéria	Cidade
M1	São José dos Campos
M2	Paraibuna
M3	São José dos Campos
M4	Aparecida
M5	Aparecida
M6	Lagoinha

Quadro 3.22 Cidades em que se passam as matérias

A lista mostra que quatro das seis matérias foram realizadas: em São José dos Campos (M1 e M3), onde está localizada uma das emissoras da TV Vanguarda; em Paraibuna (M2), cidade vizinha a São José dos Campos, e em Lagoinha (M6), cidade próxima da emissora de Taubaté. As emissoras são os locais que sediam as equipes de reportagem. Só duas matérias foram realizadas na região mais histórica e tradicional do Vale do Paraíba, Aparecida (M4 e M5), que são as que fizeram a cobertura do Encontro de Folias de Reis de Aparecida.

Assim, apesar de em todo o Vale do Paraíba perceber-se esse tipo de manifestação, todas as folias mostradas nas ruas e em contato com a comunidade são das cidades ou das proximidades das emissoras. As equipes de reportagem só foram para a região mais histórica do Vale para cobrir um evento institucional, que chamou a atenção pelo ponto de vista noticioso e factual.

Ou seja, um dos elementos que compromete a compreensão da festa, sua localização e abrangência na região valeparaibana é o processo produtivo da matéria, que privilegia a proximidade com o pólo emissor. Aliás, uma das grandes reclamações em relação às TVs regionais é a concentração de sua cobertura nas cidades mais ricas ou no pólo emissor. Robson Bastos da Silva afirma que as TVs regionais, por uma série de questões, procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante da sua região. “Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior” (SILVA, 1997, p. 34).

A editora-chefe, Terezinha Almeida, explica que os telejornais da emissora têm uma meta que é cobrir todas as 46 cidades da cobertura da TV Vanguarda durante o mês. “Temos uma estatística em que controlamos isso, por meio de uma planilha. É obvio que as cidades maiores acabam tendo maior volume de notícias”. Ela conta que as duas cidades-sede, Taubaté e São José dos Campos, ficam com, no máximo, 50% da cobertura. “O restante distribuimos entre as outras cidades” (Almeida, em entrevista a esta pesquisadora).

3.2.3.2 Falas

Na Tabela 3.4, a seguir, destacamos: o tempo total da fala de repórteres e apresentadores, que foram somados por entendermos que são as falas que representam a emissora; o tempo total da fala dos entrevistados; o tempo individual da fala dos entrevistados; o tempo médio da fala dos entrevistados.

Tabela 3.4 Tempo total da fala de repórteres e apresentadores

Matéria	Tempo Total da matéria	Tempo da fala de repórter e apresentadores absoluto/relativo ⁴⁵	Tempo total da fala dos entrevistados absoluto/relativo	Tempo individual da fala dos entrevistados	Tempo médio da fala dos entrevistados
M1	2min15s	1min10s 51,8%	54s 40%	E1 = 9s E2 = 13s E3 = 12s E4 = 20s	E = 13,5s
M2	4min	1min54s 43,3%	1min23s 34,5%	E1 = 10s E2 = 11s E3 = 24s E4 = 5s E5 = 10s E6 = 23s	E = 13,8s
M3	6min30s	3min49s 58,7%	1min 46s 27,1%	E1 = 40s E2 = 17s E3 = 25s E4 = 14s E5 = 1s E6 = 9s	E = 17,6s
M4	1min33s	59s 63,4%	26 seg 27,9%	E1 = 13s E2 = 9s E3 = 4s	E = 8,6s
M5	1min44s	1min14s 71,1%	22 seg 21,1%	E1 = 4s E2 = 8s E3 = 10s	E = 7,3s
M6	2min20s	1min27s 62,1%	11 seg 7,8%	E1 = 5s E2 = 1s E3 = 2s E4 = 3s	E = 2,7s

A Tabela 3.4 mostra que a edição privilegia a fala de repórteres e apresentadores. Na realidade, são eles que contam a maior parte da história. Em

⁴⁵ O valor absoluto refere-se ao tempo somado das falas. O tempo relativo é o percentual deste tempo em relação ao tempo total da matéria.

todos os casos, o tempo da fala dos entrevistados é menor que o tempo da fala dos profissionais da emissora. Há casos, como nas matérias M4, M5 e M6 que a diferença é bem distante entre o tempo usado por um e o tempo cedido para o outro.

Além disso, a Tabela 3.4 evidencia que as falas individuais dos entrevistados são curtas, fragmentadas. Do tempo da entrevista concedida, são recortados pequenos trechos, que têm a média de tempo indicada na última coluna da tabela, variando de falas que têm um tempo médio de 2,7s e que chegam a um tempo médio de 17,6s. Individualmente, encontramos falas mínimas de 1s (em M3 e M5) até no máximo uma fala de 40s (M3), que na realidade é a soma de três falas do entrevistado, com tempos de 14s, 15s e 11s.

Aliás, M3 é a matéria em que os entrevistados mais falam e também têm falas mais longas. É justamente nessa matéria que a equipe de reportagem entrevista não um grupo de foliões tradicional, mas integrantes de uma companhia cultural que realiza diversas atividades de fomento à cultura regional.

Outro elemento também ressalta a diferença entre as falas, o que é perceptível quando analisamos o conteúdo delas. Em todos os casos, quem explica o que a festa é, quando e como acontece, o que ela representa, são os repórteres e apresentadores. A única exceção é em M3, quando os participantes da companhia cultural são convidados a explicar a festa. Ao povo, aos foliões são deixadas as falas emocionais ou carregadas de teor pitoresco, quando eles fazem referência a aspectos peculiares da festa em outros tempos.

A diferença entre os conteúdos das falas pode ser conferida nos Quadros 3.23, 3.24, 3.25, 3.26, 3.27 e 3.28 a seguir:

M1	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	Essa é a missão do bom homem, levar as boas mensagens para todas as boas famílias, né?
Entrev. 2	Meu vô me convidou para participar dessa folia. Eu gostaria de participar, vou continuar mantendo essa tradição entre a nossa família e convidar mais pessoas assim para continuar também.
Entrev. 3	Pra gente, é sempre uma honra tá recebendo, principalmente quando se trata do nascimento do Menino Jesus. Para nós é um prazer, uma honra, uma satisfação muito grande.
Entrev. 4	A gente tem que viver o nascimento de Jesus profundamente, na verdade, né? Então a gente, na verdade, uma semana antes, ou o mês de dezembro já começa comemorando o Natal com muita ansiedade para que chegue o dia e pra gente foi uma alegria muito grande.

Quadro 3.23 Falas dos entrevistados na M1

M2	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	Dá saudade de quando eu era criança. Meu pai ia lá em casa, né. Meu pai tinha presépio, né? Acho tão bonito...
Entrev. 1	Foi mais bonito ainda, né? Por que agora mais gente...mais, mais, de dia parece que é mais bonito, né? Porque de primeiro era diferente né? (<i>resposta à pergunta "Foi parecido?"</i>)
Entrev. 2	Tento mostrar para a turma que é um exemplo, né. Não esquecer mais do passado, né? Tentar resgatar e tocar pra frente, não deixar morrer, se deixar morrer... Ai o pessoal vai esquecendo das tradições antigas que tinha pras roça, né?
Entrev. 3	Antigamente, não podia chegar falando com ninguém. Tudo mudo. Então, para acordar a pessoa da casa, com o toque de caixa, com os instrumentos. O pessoal levantava tudo assustado, levantava às veis com o cabelo arrepiado, todo mundo já tava na cama, dormindo. Então isso aí era um gosto para os reis, pros folião.
Entrev. 4	A gente esperava que um dia voltava outra veis a folia de reis. Então hoje ta aqui. A gente recebeu aqui...
Entrev. 5	É uma honra muito grande recebê-los em casa, oferecendo o próprio bolo que eu faço que é uma tradição da minha vó, da minha mãe. É uma honra muito grande...

Quadro 3.24 Falas dos entrevistados na M2

(continuação)

Entrev. 6	Papai fazia o fubá aqui. A gente fazia o bolo de fubá... aquele bolo de fubá gostoso, cremoso, que é diferente. Servia para as pessoas. E é muito bom lembrar, reerguer isso outra vez. Eu acho que vai ser bom não só para os idosos, mas para o jovem também. Uma coisa que ninguém... muito tempo que não vê, que não sabe o que é... um moinho de pedra...
Entrev. 3	Tudo que você faz com o coração para Deus, você recebe em dobro.

Quadro 3.24 Falas dos entrevistados na M2

M3	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	É uma tradição que é... que são... que são... que acontece no Natal, né? Antes do Natal também, e que ... os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira
Entrev. 2	Simboliza o campo verde aonde estava o ranchinho, a estrebaria, onde o menino Jesus nasceu..
Entrev. 2	Bom, a gente faz porque a gente fica muito alegre, a gente não pode fazer uma coisa melhor, então a gente faz um bolinho, um lanchinho pra turma comer.
Entrev. 3	É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal creio eu que vinha caminhando muitas léguas, né, e dali dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando.
Entrev. 4	Isso, marombo (<i>resposta à pergunta “Como é que se chama?”</i> , referindo-se ao palhaço ou marombo)
Entrev. 4	O marombo tem uma função muito importante porque ele disfarçava os soldados do rei Herodes enquanto a fa-família. José, Maria e o Menino Jesus iam em segurança até o Egito. Então ele é muito abençoado, por causa disso. Ele protegeu a família.
Entrev. 5	80 anos (<i>resposta à pergunta “Há quanto tempo a senhora monta presépios para receber essa visita?”</i>)
Entrev. 1	Isso. A bandeira ela é uma parte devocional mesmo da folia. E algumas pessoas fazem promessas para a bandeira. E assim que recebe a graça, põe fita na bandeira pela graça recebida.
Entrev. 3	Todos anos era feito isso. Meu pai era sanfoneiro, meus irmãos, tudo... e eles tocavam na chegada da folia, também né?
Entrev. 3	Ah, com certeza, sempre teve isto daí. (<i>Resposta à afirmação “E esses instrumentos são obrigatórios numa folia...”</i>)

Quadro 3.25 Falas dos entrevistados na M3

(continuação)

Entrev. 3	É a viola caipira, a sanfona, os instrumentos de percussão e o violão, né? (Resposta à pergunta: Quais são os instrumentos obrigatórios numa folia?)
Entrev. 6	Exatamente. A caixa, o tambor, ele dá essa alegria, né? E faz com que a folião não perca, porque é cansativo também para o folião, mas com isso ele se alegra.
Entrev. 1	Isso é parecido com o vira. Porque a herança da folia é herança portuguesa, inclusive é feito com uma viola, a viola é portuguesa. Aí tem esse ritmo do vira.

Quadro 3.25 Falas dos entrevistados na M3

M4	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	Estou cheio de alegria e satisfação de estar aqui participando junto com o pessoal aqui e cantando para Santos Reis e tivemos com Nossa Senhora Aparecida que é minha mãe, eu trago ela dentro do meu coração.
Entrev. 2	Eu gosto, né? Levar fé para casa das pessoas e ajudar também, né? Ajudo muito na folia. Quando eu crescer quero ser folião.
Entrev. 3	Foi a primeira vez de encontro. Mas eu tô tão emocionada, tão lindo...

Quadro 3.26 Falas dos entrevistados na M4

M5	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	Nossa Senhora Aparecida é minha mãe, trago ela dentro do meu coração
Entrev. 2.	Eu chego na casa, onde vai fazer a chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa.
Entrev. 3	E vem vindo de pai para filho, pra um dia eu possa ser vô também, vou incentivar do mesmo jeito. Deus e Nossa Senhora Aparecida vai dar força d'eu...nós nunca deixá acabá.

Quadro 3.27 Falas dos entrevistados na M5

M6	Falas dos Entrevistados
Entrev. 1	Antigamente, eles cantavam à noite. Era 2, 3 horas da madrugada a gente tava dormindo quando de repente acordava com o som da viola e o barulho da caixa, o pessoal cantando na porta de casa. Então a gente vai durante o dia
Entrev. 1	Com certeza (<i>Resposta à pergunta: "Tiveram que se adaptar aos tempos modernos?"</i>)
Entrev. 2	O menino Jesus (<i>Resposta à pergunta: "Quem é esse que você ta carregando?"</i>)
Entrev. 3	Fiquei muito contente, foi um prazer.
Entrev. 4	Isso é uma coisa importante. Não pode acabar não.
Entrev. 1	Enquanto a gente for vivo, nós vamos tocar e passar para os mais novos também.

Quadro 3.28 Falas dos entrevistados na M6

Com isso, podemos afirmar que são os representantes da cultura tida como superior que contam a história e só dão voz aos sujeitos da cultura em falas esvaziadas, com pouco sentido, a não ser o da emoção. É o olhar do repórter, da elite, que se dirige, com superioridade, para essa cultura.

Isso evidencia a valorização do saber da cultura dominante, o olhar do erudito, civilizador, que só abre o microfone para o ouvir o diferente, o peculiar, a emoção do popular. A espaço da informação é da cultura dominante. Esse viés fica confirmado quando, na única matéria em que os foliões dão informações sobre o evento, são pessoas que participam de um grupo cultural organizado, uma Ong, que sempre aparece no telejornal com suas iniciativas. Chama a atenção o fato de que esse é o único momento em que todos os entrevistados da folia não expressam muita segurança (gaguejam, repetem) e, do ponto de vista do contexto, é a matéria em que foram encontrados mais erros.

Como afirma Kientz: "tempo de emissão é um dos indicadores da importância conferida ao sujeito" (1973, p. 166). Assim, como o tempo de emissão dos elementos do povo é reduzido e suas falas são mais emocionais, podemos entender que ele atua como um suporte para um produto já elaborado, são não mais sujeitos, mas personagens utilizados pelos profissionais do jornalismo para dar veracidade e apelo à narrativa que eles construíram.

3.2.3.3 Som da cantoria

Um dos elementos característicos da Folia de Reis são as músicas, com versos que contam as histórias relacionadas ao nascimento de Jesus, à peregrinação dos Reis Magos, à estrela-guia, enfim, temas relacionados com o sentido da folia. Um elemento marcante na cantoria são os agudos dos tiple e contratiple, conforme evidenciamos no Capítulo 2.

Na edição das matérias, o tempo reservado para que o telespectador possa “ouvir” os foliões e sua música é muito pequeno, como pode ser observado na Tabela 3.5, a seguir, que contém o tempo total da cantoria e os tempos parciais entre parênteses.

Tabela 3.5 Tempos totais e parciais da cantoria

	M1	M2	M3	M4	M5	M6
Som da cantoria	14s (5+4+4)	31s (15+9+7)	48s (4+3+8+8+25)	4s	6s (3+3)	30s (4+5+6+2+13)
Tempo da matéria	2min15s	4 min	6min30s	1min33s	1min44s	2min20s

Assim, pode-se notar que mesmo no caso de uma matéria que reservou 48s, esse tempo foi fragmentado em pequenos trechos. As três cantorias parciais mais longas têm 15s (M2), 25s (M3) e 13s (M4). Esses foram os únicos casos em que foi possível ouvir um trecho da cantoria dos foliões. E o agudo característico da Folia de Reis, que chega a ser um pouco desagradável ao ouvido não familiarizado só aparece uma vez.

Os versos também não têm espaço na edição e apenas em M2 e M3 foi possível ouvir uma quadra inteira.

3.2.3.4 Cortes e Imagens

Tabela 3.6 Cortes e imagens

	M1	M2	M3	M4	M5	M6
Cortes	28 cortes	43 cortes	72 cortes	18 cortes	27 cortes	32 cortes
Cenas com palhaços em destaque	15	7	12	1	7	0
Cenas com crianças em destaque	2	0	12	4	3	5
Cenas com destaque p/ bandeira ou estandarte	4	12	11	3	4	15

Apesar do número de cortes já ter sido estudado no item que aborda a “Criação de uma nova temporalidade”, sua presença na análise da edição é importante, pois ele revela a fragmentação da narrativa. Como vimos anteriormente, são realizados uma média de dois cortes a cada 10 segundos.

Outro elemento que pode ser destacado é a presença constante de imagens dos palhaços, que são personagens coloridos, que usam máscaras e os únicos que dançam na folia. Crianças também foram privilegiadas nas matérias, sendo sempre mostradas, mesmo quando tomam parte direta da folia, mas estão só assistindo, por exemplo. A bandeira ou estandarte, sempre coloridos, também são mostrados com frequência e são geralmente usados na criação de cenas diferenciadas.

Algumas matérias mostram um número menor de cenas com palhaços. No caso de M2, com sete cenas com os palhaços, vale ressaltar que esses personagens aparecem representados por uma dupla, vestidos em chitão verde fosco, bem discretos na aparência e na dança. Aliás, eles não dançam e se comportam de maneira bem contida. Isso não parece chamar a atenção da lente do cinegrafista, de forma que o estandarte vermelho tem mais destaque nas imagens, aparecendo em 12 cenas. Outra matéria em que eles só aparecem uma vez é em M4, que tem como foco a missa dos foliões no Santuário Nacional de Nossa

Senhora Aparecida. Uma explicação é o fato de se tratar de uma missa e os palhaços estarem sem as máscaras e sem dançar. Além disso, contrastaria com o tom solene da cerimônia. Já em M5, ainda em Aparecida, mas mostrando o “passeio” dos foliões pela cidade, eles voltam à cena sete vezes. Em M6, eles não aparecem, simplesmente porque a folia mostrada não tem palhaços. Em contrapartida, tem uma criança, que é destacada em cinco cenas, sendo entrevistada em uma delas, e um forte foco na bandeira. Essa é uma outra matéria em que, como o grupo não tem palhaços e suas roupas são camisa branca e calça marrom ou *jeans*, a bandeira aparece como a única coisa colorida na paisagem rural e bastante destacada pela edição.

A presença constante de imagens de crianças em um tema que não está relacionado diretamente com esta faixa etária remete ao uso de uma fórmula que tem forte apelo afetivo e emocional e que é usada com frequência pela publicidade.

Ou seja, percebemos que a edição se dá privilegiando as imagens que mostrem o colorido, o diferente, o incomum e que não busca mostrar os elementos que marcam o sentido profundo de religiosidade e tradição, de união da comunidade em torno da Folia de Reis.

3.2.3.5 Cenas produzidas

Os quadros a seguir mostram cenas claramente produzidas pelo telejornal. A palavra produção faz parte do processo de criação do telejornal. Nos casos listados, percebe-se claramente que houve uma elaboração da cena, contando com a ajuda dos foliões que, nesses casos, agem sob o comando do cinegrafista e repórter. É possível que além dessas, muitas outras possam ter sido produzidas, mas essas evidenciam claramente o uso dessa técnica:

	Situações de produção clara do telejornal
M1	<p>1) Câmera no meio, foliões tocando, vindo em sua direção e passando por ela...</p> <p>2) Repórter falando, folia vindo atrás, em sua direção, nas suas costas.</p>
M2	<p>1) Foliões subindo uma rampa, câmera espera por eles bem posicionada no alto e acompanha a subida. A repórter aguarda dentro da casa. Câmera a filma pela janela. Grupo entra e entrega o estandarte sem cerimônia.</p> <p>2) Dona da casa mexendo no presépio.</p> <p>3) Na sala da casa, foliões divididos em dois grupos, um de cada lado, imagem do estandarte ao fundo. Assim, a câmera pega tudo.</p> <p>4) Esta situação se repete em outro canto da casa...</p> <p>5) Mesa de lanche posta, foliões tocando ao lado: assim é possível filmar os dois.</p> <p>6) Senhora peneira o fubá com o corpo bem estendido, pouco natural, para não atrapalhar a gravação da imagem do moinho.</p> <p>7) Imagem final dos foliões captada por dentro de uma janela, eles passando embaixo, na rua de terra.</p>
M3	<p>1) Situação inicial montada: dona da casa ao fundo segurando a bandeira, grupo de tocadores de um lado, outro grupo de outro, palhaços ao meio. Assim fica fácil a movimentação da câmera no ao vivo.</p> <p>2) Refrigerantes sem rótulo;</p>
M4	Apesar de algumas situações possíveis, em nenhum caso é possível afirmar só pela análise de matéria.
M5	<p>1) Na passarela, repórter com foliões atrás, ele sai de cena, enquanto a folia se aproxima e dá um grande <i>close</i> na bandeira, que ocupa toda a cena; O ponto da filmagem também é estratégico, com a igreja ao fundo;</p> <p>2) Três gerações, lado a lado, olhando a igreja, de costas para a câmera, enquanto o <i>OFF</i> fala das gerações</p>
M6	<p>1) Câmera capta as imagens do alto, com os foliões chegando.</p> <p>2) Imagem do menino Jesus na cestinha sobre o ombro da menina.</p> <p>3) Câmera já posicionada dentro da casa, filma a entrada dos foliões.</p> <p>4) Donos da casa com a cestinha e o estandarte em um canto, cantadores no outro, permite que a câmera mostre tudo.</p> <p>5) Cantadores perfilados do lado direito durante a cantoria.</p> <p>6) Na passagem da repórter, folia se aproxima ao fundo com a cestinha de Jesus e o estandarte e pára ao fundo. O olhar de dúvida da criança dirigido à mãe deixa claro que a parada foi combinada.</p> <p>7) Tocadores e donos e estandarte organizados dentro de outra casa.</p>

Quadro 3.29 Situações de produção clara do telejornal

São cenas criadas, encenadas, para dar um bom resultado no processo de edição. Por serem planejadas, combinadas e representadas, não fazem parte da narrativa da Folia de Reis, sendo, por sua vez, uma produção, uma criação para a narrativa do telejornal, que se funde ao sentido da Folia de Reis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão, com seu grande alcance e visibilidade, assume, no âmbito regional, um papel relevante para a afirmação de valores e culturas, divulgação e valorização dos modos particulares de ser das comunidades que busca representar. Em um mundo mediado pela televisão, quando esta mídia dá visibilidade às manifestações da cultura regional, está desempenhando um papel importante, ao atribuir um sentido de reconhecimento e valor a essas manifestações. E o telejornal, como espaço de credibilidade e informação, reafirma e legitima essa importância.

Entretanto, conforme demonstramos na análise, paralelamente a esse sentido de valorização, o telejornal promove um outro, que afeta e modifica o sentido original da manifestação cultural. Esse novo significado é construído pelo noticiário, por meio dos três aspectos analisados: a **nova temporalidade**, a **descontextualização** e o **processo de seleção de imagens e edição**.

Vimos que o tempo, elemento central da festa, é modificado devido ao tempo curto e fragmentado do telejornal. Embora haja uma preocupação da emissora em reservar uma duração maior para esse tipo de matéria, a média de dois minutos parece ser pequena para conseguir expressar o sentido da manifestação. O elevado número de cortes, por outro lado, aumenta o ritmo da narrativa, inserindo a manifestação em uma temporalidade acelerada, diferente da original, que é mais lenta, própria da origem camponesa dessa cultura. Além disso, o tratamento isolado das matérias tira a manifestação de seu tempo próprio, de sua seqüência original, apresentando-a como um evento isolado, desconectado, fora do contexto.

Isso nos remete ao outro elemento analisado, a descontextualização promovida pelo telejornal, já que elementos importantes da festa são suprimidos pelo noticiário e outros são inseridos ou supervalorizados, modificando o sentido original do evento. Um exemplo disso é a temática das matérias, que quase sempre recai no foco da oposição tradição-resgate, velho-novo, destacando essa dualidade e esquecendo de abordar o sentido, a importância, o valor presente e sempre atual da manifestação. Além disso, quando busca explicar o que é a manifestação, o

telejornal dá origem a dúvidas ao apresentar diferentes explicações para elementos importantes do evento, como o período em que ocorre, sua origem, onde ainda pode ser encontrado, ou, ainda, omitindo aspectos essenciais.

Esse fato fica evidente no caso da Folia de Reis, uma celebração que começa no dia 25 de dezembro e termina com uma festa comunitária no dia 6 de janeiro, a Festa de Reis, realizada com as doações coletadas durante as peregrinações realizadas no período. Nenhuma das matérias abordou essa festa, que é o momento culminante da manifestação e lhe confere o sentido de finalidade, já que representa o encontro dos Reis Magos com o Menino Jesus. As doações, a festa em si, o empenho dos foliões, que muitas vezes passam a noite a fazer a comida e preparar o evento, nada disso é coberto ou mostrado em nenhuma das matérias. Todas as reportagens referem-se apenas a uma das etapas da festa, que é a visitação às famílias e a bênção ao presépio. Nelas, a Festa de Reis é apenas citada, de forma rápida e pouco clara. Da mesma forma, ficam de fora do noticiário todos os significados de cada um dos símbolos da festa, assim como todas as redes de relações comunitárias e afetivas desenvolvidas durante sua preparação e realização e seus aspectos religiosos, sociais e até políticos. “Esta forma de noticiar reduz o fato a apenas um fragmento de um evento maior” (MARCONDES Filho 1988, p. 54). Para o autor, o jornalismo fragmentado e transmitindo o fato dessa maneira, como um 'pedaço', faz uma exposição *falsa* da realidade, porque sonega informações importantes para sua compreensão.

Além disso, vimos que a alteração do contexto da manifestação também se dá por outros fatores. Um deles é o fato de que em cada matéria equipes diferentes de reportagem fazem a cobertura, de modo que, a cada transmissão, a manifestação é narrada por profissionais que a conhecem pouco e não têm uma especialização ou uma forma de construir um conhecimento aprofundado sobre o tema. Vimos que a opção pela veiculação das matérias na primeira edição do telejornal, apresentada no horário do almoço, aconteceu em 83% das vezes. Esse é o telejornal voltado para temas comunitários, abordados para a busca da identidade com a população. O telejornal de maior audiência é o da segunda edição, que vai ao ar entre as novelas das seis e das sete horas. A emissora também optou pela inserção da matéria no último bloco em cinco das seis vezes em que a manifestação foi abordada,

colocando-a ao lado de temas esportivos e relativos a férias e carnaval, esvaziando o sentido religioso e mítico que a comunidade atribui ao evento, e imprimindo-lhe um caráter de entretenimento e amenidade.

A análise da seleção de imagens e edição revelou a opção pela divulgação das manifestações que ocorrem nas cidades próximas das emissoras de São José dos Campos e Taubaté, deixando de fora eventos representativos e importantes que ocorrem em outras cidades da região. A edição das falas das fontes revelou que os sujeitos da manifestação falam muito pouco, com declarações curtas e fragmentadas, e que a fala dos repórteres e apresentadores é predominante, conduzindo a narrativa. O conteúdo das falas também mostra que, na edição, esse espaço é dado aos sujeitos do evento quase sempre para expressar emoção ou contar casos peculiares. O único caso em que as fontes têm mais tempo e dão explicações sobre a folia foi quando a reportagem abordou o trabalho de uma ONG de São José dos Campos, que faz uma representação da Folia de Reis, mas não é uma folia tradicional. Ou seja, como são representantes da cultura erudita, um grupo que pesquisa a cultura popular, tiveram mais espaço no telejornal, com conteúdo de falas mais relevantes e expressivas. Como vimos, essa foi a matéria em que as explicações sobre a manifestação foram as mais confusas e fora do contexto.

O telejornal também deu pouco espaço para as cantorias, elementos que identificam a singularidade musical da Folia de Reis, com melodias em quadras e agudos característicos no final de cada uma. Por outro lado, as imagens privilegiaram os palhaços, as bandeiras e estandartes e as crianças, elementos que têm forte apelo visual. No processo de produção de algumas cenas para a busca de imagens bem acabadas, vimos que o telejornal interferiu na narrativa da manifestação, criando uma outra, própria para ser veiculada para a TV. Enfim, o processo de seleção de imagens e edição se dá privilegiando as imagens mais peculiares e coloridas, sem valorizar a fala dos sujeitos da manifestação. Sabemos que, mais do que uma técnica, a edição está comprometida com os códigos da cultura que representa, a cultura midiática e de mercado. Ao recriar o universo simbólico, recria também a cultura, revestindo-a de uma face pitoresca e peculiar, com caráter de entretenimento.

Entendemos que essa forma de abordar a cultura regional no telejornal não é uma exclusividade da TV Vanguarda. Pelo contrário, propomos que é possível estender as análises e considerações aqui realizadas para a forma como atua a maioria dos telejornais das diversas emissoras brasileiras. Em primeiro lugar, pelo próprio formato do telejornal que se configura de forma rígida e fortemente estruturada. Em segundo, por entendermos que a TV Vanguarda, por ser uma emissora da TV Globo que, como vimos, definiu o padrão do telejornal na TV brasileira, representa um modelo seguido por outras emissoras no país. Também não pretendemos restringir os resultados do estudo apenas à cobertura da Folia de Reis, mas expandir esta percepção para o modo como o telejornal cobre a cultura regional de maneira geral.

Ao estudar esses inúmeros elementos que afetam e modificam o sentido da manifestação, percebemos que eles podem ser reagrupados em três outros aspectos relacionados com o processo jornalístico, e que fazem com que a cobertura do telejornal não consiga expressar o sentido da cultura regional.

Um deles relaciona-se com o processo produtivo: a opção por mostrar as cidades mais próximas das emissoras, a não-existência de uma equipe especializada na cobertura de temas da cultura regional, a produção de cenas, as datas escolhidas para a cobertura e divulgação, entre outros. Outros aspectos que afetam o sentido estão relacionados com o próprio formato rígido do telejornal, como a escolha predominante pelo último bloco, a busca de imagens impactantes e com apelo visual pelo colorido e peculiaridade, o elevado número de cortes, a edição das falas com pouco tempo para os sujeitos e a narrativa predominante dos produtores da reportagem.

O terceiro aspecto que afeta o sentido da cultura regional está relacionado com a própria visão de cultura que os profissionais do jornalismo têm e que afeta todos os outros já enfocados. Vimos, na análise de conteúdo, que parte das ações que geram a alteração da temporalidade, a descontextualização ou a seleção de imagens e edição, sempre em busca do espetacular e do peculiar, é resultado da falta de um conhecimento mais aprofundado a respeito da manifestação. Não basta saber sua origem, quando, onde e como acontece, mas por que acontece assim, qual o sentido da manifestação, qual o valor que assume para a comunidade. Não

basta mostrar o que está mais visível e colorido, é preciso mostrar o que não aparece: as pessoas envolvidas, a dedicação no preparo.

Antes disso, é necessária uma compreensão verdadeira do que é essa cultura, por meio de uma visão que vá além do viés romântico, focado no resgate, ou da visão de um grupo que analisa essa cultura com olhar de superioridade e mostra-a com benevolência como quem mostra algo simplesmente folclórico. E aí se insere a compreensão do que é a cultura valeparaibana, a valorização dessas manifestações, enquanto expressão de um modo de ser e de viver da população, ligado não ao passado, mas que ainda persiste, já que não se trata apenas de atos e gestos, mas uma maneira particular do povo dessa região de viver sua religiosidade, seus laços sociais e sua fé.

Para narrar essa história, antes de tudo, é preciso conhecê-la bem. Um pouco de cuidado, então, é recomendável. Para isso, é preciso saber do que se está falando. Conhecer a cultura para mostrar o que ela tem de mais importante, significativo e não apenas o que tem de curioso e exótico. Valorizar a manifestação desse povo, reconhecendo a importância, a riqueza que reside nessas narrativas. Enfim, escolhas que buscam mostrar os elementos que marcam o sentido profundo de religiosidade e tradição, de união da comunidade em torno da Folia de Reis.

Por ser a expressão de um sentimento, de formas diferenciadas de estar no mundo, a cultura regional demanda um tratamento mais cuidadoso por parte do telejornal, ou seja, a TV deve buscar outras formas de abordar a notícia quando se refere às manifestações da cultura regional, já que essa temática não engloba apenas o acontecimento presente ou pontual. Por isso, uma notícia sobre a cultura regional é totalmente diferente do acidente, do crime, da questão política, dos fatos esportivos etc., isto é, de ações que relatam o “aqui e o agora”. Trata do sentido que a vida, a religiosidade, as relações pessoais e sociais adquirem para o povo de um lugar. A reportagem de cultura vai falar do que é, do que sempre foi, da teia que tece as relações, as crenças, as verdades de um povo, das manifestações que ajudam a tecer o tecido social. Fé que não está nos templos ou nas instituições, mas que se manifesta em pequenos-grandes gestos, em sentimentos e formas de conduta, respeito e solidariedade. Uma religiosidade que é passada entre gerações e que, como vimos, persiste neste mundo globalizado. A Folia de Reis, assim como outras

manifestações da cultura regional, faz parte da pauta dos telejornais e as matérias que gera são veiculadas ano a ano. Junto com a notícia e sua repetição, podem-se ir construindo sentidos falsos, incorretos, multiplicados para um conjunto grande da população, que constitui a audiência do telejornal. Enfim, a TV é um elemento importante na valorização dessa cultura, mas deve buscar formas e espaços diferenciados para dar visibilidade para a cultura regional.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMI, Antonio. Cultura também é notícia: jornalismo cultural no impresso e na TV. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo: Programa de Apoio a Publicações Científicas CNPq. Intercom, v. XXVI, n. 2, julho/dezembro 2003.
- ALVES, Luiz Roberto. Comunicação e cultura popular: as prosopopéias na rua, no meio do redemoinho. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional: Festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: Melhoramentos, 1964. v. I.
- ARBEX Jr., José. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ARBEX Jr., José. *Showrjalismo: a notícia como espetáculo*. 3. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BAITELLO Jr., Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *TV regional: trajetórias e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2001.
- BELTRÃO, Luiz. Comunicação popular e região no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola; UCBC, 1976.
- BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: teoria e método*. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. Espetacularização da cultura e refuncionalidade dos grupos folclóricos. In: *10º Congresso Brasileiro de Folclore*. São Luís (MA), junho de 2002. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/folclore/Congresso/congresso.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2004.

- BENJAMIN, Roberto. Expandindo a proposta da obra fundadora. In: *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*. n. 5. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002.
- BOJUNGA, Cláudio. A construção da notícia 2. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Rede Imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- BORELLI, Silvia H. S; PRIOLLI, Gabriel (Coords.). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes da viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CABRAL, Eula Dantas; CABRAL Filho, Adilson Vaz. Do massivo ao local: a perspectiva dos grupos de mídia. In: SOUZA, Cidoval Moraes de. (Org.). *Televisão regional: globalização e cidadania*. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. (A-I). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1954.
- CASHMORE, Ellis. ... e a televisão se fez! São Paulo: Summus, 1998.
- COMPANHIA Cultural Bola de Meia. 2006. Disponível em <http://www.ciabolademeia.org.br/fofia_de_reis.htm>. Acesso em: 20 de mar. 2006.
- DUARTE, Fábio. *Global e local no mundo contemporâneo: integração e conflito em escala global*. São Paulo: Moderna, 1998.

- FADUL, Anamaria. Decadência da cultura regional: a influência do rádio e da TV. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). *Comunicação/ Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola; UCBC, 1976.
- FEITOZA, Mirna. *A imagem do real: a espetacularização da realidade através do telejornalismo*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1996.
- FERNANDES, Francisco Assis Martins. A regionalização da mídia. In: *Acervo*. Taubaté, ano 2, n. 2, 2º sem/1998. p. 19-21. Revista do Nupec (Núcleo de Pesquisas e Estudos em Comunicação) da Universidade de Taubaté.
- FESTA da mídia no interior. São Paulo, *Revista Imprensa*, n. 195, outubro de 2004.
- FLAUSINO, Cristina Valéria. *TV regional: deveres e fazeres – estudo de caso de uma emissora regional da Globo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 2001.
- FREITAS, Bianca Gonçalves de. A reificação nas folias e festas de reis. In: 7ª Folkcom: Conferência Brasileira de Comunicação. Lajeado (RS), maio de 2004. CD-ROM.
- FOLDER institucional: 40 anos de jornalismo Rede Globo.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GUZZONI, Juliane Vianna. *A comunidade na TV: uma análise sobre a regionalização da notícia e o processo de participação popular*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, Programa de Comunicação e Semiótica, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IANNI, Octavio. Nacionalismo, regionalismo e globalismo. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.). *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: Educ, 1999. p. 39.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. *Brasil em Síntese: habitação*. 2004. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/>. Acesso em: 12 fev. 2006.

IBOPE. *Apenas 25% da população adulta domina habilidades de escrita e leitura*. 26 maio 2004. Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortallIBOPE&pub=T&db=cald&comp=Biblioteca&docid=395FFC0868D770C483256EA0006B1CBE>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

JAMESON, Frederic. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*.

Trad. Ana Lúcia Almeida Gazzola. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Trad. Álvaro Cabral.

Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KULPAS, Sérgio. *A chave para o futuro da TV*. 24 out. 2003. Disponível em:

<http://webinsider.uol.com.br/vernoticia.php/A_chave_para_o_futuro_da_TV/id/1944>. Acesso em: 25 fev. 2006.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp, 1993.

MAIA, Thereza; MAIA, Tom. *Vale do Paraíba, festas populares: história e folclore*.

Taubaté: Cered; Centro Educacional Objetivo, 1989. (Cadernos Culturais do Vale do Paraíba).

MAIA, Theresa. *O vale paulista do rio Paraíba: história, geografia, fauna, flora, folclore, cidades*. Aparecida: Santuário, 2000.

MARCONDES Filho, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONDES Filho, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCONDES Filho, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

MARQUES DE MELO, José; Kunsch, Waldemar Luiz. (Orgs.). *De Belém a Bagé:*

imagens midiáticas do natal brasileiro. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1998.

- MARQUES DE MELO, José; Kunsch, Waldemar Luiz. (Orgs.). As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI. In: *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional* n. 5. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo/ Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2001.
- MARQUES DE MELO, José; Kunsch, Waldemar Luiz. (Orgs.). Folkcomunicação, patrimônio da Lusofonia. *Revista Imprensa*. São Paulo, v. 172, 01 jul. 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, German. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, German. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de. (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)*. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/A Tarde, 1990. Disponível em: <<http://www.sergiomattos.com.br/>>. Acesso em: 5 out. 2005.
- MATTOS, Sérgio. (Org.). *Televisão e cultura na Alemanha e no Brasil*. 1994. Salvador: ICBA – Instituto Cultural Brasil Alemanha / 1997. Disponível em: <<http://www.sergiomattos.com.br/>>. Acesso em: 5 out. 2005.
- MEDINA, Carlos Alberto de. *Comunicação regional e cultura popular*. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola/UCBC, 1976.
- MELO, Clayton. Supremacia incontestável. *Meio & Mensagem*. Edição especial: Televisão aberta. 4 de abril de 2005.
- MEMÓRIA Globo. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MORAES, Dênis. (Org.). A dialética das mídias globais. In: *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORAIS Filho, Melo. Festas e Tradições Populares do Brasil. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Martins, 1943. p. 186-187.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. São Paulo: Revan, 2002.

MORIN, Edgar et al. *Cultura e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo I – Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O drama nosso de cada dia. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 105, nov. 2004.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PASIN, José Luiz. *A formação histórica e cultural do Vale do Paraíba*. 2002. Disponível: <<http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/est0042001.html>>. Acesso em: 15 fev. 2006.

PASIN, José Luiz. *O Vale do Paraíba: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: AC&M, 1988.

PEDROSO, Marcelo. Riqueza das Cidades: S. José é o 7º PIB industrial do país. *Valeparaibano*. Sábado, 19 nov. de 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. As imagens da TV têm tempo? In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Rede Imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA Jr., Alfredo Eurico Vizeu; MULLER, Karla Maria. Indústrias culturais no Mercosul: televisão aberta. In: MATTOS, Sérgio. (Org.). *A televisão e as políticas regionais de comunicação*. Salvador; São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação / GT Televisão, 1997. Disponível em: <<http://www.sergiomattos.com.br/>>. Acesso em: 5 out. 2005.

PERRONE, Roberto. TV Aberta: a estrela maior. *Revista Mídia e Mercado*. Suplemento do jornal *Meio & Mensagem*, set. 2004.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação e sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, ano 26, n. 43, 1º sem. 2005. p. 67-84.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*. n. 6. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2003.

PESSOA, Jadir de Moraes. (Org.). As falas de reis: um ritual do mundo camponês. In: *Meu senhor dono da casa: os 50 anos da Folia de Reis de Lages*. Goiânia: O Popular, 1993.

PRADA, Amanda; PEREIRA, Rosi. BONI inaugura tevê e defende produção local. 2003. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/cultura/1351501-1352000/1351693/1351693_1.xml>. Acesso em: 20 de out. 2005.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

REDE GLOBO. *História da empresa*. 2006. Disponível em: <<http://redeglobo3.globo.com/institucional/>>. Acesso em: 12 fev. 2006.

REQUENA, Jesús González. *El discurso televisivo: espectáculo de la posmodernidad*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

RETT, Lucimara. *Comunicação, cultura e TV regional: TV Vanguarda no Vale do Paraíba*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Paulista, 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000,

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na Era da Informação*. Lisboa: Presença, 1994.

SALLES, Elisa Regina G. Torquato. *O sentido das festas*. 2003. Disponível em: <<http://www.resenet.com.br/asfestas.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.

SANTOMAURO, Antônio Carlos. Redes: de olho na riqueza regional. São Paulo. *Meio & Mensagem*. Especial: Televisão aberta. 4 de abril de 2005.

- SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. *Estudos sobre o Tempo*. n. 2, São Paulo: USP; Instituto de Estudos Avançados, 1991. (Documentos)
- SANTOS, Milton. *Técnica espaço-tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.
- SCHMIDT, Cristina. *A rede Folkcom e a inserção na globalização*. São Bernardo: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional; Folkcom, 2003. CD-ROM.
- SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.
- SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição: cultura e desenvolvimento no município de Cunha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SILVA, Robson Bastos da. Análise comparativa entre duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista. In: MATTOS, Sérgio. (Org.). *A televisão e as políticas regionais de comunicação*. Salvador; São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação / GT Televisão, 1997.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001a.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.
- SODRÉ, Muniz. *A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiame, 1984.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SÔNEGO, Dubes. De volta às origens. Entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. São Paulo. *Meio & Mensagem*. Regional. Interior de São Paulo. Ano XXVII, n. 1159, 23 maio 2005.
- SOUZA, Wilson. Reflexo da globalização nas ações locais: o exemplo do ABC Paulista. *Anuário da Unesco/Umesp de Comunicação Regional*. São Bernardo do

Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

TEMER, Ana Carolina Rocha P. O telejornalismo entre o fato e suas representações: Ver o telejornal ou ver no telejornal? In: *Communicare*. Revista de pesquisa/ Centro interdisciplinar de Pesquisa Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero. v. 3, n. 2 (2003), semestral.

TOLEDO, Francisco Soderó. *Nossas festas*. Vale do Paraíba, 2002. Disponível em: <<http://www.valedoparaiba.com/terragente/artigos/art0052000.html>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

TOLEDO, Francisco Soderó. *Em busca das raízes: identidade cultural do Vale do Paraíba*. Aparecida: Santuário, 1988.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. *Revista Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Vega, 1993.

TV VANGUARDA. *Jornalismo*. 2006. Disponível em: <<http://www.tvvanguarda.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

UNESCO. *World Television Day Celebrated Today*. Portal Unesco, Section News, 21 nov. 2003. Disponível em: <http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=13630&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>. Acesso em: 15 dez. 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 7. ed. Lisboa: Presença, 2002.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YVES, Pedro. Com o padrão Boni. *Propaganda*, ano 49, n. 645, janeiro 2005.

APÊNDICE A: ESPELHO DO NOTICIÁRIO

Espelho dos telejornais da TV Vanguarda nos dias em que foram veiculadas as matérias sobre as Folias de Reis

Tabela A1 Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 30/12/2004

Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 30/12/2004		
Veiculação da Matéria 1		
	Chamada	40s
SJC/ Sabesp	Jd. Santa Ermínia - estoque de água p/ o reveillon	02min10s
	Previsão do Tempo	35s
JAC	Pgto. de tributos municipais	15s
SJC	Segurança das casas durante as viagens	02min40s
Vale	Aparelhos de raio X p/ presídios do estado	20s
	Break	
TAU/SJC	Movimento nas rodoviárias	02min15s
SJC	Revisão dos veículos antes de viajar	02min05s
SJC	Alterações no trânsito/Festa de Reveillon	20s
Dutra	Movimento na Dutra	40s
SP	Empregos temporários - efetivação	02min
	Break	
BGP	Presos 2 homens acusados de assalto	25s
Ilhabela	Parque Municipal das Cachoeiras/Ao vivo	03min
LIT/CAR	Praias Impróprias	40s
Está Ligado	Entrev. c/ oceanógrafa - Célia	03min50s
TAU/Cach. Pta	Programa de preservação do Rio Paraíba do Sul/Ao vivo	02min
PIN/TAU	PAT/BE	01min
	Break	
SLP	Festival de Marchinas	01min05s
LOR/SJC	PAT	47s
LIT/CAR	Programação p/ o Reveillon	28s
Ilhabela	Como preparam coquetel	02min50s
SJC	Folia de reis de São José dos Campos	02min15s
	21 matérias no total	32min20s

Tabela A2 Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 03/01/2005

Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 03/01/2005		
Veiculação da Matéria 2		
	Chamada	45s
	Movimento na Tamoios	01min10s
CAR	Movimento de turistas	01min30s
	Movimento nas estradas	01min30s
Dutra / Guararema	Moradores interditaram a Dutra/pedido de passarela	02min
Dutra	Acidente e movimento na Dutra	50s
	Previsão do Tempo	35s
UBA	Movimento de turistas	02min30s
	Break	
SJC	PAT/Falta de qualificação profissional	02min43s
TAU/LOR	PAT	52s
TAU	Entrev. C/ Pref. Roberto Peixoto	04min50s
RJ/ Cach. Paul	Apagão no RJ	01min50s
	Break	
TAU	Adolescente foi morto no bairro do Areião	15s
APA/TAU	PAT	35s
SJC	Entrev. C/ Pref. Eduardo Cury	05min40s
BGP	Posse do Pref. E vereadores	01min40s
	Break	
CAR	Casal feito refém durante assalto	15s
LOR	Campanha de arrecadação de alimentos/Maremoto	02min20s
S. Seb.	Praia de Maresias	01min30s
JAC	Represa do Jaguari	01min30s
ANDRÉ	Rali Paris Dakar	45s
PAR	Folia de Reis	04min
	21 matérias no total	39min35s

Tabela A3 Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 16/01/2005

Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 16/01/2005		
Veiculação da Matéria 3		
	Chamada	43s
TAU	Nagashi Furukawa visita duas penitenciárias	01min30s
TAU/TER	Presos que saíram p/ o natal e ainda não voltaram	30s
LOR	Arrecadações p/ as vítimas do maremoto na Ásia	02min10s
SJC	Médica vai p/ a Ásia	02min
Ilhabela	Corpo do alemão assassinado está no IML	20s
	Break	
SJC	Programa Escola da Família/Entrev. c/ Cleide - Dir. Ensino	04min05s
Dutra	Movimento na Dutra	30s
TAU	Selo instalado nos táxis/Qualificação do IPEM	03min
TAU	PAT	01min
TER	Oficinas Culturais/Entrev. c/ Conceição Molinaro	03min
	Break	
Mor. César	Sub Pref. Será escolhido por indicação	02min
TAU	Copa SP de Futebol Júnior/Maurino Marques	05min15s
ANDRÉ	Rali Paris Dakar/Maurino Marques	01min20s
CDJ	Luz e telefone já foram normalizados na Pref.	40s
	Break	
S. Seb.	Acidente deixou uma jovem gravemente ferida	30s
UNITAU	Processo seletivo da UNITAU	02min15s
TAU	Escolha do Rei Momo e Rainha do Carnaval	25s
SJC	Dia de Reis / Folia de Reis	06min30s
	Previsão do Tempo	32s
CAR	Turistas na praia c/ chuva	02min10s
	20 matérias no total	41min25s

Tabela A4 Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 13/01/2006

Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 13/01/2006		
Veiculação da Matéria 4		
	Chamada	35s
ATI	Libertada jovem seqüestrada na quarta-feira	55s
S.SEBA	Africanos serão deportados	20s
TAU	Peregrinos morrem em Meca/Um grupo de TAU está lá	01min30s
	Break	
POTIM	Vigilância Sanitária faz Campanha contra os caramujos africanos	01min55s
PINDA	Cuidados para evitar acidentes com animais peçonhentos	01min35s
LOR	Curso de férias para aperfeiçoar conhecimento	01min35s
SJC	EUA cancela projeto que possibilitaria a BEM vender aviões para o país	01min15s
UBA	Operação Verão Limpo	01min40s
	Break	
JEAN	Rallye Dakar/Jean Azevedo sofre acidente	53s
TAU	Copa São Paulo de Juniores	01min07s
PINDA	Programação Especial de Férias	01min23s
APA	Encontro de Folias de Reis	01min33s
SJC	Policia de SJC morto na capital em ataque a base é enterrado	02min18s
UBA	Movimento nas praias	45s
	Previsão do Tempo	45s
CDJ	Imagem da cidade	14s
ATI	Festival Internacional de Cinema	02min10s
	17 matérias no total	22min28s

Tabela A5 Espelho do Vanguarda TV 2ª Edição do dia 13/01/2006

Espelho do Vanguarda TV 2ª Edição do dia 13/01/2006		
Veiculação da Matéria 5		
	Chamada	00:00:30s
S. Seb.	Trabalho dos Salva-Vidas nas praias	00:01:38s
CAÇ	Preso quadrilha que assaltou posto na Dutra	00:01:02s
Dutra	Casal morre num acidente na Dutra	00:00:15s
	Break	
APA	3º Encontro Nacional de Folia de Reis	00:01:44s
TAU	Copa SP de Juniores	00:01:20s
JEAN	Jean Azevedo sofreu acidente e teve que abandonar o Raly Dakar	00:00:50s
	Break	
INPE	Previsão do Tempo p/ os próximos 3 meses	00:01:15s
	Previsão do Tempo	00:00:35s
CAR	Movimento na cidade/Ao vivo	00:00:35s
JAC	Vagas de trabalho temporário em fábrica de bebidas	00:01:45s
	10 matérias no total	11min29s

Tabela A6 Espelho do Vanguarda TV 2ª Edição do dia 16/01/2006

Espelho do Vanguarda TV 1ª Edição do dia 16/01/2006		
Veiculação da Matéria 6		
	Chamada	35s
SJC	Homens presos por suspeita de assassinato	01min08s
SP	Ataques a PM em São Paulo	14s
Dutra	Mulher é presa por tráfico	20s
CDJ	3 pessoas morreram afogadas	30s
UBA	Orientação dos Bombeiros para não se afogar	02min03s
	Previsão do Tempo	44s
CDJ	Imagem da Cidade	12s
Dutra	Acidente na Dutra	27s
TAU	Sessão Extraordinária da Câmara	01min32s
	Break	
UBA	Cuidados com os alimentos	02min15s
UBA	Campanha de combate a dengue	01min35s
SJC	INSS amplia horário de atendimento	01min46s
TAU	Recadastramento no INSS/Baixo movimento	02min34s
TAU/SESC	Agenda Especial para as férias	01min51s
	Break	
VALE	Matrícula para educação de jovens e adultos	24s
JEAN/ANDRÉ	Jean e André Azevedo voltam hoje do Rallye Dacar	01min02s
TAU	Copa São Paulo de Juniores/Taubaté perde	02min00s
LAGOINHA	Grupo de Folia de Reis da cidade	02min20s
	18 matérias no total	23min32s

APÊNDICE B

ANÁLISE DE CONTEÚDO: TABELAS

Tabela B1 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 1

	Matéria 1		
a)	Telejornal	Vanguarda TV 1ª edição	
b)	Data	30/12/2004	
c)	Repórter	Ricardo Guedes	
d)	Cinegrafista	Edson Giovanini	
e)	Tempo da matéria	2min15s	
f)	Tempo médio das matérias do telejornal	1min32s (32min20s / 21 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	4º bloco – última matéria	
h)	Outras matérias do bloco	Festival de Marchinhas – S. Luis Paraitinga	1min5s
		PAT - Lorena e SJC	47s
		Programação p/ o Reveillon - Litoral	28s
		Como preparam coquetel - São Sebastião	2min50s
		Folia de reis de São José dos Campos	2min15s
i)	Foco da matéria: tema	Revivendo a tradição: oposição entre velho e novo.	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“Em São José dos Campos, um deles reúne a experiência dos mais velhos com a alegria dos mais novos para levar adiante a tradição”. (Apresentador)</p> <p>“Seu José Gonçalo passou a fazer parte de uma folia de reis ainda criança. Hoje, com 53 anos, ele se orgulha de manter a tradição” (OFF).</p> <p>“Alan é o mais novo do grupo. Tem apenas 13 anos e interpreta um dos reis. Uma mistura de emoção com tradição de família” (OFF)</p> <p>Meu vô me convidou participar dessa folia. Eu gostaria de participar, vou continuar mantendo essa tradição... (Entrevistado)</p>	
k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“A folia de reis relembra o nascimento de Cristo. Os três reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus. Com violas, pandeiros e enfeites, os foliões cantam e dançam” (OFF).</p> <p>“Assim como a verdadeira história dos Três Reis Magos, este grupo também deve passar 12 dias caminhando” (OFF)</p> <p>“A Folia de Reis é um costume de origem portuguesa. Os grupos fazem este tipo de visita e cantoria nas casas até o próximo 6 de janeiro” (Apresentador).</p>	
l)	Cidade	São José dos Campos.	
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	1min10s (70)	
n)	Tempo da fala dos entrevistados	54s (9+13+12+20) = E1+E2+E3+E4	

Tabela B1 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 1 (continuação)

o)	Som da cantoria	14s 5+4+4
p)	Cortes	28 cortes
q)	Cenas com palhaços em destaque	15 cenas
r)	Cenas com crianças em destaque	2 cenas
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	4 cenas
t)	Situações de produção clara do telejornal	1) Câmera no meio, foliões tocando, vindo em sua direção e passando por ela... 2) Repórter falando, folia vindo por trás dele, em sua direção.

Tabela B2 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 2

	Matéria 2		
a)	Telejornal	Vanguarda TV 1ª edição	
b)	Data	3/1/2005	
c)	Repórter	Fernanda Cesaroni	
d)	Cinegrafista	Ayrton Rodrigues	
e)	Tempo da matéria	4 min (sendo 55s dedicados ao tema moinho: 23%)	
f)	Tempo médio das matérias do telejornal	1min53s (39min35s/21 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	4º Bloco – última matéria	
h)	Outras matérias do bloco	Casal feito refém durante assalto - Caraguá	15s
		Campanha de arrecadação de alimentos Tsunami/ Lorena	2min20s
		Praia de Maresias	1min30s
		Represa do Jaguari - Jacareí	1min30s
		André Azevedo de SJC no Rali Paris Dacar	45s
	Folia de Reis	4min	
i)	Foco da matéria: tema	Tradição que se perdeu na cidade e grupo que a recupera. Desvio para o tema moinho, que ocupa 23% do tempo.	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“A Folia de Reis é uma tradição em muitas cidades do interior do país. Mas em Paraibuna, esse costume se perdeu no tempo. Agora, 50 anos depois, um grupo de moradores resolveu recuperar a história”. (Apresentador).</p> <p>“E é lá que os moradores se reúnem para reviver uma antiga tradição”. (OFF)</p> <p>“Aqui em Paraibuna, ela [a Folia de Reis] está sendo resgatada depois de 50 anos e recebida com surpresa pelos moradores da cidade”. (OFF)</p> <p>“Quem traz de volta o ritual à cidade é um jovem de apenas 29 anos” (OFF)</p> <p>“Mas entre os foliões tem também gente das antigas”. (OFF)</p> <p>“Tento mostrar para a turma que é um exemplo, né. Não esquecer mais do passado, né? Tentar resgatar e tocar pra frente, não deixar morrer, se deixar morrer... Aí, o pessoal vai esquecendo das tradições antigas que tinha pras roça, né?” (Entrevistado)</p> <p>“A gente esperava que um dia voltava outra veis a folia de reis. Então hoje tá aqui. A gente recebeu aqui..” (Entrevistado)</p> <p>“Iniciativas pequenas, que juntas não vão deixar a história de quem viveu aqui”. (OFF)</p>	

Tabela B2 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 2 (continuação)

k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“A festa popular lembra a viagem que os Três Reis Magos fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus”. (OFF)</p> <p>“Desde o começo de dezembro, um grupo de foliões desfila pelas ruas de um bairro rural festejando o nascimento de Cristo”. (OFF)</p> <p>A tradição portuguesa da Folia de Reis ainda existe em várias cidadezinhas brasileiras”. (OFF)</p> <p>“Eles passam pelas casas onde há presépios”. (OFF)</p> <p>“Antigamente, não podia chegar falando com ninguém. Tudo mudo. Então, para acordar a pessoa da casa, com o toque de caixa, com os instrumentos. O pessoal levantava tudo assustado, levantava às veis com o cabelo arrepiado, todo mundo já tava na cama, dormindo. Então isso aí era um gosto para os reis, pros folião”. (Entrevistado).</p> <p>“Faz parte do costume também agradecer a visita dos foliões, oferecendo comida e bebida”. (OFF)</p> <p>“As visitas dos integrantes da folia vão até o dia 6 de janeiro, Dia dos Reis, quando segundo a tradição católica deve-se desmontar os presépios e as árvores de natal”. (Apresentador)</p>
l)	Cidade	Paraibuna
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	1min54s (114s)
n)	Tempo da fala dos entrevistados	1min23s (10+11+24+5+10+23=83) = (E1+E2+E3+E4+E5+E6)
o)	Som da cantoria	31s 15+9+7
p)	Cortes	43 cortes
q)	Cenas com palhaços em destaque	7 (interessante que nessa reportagem são apenas dois palhaços, em chitão verde, bem discretos na aparência e na dança. Os tocadores e o estandarte vermelho têm mais destaque nas imagens.
r)	Cenas com crianças em destaque	0
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	12
t)	Situações de produção clara do telejornal	<ol style="list-style-type: none"> 1) Foliões subindo uma rampa, câmera espera por eles bem posicionada no alto e acompanha a subida. A repórter aguarda dentro da casa. Câmera a filma pela janela. Grupo entra e entrega o estandarte sem cerimônia; 2) Dona da casa mexendo no presépio. 3) Na sala da casa, foliões divididos em dois grupos, um de cada lado, imagem do estandarte ao fundo. Assim, a câmera pega tudo. 4) Essa situação se repete em outro canto da casa... 5) Mesa de lanche posta, foliões tocando ao lado: assim é possível filmar os dois. 6) Senhora peneira o fubá com o corpo bem estendido, para não atrapalhar a visão do moinho. 7) Imagem final dos foliões captada por dentro de uma janela, eles passando embaixo, na rua de terra.

Tabela B3 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 3

	Matéria 3		
a)	Telejornal	Vanguarda TV 1ª edição	
b)	Data	6/1/2005	
c)	Repórter	Amanda Costa	
d)	Cinegrafista	Ayrton Rodrigues	
e)	Tempo da matéria	6min30s	
f)	Tempo médio das matérias no telejornal	2min04s (41min25s/20 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	4º Bloco (4ª matéria de um total de seis)	
h)	Outras matérias do bloco	Acidente deixou uma jovem gravemente ferida - S. Sebastião	30s
		Processo seletivo da UNITAU - Taubaté	2min15s
		Escolha do Rei Momo e Rainha do Carnaval – Taubaté	25s
		Dia de Reis/Folia de Reis - SJC	6min30s
		Previsão do Tempo	32s
		Turistas na praia c/ chuva - Caraguatatuba	2min10s
i)	Foco da matéria: tema	Dia dos Santos Reis – fim do ciclo de natal. Na realidade, apesar de falar do dia 6, a matéria discorre sobre o que é a Folia.	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios” (Apresentador)</p> <p>“É que pela tradição, Ademir, hoje se encerra o Ciclo de Natal, com a visita dos três reis magos a Jesus Cristo. A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis” (Apresentador).</p>	

Tabela B3 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 3 (continuação)

k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“Hoje [6 de janeiro] eles prosseguem as visitas aos presépios montados nas casas com vêm fazendo desde o dia 1º de dezembro. Mas o 6 de janeiro é um dia muito especial para estes grupos. Alguns fazem grandes festas para comemorar” (Repórter)</p> <p>“Os fogos anunciam a chegada dos foliões. Com pandeiro, sanfona, tambor e viola caipira. Eles seguem em passos cadenciados ao som de cantigas religiosas. À frente, o mestre puxa os versos. Por toda a parte, os palhaços distribuem alegria” (OFF)</p> <p>“O grupo reproduz a peregrinação dos reis magos em busca do Menino Jesus” (OFF)</p> <p>“É uma tradição que é... que são... que são... que acontece no Natal, né? Antes do Natal também, e que ... os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira” (Entrevistado)</p> <p>“E faz parte da tradição retribuir” (OFF)</p> <p>“É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal creio eu que vinha caminhando muitas léguas, né, e dali dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando”. (Entrevistado)</p> <p>“Além dos instrumentos, desse lanhe tradicional, da bandeira, também há uma outra figura muito importante na Folia de Reis, que é o palhaço ou marombo” (Repórter)</p> <p>“O marombo tem uma função muito importante porque ele disfarçava os soldados do rei Herodes enquanto a fa-família. José, Maria e o Menino Jesus iam em segurança até o Egito. Então ele é muito abençoado, por causa disso. Ele protegeu a família” (Entrevistado).</p> <p>“Tudo está preparado para a visita. O presépio, a árvore de Natal, e o chão coberto com folhas” (OFF)</p> <p>“É a dona da casa que segura a bandeira, que guarda a bandeira enquanto a cantoria segue dentro da casa (Repórter) A bandeira ela é uma parte devocional mesmo da folia. E algumas pessoas fazem promessas para a bandeira. E assim que recebe a graça, põe fita na bandeira pela graça recebida” (Entrevistado)</p> <p>“[Os instrumentos obrigatórios na folia] É a viola caipira, a sanfona, os instrumentos de percussão e o violão (Entrevistado)</p> <p>“A percussão, que é aquele tambor que marca, a caixa, tudo isso vai marcando o ritmo, a cadência da folia, não é Jaqueline? E isso é importante porque tem essa coisa do fardamento militar, da cadência militar” (Repórter)</p> <p>“A caixa, o tambor, ele dá essa alegria, né? E faz com que a folião não perca, porque é cansativo também para o folião, mas com isso ele se alegra” (Entrevistado)</p> <p>“Este ritmo tem uma origem portuguesa, que é a verdadeira origem da Folia de Reis, não é Celso. É parecido com o vira, não é isso?” (Repórter)</p> <p>“Isso é parecido com o vira. Porque a herança da folia é herança portuguesa, inclusive é feito com uma viola, a viola é portuguesa. Aí tem esse ritmo do vira” (Entrevistado)</p> <p>“Apesar do ciclo natalino, terminar hoje, muitos grupos de Folias de Reis continuam se apresentando até o dia 9 de janeiro em toda a região. Na Espanha e Portugal, países de onde vem esta tradição, e hoje que é feita a troca de presentes” (Apresentador).</p>
l)	Cidade	São José dos Campos
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	3min49s (229s)

Tabela B3 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 3 (continuação)

n)	Tempo da fala dos entrevistados	1min46s (106s) 40+17+25+14+1+9 = (E1+E2+E3+E4+E5+E6)
o)	Som da cantoria	48s 4+3+8+8+25
p)	Cortes	37 cortes + 35 imagens de ao vivo (câmera em movimento, imagens onde ela parou)
q)	Cenas com palhaços em destaque	12
r)	Cenas com crianças em destaque	12
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	11
t)	Situações de produção clara do telejornal	1) Situação inicial montada: dona da casa ao fundo segurando a bandeira, grupo de tocadores de um lado, outro grupo de outro, palhaços ao meio. Assim fica fácil a movimentação da câmera no ao vivo. 2) Refrigerantes sem rótulo;

Tabela B4 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 4

	Matéria 4		
a)	Telejornal	Vanguarda TV 1ª edição	
b)	Data	13/1/2006	
c)	Repórter	Bruno Pellegrine	
d)	Cinegrafista	Everton Rodrigues	
e)	Tempo da matéria	1min33s	
f)	Tempo médio das matérias no telejornal	1min19s (22min28s/17 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	3º e último bloco	
h)	Outras matérias do bloco	Rali Dacar/Jean Azevedo sofre acidente -SJC	53s
		Copa São Paulo de Juniores Taubaté	1min7s
		Programação Especial de Férias Pinda	1min23s
		Encontro de Foliás de Reis (Aparecida)	1min33s
		Policia de SJC morto na capital em ataque a base é enterrado	2min18s
		Movimento nas praias - Ubatuba	45s
		Previsão do Tempo	45s
		Imagem da cidade – Campos do Jordão	14s
	Festival Internacional de Cinema - Atibaia	2min10s	
i)	Foco da matéria: tema	Missa dos foliões no 3º Encontro de Folia de Reis em Aparecida	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“73 grupos de Foliás de Reis se reuniram hoje em uma das missas da manhã da Basílica de Aparecida. Elas participam de um encontro nacional e até domingo vão visitar diferentes bairros da cidade”. (Apresentador)</p> <p>“[...] veio receber bênçãos nesta manhã”. (OFF)</p> <p>“Estou cheio de alegria e satisfação de estar aqui participando junto com o pessoal aqui e cantando para Santos Reis e tivemos com Nossa Senhora Aparecida que é minha mãe, eu trago ela dentro do meu coração (sic)” (Entrevistado)</p> <p>“Foi a primeira vez de encontro. Mas eu tô tão emocionada, tão lindo”. (Entrevistado)</p> <p>“Às 9h, foi celebrada uma missa para homenagear o trabalho dos foliões, que nunca perdem a crença e que mantém viva esta cultura popular”. (OFF)</p> <p>“No fim da celebração, os grupos saíram em procissão, passando pela imagem de Nossa Senhora e depois caminharam pela passarela até a Basílica. Agora a tarde seis companhias se apresentam no Jardim Paraíba”. (Apresentador)</p>	
k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“Quem normalmente leva alegria para as casas das pessoas [...]” (OFF)</p> <p>“Eu gosto, né? Levar fé para casa das pessoas e ajudar também, né? Ajudo muito na folia. Quando eu crescer quero ser folião”. (Entrevistado)</p>	
l)	Cidade	Aparecida	
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	59s	
n)	Tempo da fala dos entrevistados	26s (E1+E2+E3=13+9+4)	
o)	Som da cantoria	4s (vivas a Nossa Senhora Aparecida)	
p)	Cortes	18 cortes	

Tabela B4 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 4 (continuação)

q)	Cenas com palhaços em destaque	1
r)	Cenas com crianças em destaque	4
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	3
t)	Situações de produção clara do telejornal	Apesar de algumas situações prováveis, em nenhum caso é possível afirmar só pela análise de matéria.

Tabela B5 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 5

	Matéria 5		
a)	Telejornal	Vanguarda TV 2ª edição	
b)	Data	13/1/2006	
c)	Repórter	Bruno Pellegrine	
d)	Cinegrafista	Everton Rodrigues	
e)	Tempo da matéria	1min44	
f)	Tempo médio das matérias no telejornal	1min08s (11min29s/10 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	2º Bloco (em um total de 3 blocos)	
h)	Outras matérias do bloco	3º Encontro Nacional de Folia de Reis - Aparecida	1min44s
		Copa SP de Juniores – Taubaté	1min20s
		Jean Azevedo sofreu acidente e teve que abandonar o Rali Dacar - SJC	50s
i)	Foco da matéria: tema	Missa dos foliões no 3º Encontro de Folia de Reis em Aparecida e passeio pela cidade	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“Os romeiros que forem a Aparecida neste fim de semana vão poder assistir a uma das mais tradicionais manifestações da fé popular. A cidade sedia, até domingo, o terceiro encontro nacional de Companhias de Folias de Reis. São 73 grupos vindos 9 estados”. (Apresentador) “ [...] hoje foram abençoados pela padroeira do Brasil” (OFF)</p> <p>“Uma missa de manhã homenageou os 1500 foliões de 9 estados brasileiros”. (OFF)</p> <p>“No fim da celebração, os grupos saíram em procissão. E passo a passo foram tomando conta da passarela”. (OFF)</p> <p>“Hoje, as companhias de folia de reis se encontraram para percorrer as ruas da capital brasileira da fé”. (OFF)</p> <p>“Os grupos fazem apresentações amanhã à noite e no domingo, na praça Benedito Meirelles, que fica no centro de Aparecida”. (Apresentador)</p>	
k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“Eles que normalmente levam a bênção até as pessoas [...]” (OFF)</p> <p>“Na folia de Santos Reis, estes personagens são os reis da folia: bastião, marungos, palhaços dançando ao som do violão, sanfona e tambores”. (OFF)</p> <p>“É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa, pedindo esmolas para os pobres”. (OFF)</p> <p>“Eu chego na casa, onde vai fazer a chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa”. (Entrevistado)</p>	
l)	Cidade	Aparecida	
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	1min14s (74)	
n)	Tempo da fala dos entrevistados	22s (E1+E2+E3 = 4+8+10)	
o)	Som da cantoria	6 3+3	

Tabela B5 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 5 (continuação)

p)	Cortes	27
q)	Cenas com palhaços em destaque	7
r)	Cenas com crianças em destaque	3
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	4
t)	Situações de produção clara do telejornal	<p>1) Na passarela, repórter com foliões atrás, ele sai de cena, enquanto a folia se aproxima e dá um grande <i>close</i> na bandeira, que ocupa toda a cena; O ponto da filmagem também é estratégico, com a igreja ao fundo.</p> <p>2) Três gerações lado a lado olhando a igreja, de costas para a câmera, enquanto o <i>OFF</i> fala das gerações.</p>

Tabela B6 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 6

Matéria 6			
a)	Telejornal	Vanguarda TV 1ª edição	
b)	Data	16/1/2006	
c)	Repórter	Carolina Matos	
d)	Cinegrafista	Hélio Rodrigues	
e)	Tempo da matéria	2min20s	
f)	Tempo médio das matérias no telejornal	1min18s (23min32s /18 matérias)	
g)	Bloco do Telejornal	3º e último bloco	
h)	Outras matérias do bloco	Matrícula para educação de jovens e adultos	24s
		Jean e André Azevedo voltam do Rali Dacar	1min02s
		Copa São Paulo de Juniores/Taubaté perde	2min
		Grupo de Folia de Reis da cidade	2min
i)	Foco da matéria: tema	Visitas das Folias que antes eram feitas apenas na zona rural, também chega à área urbana/ Resgate	
j)	Trechos que evidenciam o foco da matéria	<p>“Em Lagoinha, a visita que antes era feita apenas na zona rural, também chega às casas, na área urbana”. (Apresentador)</p> <p>“Seu Amarildo, pedreiro de profissão, há três anos se dedica a reconstruir a memória da folia de reis com os amigos”. (OFF)</p> <p>“Da zona rural, o grupo segue para a cidade”. (OFF)</p> <p>“Enquanto a gente for vivo, nós vamos tocar e passar para os mais novos também”. (Entrevistado)</p>	
k)	Explicações sobre o que é a folia	<p>“Levar devoção para dentro das casas é trabalho dos grupos de folias de reis”. (Apresentador)</p> <p>“Para os moradores, receber estas companhias é uma forma de ter a proteção do Menino Jesus, durante o ano todo”. (Apresentador)</p> <p>“A canção, que fala sobre o nascimento de Jesus [...]”(OFF)</p> <p>“Trabalho que é motivo de orgulho” (OFF)</p> <p>“Antigamente, eles cantavam à noite. Era 2, 3 horas da madrugada a gente tava dormindo quando de repente acordava com o som da viola e o barulho da caixa, o pessoal cantando na porta de casa”. (Entrevistado)</p> <p>“O estandarte, que representa os três reis magos, ganha lugar de destaque”. (OFF)</p> <p>“A Folia de Reis percorre as casas de Lagoinha desde a véspera de Natal durante 40 dias”. (OFF)</p> <p>Esses grupos se apresentam pelas ruas da cidade até 11 de fevereiro, quando vai ser celebrada a festa de encerramento da Folia de Reis, na praça da matriz de Lagoinha (Apresentador)</p>	
l)	Cidade	Lagoinha	
m)	Tempo da fala de repórter e apresentadores	1min27s (87)	
n)	Tempo da fala dos entrevistados	11s (E1+E2+E3+E4 = 5+1+2+3)	
o)	Som da cantoria	30 4+5+6+2+13	
p)	Cortes	32	
q)	Cenas com palhaços em destaque	0	

Tabela B6 Jornal Vanguarda 1ª Edição – Matéria 6 (continuação)

r)	Cenas com crianças em destaque	5
s)	Cenas com destaque para a bandeira ou estandarte	15 (este grupo não tem palhaços, e suas roupas são camisa branca e calça marrom ou jeans. A bandeira é a única coisa colorida na paisagem rural).
t)	Situações de produção clara do telejornal	<p>3) Câmera capta as imagens do alto, com os foliões chegando.</p> <p>4) Imagem do menino Jesus na cestinha sobre o ombro da menina.</p> <p>5) Câmera dentro da casa, filma a entrada dos foliões.</p> <p>6) Donos da casa com a cestinha e o estandarte em um canto. cantadores no outro, permite que a câmera mostre tudo.</p> <p>7) Cantadores perfilados do lado direito durante a cantoria.</p> <p>8) Na passagem da repórter, folia se aproxima ao fundo com a cestinha de Jesus e o estandarte e pára ao fundo... a criança deixa claro que foi combinado ao olhar para a mãe e perguntar...</p> <p>9) Tocadores e donos e estandarte organizados dentro de outra casa.</p>

APÊNDICE C

DECUPAGEM DAS MATÉRIAS

Matéria 1		Falas
Apresentador Carlos Abranches, no estúdio, em pé, em frente a um monitor, com o sinal da TV Vanguarda, 1ª edição.	Fala do Apresentador	Depois do Natal, os grupos de Folias de Reis ocupam as ruas de várias cidades da região. Em São José dos Campos, um deles reúne a experiência dos mais velhos com a alegria dos mais novos para levar adiante a tradição .
Entra imagem de um senhor de perfil, em espaço aberto. Câmera desloca para seu violão.	OFF	Seu José Gonçalo passou a fazer parte de uma Folia de Reis ainda criança .
Corte para folião com violão, meio corpo, com o grupo de foliões disperso, atrás. Todos usam camiseta de malha amarela Corte para imagem dele, visto de baixo para cima.	OFF	Hoje, com 53 anos , ele se orgulha de manter a tradição .
Corte: <i>close</i> no folião Crédito: José Gonçalo Francisco, aposentado.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 9s)	Essa é a missão do bom homem, levar as boas mensagens para todas as boas famílias, né?
Imagens do grupo de foliões. Destaque para o palhaço, macacão vermelho de cetim, de costas para a câmera. Seu José aparece à direita, de frente.	OFF	Seu José e mais 14 pessoas se reúnem todos os anos em devoção a Santos Reis.
Corte: imagem de outro folião tocando violino, com outro folião tocando violão ao fundo.	Cantoria 5s	Sons dos agudos da folia – 2s
Corte: Foliões de perfil, tocando no meio da rua. Três palhaços no canto esquerdo da tela, dançando.	OFF	A Folia de Reis relembra o nascimento de Cristo.
Corte: na rua, vários foliões ao fundo. Em primeiro plano três palhaços: o de vermelho, e dois de verde estampado. Todos usam chapéu cônico, vermelho e simulam uma luta com espadas de madeira. Corte: os três palhaços com espadas simulando uma luta.	OFF	Os Três Reis saem para anunciar a chegada do Menino Jesus...
Corte: dois foliões em primeiro plano, tocando viola e violão. Eles andam em direção à câmera.	OFF	... com violas, pandeiros e enfeites ...
Corte: palhaços em primeiro plano.	OFF	...os foliões cantam e dançam...

Quadro C1 Decupagem das matérias – M1

Quadro C1 Decupagem das matérias – M1 (continuação)

<p>Corte para um pequeno palhaço, uma criança, mascarado, de verde, com espada de madeira.</p> <p>Corte: menino-palhaço dançando com outro palhaço – <i>close</i> no menino.</p>	<p>OFF</p> <p>OFF</p>	<p>Alan é o mais novo do grupo.</p> <p>Tem apenas 13 anos e interpreta um dos reis. Uma mistura de emoção com tradição de família.</p>
<p>Corte: <i>close</i> do garoto, falando ao repórter, sem a máscara.</p> <p>Crédito: Alan Henrique, 13 anos.</p>	<p>Fala do Entrev. 2</p>	<p>Meu vô me convidou participar dessa folia. Eu gostaria de participar, vou continuar mantendo essa tradição...</p>
<p>Corte: imagem do palhaço lutando de espada com outro palhaço.</p>	<p>Fala do Entrev. 2 (E2 = 13s)</p>	<p>... entre a nossa família e convidar mais pessoas assim para continuar também.</p>
<p>Repórter no primeiro plano Palhaço de vermelho ao fundo, com outros foliões.</p> <p>Crédito: Ricardo Guedes São José dos Campos</p>	<p>Fala do Repórter</p>	<p>Assim como a verdadeira história dos Três Reis Magos, este grupo também deve passar 12 dias caminhando.</p>
<p>Câmera desloca para a bandeira azul do grupo e depois vai mostrando os foliões. Imagem em destaque da bandeira de cetim azul e dos palhaços coloridos.</p>	<p>Fala do Repórter</p>	<p>Eles devem passar pelos principais bairros de São José dos Campos, trazendo alegria e fé para as casas que eles visitarem.</p>
<p>Corte para garagem de uma casa. A dona da casa já com a bandeira na mão. Imagem dela de perfil e de um palhaço de frente.</p>	<p>OFF</p>	<p>O grupo passou pela casa de dona Maria Lúcia.</p>
<p>Corte para uma visão do alto, dos foliões tocando de costas Eles usam camisas amarelas com os dizeres: “Companhia do Oriente”.</p>	<p>OFF</p>	<p>A cantoria foi na garagem mesmo...</p>
<p>Corte para visão em destaque da dona da casa (<i>zoom</i>) abrindo para os outros foliões. Palhaço de vermelho em destaque, dançando.</p>	<p>OFF</p>	<p>... e cheia de emoção.</p>
<p>Corte: Imagens em destaque do palhaço, cantores ao fundo.</p>	<p>Cantoria 4 s</p>	
<p>Corte: <i>Close</i> da dona da casa, falando ao repórter, vê-se a ponta do mastro da bandeira</p> <p>Crédito: Maria Lúcia Branco, professora.</p>	<p>Fala da Entrev. 3</p>	<p>Pra gente, é sempre uma honra tá recebendo, principalmente quando se trata do nascimento do Menino Jesus.</p>

Quadro C1 Decupagem das matérias – M1

Quadro C1 Decupagem das matérias – M1 (continuação)

Corte: outro ângulo: dona da casa de quase de costas. Vê-se mais claramente parte da bandeira azul, com as fitas coloridas de cetim. Câmara vai deslocando, mostrando a bandeira, que chega a ocupar totalmente a tela, passa pelos palhaços e chega até o violino sendo tocado em primeiro plano e os foliões ao fundo e palhaço vermelho ao fundo.	Fala da Entrev. 3 (E3 = 12s)	Para nós é um prazer, uma honra, uma satisfação muito grande.
Corte: Na rua, <i>close</i> em outra entrevistada: Crédito: Magda Cristina, aux. de enfermagem.	Fala da Entrev. 4	A gente tem que viver o nascimento de Jesus profundamente, na verdade, né?
Corte: imagem dos foliões andando pelas ruas: dois palhaços em destaque: o de vermelho e um colorido de chita. <i>Close</i> no palhaço de vermelho Corte: vista lateral dos palhaços dançando (vermelho e de chita) Corte: dança dos palhaços verde e de chita de outro ângulo. Bandeira azul ao fundo.	Fala da Entrev. 4 (E4 = 20s)	Então a gente, na verdade, uma semana antes, ou o mês de dezembro... ... já começa comemorando o Natal com muita ansiedade para que chegue o dia... ..e pra gente foi uma alegria muito grande.
Corte para menino de uns 2 aninhos, dançando, várias pernas aparecem...	Som vago dos instrumentos 5s	
Volta para o estúdio: Abranches sentado, telão ao fundo.	Fala do apresentador Abranches, no estúdio	É... A folia de reis é um costume de origem portuguesa. Os grupos fazem este tipo de visita e cantoria nas casas até o próximo 6 de janeiro.

Quadro C1 Decupagem das matérias – M1

Matéria 2		
Apresentador Carlos Abranches, no estúdio.	Fala do Apresentador	A folia de reis é uma tradição em muitas cidades do interior do país. Mas em Paraibuna, esse costume se perdeu no tempo. Agora, 50 anos depois, um grupo de moradores resolveu recuperar a história.
Corte: Imagem do campo Corte: Imagem de uma igreja. Corte: Imagem de uma rua de terra, com uma casa à esquerda com 5 ou 6 crianças indo em direção a ela.	OFF	Dos 17 mil habitantes de Paraibuna, 12 mil vivem na zona rural.
Corte: grupo de foliões, todos de blusa vermelha de cetim e calça preta, em frente a uma casa na rua de terra, de costas. Um palhaço de roupa de chita e chapéu de palha. Corte para foliões em frente a uma casa.	OFF	E é lá que os moradores se reúnem para reviver uma antiga tradição.
Corte para foliões cantando em frente a uma casa (é a segunda casa que vai ser visitada na reportagem). Um jovem e um senhor em primeiro plano, tocando violas e cantando.	Cantoria 15s	5 segundos de cantoria... "...chegar no seu terreno, oi ai meu Deus.
Corte: grupo de foliões, todos de blusa vermelha de cetim e calça preta, em frente a uma casa na rua de terra, de costas. Um palhaço de roupa de chita e chapéu de palha. (imagem igual à anterior). Corte: grupo de foliões descendo rua de terra. Vê-se claramente o palhaço, alguém ajudando o estandarte e 8 foliões.	OFF	Desde o começo de dezembro, um grupo de foliões desfila pelas ruas de um bairro rural festejando o nascimento de Cristo...
Corte: vêem-se dois palhaços iguais de chitão verde, entre eles, o estandarte vermelho, com a pintura de uma cena dos Três Reis Magos sobre camelos. Foliões ao fundo.	OFF	A festa popular lembra a viagem que os Três Reis Magos fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus.
Corte para os foliões subindo uma pequena elevação. Agora vê-se uma mulher de blusa vermelha e calça preta carregando o estandarte. Eles chegam à porta da casa, o estandarte na frente, depois os dois palhaços e o restante do grupo. Eles chegam à porta da casa...	OFF	A tradição portuguesa da Folia de Reis ainda existe em várias cidadezinhas brasileiras. Aqui em Paraibuna...

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2 (continuação)

Câmera mostra interior da casa pela janela	OFF	... ela está sendo resgatada...
Corte para o interior da casa. Aparece a repórter pela primeira vez, <i>stand up</i> , ela fala enquanto o estandarte é dado para a dona da casa.	Fala da repórter	... depois de 50 anos e recebida com surpresa pelos moradores da cidade.
Corte para a dona da casa, <i>close</i> do rosto, atrás do estandarte.	OFF	Dona Maria se emociona com a visita.
<i>Close</i> na dona da casa, rosto ao lado da decoração do estandarte. Créditos: Maria Miranda, dona da casa.	Fala Entrev. 1	Dá saudade de quando eu era criança. Meu pai ia lá em casa, né. Meu pai tinha presépio, né? Acho tão bonito...
Câmera mantém o <i>close</i> nos olhos marejados. Repórter perguntas.	Fala da repórter	Foi parecido?
Fala dela, emocionada, que enxuga lágrimas.	Fala Entrev. 1 (E1 = 10)	Foi mais bonito ainda, né? Porque agora mais gente... mais, mais, de dia parece que é mais bonito, né? Porque de primeiro era diferente, né?
Corte, dona Maria de costas, mexendo no presépio.	OFF	Eles passam pelas casas onde há presépios.
Corte: imagens dos instrumentos em primeiro plano: caixa e triângulo Corte: imagens laterais dos foliões cantando em frente à outra casa. Dona da casa sentada na varanda.	OFF	Quem traz de volta o ritual à cidade é um jovem de apenas 29 anos.
Corte: <i>close</i> no rapaz. Crédito: Roni dos Santos, carpinteiro.	Fala do Entrev. 2 (E2 = 11)	Tento mostrar para a turma que é um exemplo, né. Não esquecer mais do passado, né? Tentar resgatar e tocar pra frente, não deixar morrer, se deixar morrer... Aí, o pessoal vai esquecendo das tradições antigas que tinha na roça, né?
Corte para grupo de foliões dentro de uma casa, tocando. Estandarte no meio.	OFF	Mas entre os foliões tem também gente das antigas.
Corte para imagem de um senhor.	OFF	Para seu Nerino, a celebração...
Corte para visão de baixo para cima dos tocadores, estandarte no meio, viola, violão e triângulo.	OFF	...sofreu hoje pequenas alterações.
Corte para o senhor. Crédito: Nerino Lopes dos Santos, aposentado.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 20s)	Antigamente, não podia chegar falando com ninguém. Tudo mudo. Então, para acordar a pessoa da casa, com o toque de caixa, com os instrumentos. O pessoal levantava tudo assustado, levantava às veis (<i>sic</i>) com o cabelo arrepiado, todo mundo já tava na cama, dormindo. Então isso aí era um gosto para os reis, pros folião.

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2 (continuação)

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2 (continuação)

Corte para folião de costas, descendo a rua.	<i>OFF</i>	Nas mais de 150 casas visitadas, a reação é a mesma de Dona Alice.
Corte para imagem de uma senhora na porta de casa, já com o estandarte na mão, ao lado do palhaço e da moça que carregava o estandarte também. <i>Close</i> da dona da casa, rosto parcialmente coberto por estar atrás das flores que enfeitam o detalhe do alto do estandarte.	Cantoria 9s	Dá licença para chegar oi ai meu Deus, Dá licença para chegar...
<i>Close</i> da dona da casa, outro ângulo, rosto ainda parcialmente coberto por estar atrás das flores Crédito: Alice Rodrigues, dona da casa.	Fala da Entrev. 4 (E4 = 5s)	A gente esperava que um dia voltava outra veis (<i>sic</i>) a folia de reis. Então hoje tá aqui. A gente recebeu aqui...
Corte para frente da casa, na garagem um carro, ao fundo, uma mesa com toalha branca, copos e coisas cobertas por panos de prato. Quatro foliões tocam, dois de costas para as câmeras.	<i>OFF</i>	Faz parte do costume também agradecer a visita dos foliões...
Corte para a mesa em primeiro plano, com dois bolos, paes, bule de café.	<i>OFF</i>	...oferecendo comida e bebida.
Corte para jovem servindo bolo para folião.	<i>OFF</i> Início do tema fubá	Dona Maria prepara com carinho...
Corte para chefe da folia comendo bolo.	<i>OFF</i>	... o tradicional bolo de fubá.
Corte para mulher, em primeiro plano, foliões ao fundo. Crédito: Maria Aparecida Moura, dona da casa.	Fala da Entrev. 5 (E5 = 10s)	É uma honra muito grande recebê-los em casa, oferecendo o próprio bolo que eu faço que é uma tradição da minha vó (<i>sic</i>), da minha mãe. É uma honra muito grande...
Corte para um moinho de fubá, com uma outra senhora com peneira e fubá, operando a máquina.	<i>OFF</i>	E o ingrediente principal do bolo também foi produzido à moda antiga..
Corte: imagem mostra senhora peneirando fubá. Corte: <i>Close</i> na peneira.	<i>OFF</i>	O fubá veio da fazenda de Dona Amália, que resolveu...
Corte para detalhe da pedra do moinho em movimento, abrindo a imagem	<i>OFF</i>	... reativar o moinho de pedra da época do pai.

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2 (continuação)

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2 (continuação)

Corte: imagem de onde cai o fubá abrindo novamente para o moinho. Corte para outro ângulo do moinho.	OFF	O milho é moído na engenhosa máquina que antigamente existia em todas as fazendas da região.
Corte: <i>close</i> na senhora, moinho ao fundo. Crédito: Amália Aparecida Miranda, dona da fazenda.	Fala da Entrev. 6 (E6 = 23s)	Papai fazia o fubá aqui. A gente fazia o bolo de fubá... aquele bolo de fubá gostoso, cremoso, que é diferente. Servia para as pessoas. E é muito bom lembrar, reerguer isso outra vez. Eu acho que vai ser bom não só para os idosos, mas para o jovem também. Uma coisa que ninguém... muito tempo que não vê, que não sabe o que é.. um moinho de pedra...
Corte para foliões de costas, descendo a rua. Corte para interior da primeira casa visitada, a dona da casa ao fundo, ao lado do presépio, segurando o estandarte, com palhaço em primeiro plano dançando.	OFF	Iniciativas pequenas, que juntas não vão deixar a historia de quem viveu aqui.
Corte para o folião mais velho.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 4s) Total E3 = 20+4 = 24	Tudo que você faz com o coração para Deus, você recebe em dobro.
Corte para triângulo em primeiro plano, tela cheia, dona da casa ao fundo (imagem já usada: é a da segunda casa visitada...) Corte para visão por uma janela dos foliões indo embora.	Cantoria 7s	
Abranches no estúdio.		As visitas dos integrantes da folia vão até o dia 6 de janeiro, Dia dos Reis, quando segundo a tradição católica, deve-se desmontar os presépios e as árvores de natal.

Quadro C2 Decupagem das matérias – M2

Matéria 3		
No estúdio, apresentador Ademir.	Fala do Apresentador Ademir	Hoje é dia de encerramento das festas natalinas. Hora de desmontar árvores e presépios.
Abre para Carlos Abranches, em outro estúdio, com o Ademir no telão.	Apresentador Ademir pergunta	Carlos Abranches, qual o motivo da comemoração terminar hoje?
Idem	Apresentador Abranches responde	É que pela tradição, Ademir, hoje se encerra o ciclo de natal...
Abre para o Abranches, em <i>close</i> .	Fala do Apresentador Abranches	... com a visita dos Três Reis Magos a Jesus Cristo. A população aproveita para fazer festa. É a conhecida Folia de Reis. O museu do folclore de São José dos Campos tem registrados 23 grupos no Vale do Paraíba. Muitos deles conservam este ritual há mais de um século. Quem está agora com uma destas folias em São José dos Campos é a repórter Amanda Costa.
Imagem aberta: ele em pé, a repórter no telão.	Apresentador Abranches pergunta	Amanda, o que os grupos de Folia de Reis fazem especificamente hoje?
Abre para a repórter. Crédito Amanda Costa – São José dos Campos. Folia de Reis ao fundo.	Passagem da repórter	Abranches, hoje eles prosseguem as visitas aos presépios montados nas casas como vêm fazendo desde o dia 1º de dezembro.
A câmera vai se deslocando da repórter que continua falando enquanto as imagens mostram foliões, em verde e branco, palhaços dançando, bandeira. Tem até um bebê com a roupa dos foliões, no colo de uma mulher. A câmera vai se deslocando, mostrando os foliões (9 cantadores: 6 mulheres e 3 homens tocando viola, acordeão e violão). Seqüência: palhaços, cantadores, palhaços, repórter AO VIVO: 12h36	OFF	Mas o 6 de janeiro é um dia muito especial para estes grupos. Alguns fazem grandes festas para comemorar. Este grupo aqui de São José dos Campos levou a folia para a rua logo pela manhã. A visita foi à casa de uma senhora de 97 anos...
Volta para a repórter	Passagem da repórter	... que herdou a tradição de fazer presépios de outras gerações. Vamos ver a reportagem.
Entra imagem de VT: fogos estourando.	OFF	Os fogos anunciam a chegada dos foliões.
Corte: imagem do pandeiro Corte: imagem da sanfona Corte: imagem do tambor Corte: imagem da viola	OFF	Com pandeiro, sanfona, tambor e viola caipira.
Imagem dos foliões passando: bandeira vermelha e estandarte azul à frente, carregada por duas crianças. Tocadores atrás...	OFF	Eles seguem em passos cadenciados ao som de cantigas religiosas.

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Corte: para a folia vista de perfil dos foliões.	OFF	À frente, o mestre puxa os versos.
Corte: três palhaços mascarados com macacões de chita dançando: um amarelo outros de vermelho	OFF	Por toda a parte, os palhaços distribuem alegria.
Corte: imagem dos pés e pernas dos foliões “que marcham” em ritmo cadenciado. Corte grupo tocando de perfil.	OFF	O grupo reproduz a peregrinação dos reis magos em busca do Menino Jesus.
Close no mestre, jovem de uns 30 anos. Crédito: Celso Pan, mestre da folia.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 14)	É uma tradição que é... que são... que são... que acontece no Natal, né? Antes do Natal também, e que ... os foliões vão visitar as casas cantando, dançando, fazendo brincadeira.
Corte: dois palhaços no primeiro plano, ao fundo, dona da casa já com a bandeira na mão.	OFF	A folia pára diante da casa de Dona Maria Aparecida...
Corte para a senhora já segurando a bandeira.	OFF	... uma devota de 97 anos.
Imagem da folia na rua e dos palhaços em frente à casa.	Cantoria	Abre a porteira... abre a porteira que o folia chegou patrão.
Corte para os foliões aparentemente na varanda da casa. Palhaço de costas.	OFF	Tudo está preparado para a visita
Imagem do presépio.	OFF	o presépio, a árvore de Natal...
Corte para chão cheio de folhas.	OFF	... e o chão coberto com folhas.
Corte para a senhora, segurando bandeira. Crédito: Maria Aparecida Vieira – dona da casa.	Fala da Entrev. 2 (E2 = 8)	Simboliza o campo verde aonde estava o ranchinho, a estrebaria, onde o menino Jesus nasceu..
Corte: dona da casa segurando a bandeira, vista de cima.	OFF	A dona da casa segura a bandeira de reis...
Corte para o mestre tocando e outro tocador de acordeão.	OFF	... enquanto eles cantam diante do presépio.
Imagem de duas crianças rezando.	OFF	Depois tem a oração...
Imagem de duas crianças rezando.		<i>Trechos do Pai Nosso...</i>
Corte: imagem da dona da casa de costas.	OFF	Hora de refletir, pedir as bênçãos dos santos para ...
Corte para duas crianças e dois tocadores rezando.	OFF	... a casa visitada.
Dois crianças comendo e bebendo refrigerantes (a produção teve o cuidado de retirar os rótulos).	OFF	E faz parte da tradição ...
Palhaço sem máscara e folião comendo.	OFF	... retribuir. Dona Maria oferece um lanche.

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Close na Dona Maria de perfil	Fala da Entrev. 2 (E2 = 9)	Bom, a gente faz porque a gente fica muito alegre, a gente não pode fazer uma coisa melhor, então a gente faz um bolinho, um lanchinho pra turma comer.
Outro folião fala... Não foi colocado crédito.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 12)	É uma coisa de muitos séculos atrás, né? Então sim, o pessoal creio eu que vinha caminhando muitas léguas, né, e dali dava fome e o pessoal já tinha aquela alimentação esperando.
Corte para a rua, palhaços dançando, som dos foliões, duas crianças da folia por perto. Corte para tambor. Corte D. Maria dando tchau.	Cantoria	
Volta para o Ao Vivo com a repórter. Ela fala e vai se dirigindo para palhaço, já sem máscara. É um jovem de cabelo comprido. AO VIVO 12h38	Fala da repórter	Pois é, além dos instrumentos, desse lanhe tradicional, da bandeira, também há uma outra figura muito importante na Folia de Reis, que é o palhaço ou marombo... Como é que se chama?
Close no palhaço	Fala do Entrev. 4 (E4 = 1)	Isso, marombo.
	Repórter	Marombo, né? Qual é a história desse, dessa figura na folia?
Palhaço jovem, sem crédito. Enquanto ele fala, câmara se desloca para os outros palhaços (total de 5), todos crianças, e volta para o entrevistado e a repórter.	Fala do Entrev. 4 (E4 = 13)	O marombo tem uma função muito importante porque ele disfarçava os soldados do rei Herodes enquanto a fa-família. José, Maria e o Menino Jesus iam em segurança até o Egito. Então, ele é muito abençoado, por causa disso. Ele protegeu a família.
Imagem volta para a repórter. Câmera se desloca dela para a dona da casa ao fundo, que já segura a bandeira.	Fala da repórter	Pode tocar aí... o palhaço... podem continuar aí a folia, enquanto a gente vai entrevistar aqui a Dona Lili, a dona desta casa que está sendo visitada agora.
Close na D. Lili, com a bandeira aberta em frente ao corpo. Sem crédito.	OFF	Há quanto tempo a senhora monta presépios para receber essa visita?
Close na senhora	Fala da Entrev. 5 (E5 = 1)	80 anos
Close na senhora com a bandeira	Fala da repórter	Pois é, e é a dona da casa que segura a bandeira, que guarda a bandeira enquanto a cantoria segue dentro da casa.
Volta imagem para ela, que se dirige para o mestre. Câmera pára no close nele. Ao vivo marca 12h39. Atrás, em destaque, o nome do grupo Bola de Meia	Fala da repórter	Eu vou conversar com o mestre desta Folia de Reis, que é o Celso. Celso, agora... a bandeira é um simbolismo muito grande, ela é beijada por cada integrante da folia antes da folia se despedir da casa.

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

<i>Close</i> nele. Câmera se desloca para bebê no colo. Duas crianças, uma delas com o estandarte e uma bandeira. Destaque para dois palhaços mascarados, que enchem a tela.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 15)	Isso. A bandeira ela é uma parte devocional mesmo da folia. E algumas pessoas fazem promessas para a bandeira. E assim que recebe a graça, põe fita na bandeira pela graça recebida.
Câmera volta para a repórter. Enquanto fala, ela se desloca.	Fala da repórter	É muito interessante. É uma tradição que eles mantêm com pesquisa, com tudo o mais... Eu vou atrapalhar o sanfoneiro aqui, que é o Cardec Gonzaga.
<i>Close</i> nele. Sem crédito	Repórter afirma	Na sua família, era feito isso..
<i>Close</i> nele. No fundo, um grande estandarte com o nome do grupo: Cia. Cultural Bola de Meia.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 7)	Todos os anos era feito isso. Meu pai era sanfoneiro, meus irmãos, tudo... e eles tocavam na chegada da folia, também né?
	Repórter afirma	E esses instrumentos são obrigatórios numa folia...
Câmera se desloca para ele, violão.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 2)	Ah, com certeza, sempre teve isto daí.
Foco no violão.	Repórter pergunta	Quais são os instrumentos obrigatórios numa folia?
Câmera volta para ele.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 4)	É a viola caipira, a sanfona, os instrumentos de percussão e o violão, né?
Volta para ela, que vai caminhando em outra direção. Ela chega na moça do tambor. Mostra a caixa.		Pois é. E a percussão, que é aquele tambor que marca, a caixa, tudo isso vai marcando o ritmo, a cadência da folia, não é Jaqueline? E isso é importante porque tem essa coisa do fardamento militar, da cadência militar.
A câmera se desloca da caixa para a moça que a toca e depois vai mostrando outros foliões.	Fala da Entrev. 6 E6 = 9	Exatamente. A caixa, o tambor, ele dá essa alegria, né? E faz com que a folião não perca, porque é cansativo também para o folião, mas com isso ele se alegra.
	Repórter fala	Tá certo! E este ritmo tem uma origem portuguesa, que é a verdadeira origem da Folia de Reis, não é Celso. É parecido com o vira, não é isso?
Câmera mostra o mestre, que fala olhando para a câmera, desloca para a viola.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 11)	Isso é parecido com o vira. Porque a herança da folia é herança portuguesa, inclusive é feito com uma viola, a viola é portuguesa. Aí tem esse ritmo do vira.
Câmera mostra ele tocando..... <i>close</i>	Repórter em <i>OFF</i>	Então vamos ver um pouquinho então.
Volta para ela, volta para a folia destaque para a viola...	<i>OFF</i>	A Folia de Reis de São José volta a visitar o presépio na casa de Zé Mira, no sábado, às 8 da noite, e no domingo eles vão até a igreja de Monteiro Lobato, às 10 da manhã. Vamos ver mais um pouquinho...

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Quadro C3 Decupagem das matérias – M3 (continuação)

Mostra outros integrantes, cantores, fecha com os cinco palhaços dançando.	Cantoria 25s	
Volta para estúdio.	Fala do Apresentador Abranches	Ói, que beleza. Apesar do ciclo natalino, terminar hoje, muitos grupos de Folias de Reis continuam se apresentando até o dia 9 de janeiro em toda a região. Na Espanha e Portugal, países de onde vem esta tradição, e hoje que é feita a troca de presentes.

Matéria 4		
Apresentador Ademir no estúdio	Fala do Apresentador	73 grupos de Folias de Reis se reuniram hoje em uma das missas da manhã da Basílica de Aparecida. Elas participam de um encontro nacional e até domingo vão visitar diferentes bairros da cidade.
Corte: Imagem de foliões na missa. Corte: Imagem mais aproximada de foliões sentados na missa.	OFF	Quem normalmente leva alegria para as casas das pessoas veio receber bênçãos nesta manhã.
Corte para um senhor folião Corte para cruz no bolso dele, câmera desloca para rosto, <i>close</i> bem aproximado.	OFF	Há 49 anos, Seu José canta com fé para abrir as portas das residências de Machado...
Corte para imagem da bandeira e ele de perfil, sentado na missa	OFF	... no interior de Minas Gerais
Corte para <i>close</i> nele: Crédito: José Furtado Júnior, embaixador.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 13)	Estou cheio de alegria e satisfação de estar aqui participando junto com o pessoal aqui e cantando para Santos Reis e tivemos com Nossa Senhora Aparecida que é minha mãe, eu trago ela dentro do meu coração.
Corte para imagem de um menino, visto de baixo para cima, vestido de palhaço, macacão todo vermelho sem a máscara. Corte para pé dele e câmera vai subindo pelo corpo. O vermelho do macacão predomina na tela. Imagem pára no rosto dele.	OFF	Este marungo, personagem da folia de reis, tem apenas 12 anos, mas já é peregrina de casa em casa há sete.
Corte para outro ângulo do rosto. <i>Close</i> no menino Crédito: Wallafe Tavares, 12 anos	Fala do Entrev. 2 (E2 = 9)	Eu gosto, né? Levar fé para casa das pessoas e ajudar também, né? Ajudo muito na folia. Quando eu crescer quero ser folião.
Corte para a missa, e abrindo para o repórter. Crédito Bruno Pellegrine	Passagem do repórter	Este é o terceiro encontro de Companhias de Folias de Reis em Aparecida. 73 grupos de 9 estados diferentes do país se reuniram hoje na Basílica para serem abençoados pela padroeira do Brasil.
Corte para senhora na missa: Crédito: Juventina Siqueira Rosa - foliã	Fala da Entrev. 3 (E3=4)	Foi a primeira vez de encontro. Mas eu tô tão emocionada, tão lindo...
Corte para foliões tocando instrumentos e andando. Aparentemente saindo da missa (três bandeiras aparecem na tela). Corte para outro grupo de azul saindo. Tocador de viola à frente Corte para outro grupo, com bandeira e palhaços, sendo um uma criança	OFF	Às 9h, foi celebrada uma missa para homenagear o trabalho dos foliões, que nunca perdem a crença e que mantêm viva esta cultura popular.

Quadro C4 Decupagem das matérias – M4

Quadro C4 Decupagem das matérias – M4 (continuação)

Foliões saindo da igreja segurando um altar com Nossa Senhora Aparecida. Corte para um oratório decorado com fitas	Cantoria 4s	Viva Nossa Senhora Aparecida, viva
Estúdio	Fala do apresentador	No fim da celebração, os grupos saíram em procissão, passando pela imagem de Nossa Senhora e depois caminharam pela passarela até a Basílica. Agora à tarde seis companhias se apresentam no Jardim Paraíba.

Matéria 5		
Apresentador: Ademir Ribeiro no estúdio em Taubaté	Fala do Apresentador	Os romeiros que forem a Aparecida neste fim de semana vão poder assistir a uma das mais tradicionais manifestações da fé popular. A cidade sedia, até domingo, o terceiro encontro nacional de Companhias de Folias de Reis. São 73 grupos vindos 9 estados.
Imagem de foliões entrando na igreja – blusas vermelhas – mãos levantadas – instrumentos à frente do corpo Corte: imagens de mãos ao alto – instrumentos juntos Corte: Foliões saindo da igreja com a santa em um andor (mesma imagem que fecha a reportagem anterior).	OFF	Eles que normalmente levam a bênção até as pessoas, hoje foram abençoados pela padroeira do Brasil.
Corte: imagem do folião (o mesmo da rep. Anterior) Crédito: José Furtado Jr. Embaixador do grupo	Fala do Entrev. 1 (E1 = 4)	Nossa Senhora Aparecida é minha mãe, trago ela dentro do meu coração.
Corte: Padre dando hóstia para folião Corte: foliões sentados (imagem usada anteriormente) Corte: foliões assistindo a missa, em primeiro plano um grande grupo de blusa amarela. Câmera se desloca e mostra as pessoas na missa.	OFF	Uma missa de manhã homenageou os 1500 foliões de 9 estados brasileiros.
Corte: padre aspergindo água benta em grupo de foliões de blusa vermelha que está de pé, andando. Corte: Grupos na passarela Corte: imagem do alto – vista de uma grande multidão.	OFF	No fim da celebração, os grupos saíram em procissão. E passo a passo foram tomando conta da passarela...
Corte: imagem lateral da passarela com foliões – Santuário ao fundo Close em tocadores tocando seus instrumentos - blusas vermelhas. Corte: palhaços andando Corte: dois palhaços dançando	OFF	Na folia de Santos Reis, estes personagens são os reis da folia: bastião, marungos, palhaços dançando ao som do violão...
Grupo de folia de reis de azul, com tambores e sanfona Corte: mesmo palhaço, uma criança, de chita, com uma peça cheia de fitas na mão que enche a tela.	OFF	...sanfona e tambores.

Quadro C5 Decupagem das matérias – M5

Quadro C5 Decupagem das matérias – M5 (continuação)

<p>Corte para o repórter, na passarela. Foliões atrás, basílica ao fundo. Crédito: Bruno Pellegrine - Aparecida Câmera foca na bandeira e enche a tela com sua cor vermelha, antes do corte.</p>	<p>Fala do repórter</p>	<p>É com esta mesma alegria que os foliões caminham de casa em casa, pedindo esmolas para os pobres. Hoje, as companhias de Folia de Reis se encontraram para percorrer as ruas da capital brasileira da fé.</p>
<p>Corte: grupo de tocadores tocando encostados a uma grade – blusa quadriculada. Corte para <i>close</i> em folião. Crédito: Paulo Oscar de Souza – Violeiro</p>	<p>Fala do Entrev. 2. (E2 = 8)</p>	<p>Eu chego na casa, onde vai fazer a chegada, faz a festinha, depois da festinha aquilo que sobra, armazém, dinheiro que sobra aí nós reparte pros mais que precisa.</p>
<p>Corte : imagem das mãos do sanfoneiro dedilhando a sanfona Três pessoas em frente a uma igreja em obra: dois palhaços (um adulto e uma criança) e o senhor com a sanfona). <i>Depois de ver várias vezes a reportagem é que entendi que eram pai, filho, avô.</i></p>	<p><i>OFF</i></p>	<p>Um trabalho de devoção que está enraizado na família.</p>
<p><i>Close</i> no palhaço adulto, sem a máscara. Crédito: Silvio Damião Souza: rei mago</p>	<p>Fala do Entrev. 3 (E3 = 10)</p>	<p>E vem vindo de pai para filho, pra um dia eu possa ser vô também, vou incentivar do mesmo jeito. Deus e Nossa Senhora Aparecida vai dar força d'eu...nós nunca deixá acabá (<i>sic</i>).</p>
<p>Imagem de mãos tocando a sanfona Mulher chorando em frente à bandeira. Foliões na passarela com basílica ao fundo.</p>	<p>Som da sanfona 3s</p>	
<p>Estúdio com Apresentador Ademir</p>		<p>Os grupos fazem apresentações amanhã à noite e no domingo, na praça Benedito Meirelles, que fica no centro de Aparecida.</p>

Quadro C5 Decupagem das matérias – M5

Matéria 6		
Repórter estúdio: Ademir	Fala dele	Levar devoção para dentro das casas é trabalho dos grupos de foliões de reis. Em Lagoinha, a visita que antes era feita apenas na zona rural, também chega às casas, na área urbana. Para os moradores, receber estas companhias é uma forma de ter a proteção do Menino Jesus, durante o ano todo.
Roda de foliões numa rua de chão, 6 ou 7 homens tocando seus instrumentos. Corta: homem de chapéu com violão Corte: ele de perfil Corte: volta para o grupo	OFF	O ponto de encontro é um sítio. Os instrumentos têm que estar afinados e a canção, que fala sobre o nascimento de Jesus, na ponta da língua.
Corte: homem tocando e cantando	Cantoria 4s	Já nasceu o Menino Deus
Close nele enquanto só toca Câmera desloca para o violão Corte para imagem do grupo Corte para ele tocando	OFF	Seu Amarildo, pedreiro de profissão, há três anos se dedica a reconstruir a memória da folia de reis com os amigos. Trabalho que é motivo de orgulho.
Close nele, crédito: Amarildo Marcos – pedreiro	Fala do Entrev. 1	Antigamente, eles cantavam à noite. Era 2, 3 horas da madrugada a gente tava dormindo quando de repente acordava com o som da viola e o barulho da caixa, o pessoal cantando na porta de casa
Corte na fala	Fala do Entrev. 1 (E1 = 12)	Então a gente vai durante o dia
Repórter pergunta		Tiveram que se adaptar aos tempos modernos?
	Fala do Entrev. 1 (E1 = 1)	Com certeza (pergunta que só exige o sim ou não como resposta)
Corte grupo chegando, vista de cima dos 4 Corte, vista de cima de outro ângulo Corte: foliões na porta de entrada de uma casa, de costas para câmera – bandeira à esquerda da tela.	OFF	A primeira visita é feita ali mesmo. Cantando à porta da casa, o grupo pede licença para entrar
Corte: imagem do alto da casa toda, tocadores num cantinho da imagem Corte: cantadores bem de frente à casa, de costas para câmera. Bandeira à esquerda	Cantoria 5s	O senhor dono da casa... abençoado...

Quadro C6 Decupagem das matérias – M6

Quadro C6 Decupagem das matérias – M6 (continuação)

Corte imagem de um cestinho com Menino Jesus Corte: menina de costas, imagem do menino Jesus na cestinha obtida por sobre os ombros dela.	OFF	O convidado principal aguarda nas mãos de Luana, de sete anos.
Close na menina. Crédito: Luana Coelho – 9 anos	Pergunta do repórter	Quem é esse que você ta carregando?
	Fala do Entrev. 2 (E2 = 1)	O Menino Jesus.
Imagem do dono abrindo a porta da casa, foliões entrando, a menina na frente	OFF	Os foliões são recebidos num ambiente de muita devoção.
Imagem da dona da casa com a cestinha com Menino Jesus e dono segurando estandarte com imagem dos três reis. Violeiro do lado Corte para mesma cena, de ângulo mais aberto	OFF	O estandarte, que representa os três reis magos, ganha lugar de destaque.
Corte imagem de Nossa Senhora Aparecida em 1º plano e foliões ao fundo Imagem dos foliões cantando, família no canto esquerdo, geladeira ao fundo no meio da cena. Corte para casal de donos	OFF	E começa a saudação dos donos da casa.
Corte para mesma cena, visão mais aberta Corte para casal de donos	Cantoria 6s	<i>A senhora dona da casa</i>
Imagem deles tocando na rua, contra o sol	OFF	Da zona rural, o grupo segue para a cidade.
Repórter 1º plano. Credito: Carolina Matos, Lagoinha. Ao fundo, foliões chegando, estandarte à frente mais a menina com Jesus, se aproximando.	Passagem da repórter	A Folia de Reis percorre as casas de Lagoinha desde a véspera de Natal durante 40 dias. Até agora, já foram feitas mais de 200 visitas para levar a tradição aos moradores.
Corte: imagens dos tocadores tocando dentro de uma casa, na sala. Corte: outro ângulo dos tocadores, donos da casa ao fundo, segurando cestinho com Menino Jesus e Estandarte. Três cantadores.	OFF	A cada parada, o ritual se repete.
	Sonora 2s	
Entrevista com o dono da casa: Maria Edasia Monteiro, dona da casa.	Fala do Entrev. 3 (E3 = 2)	Fiquei muito contente, foi um prazer.

Quadro C6 Decupagem das matérias – M6 (continuação)

Quadro C6 Decupagem das matérias – M6 (continuação)

Outra entrevista: Vicente Monteiro – comerciante Corte na fala	Fala do Entrev. 4 (E4 = 3)	Isso é uma coisa importante. Não pode acabar não.
Volta para o campo, local da primeira parte. Fala do folião na rua de terra.	Fala do Entrev. 1 (E1 = 4)	Enquanto a gente for vivo, nós vamos tocar e passar para os mais novos também.
Corte: imagem de Nossa Senhora Aparecida em 1º plano, folião ao fundo (imagem já usada anteriormente). Corte: imagem do senhor tocando a viola, visto de baixo para cima Corte: foliões chegando na primeira casa no campo Corte: imagem da bandeira com três reis magos Corte menino Jesus na cestinha Corte imagem dos donos da primeira casa, com cestinha e estandarte Corte: eles descendo a rua na cidade contra o sol (imagem já usada)	Cantoria 13s	25 de dezembro, uma estrela deu sinal, já nasceu o menino deus, é uma noite de Natal.
Estúdio	Fala do Apresentador Ademir	Esses grupos se apresentam pelas ruas da cidade até 11 de fevereiro, quando vai ser celebrada a festa de encerramento da Folia de Reis, na praça da matriz de Lagoinha.

Quadro C6 Decupagem das matérias – M6

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)